

COLECÇÃO FILOSOFIA & ENSAIOS

NIETZSCHE

A GAIA CIÊNCIA



Escrita entre 1881 e 1887, *Die fröhliche Wissenschaft*, representa uma das mais importantes obras de Nietzsche: um prelúdio com 63 epigramas, seguidos de aforismos de insuperável perfeição, ordenados em cinco livros.
Em tradução de Alfredo Margarido.

GUIMARÃES EDITORES



FREDERICO NIETZSCHE

A GAIA CIÊNCIA

TRADUÇÃO

ALFREDO MARGARIDO

SEXTA EDIÇÃO



LISBOA
GUIMARÃES EDITORES
2000

Reservados todos os direitos

GUIMARÃES EDITORES, LDA.

Rua da Misericórdia 68 — 1200 LISBOA



COMPOSTO POR
GUIMARÃES EDITORES
EM LISBOA

IMPRESSO POR
TIPOGRAFIA GUERRA
EM VISEU

SETEMBRO DE 2000

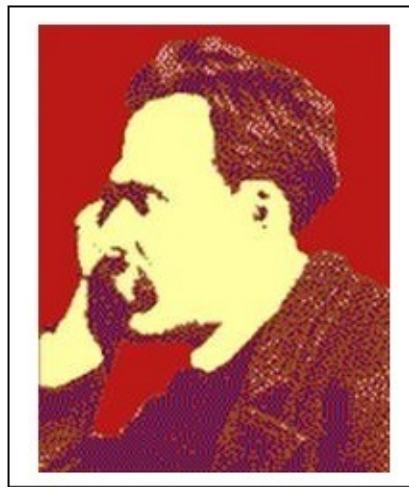
ISBN 972-665-143-3

Depósito Legal n.º 154 597/2000

*Moro na minha própria casa,
Nunca imitei ninguém,
E rio de todos os mestres
Que nunca riram de si.*

(Inscrição acima da minha porta)

Introdução



Talvez fosse necessário mais de um prefácio a esta obra: e mesmo assim deixariam algumas dúvidas: poder-se-á tornar sensível por meio de prefácios aquilo que este livro tem vivido a alguém que não passou por experiências análogas? Parece escrito na língua do vento do degelo: petulância, inquietação, contradição, tempo de Abril; de tal maneira que recorda constantemente a proximidade do inverno assim como a vitória sobre o inverno, vitória que aparece, que não pode deixar de vir, que talvez tenha vindo... Transborda de gratidão, como se se tivesse realizado a coisa mais inesperada, a gratidão de um homem curado; porque a coisa mais inesperada, era realmente a coisa mais inesperada. “Gaia Ciência”: a expressão significa as saturnais de um espírito que resistiu pacientemente a uma demorada e terrível pressão — pacientemente, severamente, friamente, sem abdicação mas sem esperança —, e que se vê de repente assaltado pela esperança, pela esperança de sarar, pela embriaguez de sarar. Que haverá de surpreendente, em tais condições, em que traga para a luz do dia uma grande porção de delírios, de loucuras, e que desperdice amiúde uma caprichosa ternura mesmo tocando em problemas eriçados de espinhos, pouco feitos para que o homem os atraia e os acaricie? É que o livro na sua totalidade não é mais do que uma festa sucedendo a uma longa privação, a uma longa impotência; não é mais do que júbilo das forças renascentes, de uma fé que acorda em amanhã, em depois de amanhã, não é mais do que um repentino sentimento e pressentimento do futuro, de aventuras eminentes, de mares que se abrem, de novidade e de objetivos novamente permitidos, objetos de uma fé que se renova. Por onde tinha eu passado!... Este deserto, este esgotamento, esta incredulidade, esta congelção no meio da juventude; esta senilidade que se insere prematuramente na vida; esta tirania da dor que ultrapassa ainda a tirania da vaidade por recusar as consequências — quando elas são consolações —; este isolamento radical, legítima defesa necessária contra um desprezo pela humanidade tornado clarividente até à doença; esta limitação sistemática que do conhecimento só aceita a amargura, as asperezas, tudo o que faz mal, limitação que não foi prescrita por uma repugnância nascida pouco a pouco de um regime imprudente de mimo intelectual — chama-se a isso romantismo —; quem me poderá acompanhar neste inferno! Mas aquele que o fizer dar-me-á certamente mais do que um pouco de loucura, de turbulência, de “gaia ciência”, há-de pedir-me contas por exemplo do punhado de canções que acompanharão desta vez este volume, canções nas quais um poeta troça de todos os poetas de uma maneira muito difícil de perdoar. Ai de mim! Não é só contra os poetas e seus belos “sentimentos líricos” que este ressuscitado deve atirar a sua maldade; quem sabe de que espécie é a vítima que ele procura? Qual será o monstro de tema paródico que o vai seduzir daqui a pouco? “Incipit tragoedia” diz o fim deste trabalho de uma inquietante simplicidade: estai em guarda! Prepara-se alguma coisa, massa de malícia e de maldade: incipit parodia, isso não deixa qualquer dúvida...

— Mas deixemos o senhor: que nos importa que o senhor tenha recuperado a saúde?... O psicólogo sabe pouco de questões mais atraentes que as das relações existentes entre a saúde e a filosofia, e quando ele próprio adoece, dedica ao seu mal toda a sua curiosidade científica. Porque cada um de nós possui necessariamente a filosofia da sua pessoa — suponha que exista alguma —, mas os casos são muito diferentes, num caso são as faltas que vemos filosofar, no outro as riquezas e as forças. O primeiro precisa da sua filosofia, como apoio sedativo, remédio, ou ainda para se libertar, para se construir, para se esquecer; no segundo não passa de um luxo, no melhor caso a volúpia de um reconhecimento triunfal

que acaba por sentir a necessidade irresistível de se inscrever em maiúsculas cômicas no céu das ideias. Mas no outro caso, mais corrente, quando são as misérias que filosofam, como em todos os pensadores doentes — e são eles que formam talvez uma maioria da história da filosofia — em que é que se transforma o próprio pensamento sob a pressão da doença?

E a pergunta que importa ao psicólogo: e neste campo é possível a experiência. Sucede como ao viajante que se propõe acordar a uma hora determinada e se abandona em seguida tranquilamente ao sono; do mesmo modo nós próprios, supondo que adoecemos, abandonamo-nos, corpo e alma, à doença, fechamos os olhos a nós próprios. Mas, como o viajante que sabe que alguma coisa vela nele, conta as horas, e o acordará, também nós sabemos que o instante decisivo, nos encontra de olhos abertos, que alguma coisa sairá do seu buraco e surpreenderá o espírito em flagrante delito, quero eu dizer, em via de fraquejar, de retroceder, de se render, de se endurecer, de engrossar, ou de sucumbir a qualquer outra das doenças que se chocam, quando fica bem ao seu orgulho (porque continua a ser verdadeiro o velho ditado: O espírito orgulhoso, o pavão e o cavalo são os três animais mais orgulhosos da Terra). Depois destas autotentações, destas autointerrogações, aprende-se a lançar um olhar mais sutil sobre tudo o que foi filosofia até aos nossos dias, adivinha-se, melhor do que antes, os involuntários desvios do espírito, os caminhos laterais, os bancos de repouso, os recantos ensolarados para onde os pensadores doentes se deixam arrastar, precisamente porque sofrem, sabe-se então para onde é que o corpo doente e as suas necessidades empurram, forçam, atraem o espírito: é para o Sol, o silêncio, a doçura, a paciência, o remédio, o cordial, qualquer que seja o seu aspecto. Qualquer filosofia que coloque a paz mais alta do que a guerra, qualquer ética que conceba negativamente a felicidade, qualquer metafísica, qualquer física que encarem um final, um qualquer estado definitivo, qualquer aspiração, sobretudo estética ou religiosa, possuindo um ao lado, um para-além, um de-fora, um por-cima, autorizam a que se procure saber se não foi a doença que inspirou o seu filósofo. Dissimulam-se inconscientemente as necessidades fisiológicas do homem, sobrecarregam-se com a capa da objetividade do ideal, da ideia pura; leva-se a coisa tão longe que acaba por meter medo; e muitíssimas vezes me perguntei se a filosofia, em geral, não foi até agora uma simples exegese do corpo, um simples erro do corpo. Atrás das mais altas evoluções éticas que guiaram até agora a história do pensamento escondem-se mal-entendidos nascidos da conformação física tanto dos indivíduos como das classes e, finalmente, de raças inteiras. As orgulhosas loucuras da metafísica, as respostas que dá, nomeadamente à questão do valor da vida, podem ser sempre consideradas antes de mais como os sintomas de determinadas constituições físicas; e se estas belas aprovações ou estas belas negações da vida não possuem, cientificamente, consideradas em conjunto, o menor átomo de importância, fornecem apenas mais preciosos elementos ao historiador e ao psicólogo, sendo, como nós dizemos, sintomas do físico, dos seus êxitos ou dos seus malos, da sua riqueza do seu poder da sua soberania na história, ou, ao contrário, dos seus recalques, dos seus cansaços, dos seus empobrecimentos, do seu pressentimento do fim, da sua vontade de acabar. Espero sempre que um médico filósofo, no sentido excepcional da palavra — quero dizer um médico que estude o problema da saúde geral do povo, da época, da raça, da humanidade —, tenha por fim a coragem de levar a minha suspeita até às suas últimas consequências e se atreva a dizer: até aqui ainda em nenhuma filosofia se tratou da “verdade”, mas sim de outra coisa, digamos de saúde, de futuro, de crescimento, de força, de vida...

3

Compreende-se facilmente que não me queira despedir com um gesto ingrato desta época de profundo mal-estar de que ainda não esgotei o benefício: tenho demasiada consciência da vantagem que me é dada pelas vicissitudes da minha saúde sobre os hércules do espírito. Um filósofo que passou e que volta a passar constantemente por numerosos estados de saúde, passa por outras tantas filosofias: não pode fazer

de cada vez outra coisa que não seja espiritualizar o seu estado, procurando-lhe o recuo mais próprio às coisas da inteligência; é a essa arte de transfigurar que se dá o nome de filosofia. Nós os filósofos não temos a liberdade de separar a alma e o corpo, como faz o povo, e ainda menos liberdade temos de separar a alma e o espírito. Não somos rãs pensadoras, aparelhos registadores com entranhas frigorificadas; devemos parir constantemente os nossos pensamentos na dor e dar-lhes maternalmente tudo aquilo que temos de sangue, de coração, de fogo, de alegria, de paixão, de tormento, de consciência, de destino e de fatalidade. Viver..., é para nós, constantemente, transformar em luz, em chama, tudo aquilo que somos; tudo aquilo que nos toca, também; não podemos fazer de outra maneira. A doença? Não estaríamos nós quase tentados a perguntar-nos se podemos passar sem ela? Só o sofrimento, o grande sofrimento, liberta o espírito em última instância, ele que ensina a grande suspeita, ele que faz de todos os U um X, um verdadeiro X, um X autêntico, quer dizer a antepenúltima letra antes da última letra... Só o sofrimento, o grande sofrimento, este grande e vagaroso sofrimento que demora o seu tempo e nos faz cozer como debaixo de lenha verde, nos obriga, a nós filósofos, a descer até à última prega das nossas profunduras, a recusar as confianças, as bonomias, véus, doçuras e meios termos nos quais colocávamos talvez, até então, a nossa humanidade. Duvido muito que semelhante sofrimento nos faça “melhores”...; mas sei que nos torna mais profundos. Que lhe oponhamos o nosso orgulho, o nosso orgulho, o nosso sarcasmo e a nossa energia e façamos como o pele-vermelha que, mau grado os mais horríveis suplícios, se vinga do seu carrasco com frases irônicas, ou que nos retiremos, em face dele, para o nada dos Orientais — a que eles chamam Nirvana —, na resignação muda, rígida e surda, no esquecimento, na extinção de nós, de qualquer maneira é outro homem que regressa destes demorados e perigosos exercícios de domínio sobre si próprio trazendo consigo alguns pontos de interrogação suplementares, e antes de mais a vontade de interrogar de ora em diante, sobre mais coisas, com mais profundidade, rigor, duração, malignidade e silêncio do que tinha levado até ele. Trata-se de um eleito da confiança que ele teve na vida; a própria vida se tornou um problema. Mas não se julgue por isso que se tornou por consequência um misantropo! Ainda lhe é mesmo possível amar a vida; apenas a ama de maneira diferente. Ama-a como se ama uma mulher de quem se duvida... Mas a atração de tudo o que é problema, a embriagues do X, são demasiado grandes neste homem espiritualizado para que as suas alegrias não engulam com uma chama todas as misérias dos problemas, todos os perigos da incerteza, até todos os ciúmes deste apaixonado. Ele conhece uma felicidade nova...

4

Não me esqueça eu, para acabar, do essencial: destes abismos, destas graves doenças, e mesmo daquela da suspeita grave, regressa-se regenerado, com uma pele nova, mais vencível, mais maldoso do que nunca, com um gesto mais sutil para a alegria, com uma língua mais sensível às coisas boas, o espírito mais alegre, dotado de uma segunda inocência — mais perigosa — na alegria; regressa-se mais infantil do que nunca se tinha sido, e ao mesmo tempo simultaneamente mais refinado. Que repugnância vos inspira a partir de então o gozo tépido e cinzento tal o entendem em geral os gozadores, as nossas “pessoas cultas” e os nossos ricos, os nossos dirigentes! Que prazer, que maligno prazer de escutar, a partir de então, estes enormes tantãs de arrabalde da arte, do livro ou da música com os quais o homem instruído de hoje se deixa violar a inteligência e administrar as alegrias do espírito, com grande reforço de espirituosos! Como o nosso gosto se afastou de toda esta intrigalhada romântica, desta argamassa de sentidos em que se compraz a plebe da inteligência, e da sua amálgama de aspirações ao sublime, ao elevado, ao retorcido! Não, se ainda precisamos de uma arte, ela é para nós convalescentes uma outra arte trocista, leve, fluida, divinamente livre e divinamente artificial, que jorra com uma chama clara no meio de um céu sem nuvens. E antes de mais: uma arte para os artistas, só para os artistas! Compreendemos melhor a partir de então o que é necessário em primeiro lugar a este programa: é a

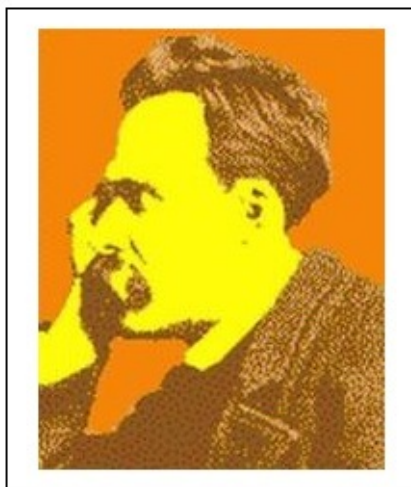
serenidade, amigos, toda a serenidade! Mesmo a do artista... gostaria de o provar. Há coisas que sabemos agora muito bem, nós os iniciados: Ah! como é necessário aplicar-nos agora, para ser artistas, a esquecer, a ignorar! Quanto ao futuro: dificilmente nos encontrarão no mesmo caminho dos jovens egípcios que vão de noite perturbar a paz dos templos, abraçando as estátuas e querendo a todo o custo desvendar, descobrir, pôr em plena luz tudo o que está escondido por muito boas razões. Não, desgostamos esse mau gosto, essa necessidade de verdade, da “verdade” a todo o “custo”, esta loucura de rapaz: nós temos muito mais experiência, seriedade, alegria, queimaduras, profundidade... Já não acreditamos que a verdade continue a ser verdade sem os seus véus — vivemos demais para isso. Fazemos agora uma questão de decência de não querer ver tudo nu, de não assistir a tudo, de não procurar compreender tudo e tudo “saber”. “É verdade que Deus Nosso Senhor está em roda a parte? Perguntava uma rapariguinha à mãe. Acho isso muito indecente...” Indicação para todos os filósofos! Devia honrar-se ainda mais o pudor quando é certo que a natureza se empenha em se esconder atrás do enigma e das incertezas. Talvez a natureza seja uma mulher que tem as suas razões para não deixar ver as suas razões? Talvez o seu nome, para empregar o grego, seja Baubô!... Ah! Estes gregos, como eles sabiam viver! Isso exige a resolução de nos mantermos corajosamente à superfície, de nos conservarmos agarrados à cobertura, à epiderme, adorar a aparência e acreditar na forma, nos sons, nas palavras, em todo o Olimpo da aparência! Estes Gregos eram superficiais... por profundidade! E não voltamos a eles, nós que partimos a espinha do espírito, que escalamos o cume mais elevado e mais perigoso do pensamento atual e que, daí, olhamos tudo à nossa volta, e que, daí, olhamos para baixo? Não seremos nós, precisamente nisso... gregos? Adoradores da forma, dos sons, das palavras? Artistas, portanto?

Ruta, perto de Gênova

Outono de 1886

Brincadeira, manhã e vingança

Prólogo em verso



1

CONVITE

Experimentai a minha cozinha, comilões,
Amanhã haveis de a achar melhor,
E depois de amanhã haveis de a louvar.
Se então ma voltares a pedir
Os meus velhos molhos
Hão-de inspirar-me outros novos.

2

A MINHA FELICIDADE

Depois de estar cansado de procurar
Aprendi a encontrar.
Depois de um vento me ter feito frente
Navego com todos os ventos.

3

INTREPIDEZ

Onde quer que estejas, cava profundamente,
Em baixo fica a fonte.
Deixa os homens sombrios gritar:
“Embaixo fica sempre o inferno”.

4

DIÁLOGO

A— Terei estado doente? Já estarei curado?
E quem foi então que me tratou?
Como me esqueci de tudo isso!
B— Só agora acredito que estejas curado.
Porque estamos de saúde quando esquecemos.

5

AOS VIRTUOSOS

Até mesmo as nossas virtudes devem caminhar com passo leve.
Semelhantes aos versos de Homero é preciso que apareçam e passem.

6

SABEDORIA DO MUNDO

Não fiques em terreno plano.
Não subas muito alto.
O mais belo olhar sobre o mundo Está a meia encosta.

7

VADEMECUM-VADETECUM

Agrado-te, os meus discursos atraem-te,
Queres seguir-me e seguir o trilho dos meus passos?
Segue-te fielmente a ti mesmo.
E assim me seguirás... muito suavemente, muito suavemente.

8

QUANDO DA TERCEIRA MUDANÇA DE PELE

Já a minha pele encarquilha e estala,
Já rastejo no meio da erva e dos calhaus,
Apesar de tanta terra absorvida,
Desejo uma terra nova.
Já rastejo entre a erva e os calhaus,
Acompanhando o meu rasto tortuoso,
Ávido de comer o meu rapasto de sempre:
Tu, pão da serpente, tu, terra.

9

AS MINHAS ROSAS

Sim! a minha ventura quer dar felicidade;
Não é isso que deseja toda a ventura?
Quereis colher as minhas rosas?
Baixai-vos então, escondei-vos,
Entre as rochas e os espinheiros,
E chupai muitas vezes os dedos.
Porque a minha ventura é maligna,
Porque a minha ventura é pérfida.
Quereis apanhar as minhas rosas?

10

O DESDENHOSO

Abandono muitas coisas,
Deixo-as correr ao acaso,
E dizeis que sou desdenhoso.
Quando se bebe em copos muito cheios
Deixa-se cair muita bebida,
Não continueis a pensar mal do vinho.

11

DIZ O PROVÉRPIO

Áspero e suave, grosseiro e fino,
Familiar e estranho, sujo e puro,
Lugar de encontro dos loucos e dos prudentes.
Tudo isso sou, tudo isso quero ser,
Ao mesmo tempo pomba e serpente e porco.

12

A UM AMIGO DA LUZ

Se não queres cansar os olhos e os sentidos
Corre atrás do sol à sombra.

13

PARA OS DANÇARINOS

Liso gelo
Paraíso
Para quem sabe dançar bem.

14

O CORAJOSO

Mais vale a inimizade de um bloco
Do que uma amizade feita de pedaços de madeira colados.

15

FERRUGEM

É necessária a ferrugem: não basta ser acerado.

Senão dizem sempre de ti: “É muito novo!”

16

SUBIR

“Como é que se deve atacar a encosta?”...

“Sobe e não penses nisso”.

17

SENTENÇA DO HOMEM FORTE

Nunca faças perguntas. Nada de jeremiadas.

Agarra, peço-te, agarra sempre.

18

ALMAS

Detesto as almas acanhadas:

Não têm nada de bom, e quase nada de mau.

19

O SEDUTOR INVOLUNTÁRIO

Lançou uma frase ao ar para se divertir,

E essa frase, apesar de tudo, fez cair uma mulher.

20

PARA PESAR

Um duplo desgosto é mais fácil de suportar Do que um único: não queres experimentar?

21

CONTRA A VAIDADE

Não inches:

A menor picadela te esvaziaria.

22

HOMEM E MULHER

“Rapta a mulher por quem bate o teu coração”.

Eis o que pensa um homem; a mulher não prende, rouba.

23

INTERPRETAÇÃO

Se me interponho, sou dúplice de mim mesmo: Não posso ser o meu próprio intérprete.

Mas qualquer pessoa que sabe o seu caminho Eleva também a minha própria imagem à luz.

24

REMÉDIO PARA O PESSIMISMO

Queixas-te porque não encontras nada a teu gosto?

São então sempre os teus velhos caprichos

Ouço-te praguejar, gritar e escarrar...

Estou esgotado, o meu coração despedaça-se.

Ouve, meu caro, decide-te livremente.

A engolir um sapinho bem gordinho,

De uma só vez e sem olhar.

É remédio soberano para a dispepsia.

25

ORAÇÃO

Conheço 0 espírito de muitos homens E não sei quem eu mesmo sou!

O meu olhar está demasiado chegado a mim...

Não sou aquilo que vejo.

Saberia ser-me mais útil Se estivesse mais distante de mim.

Não, decerto, tão distante como o meu inimigo!...

O meu melhor amigo já está demasiado distante... Mas a meio caminho entre ele e mim!

Sereis capazes de adivinhar o que peço?

26

A MINHA DUREZA

E preciso que eu vença cem degraus É preciso que eu suba, e ouço-vos gritar:

“És duro! Será então que nós somos de pedra!”

É preciso que eu vença cem degraus,

E ninguém aparece para me ajudar.

27

O VIAJANTE

“Acabou o atalho. O abismo, um silêncio de morte”.

Assim o quiseste! Porque é que deixaste o atalho!

Caramba! É o momento! O olhar frio e claro.

Estás perdido se acreditas no perigo.

28

CONSOLAÇÃO PARA OS PRINCIPIANTES

Vede a criança, rodeada de porcos a grunhir,

Desarmada, encolhendo os dedos dos pés.

Chora, não sabe fazer mais nada senão chorar.

Será alguma vez capaz de ficar de pé e de caminhar? Coragem! E depressa, penso eu,

Podereis ver a criança dançar;

Logo que conseguir manter-se de pé,

Haveis de a ver caminhar de cabeça para baixo.

29

EGOÍSMO ESTELAR

Se, como um tonel que rola,

Eu girasse sem cessar em volta de mim,

Como é que não havia de arder?

A correr atrás do sol ardente?

30

O PRÓXIMO

Não gosto que o meu próximo esteja perto de mim,

Vá-se embora para alto e para longe.

Como havia ele de fazer de outro modo para se tornar a minha estrela?

31

O SANTO MASCARADO

Para que a tua felicidade nos não oprima

Cobres-te com astúcias diabólicas,

Com o espírito do diabo, com o seu hábito.

Mas em vão! No teu olhar

Vê-se cintilar a santidade.

32

O *SERVO*

A— Detém-se à custa: o que é que o conseguiu enganar?

O que é que ele ouviu zumbir?

O que é que o conseguiu abater desta maneira?

B— Como todos os que tiveram correntes

Ouve barulho por toda a parte.

33

O SOLITÁRIO

Detesto seguir alguém assim como detesto conduzir.

Obedecer? Não! E governar, nunca!

Quem não se mete medo não consegue metê-lo a ninguém,

E só aquele que o inspira pode comandar.

Já detesto guiar-me a mim próprio!

Gosto, como os animais das florestas e dos mares,

De me perder durante um grande pedaço,

Acocorar-me a sonhar num deserto encantador,

E forçar-me a regressar de longe aos meus penates,

Atrair-me a mim próprio... para mim.

34

SENECA ET HOC GENUS OMNE

Isto escreve, isto escreve sem cessar,

— São cansativos com a sua sabedoria —,

“*Coisas quiméricas! Larifarm*

Como se se tratasse de *primum scribere, deinde philosophari*.”

35

GELO

Sim, às vezes como gelo;

E excelente para a digestão.

Se vocês tivessem muito que digerir

Ah! como havíeis de gostar do meu gelo!

36

PARA A JUVENTUDE

O alfa e o ômega da minha sabedoria

Retumbaram nos meus ouvidos: o que foi que ouvi?

Já não ressoam da mesma maneira,

Já não ouço senão o Ah! e o Oh!

Os sempiternos Ala! e Oh! da minha juventude.

37

PRUDÊNCIA

Neste momento não é bom viajar nesta região;

E se possuis espírito, vela dobradamente.

Vão-te atrair, vão-te amar a ponto de te dilacerarem:

São espíritos exaltados... e a esses falta sempre o espírito.

38

FALA O HOMEM PIO

Deus ama-nos porque foi ele que nos criou!

“Foi o homem que criou Deus!” replicam os sutis.

E não havia ele de amar aquilo que criou?

Havia ele de negar porque foi ele que nos criou?

Eis que coxeia e mostra o casco do diabo.

39

NO VERÃO

Devemos comer o nosso pão
Com o suor do nosso rosto?
Quando se transpira é melhor não comer nada,
Aconselham sabiamente os médicos.
Sob a canícula, o que é que falta?
Que nos quer o seu signo de fogo?
Com o suor do nosso rosto
Devemos beber o nosso vinho.

40

SEM DESEJO

Sim, o seu olhar é sem desejo: e é por isso que o honrais?
Preocupa-se pouco com as vossas honras;
Tem o olho da águia, olha para longe,
Não vos vê!... Apenas vê as estrelas!

41

HERACLITISMO

Toda a felicidade da terra
Está na luta, amigos!
Sim, para nos tornarmos amigos
É necessário o fumo da poeira!
Os amigos só são uns em três casos:
Serem irmãos diante da miséria,
Serem iguais diante do inimigo,
Serem livres... diante da morte!

42

PRINCÍPIOS DOS DEMASIADO SUTIS

Mais vale andar na ponta dos pés
Do que com quatro patas!
Mais vale passar pelo buraco da fechadura
Do que pelas portas abertas!

43

CONSELHO

É à glória que aspiras?
Nesse caso considera isto:
Renuncia a tempo espontaneamente
À honra.

44

O HOMEM DOS FUNDOS

Eu, um pesquisador? Não empregueis tal palavra...
Sou apenas muito pesado, extremamente pesado!
Caio, caio sem descanso,
Para descer, finalmente, até o fundo.

45

PARA SEMPRE

“Vejo hoje porque hoje isso me convém”.

Pense cada um dos que vêm para sempre.
Que o seu canto repete o que diz o mundo:
“Vindes muito cedo! Vindes muito tarde!”

46

JUÍZOS DOS HOMENS CANSADOS

Todos os esgotados amaldiçoam o sol;
Para eles o valor das árvores está... na sombra!

47

DESCIDA

“Ele desce, ele cai”, troçais vós.
A verdade é que desce sobre vós.
O seu excesso de felicidade foi a sua desgraça,
O seu excesso de luz acompanha a vossa obscuridade.

48

CONTRA AS LEIS

A partir de hoje penduro ao pescoço
Com uma corda de crina o relógio que marca as horas;
A partir de hoje cessam o curso das estrelas
E do sol, e o canto do galo e a sombra;
E tudo aquilo que a hora nunca anunciou
Está agora mudo, surdo e cego:
Toda a natureza se cala para mim
Diante do tiquetaque da lei e da hora.

49

FALA O SAGE

Estrangeiro mas útil ao povo,
Sigo o meu caminho, sol ou névoa,...
Sempre por cima desse povo.

50

DE CABEÇA PERDIDA

Agora ela tem espírito... Como teria conseguido encontrá-lo?
Foi um homem que ultimamente perdeu a cabeça por ela.
Essa cabeça era uma rica cabeça antes desse malfadado passatempo.
Foi, não para o diabo, mas para a mulher.

51

ASPIRAÇÃO PIA

“Oxalá se percam
No campo todas as chaves, e em todas as fechaduras
Possa rodar uma gazua”.
Assim pensa a todo o instante
Aquele que é por si mesmo... uma gazua”

52

ESCREVER COM O PÉ

Escrevo apenas com a mão;
O meu pé quer sempre entrar também no jogo.
Desempenha corajosamente o seu papel, livre e sólido,
Ora através dos campos, ora em cima do papel.

53

“HUMANO, DEMASIADO HUMANO”, LIVRE

Melancólico, assarapantado, enquanto olhas para trás:

Confiante no futuro logo que tens confiança em ti,

Devo, ó ave, contar-te entre as águias?

Serás tu a favorita de Minerva, a coruja?

54

AO MEU LEITOR

Boas maxilas, bom estômago,

Eis o que te desejo.

Depois de teres digerido o meu livro

Hás-de entender-te certamente comigo.

55

O “PINTOR REALISTA

“A Natureza”; fiel e completa!”

Como pode ele chegar a isso?’

Quando é que alguma vez se conseguiu liquidar a natureza numa imagem?

A minha ínfima parcela do mundo é uma coisa infinita!

Dele só pinta aquilo que lhe agrada.

E o que é que lhe agrada? Aquilo que sabe pintar!

56

VAIDADE DE POETA

Preocupai-vos apenas com a cola;

Hei-de encontrar muita madeira para colar.

Encerrar um sentido no meio de quatro ruínas insensatas,

Não é uma pequena vaidade!

57

O DIFÍCIL

Se me deixassem escolher livremente,

Gostaria bastante de um lugarzinho

Mesmo a meio do Paraíso:

E, melhor ainda, à sua entrada.

58

O NARIZ TORCIDO

O teu nariz avança insolentemente

No mundo; ‘inflama-se a tua narina;...

E por isso, homenzinho altivo,

Rinoceronte sem chifre que tu és, que caís sempre para diante!

De tal modo que vemos sempre juntos

A altivez rígida e o nariz torcido.

59

RABISCA A PENA

A minha pena rabisca: que inferno!

Será que estou condenado a rabiscar?

Para diante! Depressa meu tinteiro,

Vou escrever em vagas, vou escrever em rios,

Como isto vai bem! Que belas ondas!

Como me resulta tudo o que faço agora!
Talvez a escrita não esteja muito nítida;
Chega! Quem é que lê o que eu escrevo?

60

HOMENS SUPERIORES

Este eleva-se! Bravo!
Mas aquele vem sempre lá de cima!
Vive acima do próprio louvor,
Pertence à zona lá de cima.

61

FALA O CÉTICO

Passou quase metade da tua vida,
Avança o ponteiro, estremece a tua alma,
Há muito tempo que ela gira,
E que procura, e não encontrou;... e hesita aqui?
Passou metade da tua vida:
Foi dor e erro de hora a hora!
Que procuras ainda? Por quê?
É bem isso que procuro... a razão da minha busca!

62

ECCE HOMO

Sim, sei de onde venho!
Insatisfeito com a labareda
Ardo para me consumir.
Aquilo em que toco torna-se luz,
Carvão aquilo que abandono:
Sou certamente labareda.

63

MORAL ESTELAR

Presdestinada à tua órbita,
Que te importa, estrela, a noite?
Rola, bem-aventurada, através do tempo!
Que a sua miséria te permaneça estranha.
A tua luz está destinada ao mais distante dos mundos:
A piedade deve ser-te um pecado.
Admite apenas uma lei: sê pura!

Livro Primeiro



1— A Doutrina do Objetivo da Vida. — Quer considere os homens com bondade ou malevolência, encontro-os sempre, a todos e a cada um em particular, empenhados na mesma tarefa: tornar-se úteis à conservação da espécie. E isto não por amor a essa espécie, mas simplesmente porque não há neles nada mais antigo, mais poderoso, mais impiedoso e mais invencível do que esse instinto... porque esse instinto é propriamente a essência da nossa espécie, do nosso rebanho. Se bem que se chegue assaz rapidamente, com a miopia ordinária, a separar a cinco passos os nossos semelhantes em úteis e em prejudiciais, em seres bons e maus, quando fazemos o nosso balanço final e refletimos sobre o conjunto acabamos por desconfiar destas depurações, destas distinções, e acabamos por renunciar a elas. Talvez o homem mais prejudicial seja ainda, no fim de contas, o mais útil à conservação da espécie; porque sustenta em si mesmo, ou nos outros, com a sua ação, instintos sem os quais a humanidade estaria há muito tempo mole e corrompida. O ódio, o prazer de prejudicar, a sede de tomar e de dominar, e, de uma maneira geral, tudo aquilo a que se dá o nome de mal, não passam no fundo de um dos elementos da espantosa economia da conservação da espécie; economia cara, decerto, pródiga e, no fundo, altamente insensata, mas que, como está provado, manteve a nossa raça até agora. Não sei, meu caro congênere e próximo, se ainda poderás viver em detrimento da nossa espécie, viver “d es razoavelmente”, viver “mal”; aquilo que poderia prejudicar a espécie talvez tenha morrido há milhares de anos; é talvez agora uma dessas coisas perante as quais nem o próprio Deus pode coisa alguma. Dá satisfação às tuas melhores ou piores inclinações, e, antes de mais, encaminha-te para a tua perdição; em ambos os casos favorecerás, provavelmente, de uma maneira ou de outra, o progresso da humanidade, serás sempre em qualquer ponto o seu benfeitor e terás direito aos teus panegiristas,... assim como aos teus, trocistas! Mas nunca encontrarás aquele que te saberá trocar, a ti indivíduo, inteiramente, mesmo naquilo que tens de melhor, aquele que será capaz de te representar com força suficiente para aproximar da verdade, pobre mosca, pobre rã, a tua incomensurável pobreza. Para rirmos de nós como seria necessário, como o faria a verdade total, os melhores não tiveram até agora paixão suficiente pelo verdadeiro, os mais dotados, gênio bastante. Talvez haja ainda um futuro para o riso! O que acontecerá quando a máxima: “a espécie é tudo, o indivíduo não é nada” tiver penetrado a humanidade até à medula dos ossos e quando todos tiverem livre acesso a esta suprema libertação, a esta suprema irresponsabilidade. Talvez nessa altura o riso se tenha aliado à sageza, talvez haja então aí uma “gaia ciência”. Enquanto se espera tudo caminha de maneira muito diferente, enquanto se espera a comédia da existência ainda não ganhou “consciência de si”, enquanto se espera nós continuamos na idade da tragédia, na idade das morais e das religiões. O que significa esta vaga sempre nova de fundadores de morais e de cultos, instigadores dos combates que se travam para o triunfo de tal ou tal valor ético, professores de remorsos e de guerras de religião? Que significam, em cima de tais tablados, esses heróis? Porque até agora foram eles os heróis, e o resto, que foi, às vezes, muito chegado a nós, tudo aquilo que se via da cena, nunca serviu para mais, bastidor ou maquinaria, criado de quarto ou confidente, do que preparar os seus papéis. (Os poetas, para citar um exemplo, foram sempre os criados de quarto de alguma moral)... Vai de si que estes trágicos trabalham também no interesse da espécie, se bem que pensem talvez que trabalham no interesse de Deus, e como enviados desse Deus. Favorecem também a vida da espécie favorecendo a fé na vida. “Vale a pena viver a vida” — dizem eles —, a vida é uma coisa importante, há qualquer coisa por detrás dela, a sua aparência esconde um objeto, tomaí cuidado com isso”. O instinto de conservação, esse instinto que tanto reina nos homens superiores como nos mais grosseiros, transparece de tempos a tempos sob a aparência da razão ou da paixão intelectual; arrasta então a seu lado uma escolta completa de razões cintilantes e procura fazer esquecer a todo o custo que no fundo não é mais do que instinto, inclinação, loucura e ausência de razões! E preciso amar a vida, porque]... O homem deve trabalhar na sua vida e na dos seus

semelhantes porque...] E outros “deve-se”, e outros “é necessário”, e outros “porque” de ontem, de hoje ou de amanhã! É por isso que aquilo que acontece sempre necessariamente, aquilo que acontece por si mesmo e sem nenhuma espécie de objetivo aparece de ora em diante como tendendo para um fim e parece ao homem razão e lei suprema, é por isso que o mestre de moral sobe para a sua cátedra de professor de “objetivo da vida”; é por isso que ele inventa uma outra vida, uma segunda vida, e que por meio da sua nova mecânica faz saltar dos seus velhos gonzos tão vulgares a nossa velha existência tão vulgar. Não quer de maneira nenhuma que nos riamos da existência, nem de nós, mas não! Nem dele! Um ser para ele é sempre um, alguma coisa primeira, última, formidável; não há espécie para ele, não há soma, não há zero. Por mais loucas, por mais extravagantes que possam ser as suas invenções e as suas estimativas, por mais desconhecimento que ele tenha da marcha da natureza, por mais violência que ele faça sobre as condições naturais — e todas as éticas, até aqui, foram de tal modo loucas, de tal modo contranatureza que as mais ínfimas delas teriam feito perecer a humanidade se tivessem penetrado apesar de tudo, sempre que “o herói” aparecesse no palco obter-se-ia alguma coisa de novo, a espantosa oposição do riso, a profunda emoção de muitos indivíduos perante este pensamento: “Sim, vale a pena viver a vida! Sim, sou digno de viver!”; a vida, eu, tu, todos quantos somos voltava a ser por algum tempo interessante aos nossos olhos. Não se pode dizer que a longo prazo, o riso, a natureza e o bom senso não tenham vencido estes grandes professores de objetivo: a curta tragédia da existência, e — para falar como Esquilo — “o mar do sorriso inumerável” acabará fatalmente por cobrir também o maior de todos estes trágicos. Mas, apesar deste sorriso corretor, a natureza humana, no fim de contas, foi modificada pelo incessante regresso destes professores do objetivo da existência; esta natureza tem agora mais uma necessidade, e é precisamente a necessidade de ver regressar incessantemente esses professores e essas lições. O homem tornou-se pouco a pouco um animal quimérico cuja existência está submetida a mais uma condição do que a dos outros animais: é preciso que imagine de tempos a tempos que sabe a razão porque existe; a sua espécie não pode prosperar sem uma confiança periódica na vida! Sem acreditar na razão da vida! E a espécie humana não cessará de decretar de vez em quando: “Há qualquer coisa de que não temos de maneira nenhuma o direito de rir”. E o mais previdente dos filantropos acrescentará: “O riso e a sabedoria alegre não são os únicos que fazem parte dos meios e das necessidades da manutenção da espécie; também o trágico faz parte dela, com a sua sublime sem-razão!” Por conseguinte! Por conseguinte! Por conseguinte!, ó meus irmãos, compreendeis? Compreendeis esta nova lei do fluxo e do refluxo? Também nós havemos de ter a nossa hora!

2— A consciência intelectual. — Nunca mais acabo de refazer a experiência e de recalcitrar contra ela, não posso acreditar no fato, mau grado a sua evidência: falta consciência intelectual à maior parte das pessoas-, pareceu-me até muitas vezes que quando a possuímos, se está tão só no deserto como na cidade mais povoada. Todos olham para nós como se fôssemos estranhos e continuam a fazer funcionar a sua balança, dizendo que isto é bom, que aquilo é mau; ninguém cora de vergonha quando deixais perceber que os seus pesos são ocos; ninguém se indigna contra vós: talvez se riam das vossas dúvidas. Quero dizer isto: que a maior parte das pessoas não acham desprezível acreditar nisto ou naquilo e agir de acordo com isso sem ter pesado o pró e o contra, sem ter tomado consciência profunda das suas supremas razões de agir, sem mesmo se ter incomodado a inquirir essas razões; os homens mais dotados e as mulheres mais nobres também fazem ainda parte desse grande número. Que me importam bondade, e finura, e gênio, se o homem dessas virtudes tolera no seu coração a mornice da fé, a momice do juízo, se a necessidade da certeza não é o seu mais N profundo desejo, a sua mais íntima necessidade! Se não é capaz de ver o que distingue os espíritos superiores dos outros! Encontrei em pessoas piedosas um ódio pela razão pelo qual lhes fiquei agradecido: este ódio traía pelo menos a sua má consciência intelectual! Mas encontrar-se plantado no meio desta *rerum concordia discors*, desta maravilhosa incerteza, desta 1 multiplicidade da vida, e não interrogar não tremer com o ! desejo e a voluptuosidade de se interrogar, de nem sequer odiar aquele que o faz, talvez trocar disso até ficar doente, eis o que eu acho desprezível e é

esse desprezo que procuro em primeiro lugar em cada um de nós: não sei que loucura me persuade sempre que qualquer homem, sendo homem, a possui. É a minha maneira de ser injusto.

3— Nobreza e vulgaridade. — Aos olhos das naturezas vulgares os sentimentos nobres e generosos parecem faltos de pertinência, por consequência de verosimilhança em primeiro lugar; piscam o olho, quando se fala disso e parecem dizer: “há aí um proveito qualquer que se esconde; não. se pode ver através de tudo”; e desconfiam do ser nobre, como se este procurasse o seu benefício com um artifício. Se acabarem por ser convencidos por uma evidência muito premente da ausência de intenções egoístas nesse homem, do seu desprezo pelos pequenos lucros, veem nele uma espécie de louco: desprezam-no pela •sua alegria e riem do fulgor dos seus olhos. “Como é que as pessoas se podem regozijar com um prejuízo! Como é que as pessoas, sem serem cegas podem procurar a sua desvantagem! É preciso que a paixão da nobreza seja complicada por uma doença da razão!” Assim pensam eles com olhar de desprezo, como diante da alegria que um louco pode encontrar na sua ideia fixa. Reconhece-se a natureza vulgar porque nunca perde de vista o seu proveito, pelo fato de esta obsessão do objetivo, do lucro, ser nela mais forte do que o mais violento instinto: não se deixar arrastar pelo impulso desarrazoável das ações intempestivas: eis o que lhe serve de sageza e de dignidade.

A natureza superior é mais desarrazoável, porque o homem nobre, generoso, o ser que se sacrifica sucumbe aos seus instintos; nos seus melhores momentos a sua razão faz uma pausa. Um animal que protege os filhos com risco da sua existência, ou que, em período de cio, acompanha a fêmea na morte, não pensa nesse perigo, nessa morte; a sua razão para, também, pois que o prazer que lhe dão a sua ninhada ou a sua fêmea e o receio de delas ser privado o dominam inteiramente; torna-se ainda mais animal do que habitual mente, assim como sucede com o homem nobre e generoso. Há nele um certo número de sentimentos, quer sejam atrações, quer sejam repugnâncias, que falam com tal força que a sua inteligência em face delas, só pode calar-se ou render-se e pôr-se ao seu serviço: o coração sobe ao cérebro e fala-se de “paixão”. (Acontece também por vezes que se produz um fenômeno inverso, uma “inversão da paixão” de algum modo, por exemplo em Fontenelle, a quem alguém dizia um dia pondo-lhe a mão no coração: “O que você aqui tem, meu caro, também é cérebro”.) É a sem-razão da paixão, ou a sua falsa razão, que o vulgar despreza no ser nobre, sobretudo quando esta paixão se dirige a objetos cujo valor lhe parece perfeitamente quimérico ou arbitrário. Aborrece-se contra quem sucumbe à paixão do seu ventre, mas compreende a atração desta tirania; o que ele não compreende, por exemplo, é como se pode arriscar a sua saúde e a sua honra pela paixão do conhecimento. O gosto das naturezas superiores prende-se a coisas excepcionais, a coisas que deixam fria a maior parte dos outros homens e não parece ter nenhuma atração: a natureza superior mede os valores por uma escala pessoal: não acredita contudo, em geral, que esta escala seja particular à sua idiossincrasia do gosto, muito pelo contrário, considera os seus valores e não valores pessoais como valores ou não valores universais e cai assim no incompreensível e no irrealizável. É muito raro que uma natureza superior conserve razão bastante para considerar e tratar o homem médio como tal: acredita em geral que a sua paixão é secretamente a de toda a gente, e esta fé que lhe acende a chama, a sua eloquência. Quando homens tão excepcionais não se sentem excepcionais como é que alguma vez poderiam compreender o vulgar e avaliar-lhe equanimemente a regra! Falam então, eles também, na loucura, na falta de espírito de oportunidade e no “quimerismo” da humanidade, espantam-se com a maneira de viver deste mundo insensato que não quer reconhecer a sua “única coisa necessária”. E essa a eterna injustiça das naturezas nobres.

4— O que conserva a espécie. — Foram os espíritos fortes e os espíritos malignos, os mais fortes e os mais malignos, que obrigaram a natureza a fazer mais progressos: reacenderam constantemente as paixões que adormecidas — todas as sociedades policiadas as adormecem —, despertaram constantemente o espírito de comparação e de contradição, o gosto pelo novo, pelo arriscado, pelo inexperimentado; obrigaram o homem a opor incessantemente as opiniões às opiniões, os ideais aos ideais. As mais das vezes pelas armas, derrubando os marcos fronteiros, violando as crenças, mas

fundando também novas religiões, criando novas morais! Esta “maldade” que se encontra em todos os professores do novo, em todos os pregadores de coisas novas, é a mesma “maldade” que desacredita o conquistador, se bem que ela se exprime mais sutilmente e não mobilize imediatamente o músculo; — o que faz de resto com que desacredite com menos força! — O novo, de qualquer maneira, é o mal, pois é aquilo que quer conquistar, derrubar ps marcos fronteiros, abater as antigas crenças; só o antigo é o bem! Os homens de bem em todas as épocas, são aqueles que implantam profundamente as velhas ideias para lhes dar fruto, são os cultivadores do espírito. Mas todos os terrenos acabam por se esgotar, é preciso sempre que a charrua do mal aí volte. Há agora uma teoria da moral, uma doutrina fundamentalmente errada, que conhece uma grande vaga em Inglaterra: ensina ela que “bem” e “mal” exprimem um total de experiências do “oportuno” e do “inoportuno”; que se chama “bem” ao que conserva a espécie, é “mal” àquilo que lhe é prejudicial. Mas os maus instintos são na realidade tão, oportunos, tão úteis à conservação da espécie, tão indispensáveis como os bons: só o seu funcionamento é diferente.

5— Deveres absolutos. — Todos os homens que sentem que lhes é necessário utilizar, para poder agir, palavras e matizes mais violentos, atitudes e gestos mais eloquentes, os políticos revolucionários, os socialistas, os pregadores cristãos ou não, em resumo todos aqueles que não podem permitir-se meio êxito, falam de obrigações, e de obrigações que têm sempre o caráter do absoluto — sem o que, como eles sabem muito bem, perderiam o direito à sua ênfase. — Por isso vão sempre procurar os filósofos da moral que pregam algum imperativo categórico, a menos, que, como fez Mazzini, não absorvam uma sólida dose de religião. Querendo que lhes seja concedida uma confiança absoluta, têm primeiramente a necessidade de a darem a si mesmos, em virtude de qualquer regra suprema, desde que indiscutível, sublime em si, em virtude de uma regra de que gostariam de se sentir os servidores e considerar-se o instrumento. Encontram-se nesta categoria de pessoas os adversários mais naturais e geralmente mais influentes da emancipação moral e do cepticismo.

Em compensação, esta classe de adversários está copiosamente representada, mas são raros, em toda a parte onde o interesse ensina a submissão, quando a honra e a reputação parecem proibi-la. Quando nos sentimos envilecidos pela ideia de ser instrumento de um príncipe de um partido, de uma seita ou de uma potência financeira — por exemplo porque se descende de uma família antiga e ativa —, mas quando queremos ser esse instrumento, ou quando somos obrigados a estar diante de nós e da opinião, precisamos de princípios com que se possa ter a boca cheia a todo o instante: princípios que obriguem absolutamente e aos quais seja possível submeter-nos e mostrar-nos submissos sem vergonha. Qualquer servilismo um pouco sutil se liga a um imperativo categórico e mostra-se inimigo mortal daqueles que querem tirar ao dever o caráter do absoluto: é a conveniência que lho pede, a conveniência e mais qualquer outra coisa.

6— Dignidade perdida. — A meditação perdeu toda a sua dignidade exterior; ridicularizou-se o cerimonial e a atitude solene daquele que reflete; já não se poderia continuar a suportar um sages da velha escola. Pensamos demasiado depressa, e pelo caminho, em plena marcha, no meio de negócios de toda a espécie, mesmo quando se trate das coisas mais graves; temos apenas necessidade de pouca preparação, e até de pouco silêncio: tudo se passa como se tivéssemos na cabeça uma máquina que girasse incessantemente e que prosseguisse o seu trabalho, mesmo nas piores circunstâncias. Outrora, quando alguém se queria pôr a pensar — era uma coisa excepcional! — era coisa que se notava imediatamente; notava-se que queria tornar-se mais sábio e que se preparava para uma ideia: o seu rosto ganhava uma expressão como em oração; o homem detinha-se na sua marcha; ficava até imóvel durante horas na rua, apoiado numa perna ou nas duas, quando a ideia lhe “surgia”. A coisa “valia” então “esse trabalho”.

7— Para os trabalhadores. — Àquele que hoje quer fazer o seu estudo das coisas morais abre-se um enorme campo de trabalho. Deve meditar uma a uma todas as categorias de paixão, através dos tempos e

dos povos, dos indivíduos grandes e pequenos; deve ponderar as suas razões, a sua escala de valores a sua maneira de iluminar as coisas! Nada do que deu cor à existência possui ainda a sua história: possuir-se-á uma história do amor, da cupidez, do desejo, da consciência, da piedade, da crueldade? Falta-nos mesmo completamente até agora uma história comparada do direito, ou apenas da penalidade.

Já alguma vez se fez um estudo das diversas divisões do tempo, das consequências de um programa regular do trabalho, das festas e do repouso? Conhecem-se os efeitos morais dos alimentos? Existe uma filosofia de nutrição? (A zaragata sempre a renovar-se por ou contra o vegetarianismo bastaria para provar que ainda a não há!) Já alguma vez se recolheram os resultados das experiências de vida comum que foram feitas até aqui, as dos conventos, por exemplo? Já foi exposta a dialéctica do casamento e da amizade? Os costumes dos sábios, dos comerciantes, dos artistas, dos operários, encontram já o seu pensador? Eles não dão tanta matéria para pensar!

Já alguma vez se estudou até ao fim aquilo que o homem considera até aqui como as suas “condições de existência”, pelo menos a razão, a paixão, os preconceitos que o levaram a ver assim? A simples observação dos modos de crescimento que os instintos humanos adotam ou poderiam ainda adotar acompanhando os diferentes climas morais, daria já muito que fazer ao mais ativo; seriam necessárias gerações e gerações de sábios colaborando com método para esgotar a este respeito os pontos de vista e a matéria. Da mesma maneira se nos quisermos dar conta da razão dos diferentes climas morais; “(porque é que o sol de tal juízo moral, de tal escalão, luz aqui, quando além vemos outro?)”. Outro trabalho ainda: determinar o erro que provocou estas razões e definir a essência de todos os juízos morais feitos até agora. E, supondo que todos estes trabalhos tenham terminado ver-se-á chegar então ao primeiro plano a questão mais espinhosa; estará a ciência em condições de indicar os objetivos da vida ao homem depois de ter provado que os pode tirar e destruir? Seria o momento de nos entregarmos a uma experimentação em que todos os heroísmos teriam com que se satisfazer, experimentação que duraria séculos e que relegaria para a sombra todos os trabalhos e os grandes sacrifícios de que a história nos falou. Até agora, a ciência ainda não construiu os seus monumentos ciclópicos: trata-se de um tempo que também há-de vir.

8— Virtudes inconscientes. — Todas as qualidades pessoais de que um homem tem consciência — sobretudo quando supõe que os que o rodeiam as veem, que saltam aos olhos dos outros —, estão submetidas a leis de evolução completamente diferentes daquelas que regem as qualidades que ele conhece mal ou não conhece, as qualidades que a sua finura dissimula ao observador mais sutil e que parecem entrincheirar-se atrás da cortina do nada. Assim como a delicada gravura que esculpe a escama da serpente: seria um erro ver nela ou uma arma ou um ornamento, porque só é possível descobri-la ao microscópio, por consequência com um olho cuja potência é devida a tais artifícios que os animais para os quais ela teria por sua vez servido de arma ou de ornamento não possuem semelhante! As nossas qualidades morais visíveis e, nomeadamente, aquelas que nós acreditamos serem tais, seguem o seu caminho; e as do mesmo nome que se não veem, que não podem portanto servirmos de arma ou de ornamento, seguem assim o seu caminho, provavelmente completamente diferente, decoradas de linhas, de finuras e de esculturas que poderiam talvez dar prazer a um deus munido com um microscópio divino. Eis por exemplo o nosso zelo, a nossa ambição, a nossa perspicácia: temo-los, toda a gente os conhece; mas não possuímos além disso o nosso zelo, a nossa ambição, a nossa perspicácia, escamas de réptil para as quais ainda se não encontrou nenhum microscópio? E eis os amigos da moralidade instintiva a gritar: “Bravo! Ao menos admite a possibilidade de virtudes instintivas!... Isso não basta!” Oh! como vos basta pouco!

9— As nossas erupções. — Existe uma infinidade de coisas que a humanidade adquiriu no decurso de estádios anteriores, mas de maneira tão frágil e tão embrionária que ninguém lhe podia aperceber a aquisição, e que chegam muito mais tarde, decorridos séculos às vezes, à luz; ganharam força no intervalo, amadureceram. Parece que a muitos períodos, como a muitos homens, falta este ou aquele

talento, esta ou aquela virtude; mas esperem-se, no caso de se dispor de tempo, os seus netos ou os seus bisnetos: trazem para a luz do dia a alma dos seus avós, essa alma de que os próprios avós não sabiam nada. Muitas vezes o filho já revela o pai: este compreende-se melhor a si próprio depois de ter este filho. Possuímos todos em nós próprios as nossas plantações e os nossos jardins ocultos; para empregar uma outra metáfora, somos todos vulcões em atividade que virão a ter a sua hora de erupção: mas quando? Cedo? tarde? Toda a gente evidentemente o ignora, mesmo “Deus Nosso Senhor”.

10— Uma espécie de atavismo. — Os homens excepcionais de uma época aparecem-me sobretudo como repentinos rebentos de culturas antigas, de forças do passado: vejo neles de qualquer forma o atavismo de um povo e dos seus costumes; só assim há verdadeiramente alguma coisa que compreender no seu caso! No seu tempo eles parecem estranhos, esquisitos, extraordinários: aquele que sente em si as forças de que falo é obrigado a cultivá-las e a defendê-las contra um mundo inimigo, a venerá-las e a vigiar o seu crescimento contra a opinião pública: torna-se por isso ou um grande homem, ou um original, um louco, a não ser que pereça a tempo. Antigamente estas qualidades raras eram correntes; passavam por conseguinte por vulgares: não conferiam nobreza. Talvez fossem exigidas, postuladas: não vos podiam engrandecer quando mais não fosse porque não havia o risco de fazerem de vós um solitário, um louco. É sobretudo nas famílias e nas castas conservadoras de um povo que se veem produzir estes choques de recuo, velhos instintos; estes atavismos aparecem improváveis no ponto onde as raças, os costumes e as desvalorizações de valores alternam demasiado depressa. O ritmo no jogo das forças que faz evoluir os povos, tem com efeito tanta importância como na música; no caso que aqui nos ocupa é um andante, movimento de um espírito simultaneamente apaixonado e lento: tal é, com efeito, o espírito das famílias conservadoras.

11— A consciência. — A consciência é a última fase da evolução do sistema orgânico, por consequência também aquilo que há de menos acabado e de menos forte neste sistema. É do consciente que provém uma multidão de enganos que fazem com que um animal, um homem, pereçam mais cedo do que seria necessário, “a despeito do destino”, como dizia Homero. Se o laço dos instintos, este laço conservador, não fosse de tal modo mais poderoso do que a consciência, se não desempenhasse, no conjunto, um papel de regulador, a humanidade sucumbiria fatalmente sob o peso dos seus juízos absurdos, das suas divagações, da sua frivolidade, da sua credulidade, numa palavra do seu consciente: ou antes, há muito tempo que teria deixado de existir sem ele! Enquanto uma função não está madura enquanto não atingiu o seu desenvolvimento perfeito, é perigosa para o organismo: é uma grande sorte que ela seja bem tiranizada! A consciência é-o severamente, e não é ao orgulho que o deve menos. Pensa-se que este orgulho forma o núcleo do ser humano; que é o seu elemento duradouro, eterno, supremo, primordial! Considera-se que o consciente é uma constante! Nega-se o seu crescimento, as suas intermitências! E considerado como “a unidade do organismo”! Sobrestima-se, desconhece-se ridiculamente, aquilo que teve a consequência eminentemente útil de impedir o homem de realizar o seu desenvolvimento com demasiada rapidez. Julgando possuir a consciência, os homens pouco se esforçaram por a adquirir; e hoje ainda estão nisso! Trata-se ainda de uma tarefa eminentemente atual, que o olho humano começa apenas a entrever, a de se incorporar o saber, de o tornar instintivo no homem; uma tarefa de que só se dão conta aqueles que não compreenderam que até aqui o homem só incorporou o erro, que toda a nossa consciência se relaciona com ele.

12— Do objetivo da ciência. — Mas então! Será o objetivo supremo da ciência dar ao homem a maior quantidade de prazer e a menor quantidade de desprezar possível? Mas como chegará ela a isso, se o prazer e o desprazer estão tão intimamente unidos que aquele que quer saborear ao máximo um é forçado a tragar ao máximo o outro, se aquele que quer chegar a “felicidades celestes” deve preparar-se também para “mortais angústias”? E é talvez assim! Os estoicos, ao menos, eram desta opinião e mostravam o seu espírito de coerência pedindo à vida o menor prazer possível para ter o mínimo de desprazer. (Quando se proclamava a máxima: “O homem mais feliz é o mais virtuoso”, exhibia-se a

insígnia da escola para a massa, mas propunha-se ao mesmo tempo às pessoas subteis uma sutileza casuística). Ainda se pode escolher: ou o menor desprazer possível, digamos a ausência de sofrimento — e no fundo os socialistas e os políticos de todos os partidos nunca deviam honestamente prometer mais nada' aos seus clientes —, ou o maior desprazer possível como juro do aumento de uma quantidade de prazeres e de alegrias delicadas, raramente experimentadas até esse dia! Se optardes pela primeira alternativa, se quiserdes por consequência reduzir e rarear os sofrimentos humanos, pois muito bem! É preciso reduzir e rarear a vossa capacidade de alegria. É certo que com a ciência se pode favorecer um e outro objetivo! Talvez seja ela mais conhecida dos nossos dias pela faculdade que tem de privar o homem das suas alegrias, de o tornar mais frio, mais “estátua”, mais estoico. Mas nada impede também que se descubra nela a grande dispensadora das dores-, talvez, então, pela mesma ocasião, se encontre a sua contra- -força, a sua prodigiosa faculdade de abrir à alegria dos humanos novos universos de estrelas.

13— A propósito da doutrina do sentimento do poder. — Ao fazer o bem e mal, exercemos o nosso poder sobre aqueles a quem se é forçado a fazê-lo sentir; porque o sofrimento é um meio muito mais sensível, para esse fim, do que o prazer: o sofrimento procura sempre a sua causa enquanto o prazer mostra inclinação para se bastar a si próprio e a não olhar para trás. Ao fazer bem ou ao desejarmos o bem exercemos o nosso poder sobre aqueles que, de uma maneira ou de outra, estão já na nossa dependência (quer dizer que se habituaram a pensar em nós como nas suas causas); queremos aumentar o seu poder porque assim aumentamos o nosso, ou queremos mostrar-lhes a vantagem que há em estar em nosso poder; ficarão mais satisfeitos com a sua situação e mais hostis aos inimigos do nosso poder, mais prontos a combatê-los. O fato de fazermos sacrifícios para fazer o bem ou o mal não altera em nada o valor definitivo dos nossos atos; mesmo se arriscarmos a nossa vida, como o mártir pela sua igreja, é um sacrifício que fazemos à nossa necessidade de poder, ou a fim de conservar o nosso sentimento de poder. Quando se sente profundamente isto: “posso o verdadeiro”, que outras posses se não abandonariam para conservar este sentimento! O que se não deita pela borda fora para continuar à superfície — quer dizer por cima daqueles que estão privados da verdade! Decerto é raro que o estado que acompanha o gesto de fazer mal seja tão agradável, tão puramente agradável, como aquele que acompanha o gesto de fazer bem; trata-se de um animal que revela que ainda nos falta poder ou que trai o nosso despeito diante desta pobreza; é o anúncio de novos perigos e de novas incertezas para o nosso capital de poder; o nosso horizonte continua velado por perspectivas de vingança, de troça, de punição, de malogro. Só para os homens mais irritáveis, as pessoas mais ávidas do sentimento de poder, pode haver aí algum prazer em imprimir ao recalcitrante o sinete do seu domínio; para aqueles que só veem nisso aborrecimento, é um desprazer o espetáculo de um ser já submetido (tornado objeto de benevolência). Trata-se de saber que especiarias gostamos de meter na nossa vida; quer-se que o crescimento de poder seja lento ou brusco? Seguro ou perigoso e temerário? É uma questão de gosto; procura-se esta ou aquela especiaria conforme a inclinação do nosso temperamento. Uma presa fácil, para as naturezas altivas, é algo de desprezível; só experimentam um sentimento de bem-estar diante do aspecto de homens íntegros que poderiam tornar-se seus inimigos, e diante de todas as posses dificilmente acessíveis; muitas vezes duros para aquele que sofre, porque não o julgam digno do seu esforço e da sua altivez, mostram-se tanto mais corteses para com os seus semelhantes com os quais a luta seria certamente honrosa se aparecesse ocasião para isso. Foi sob o efeito do sentimento de bem-estar que lhe dava esta perspectiva que os homens da casta cavalheiresca se acostumaram a usar uns para com os outros de uma delicadeza requintada. A piedade é o sentimento mais agradável para aqueles que são pouco altivos e que não têm possibilidades de fazer grandes conquistas: a presa fácil — qualquer ser que sofre é presa fácil — é coisa que os encanta. Elogia-se a piedade como sendo a virtude das mulheres fáceis.

14 — Tudo aquilo a que se chama Amor. — Cupidez, amor: ah! como estas duas palavras soam diferentemente nos nossos corações!... Pode ser portanto que exprimam ambas o mesmo instinto

baptizado duas vezes: a primeira perjurativamente, do ponto de vista daqueles que possuem já, que têm um instinto de posse levemente satisfeito e que receiam entretanto pelos seus “bens”; a segunda elogiosamente, do ponto de vista dos insatisfeitos e dos ávidos que acham “bom” este instinto. O nosso “amor pelo próximo” não será o desejo imperioso de uma nova propriedade? E não sucede o mesmo com o nosso amor pela ciência, pela verdade? E, mais geralmente, com todos os desejos de novidade? Cansamo-nos pouco a pouco do antigo, do que possuímos com certeza, temos ainda necessidade de estender as mãos; mesmo a mais bela paisagem, quando vivemos diante dela mais de três meses, deixa de nos poder agradar, qualquer margem distante nos atrai mais: geralmente uma posse reduz-se com o uso. O prazer que tiramos a nós próprios procura manter-se, transformando sempre qualquer nova coisa em nós próprios, é precisamente a isso que se chama possuir. Cansar-se de uma posse é cansar-se de si próprio. (Pode-se também sofrer com o excesso; à necessidade de deitar fora, de dar, pode assim atribuir-se o nome lisonjeiro de “amor”). Quando vemos sofrer uma pessoa aproveitamos de bom grado essa ocasião que se oferece de nos apoderarmos dela; é o que faz o homem caridoso, o indivíduo complacente; chama também “amor” a este desejo de uma nova posse que despertou na sua alma e tem prazer nisso como diante do apelo de uma nova conquista. Mas é o amor de sexo para sexo que se revela mais nitidamente como um desejo de posse: aquele que ama quer ser possuidor exclusivo da pessoa que deseja, quer ter um poder absoluto tanto sobre a sua alma como sobre o seu corpo, quer ser amado unicamente, instalar-se e reinar na outra alma como o mais alto e o mais desejável. Se considerarmos que isso não significa nada menos do que excluir o mundo inteiro do gozo de um bem e de uma felicidade preciosas; se pensarmos que aquele que ama, visa empobrecer e privar todos os mais competidores, e tornar-se o dragão do seu tesouro como o mais indiscreto “conquistador”, o explorador mais egoísta; se imaginarmos enfim que todo o resto do mundo lhe parece indiferente, desbotado, sem valor, e que está pronto a efetuar qualquer sacrifício, a perturbar qualquer ordem estabelecida, a relegar para segundo plano tudo quanto lhe interessa, espantamo-nos que esta cupidez bárbara, esta furiosa injustiça do amor sexual tenha sido a tal ponto glorificada, deificada em todos os períodos da história, pior, que se tenha extraído deste amor a ideia de amor concebida como contrária do egoísmo, quando representa talvez a sua expressão mais espontânea. O hábito, aqui, deve ter sido criado por aqueles que não possuíam e desejavam possuir; talvez tenha provavelmente havido sempre demais. Aqueles que possuíram muito e que conheceram a saciedade bem deixaram por vezes escapar uma palavra falando de “demônio furioso”, como Sófocles, o mais amável e o mais amado dos atenienses; mas Eros ri-se sempre de semelhantes blasfemadores; são os seus maiores favoritos. Existe realmente, aqui e além na terra, uma espécie de prolongamento do amor, no qual o desejo de dois seres experimentam um pelo outro dá lugar a um novo desejo, a uma nova cobiça, a uma sede superior comum, a de um ideal que os ultrapassa a ambos: mas quem é que conhece esse amor? Quem o viveu? O seu verdadeiro nome é amizade.

15— A distância. — Esta montanha cria todo o encanto e todo o caráter da região que domina: tendo-nos dito isso pela centésima vez tornamo-nos bastante loucos e bastante reconhecidos para acreditar que, conferindo este encanto, deve ter em si própria o que há de mais encantador na região; subimos até ao cume e ficamos desiludidos. De repente o encanto desaparece das suas encostas, da paisagem que nos rodeia e daquela que se estende a nossos pés; esquecemos que grande número de grandezas devem, como grande número de bondades, ser vistas a certa distância, e de baixo, pormenor capital, nunca do alto;... é só assim que fazem efeito. Talvez conheças pessoas do teu meio que só podem olhar-se a si próprias a uma certa distância para se julgarem suportáveis, sedutoras e tônicas; o conhecimento de si é uma coisa que se lhes deve desaconselhar.

16 — O Passadiço. — E preciso saber dissimular com as pessoas que têm o pudor dos seus sentimentos; ganham-vos um ódio repentino se vos apanham em flagrante delito de ternura, cie entusiasmo ou de nobreza como se tivésseis violado o seu santuário secreto. Se lhe quereis fazer bem nesse momento, fazei-as rir ou tratai de lhes sugerir, a brincar, alguma fria maldade...: o seu humor gela e

dominam-se. Mas dou a moral antes de contar a história. Estivemos uma vez perto um do outro na vida que nada parecia já entrar a nossa amizade, a nossa fraternidade, e que só havia entre nós um estreito passadiço a transpor. Exatamente no momento em que tu ias pousar aí o pé, perguntei-te: “Queres passar e vir para mim?” Mas nessa altura não quiseste; e, quando voltei a fazer o meu pedido calaste-te. A partir de então lançaram-se entre nós montes e torrentes, tudo o que separa e torna estranho um ao outro, de tal modo que não nos poderíamos voltar a juntar mesmo que o quiséssemos! Mas quando pensas agora nesse pequeno passadiço de outrora, não encontras mais nada a dizer;... só te nascem soluços e espanto.

17 — Justificar a sua Pobreza. — Nenhuma habilidade, evidentemente, nos pode permitir transformar uma virtude pobre numa virtude rica, abundante, generosa, mas podemos embelezar a sua pobreza, interpretando-a como uma lei necessária, de maneira a que a sua visão não continue a fazer-nos sofrer e a que não continuemos a dirigir censuras à fatalidade. É o que faz o jardineiro prudente que coloca o pobre fio de água do seu jardim nos braços de uma ninfa das fontes e que explica desta maneira a pobreza; ...quem não tem, como ele, necessidade das ninfas?

18 — Altivez Antiga. — Falta-nos o mais antigo da nobreza porque deixamos de ter o sentido da escravidão antiga: Um grego de origem nobre encontrava entre a sua própria altivez e este último grau de baixeza um número tão grande de escalões intermediários e uma distância tão formidável que só com dificuldade conseguia distinguir nitidamente o escravo: o próprio Platão não o conseguiu ver inteiramente. Sucede de outro modo connosco, habituados como hoje estamos à doutrina igualitária, se não à igualdade. Um ser que não pode dispor de si próprio e que não pode dispor de nenhum ócio não tem nada de desprezível a nossos olhos; estamos talvez demasiado manchados de servidões deste gênero, dadas as condições da nossa sociedade e da nossa atividade social que diferem radicalmente das dos antigos. O filósofo grego atravessa a existência com o sentimento secreto de que havia muito mais escravos do que se pensava; quem quer que não fosse filósofo, era escravo do seu ponto de vista; transbordava de orgulho com a ideia de que os mais poderosos da terra figuravam entre os seus escravos. É-nos estranha esta altivez; não nos é possível tê-la: o termo “escravo”, mesmo no sentido simbólico, deixou de possuir para nós a sua plena intensidade.

19 — O Mal. — Examinai a vida dos homens e dos povos melhores e mais fecundos, e perguntai se uma árvore que deve elevar-se altivamente nos ares pode dispensar o mau tempo e as tempestades; se a hostilidade do exterior, as resistências exteriores, todas as espécies de ódio de inveja, de teimosia, de desconfiança, de dureza, de avidez e de violência não fazem parte das circunstâncias favoráveis sem as quais nada, nem sequer a virtude, poderia crescer grandemente? O veneno que mata as naturezas fracas é um fortificante para as fortes; ...e por isso não lhe chamam veneno.

20 — Dignidade da Loucura. — Mais alguns milhares de anos pelo caminho do século passado e, em tudo o que fizer o homem, há-de aparecer a mais alta sabedoria; mas terá ela perdido com isso toda a dignidade. Será então certamente necessário ser sage, mas isso será coisa tão comum, tão vulgar, que qualquer espírito com um gosto um pouco acima da média verá uma grosseria nesta necessidade. Do mesmo modo que uma tirania da verdade e da Ciência poderia fazer subir o valor da mentira, da mesma forma uma tirania da sageza poderá fazer germinar um novo gênero de nobreza de alma. Ser nobre, será talvez então ter loucuras na cabeça.

21 — Aos Professores de Desinteresse. — Dizemos que são boas as virtudes de um homem não por causa dos resultados que podem ter para ele, mas por causa dos resultados que podem ter para nós e para a sociedade: no elogio da virtude nunca se foi muito “desinteressado”, nunca se foi muito “altruísta”! Ter-se-ia observado, se não fora assim, que as virtudes (tais como a aplicação, a obediência, a castidade, a piedade, a justiça) são geralmente prejudiciais àquele que as possui, porque se trata de instintos que reinam nele com demasiada violência, com demasiada avidez, e não querem de maneira alguma deixar-se razoavelmente contrabalançar pelos outros. Quando se possui uma virtude, uma autêntica virtude, uma virtude completa (não uma pequena tendência para a ter), é-se vítima dessa virtude! E é precisamente por

isso que o vizinho a louva! Louva-se o homem de zelo se bem que o seu zelo lhe estrague a vista, e seja obrigado a gastar a espontaneidade e a frescura do seu espírito: elogia-se, lastima-se o jovem que se “matou a trabalhar” porque se pensa: “Se o conjunto social perder a sua melhor unidade trata-se apenas de um pequeno sacrifício! Mas seria muito mais aborrecido que o indivíduo pensasse de outra forma, que desse mais importância à sua conservação e ao seu progresso do que ao trabalho ao serviço de todos!” Não se lastima portanto este rapaz por causa dele próprio, mas porque a sua morte obriga a sociedade a perder um instrumento submisso, sem contemplações consigo mesmo, em resumo, um “homem honesto”, como é costume dizer. Talvez se possa também perguntar se não teria sido preferível no interesse da sociedade, que esse rapaz tivesse trabalhado mais prudentemente e se tivesse conservado mais tempo: concorda-se mesmo na vantagem que teria havido em que ele assim o tivesse feito, mas considera-se esta posição inferior à outra porque houve sacrifício e a opinião da besta social, do animal que deve imolar-se, revelou- -se benefício mais alto e mais duradouro, uma vez mais visivelmente. E, portanto, o instrumento que se louva, no fundo, nas virtudes quando elas são Louvadas, o instinto cego que nelas existe e que não se deixa dominar pelo interesse particular, em resumo, esta irrisão da virtude graças à qual o indivíduo se deixa tratar em função do conjunto. Louvar a virtude é louvar uma coisa prejudicial na vida privada, é fazer o elogio de tendências que privam o homem do seu mais nobre amor por si, da sua mais elevada autoproteção. É verdade que em vista da educação, para inculcar hábitos virtuosos, se vai buscar à virtude uma série de resultados que fazem dela a irmã gêmea do interesse particular... e, de fato, esse parentesco existe! Apresenta-se, por exemplo, um zelo cego, uma aplicação encarniçada, virtude típica do instrumento, como o caminho da riqueza e das honras, como o veneno mais eficaz contra o aborrecimento e as paixões: mas cala-se o seu perigo, o seu perigo superior. A educação procede geralmente desta forma: procura determinar no indivíduo, com a isca de um sem-número de vantagens, uma maneira de pensar e de agir que, tornada por fim hábito, instinto, paixão, dominará, nele e sobre ele, contra os seus interesses supremos, mas “em benefício de todos”. Quantas vezes observei que se o trabalho encarniçado, o zelo cego dão a riqueza, as honras, fazem perder aos órgãos a sensibilidade que lhe permitiria desfrutar essa riqueza e essas honras! Quantas vezes não observei que esse remédio radical contra o aborrecimento e as paixões amolece os sentidos e torna o espírito rebelde a qualquer nova excitação! (A época mais laboriosa de todas, a nossa, não sabe que fazer do seu labor e do seu dinheiro, a não ser cada vez mais dinheiro, a não ser cada vez mais trabalho; porque é necessário muito mais gênio para gastar do que para adquirir!... Deixemos isso, havemos de ter os nossos “netos”...) A educação resulta, qualquer virtude individual se torna utilidade pública e desvantagem privada — em relação ao fim supremo do indivíduo —; não consegue chegar a outra coisa que não seja um enfraquecimento do espírito e dos sentidos, senão mesmo a um declínio precoce: examinem-se a este respeito, uma após outra, as virtudes de um ser dócil, casto, piedoso e justo. O elogio que se faz do altruísta, de homem virtuoso, do homem que se esquece —, quer dizer daquele que não põe toda a sua força e a sua razão em manter-se, desenvolver-se, elevar-se, progredir, aumentar o seu poder, mas que vive com humildade sem se preocupar consigo mesmo, talvez até com indiferença e ironia a seu respeito —, esse elogio não parte certamente do espírito de desinteresse! O “próximo” louva o desinteresse porque é dele que tira o seu lucro\ Se o próximo raciocinasse também de maneira “desinteressada” não havia de querer esse sacrifício à força, esse prejuízo de que tira lucro'. Opor-se-ia ao nascimento dessas inclinações! Sobretudo manifestaria o seu próprio desinteresse dizendo que eles não são loucos'.... Eis o que indica a contradição fundamental desta moral que tanto se prega nos nossos dias: os seus motivos estão em oposição com o seu princípio! O argumento de que ela se quer servir, para se demonstrar legítima, é recusado pelo seu critério moral, o princípio “deves renunciar e sacrificar-te a ti mesmo” só deveria ser decretado por um ser que renunciasse, aplicando- -o, ao seu proveito pessoal e que provocasse talvez a sua própria queda pelo sacrifício que exigisse dos indivíduos. Mas, desde que o próximo (ou a sociedade) vos recomendam o altruísmo em virtude da sua utilidade, é o princípio oposto que eles

aplicam, a saber: “Deves procurar o teu proveito pessoal mesmo à custa de todos os mais”, pregam portanto com o mesmo fôlego o “tu deves” e o “tu não deves!”

22— A ordem do dia para o rei. — Começa o dia: comecemos portanto por ordenar para o dia os negócios e os prazeres do nosso muito gracioso senhor que se digna ainda estar neste momento a repousar. Sua Majestade tem hoje mau tempo: defender-nos-emos de lhe dizer tal: não falaremos do tempo... mas trataremos dos negócios de uma maneira um pouco mais solene, das festas um pouco mais pomposamente do que seria necessário sem isso. Talvez mesmo Suá Majestade esteja doente, contaremos ao almoço a última boa notícia de ontem a noite, a chegada do Senhor de Montaigne que sabe falar de uma forma tão divertida da sua doença — o pobre homem sofre de pedra na bexiga. Receberemos algumas pessoas (Pessoas? O que não diria, se ouvisse esta palavra, essa velha rã inchada que há-de estar entre elas! “Não sou uma pessoa, diria ela, sou sempre a própria coisa”) e a recepção durará mais do que será agradável a quem quer que seja: será uma razão suficiente para falar desse poeta que escrevia na sua porta: “Quem aqui entra dá-me uma honra, quem não entra dá-me... prazer”. Eis na verdade o que se diz ser delicadamente mal-educado! E talvez esse escritor tivesse perfeitamente razão para ser indelicado no que lhe diz respeito: dizem que os seus versos valem muito mais do que o versificador. Pois muito bem! Faça por isso muitos e retire-se do mundo o mais que puder pois que tal é o sentido da sua amável impertinência! Um príncipe, exatamente ao contrário, vale sempre muito mais do que os seus versos? Conversamos e toda a corte pensa que estamos já a trabalhar e que estamos a dar cabo da cabeça; a nossa janela é a primeira onde aparece luz. Mas caluda! Não foi a campainha? Para o diabo! O dia e a dança começam e não sabemos as nossas voltas! Vai ser-nos necessário improvisar;... toda a gente improvisa o seu dia. Façamos portanto hoje como toda a gente!...

E foi assim que se dissipou o meu maravilhoso sonho da manhã talvez sob os sons duros do relógio da torre que anuncia neste momento a quinta hora com toda a importância que lhe é particular. Parece-me que o deus dos sonhos quis desta vez trocar dos meus hábitos!... tenho aquele de começar o dia acomodando a meu gosto e procurando tornar- mo suportável, e pode ser que o tenha feito muitas vezes com demasiada cerimônia, de uma maneira demasiado principesca.

23 — Os sintomas da corrupção. — Observai os sintomas destas circunstâncias sociais, necessárias de tempos a tempos, que se designam pelo termo de “corrupção”. Logo que a corrupção penetra em qualquer parte, vê-se reinar uma superstição múltipla, em face da qual a crença geralmente adotada até então pelo povo empalidece e se torna impotente: porque a superstição é um livre pensamento de segunda categoria; quem se lhe entrega elege certas formas, certas fórmulas que lhe agradam; concede-se o direito de escolher, O supersticioso tem qualquer coisa de mais “pessoal” do que o crente; uma sociedade supersticiosa será aquela onde se encontram já muitos indivíduos e prazer em tudo o que é individual. Deste ponto de vista a superstição marca sempre um progresso sobre a fé, torna manifesto que a inteligência se liberta e reclama os seus direitos. Os partidários da velha religião e da velha religiosidade lastimam-se então de uma corrupção; — mas foram eles que até aqui determinaram o uso, na maneira de se exprimir, e que criaram à superstição uma má reputação, mesmo junto dos espíritos mais livres. Aprendamos portanto que a superstição! é um sintoma de emancipação.

Acusa-se também de abandono uma sociedade onde a corrupção se instala: de fato o prestígio da guerra e do entusiasmo guerreiro sofrem uma baixa visível: aspira-se aos prazeres da existência com tanto ardor como aquele que antigamente se punha em procurar as honras militares ou gímnicas. Mas os observadores negligenciaram em geral observar que esta antiga energia, esta antiga paixão da nação, que a guerra, e os torneios punham em tão pomposa evidência, se transformou numa infinidade de paixões privadas e que se limitou a tornar-se menos visível; que digo eu? E até provável que, no estado de “corrupção”, a nação dispenda a partir de então uma força, uma violência de energia muito maiores do que nunca, e que o indivíduo desperdice essa energia mais prodigamente do que o podia fazer anteriormente, quando ainda não era suficientemente rico! E portanto precisamente nas épocas do “abandono” que a tragédia corre as ruas e as coisas, que se vê nascer o grande amor, o grande ódio, e que a flama do acontecimento jorra em braseiro para o céu.

Pretende-se, em terceiro lugar, que, compensando de algum modo a censura de superstição e de abandono que se pode fazer às épocas de corrupção, os costumes se tornam mais suaves no decurso destes períodos, que a crueza aí diminui notavelmente em comparação com as épocas precedentes, mais crentes e mais fortes. Não poderia já subscrever este elogio, tal como não subscrevi a acusação precedente: tudo aquilo que concedo, é que a crueldade se afirma, que as suas antigas formas repugnam ao gosto novo; mas a arte de ferir, de torturar com a palavra ou o olhar, alcançam em contrapartida, em tempo de corrupção, o seu supremo aperfeiçoamento; é só então que nascem a malignidade e o prazer de ser maldoso. As pessoas das épocas corrompidas são espirituais, caluniadoras; sabem que se pode matar dispensando a utilização do punhal e da surpresa; sabem também que se acredita em tudo o que é bem dito.

Em quarto lugar, quando “os costumes se corrompem”, é o momento em que surgem esses seres a que se dá o nome de “tiranos”: são os precursores, são por assim dizer as precoces guardas-avancadas do indivíduo. Mais um instante de paciência: esse fruto dos frutos acabará por pender, maduro e dourado, da árvore de um povo; só é por via dele que essa árvore existe! Quando a decomposição chegou ao apogeu, assim como a luta dos tiranos de todas as qualidades, vê-se sempre chegar o César, o tirano definitivo, que vibra o golpe de misericórdia à luta enfraquecedora dos concorrentes preponderantes fazendo trabalhar o cansaço em seu proveito. Quando aparece o indivíduo, em geral, é o momento da sua maturidade perfeita, estando a “cultura” por consequência no zênite da sua fecundidade;... mas não é graças a ele, não é por via do tirano, se bem que as pessoas de cultura muito grande gostem de lisonjear o César, fazendo-se passar por obra sua. A verdade é que eles têm necessidade de paz exterior porque trazem a sua inquietação dentro deles, porque o trabalho é uma coisa interior. É o grande momento da

traição, da corruptibilidade: porque o amor do ego descoberto de fresco é então muito mais poderoso do que o amor da “pátria”, velho conceito coçado, enterrado sob excessos de vocabulário, e a necessidade de se defender contra os temerosos caprichos da fortuna abre mesmo as mãos mais nobres, desde que um homem rico e poderoso se mostre disposto a ali deitar outro. O futuro é tão incerto que as pessoas vivem dia a dia, estado de alma que favorece o jogo dos tentadores de todas as espécies: porque também não se deixa seduzir, e corromper, senão por “um dia” reservando-se um futuro de virtude! Sabe-se que o indivíduo, esse autêntico homem “em si”, pensa mais nas coisas do momento do que o seu antípoda, o homem do rebanho, porque não pensa contar mais consigo do que conta com o futuro; liga-se do mesmo modo aos tiranos, porque se julga capaz de ações e de investigações que não podem contar nem com a inteligência nem com o perdão da multidão,... uma vez que o tirano ou o César compreendam o direito do indivíduo, mesmo nas suas aberrações; tem interesse em permitir uma moral pessoal mais ousada e até mesmo em lhe dar a mão. Porque pensa dele, e quer que o pensem, aquilo que Napoleão exprimiu um dia da forma clássica que lhe era particular: “Tenho o direito de responder a todos os vossos queixumes com um eterno eu. Estou apartado de toda a gente, não aceito as condições de ninguém. Deveis submeter-vos a todas as minhas fantasias e achar muito simples, que me dê semelhantes distrações”. Foi o que ele disse à mulher um dia em que ela tinha razões para duvidar da sua fidelidade.

As épocas de corrupção são aquelas em que as maçãs caem da árvore: quero dizer os indivíduos, aqueles que carregam em si o sêmen do futuro, os promotores da colonização intelectual, os que querem modificar as relações entre o Estado e a sociedade. A palavra corrupção só é um termo injurioso quando designa os outonos de um povo.

24 — Diversos descontentamentos. — Os descontentes da espécie fraca, os descontentes femininos de qualquer qualidade, são também os mais engenhosos na arte de tornar a vida mais bela e mais profunda; os descontentes da raça forte — os descontentes do sexo masculino para continuar a metáfora — são mais inventivos no domínio dos remédios próprios para melhorar e para apoiar a existência. Os primeiros mostram a sua fraqueza, a sua feminilidade, no fato de se deixarem enganar voluntariamente, de vez em quando, porque se satisfazem facilmente com um pouco de embriaguez e de entusiasmo de vez em quando, mas não é possível satisfazê-los no fundo e isso porque sofrem de um descontentamento incurável; além disso favorecem todos aqueles que sabem criar ópios, narcóticos consoladores e detestam por consequência, as pessoas que colocam o médico acima do padre; mantêm desta maneira a continuidade dos verdadeiros males! Se não tivesse havido na Europa, a partir da Idade Média, uma multidão de descontentes dessa espécie, talvez a famosa faculdade europeia de evolução nunca tivesse nascido: as exigências, com efeito, dos descontentes dessa raça forte são demasiado grosseiras, e, no fundo, demasiado modestas para não poderem no fim de contas ser satisfeitas de um dia para o outro. A China apresenta-nos o exemplo de um país onde o descontentamento em grande e a faculdade de evoluir desapareceram há muitos séculos; os socialistas e os outros feiticistas europeus do Estado poderiam levar-nos também facilmente, por meio das medidas que teles quisessem tomar, a fim de melhorar a vida e garantir a existência, a esta situação, a esta “felicidade” chinesa, com a condição de poderem primeiro extirpar o descontentamento e o romantismo doentios — frutos de compleições delicadas, femininas — que se encontra ainda em superabundância nos nossos países. A Europa é um doente que deve a maior gratidão à incurabilidade e à perpétua evolução do seu mal; as situações sempre novas em que ele a coloca, os perigos, as dores, os recursos que ele obriga a mudar constantemente, acabaram por lhe criar uma irritabilidade intelectual que quase equivale ao gênio, e que é, em todo o caso, a mãe de toda a espécie de gênio.

25 — Não-predestinação. — Existe, frequentemente, em suma, uma espécie de humildade receosa, que, quando nos aflige, nos torna para sempre impróprios para as disciplinas do conhecimento. Porque, no momento em que o homem que a transporta descobre uma coisa que o choca, dá meia volta seja como for, e diz consigo: “Enganaste-te! Onde é que tinhas a cabeça? Isso não pode ser verdade!” De forma que

em vez de examinar mais de perto e de ouvir com mais atenção, desata a fugir completamente aterrado, evira encontrar aquilo que o choca e procura esquecê-lo o mais depressa possível. Porque eis o que diz a sua lei: “Não quero dizer nada que contradiga a opinião corrente. Serei eu feito para descobrir novas verdades? Já há demasiadas antigas.”

26 — O que é viver? — Viver?... é repelir constantemente para longe de nós aquilo que deseja morrer. Viver?... é ser cruel, é ser impiedoso para tudo aquilo que envelhece e enfraquece em nós, e mesmo alhures. Viver... é portanto não ter piedade dos moribundos, dos velhos e dos miseráveis? É assassinar sem descanso?... E contudo o velho Moisés disse: “Não matarás”.

27 — O homem que renuncia. — O que é que faz aquele que renuncia? Aspira a um mundo superior, deseja voar mais alto, mais longe do que os homens de afirmação; repele muitas coisas que lhe sobrecarregariam o voo, e muitas entre as muitas que não detesta, a quem estima: sacrifica-as à sua sede de altitude. Só se vê dele este sacrifício, este desprendimento. É por isso que lhe dão o nome de renunciador, e é como renunciador, envolto no seu capuz, que se levanta diante de nós, como a própria alma de um cilício. Mas está satisfeito com a impressão que produz: quer esconder aos nossos olhos o seu desejo, o seu orgulho, a intenção que tem de voar por cima de nós... Sim! É muito mais hábil do que aquilo que pensamos, este homem tão delicado diante de nós... este afirmador! Porque pertence a este grupo, tal como nós, mesmo na sua renúncia.

28 — Prejudicar com o que se tem de melhor. — As nossas forças levam-nos por vezes tão longe que não podemos continuar a suportar as nossas fraquezas e disso perecemos: bem nos sucede prever esse resultado, mas não lhe podemos introduzir nenhuma modificação. Usamos então a dureza contra o que seria necessário poupar em nós mesmos, e a nossa grandeza faz a nossa barbárie. Esta experiência, que acabamos por pagar com a vida, simboliza a ação dos grandes homens nos outros e no seu tempo: é com aquilo que têm de melhor, com aquilo que são os únicos a poder fazer, que arruinam grande número de seres fracos, incertos, sem vontade própria, ainda em mudança, é com aquilo que têm de melhor em si próprios que se tornam nocivos. Pode até acontecer que só prejudiquem porque aquilo que há de melhor nele só pode ser absorvido, esvaziado de um trago, de qualquer maneira, por seres que ali afogam a sua razão e a sua individualidade, como se fosse num licor excessivamente forte: estão de tal modo embriagados que não poderão deixar de partir os membros em todos os caminhos em que a sua embriaguez os fulminará.

29 — Os acumuladores de mentiras. — Quando se começou em França a combater, e por consequência a defender, as três unidades de Aristóteles, pôde ver-se uma vez mais uma coisa que se vê frequentemente, mas sempre com repugnância: era ver quem se mostrava a si próprio, quem inventava mais razões para prolongar a existência dessas leis, muito simplesmente porque se não queria confessar que se tinha criado o hábito de aceitar o seu domínio e que não se queria ouvir falar noutra coisa. E o que se faz e o que sempre se fez a propósito de qualquer religião, de qualquer moral reinantes: os motivos e as intenções que se escondem atrás do hábito são sempre inventados depois, por mentira, logo que alguém começa a combater o hábito, a perscrutar-lhe as intenções e as razões. E essa a grande má fé dos conservadores de todos os tempos: são acumuladores de mentiras.

30 — Comédia dos homens célebres. — Os homens célebres que precisam da sua celebridade — é o caso de todos os políticos — nunca escolhem sem pensamento reservado os seus aliados e os seus amigos: pedem a este um pouco de brilho, derivado do reflexo da sua virtude; àquele o receio que podem causar certas qualidades inquietantes que toda a gente lhe conhece; àqueloutro vão roubar a sua reputação de indolência e de amator dos demorados farniente porque é útil para os seus fins passar momentaneamente por desatentos, indolentes: escondem assim que estão em guarda; ora precisam ter junto de si o fantasista, ora o pesquisador, o pedante, como uma espécie de eu para durar um instante; mas bem pode ser também que deixem de ter precisão dele no minuto seguinte! É assim que as suas vizinhanças e as suas fachadas desaparecem constantemente quando tudo parece quase crescer neste

arrabalde e dar-lhe “caráter”: no que se parecem com as grandes cidades. A sua reputação transforma-se sem cessar, do mesmo modo que o seu caráter, porque os seus meios mudáveis exigem essa mudança e trazem ao primeiro plano, para lhe dar o primeiro papel, ora uma ora outra das suas qualidades reais ou fingidas: os seus amigos e os seus aliados fazem parte como se costuma dizer, dessas qualidades de teatro. Pelo contrário, é necessário que aquilo que querem ser mantenha ainda mais firme, ...um bronze faiscante..., e isso exige por vezes os seus jogos de cena e a sua comédia.

31 — Comércio e nobreza. — Comprar e vender passam hoje por coisa vulgar, como a arte de ler e de escrever; toda a gente, mesmo não sendo comerciante, está treinada na técnica do comércio e se treina ainda mais dia a dia: da mesma forma nos tempos de antanho, numa época mais bárbara, toda a gente era caçador e se treinava quotidianamente na caça. Nesse tempo a caça era vulgar; mas foi-se tornando pouco a pouco privilégio dos poderosos e dos nobres e perdeu o caráter de banalidade quando cessou de ser necessária para se tornar negócio de luxo e de capricho: bem poderá suceder o mesmo um dia com o comércio. Podem imaginar-se condições sociais capazes de permitir a dispensa da atividade de compra e venda, o que faria com que essa arte deixasse pouco a pouco de ser necessária; talvez então certas pessoas, menos submetidas às leis gerais, se permitissem comprar e vender a título de sensação de luxo.

Só então o comércio se tornará uma coisa distinta, e as pessoas da nobreza entregar-se-ão a essa atividade talvez com maior predileção ainda do que antigamente à guerra e à política, quando o prestígio desta última vier talvez a desaparecer inteiramente. Já deixou de ser ofício de fidalgo: poderá ser que um dia ela venha a surgir tão vulgar que venha a ser classificada, como a literatura de jornal e de partido, sob a rubrica “prostituição do espírito”.

32 — Discípulos de maneira nenhuma desejados. — Que devo eu fazer — exclamava zangado um filósofo que, como Sócrates nos tempos antigos, “corrompia” então a juventude —, que devo fazer destes dois rapazes! São uns discípulos que me caem muito mal! Um nunca sabe dizer “não”, e o outro, a tudo responde com uma “média exata”. Admitindo que eles compreendessem a minha doutrina, o primeiro sofreria demais, porque a minha maneira de pensar reclama uma alma guerreira, a vontade de fazer mal, o prazer de contradizer, uma pele dura; sucumbiria minado por chagas abertas e feridas interiores. Quanto ao outro, havia de se arranjar para fazer um negócio médio de qualquer causa que defendesse; havia de me mediocrizar tudo... E aos meus inimigos que desejo semelhante discípulo.

33 — Fora da sala de aulas — “Para vos provar que o homem, no fundo, faz parte da classe dos animais estúpidos, apenas terei que vos recordar a sua longa credulidade. Só hoje, muito tarde e depois de se ter violentado terrivelmente, se tornou um animal desconfiado; ...sim, o homem é agora mais maldoso do que nunca.” Não compreende: “porque é que o homem de hoje será mais desconfiado, mais maldoso?” “Porque agora tem uma ciência, porque agora tem necessidade de uma ciência!”

34 — História abscôndita. — Qualquer grande homem possui uma força retroativa: obriga a reconsiderar a totalidade da história; mil segredos do passado saem dos seus esconderijos para se iluminar à sua luz. Ninguém pode prever o que virá ainda a acontecer à história. O passado talvez continue ainda essencialmente por explorar! Temos ainda necessidade de tantas forças retroativas!

35 — Heresia e feitiçaria. — Não pensar de acordo a acontecer não é tanto o efeito de um intelecto melhor mas o de inclinações fortes e más, de inclinações dissolventes, isoladoras, altivas, trocistas, pérfidas. A heresia é a inclinação da feitiçaria; não tem certamente nada que seja mais inocente do que a outra, nem nada de mais venerável em si. Os heréticos e os feitiçeiros são duas categorias de maldosos: o que possuem em comum é não só que são maldosos mas também que se sentem assim, e que sentem contudo uma invencível necessidade de prejudicar tudo o que reina — homens e opiniões. — A Reforma, que foi uma espécie de espírito medieval reforçado, numa época em que este espírito já não tinha boa consciência, produziu-os em grande abundância.

36 — Últimas palavras. — Talvez estejam lembrados que, quando morreu o imperador Augusto, esse homem terrível que se dominava e se sabia calar tão bem como um sábio como Sócrates, falou

indiscretamente dele mesmo; deixou pela primeira vez cair a máscara que trazia consigo enquanto dormia, aceitando que usava máscara, que tinha feito a comédia; tinha brincado ao pai da pátria e à sabedoria coroada com uma arte que tinha criado ilusões! *Plaudite, amici, comaedia finita est.*

O pensamento de Nero moribundo: *qualis artifex pereo!* Foi também o pensamento de Augusto; vaidade de histrião! palavreado de histrião! E a contrapartida da de Sócrates. Mas Tibério morreu em silêncio ele que foi o mais atormentado de todos quantos se atormentaram a si próprios; foi verdadeiro, esse, não foi um ator! O que é que ele poderá ter pensado durante a sua última hora? Talvez isto: “A vida é uma longa morte. Louco que eu fui por a ter abreviado a tanta gente! Seria eu feito para ser um benfeitor? Devia ter-lhes dado a vida eterna: poderia assim ao menos vê-los morrer eternamente. Saberá ver isso bem! *Qualis spectator pereo!*” Quando, depois de uma demorada agonia, ele pareceu recuperar forças, julgou-se de bom conselho abafá-lo debaixo dos travesseiros ... morreu uma dupla morte.

37— Três razões, três erros. — Fez-se avançar a ciência no decurso dos últimos séculos, quer porque se via nela o instrumento que melhor permitiria compreender a bondade e a sabedoria de Deus. — Era esse o motivo principal dos grandes ingleses, como Newton; — quer porque se acreditava na utilidade absoluta do conhecimento, nomeadamente na íntima união da moral, da ciência e da felicidade — era o motivo principal dos grandes franceses, como Voltaire — quer porque se pensava possuir e amar na ciência uma coisa desinteressada, inofensiva, que se bastava a si própria e com a qual os maus instintos do homem nada tinham que ver — era o motivo principal de Spinoza que se sentia tornar-se divino na alegria do conhecimento. — Assim temos três razões, três erros.

38 — Os “explosivos”. — Se pensarmos com que impaciência a força dos jovens tem necessidade de explodir, deixamos de nos espantar com a pouca finura e falta de discernimento que põem em se decidir a favor desta ou daquela causa: o que os excita é o espetáculo do ardor que rodeia uma causa, á visão, se assim posso dizer, da mecha incendiada, ...e não a causa em si própria. Assim os tentadores subtilem-se mais por os obrigar a esperar a explosão do que por lhe justificar a causa: não é com argumentos que se conquistam esses barris de pólvora!

39 — Gosto mudado. — A mudança do gosto geral tem muito mais importância do que o das opiniões; as opiniões,¹ com as suas provas, refutações, e toda a mascarada intelectual que as acompanha, são apenas os sintomas de uma mudança do gosto, e não, certissimamente que não, aquilo por que são ainda geralmente consideradas; as causas dessa mudança do', gosto. Como é que chega a modificar-se o gosto geral? Devido ao fato de particulares, pessoas poderosas e influentes, pronunciarem sem-vergonha o seu *hoc est ridiculum, hoc est absurdum*, quer dizer, o veredicto dos seus não-gostos, e imporem com tirania: submetem assim muitas pessoas a uma violência que, pouco a pouco, se torna um hábito para um público ainda maior, e final mente necessidade para todos.

Quanto ao fato de esses particulares sentirem e “gostarem” de modo diferente dos outros, tem ele geralmente a sua causa na particularidade da sua maneira de viver, de se alimentar e de digerir; é talvez devido à presença de um excesso ou de uma falta de sais inorgânicos no seu sangue ou no seu cérebro, em resumo, ao seu caráter físico: mas têm a coragem desse caráter físico, têm a coragem de lhe ouvir as exigências mesmo nos seus mais finos matizes: os seus juízos estéticos e morais fazem parte desses “finos matizes” do físico.

40 — Da ausência de distinção. — Os soldados e os seus chefes mantêm ainda entre eles relações de natureza superior às que existem entre operários e patrões. Provisoriamente pelo menos, qualquer civilização de tipo militar se encontra muito acima daquelas a que se dá o nome de industriais: estas, sob o seu aspecto presente, são a mais baixa forma de existência que foi possível ver até aos nossos dias. Só são regidas pela necessidade: quer-se viver e é-se obrigado a vender-se, mas despreza-se aquele que explora esta situação inevitável e que compra o operário. Coisa singular, há menos dificuldade em se submeter a pessoas poderosas que inspiram o receio, mesmo o terror, aos tiranos e aos comandantes de exército, do que a desconhecidos sem interesse, como o são todos os magnates da indústria. O operário

só vê no patrão um cão astuto, um vampiro que especula com todas as misérias e cujo nome, pessoa, costumes e reputação lhe são perfeitamente indiferentes. Os fabricantes e os grandes negociantes mostraram provavelmente até aos nossos dias falta desses sinais que distinguem a raça superior, essas formas que são necessárias para tornar interessante uma personalidade-, se tivessem tido, no olhar e no gesto, a distinção da nobreza hereditária, não haveria talvez socialismo das massas. Porque as massas estão prontas, no fundo, a qualquer espécie de escravatura, desde que o chefe se prove incessantemente superior e legítimo o seu direito a comandar de nascença pela nobreza da forma. O homem mais vulgar sente que a distinção não se improvisa e que deve reverenciar nela o fruto do tempo; a ausência de forma e a clássica vulgaridade dos fabricantes de grandes mãos vermelhuscas levam, pelo contrário, a pensar que foram unicamente o acaso e a sorte que colocaram o patrão acima dele: pois muito bem! Pensa ele consigo, vamos também experimentar nós o acaso e a sorte! Lancemos os dados!... E o socialismo começa.

41— Contra o remorso. — O pensador vê nas suas próprias ações, pesquisas e perguntas destinadas a dar-lhe este ou aquele esclarecimento: o êxito, o fracasso, ou, pior, sentir remorsos, deixa isso aos que agem sob uma ordem e que esperam a varada, se o gracioso senhor não se mostrar satisfeito com o resultado.

42— Trabalho e Aborrecimento. — Procurar um trabalho para ganhar, é agora uma preocupação comum a quase todos os habitantes dos países de civilização; o trabalho é para eles um meio, deixou de ser um objetivo em si próprio; por isso são pouco difíceis na sua escolha desde que colham um grande lucro. Mas há naturezas mais exigentes que preferem perecer a trabalhar sem alegria; difíceis, pessoas que não se contentam com pouco e a quem um ganho abundante não satisfará se não virem no trabalho o ganho dos ganhos. Os artistas e os contemplativos de todas as espécies fazem parte dessa rara categoria, humana, mas também esses ociosos que passam a sua existência a caçar ou a viajar, a ocupar-se de comércios galantes ou a correr aventuras. Procuram todos o trabalho e o sacrifício na medida em que o trabalho e sacrifício podem estar ligados ao prazer, e, se necessário, o mais duro trabalho, o pior sacrifício.. Mas saídos, daí, são de uma decidida preguiça, mesmo se esta preguiça tiver de causar a ruína, a desonra, perigos de morte ou de doença. Receiam menos o aborrecimento do que um trabalho sem prazer: é preciso mesmo que se aborreçam muito para que o seu trabalho resulte. Para o pensador e o espírito inventivo o aborrecimento vem a ser esta “calma monótona” da alma, esta desagradável “calma monótona” que procede o cruzeiro feliz, os ventos alegres; é preciso que ele suporte esta calma, toda a gente lhe espera o efeito, à parte ele. E precisamente isso que as naturezas menores não podem obter delas! Expulsar o aborrecimento de qualquer maneira é vulgar, tal como trabalhar sem prazer. Eis talvez o que distingue o asiático do europeu: é capaz de um repouso mais demorado e mais profundo; mesmo os seus narcóticos agem lentamente e exigem paciência, ao contrário do veneno europeu, o álcool, de uma brusquidão repugnante.

43 — O que revelam as leis. — Ver no código penal de um povo uma expressão do seu caráter é equivocar-se grosseiramente; as leis não revelam aquilo que um povo é, mas aquilo que lhe parece estranho, esquisito, monstruoso, exótico. A lei refere-se às exceções, à moralidade dos costumes, e as penas mais duras atingem o que está de acordo com os costumes da nação vizinha. É assim que entre os loahabis existem apenas dois pecados mortais: ter um deus diferente do dos loahabis, e... fumar (é a isto que eles chamam “maneira vergonhosa de beber”). “E que pensam eles então do assassinio e do adultério?” perguntou com espanto o inglês a quem contavam estas coisas. “Ora”, respondeu o velho chefe, “Deus é clemente e misericordioso!”

Nos antigos Romanos encontrava-se a ideia de que a mulher só pode pecar mortalmente de duas maneiras: a primeira entregando-se ao adultério, a segunda... bebendo vinho. O velho Catão pensava que só se tinha criado o costume de se beijar entre parentes para poder controlar as mulheres a este respeito; este beijo indagava: cheira ela a vinho? Puniram-se verdadeiramente com a morte mulheres

surpreendidas a beber vinho; e não era certamente, só porque as mulheres, sob a influência desta bebida, perdessem às vezes a faculdade de dizer “não”; os romanos receavam acima de tudo o sopro orgíaco e dionisíaco que passava de vez em quando por estas mulheres do meio-dia, quando o vinho era ainda novidade na Europa; viam nisso um exotismo misterioso indicado para abalar as bases do sentimento romano; a embriaguez das mulheres traía Roma, albergava o sangue bárbaro nas artérias dos romanos.

44 — Os motivos em que se acredita. — Por mais importância que possa haver em conhecer os autênticos motivos que fizeram agir a humanidade até aos nossos dias, é talvez ainda mais importante, para quem procura o conhecimento, saber quais são aqueles em que o homem pode acreditar, quer dizer aqueles que a sua imaginação pode considerar como a alavanca dos seus atos. A sua felicidade, a sua miséria íntimas vieram-lhe com efeito da fé que teve nestes ou naqueles motivos, e não naquilo que foi o autêntico motivo. O autêntico motivo tem apenas um interesse de segundo grau.

45 — Epicuro. — Sim, estou orgulhoso por sentir o caráter de Epicuro como ninguém talvez o sente, e apreciar, em tudo o que aprendo a seu respeito, em tudo o que leio dele, a felicidade de uma tarde da antiguidade:... vejo o seu olhar errar sobre vastos mares esbranquiçados, sobre falésias onde repousa o sol, enquanto animais de todos os tamanhos vêm brincar à- sua luz, tranquilos e calmos como esta luz e este mesmo olhar. Semelhante felicidade só pode ter sido inventada por alguém que sofria sem descanso; é a felicidade de um olhar que viu apaziguar sob o seu olhar o mar da existência, e que de ora em diante já não pode satisfazer-se de ver esta superfície ondulante, esta epiderme delicada e fremente; nunca ali tinha havido até então semelhante modéstia da voluptuosidade.

46 — O nosso espanto. — É uma felicidade profunda, uma felicidade radical aquela que nos provoca a ciência ao descobrir coisas que se “aguentam de pé” e que dão sempre motivo a novas descobertas:... porque podia muito bem não ser assim! Que estou a dizer? Estamos tão persuadidos da incerteza e da loucura dos nossos juízos e da eterna transformação das leis e das ideias humanas que ficamos estupefatos de ver como os resultados da ciência se aguentam de pé! Antigamente não se sabia nada desta instabilidade de todas as coisas humanas, a tradição moral mantinha “o homem na ideia de que a totalidade da vida interior está presa por grampos eternos a uma necessidade de bronze...” talvez se experimentasse então esta volúpia do espanto de que falamos quando pedimos que nos contem fábulas, histórias de fadas. O maravilhoso fazia tamanho bem a essas pessoas que às vezes se deviam cansar da regra e da eternidade. Acabar finalmente por perder o pé! Planar! Errar! Ser louco!... era o paraíso, a embriaguez de antigamente: ao passo que a nossa beatitude se assemelha à do naufrago que acaba de chegar à costa e que se levanta com os dois pés plantados no velho solo, na terra firme... espantado de ela não vacilar.

47 — Da repressão das paixões. — Se é constantemente proibida a expressão das paixões como uma coisa “vulgar” que é necessário abandonar às naturezas grosseiras, aos burgueses, aos rústicos, se portanto se quer, não refrear as próprias paixões, mas apenas a sua linguagem e o seu gesto, nem por isso deixa de se atingir, ao mesmo tempo, aquilo que se não quer: refreiam- -se as próprias paixões, ou pelo menos saem elas enfraquecidas ,e transformadas; foi assim que sucedeu, exemplo instrutivo entre todos, à corte de Luís XIV e a tudo o que dela dependia. A época seguinte, educada no hábito de refrear a expressão das paixões, perdeu mesmo a própria paixão; foi ela substituída pela graça, pela frivolidade, pela ligeireza; foi uma época marcada pela incapacidade de se mostrar descortês: a tal ponto que só dirigia e só se conseguia ofender com considerações delicadas. Talvez a nossa época forneça a mais curiosa contrapartida desse século: vejo por toda a parte na vida, no teatro, e, do mesmo modo, em tudo o que se escreve, o prazer que se tem diante de qualquer fulgor grosseiro e de qualquer gesto malsão da paixão... por preço nenhum a própria paixão!... No entanto há-de acabar-se assim por encontrá-la, e os nossos netos terão uma sincera selvajaria, e não só a das maneiras ou a grosseria do tom.

48 — Conhecimento da miséria. — Talvez nada separe já as pessoas e as épocas a não ser o seu grau de conhecimento da miséria: tanto a da alma como a do corpo. No que se refere a esta última, talvez nós,

homens de hoje, apesar de todas as nossas fraquezas e das nossas enfermidades, sejamos ignorantes e fantasistas, por falta de experiência pessoal e experiência que teve a idade do medo — o mais demorado período da história — quando o indivíduo devia proteger-se por si próprio contra a violência e tornar-se a si próprio, para esse fim, um violento. Nessa época o homem fazia uma copiosa aprendizagem do sofrimento físico e da privação; via até no exercício de uma certa crueldade para consigo mesmo e no sofrimento voluntário um meio necessário à sua conservação; treinava-se então o seu meio a saber suportar o mal, acrescentando-o até de bom grado, e viam-se os piores suplícios dos outros sem experimentar outro sentimento que não fosse o da própria segurança.

Quanto à miséria da alma, continuo a examinar agora se — aquele que dela fala a conhece por experiência ou por leitura; se julga ser necessário, por exemplo, simular o conhecimento desta miséria, para testemunhar uma certa cultura ou se o ímo da sua alma se recusa a acreditar em bloco em todo e qualquer sofrimento moral; se, quando se designam esses sofrimentos, não se passa nele qualquer coisa de análogo ao que acontece quando lhe falam de grandes sofrimentos físicos: recordam-lhe as suas dores de dentes ou de estômago. Parece-me que a maior parte das pessoas é assim que sente. Já ninguém é treinado no sofrimento, nem físico nem moral, ninguém vê uma pessoa sofrer a não ser muito raramente; do que resulta uma consequência muito importante: é que se odeia agora o sofrimento mais do que antigamente que dele se diz mais mal do que nunca, e que se vai mesmo ao ponto de já nem sequer se lhe poder suportar a ideia: disso se faz uma questão de consciência e uma censura à existência, na sua totalidade. A floração de filosofias pessimistas não é de forma alguma indício de terríveis sofrimentos; muito pelo contrário, fazem-se estas interrogações sobre o valor geral da vida em épocas em que o conforto e a facilidade acham já cruéis, demasiado sangrentas, as pequenas picadelas de mosquitos que não se podem evitar nem ao corpo nem à alma e queriam, na penúria de autênticas experiências dolorosas, fazer aparecer a imaginação do suplício como um sofrimento de espécie superior.

Haveria real mente um remédio a indicar contra as filosofias pessimistas e o excesso de sensibilidade que me parece ser a verdadeira “miséria dos tempos presentes”,... mas talvez esta receita parecesse demasiado cruel; haviam de a classificar sem dúvida nenhuma no número dos sintomas em que se baseiam agora para considerar que “a vida é um mal”. Seja! O remédio contra “a miséria” chama-se: miséria.

49 — Da generosidade e de um sentimento aparentado. — Os fenômenos paradoxais, como a frieza repentina do sentimental, ou o humor do melancólico, ou ainda e, sobretudo, esta generosidade que consiste em renunciar a vingar-se ou a satisfazer um desejo, manifestam-se nas pessoas que possuem uma grande força centrífuga nos homens prontos às saciedades e aos desgostos. As suas satisfações são tão rápidas e tão violentas que são imediatamente seguidas pela repugnância, pelo desgosto: fogem imediatamente para o terreno oposto; depois a crise dos seus sentimentos resolve-se para eles neste contraste, num, por frieza repentina, noutro pela hilaridade, no terceiro pelos choros e pelo sacrifício. O homem generoso — aquele, pelo menos, que sempre causou maior impressão — parece-me ser um homem capaz da pior sede de vingança, que vê a possibilidade de a satisfazer imediatamente e esvazia já em imaginação a taça desse prazer até à última gota, tão copiosa- mente, tão absolutamente, que um formidável desgosto sucede imediatamente a este rápido excesso;... eleva-se então, como é costume dizer, “acima dele próprio”, e homenageia-o. Mas violentando-se assim, transformando assim em irrisão a sede de vingança que ainda há pouco o abrasava, não faz mais do que ceder a uma nova inclinação, ao nojo que acaba nesse instante de se apoderar de toda a sua alma, e fá-lo tão impacientemente, tão loucamente como no instante precedente antecipava em espírito a volúpia da vingança e, por assim dizer, a esgotava. Há na magnanimidade um egoísmo de teor idêntico à vingança, mas de qualidade diferente.

50 — O Argumento do Isolamento. — A censura da consciência, mesmo no mais consciencioso, pesa pouco diante deste pensamento: “Esta ou aquela coisa é contrária ao bom uso da tua sociedade.”. Um olhar frio, uma careta aborrecida das pessoas entre e pelas quais foi educado, é o bastante para meter

medo ao mais forte. Mas nesse caso que receava ele exatamente? O isolamento! O argumento que destrói os melhores argumentos em favor de um homem ou de uma causa!/. É assim que fala em nós o instinto do rebanho.

51— Veracidade. — Louvo todo o cepticismo que me permite que lhe responda: “Pois muito bem! Vamos lá experimentar-te”. Mas não quero voltar a ouvir falar em nenhuma questão que não autorize a experiência. Tais são os limites da minha “veracidade”: porque a partir daí a coragem perde os seus direitos.

52 — O que os outros sabem de nós. — O que sabemos de nós próprios, o que a nossa memória reteve, é menos decisivo do que se pensa para a felicidade da nossa vida. Chega um dia em que surge nela aquilo que, sabem os outros (ou julgam saber), de nós: damos-nos então conta de que a sua opinião é mais poderosa. Arranjamo-nos melhor com a má consciência do que com a má reputação.

53 — Onde começa o bem. — Há um limite a partir do qual a força visual do olho humano deixa de ser capaz de identificar o mau instinto tornado demasiado sutil para os seus fracos recursos; é aí que o homem faz começar o reino do bem; e a sensação de ter penetrado nesse reino desperta sincronicamente nele todos os instintos, os sentimentos de segurança, de bem-estar, e de benevolência, que o mal limitava e ameaçava. Por consequência: quanto mais o olhar é fraco, maior é o domínio do bem! Daí a eterna alegria do povo e das crianças! Daí o abatimento dos grandes pensadores, e o humor negro que é o seu, humor parente da má consciência.

54 — A Consciência e a Aparência. — Que admirável ponto de vista me dá o meu conhecimento sobre o conjunto da existência! Como o sinto novo! Mas que aterrador e irônico ao mesmo tempo! Descobri por mim que a velha humanidade, que a antiga animalidade, que a noite dos tempos na sua totalidade e o passado de qualquer ser sensível continuam a escrever em mim, a amar, odiar e concluir... desperto de súbito no meio deste sonho, mas acordo somente com a consciência de ter sonhado e de dever continuar a sonhar para não perecer: como deve fazer o sonâmbulo para não cair. O que é agora a aparência para mim! Não será certamente o contrário de um ser;... que saberia eu dizer de qualquer que não fosse, que não sejam os atributos da sua aparência! Certamente não uma máscara inanimada que se pode pôr e tirar a um X desconhecido! A aparência é para mim a própria vida e a própria ação, a vida que troça bastante de si para me fazer sentir que há nela apenas aparência, fogo-fátuo, dança dos elfos e nada mais: que no meio de tantos sonhadores também eu, que “conheço”, danço com o mesmo passo que os outros; que o “conhecedor” é um meio de que ela se serve para prolongar a dança terrestre, que ele faz parte, ao mesmo tempo, dos coregas da existência, e que o sublime espírito de sequência, a sublime coordenação de todos os conhecimentos é talvez o meio supremo que lhe permitirá manter a generalidade do devaneio, o entendimento de todos estes sonhadores, e, com isso, a duração do sonho.

55—A suprema nobreza de sentimentos. — O que é que confere “nobreza”? Não é certamente fazer sacrifícios; também o mais feroz voluptuoso os faz. Também não será concretamente, obedecer às paixões; há paixões desprezíveis. Nem fazer alguma coisa por outrem sem egoísmo, talvez seja no ser mais nobre que o egoísmo tem mais espírito de sequência. Não, é o fato de que a paixão que se apodera do ser nobre é coisa rara contra a sua vontade; é o emprego de uma medida singular, é uma espécie que todos os mais acham frias; é a adivinhação dos valores para os quais ainda se não encontrou balança; é o sacrifício que se faz em altares dedicados a deuses desconhecidos; é a coragem sem o desejo das honras; é um contentamento de si superabundante que se prodigaliza aos homens e às coisas. Até aqui eram portanto a raridade e a ignorância dessa raridade que conferiam nobreza a um ser. Mas deve considerar-se que este critério obrigou a julgar injustamente e a caluniar em bloco, em proveito da exceção, tudo o que era ordinário, correndo, indispensável, em resumo, tudo aquilo que mais servia para conservar a espécie, e que foi até agora regra geral entre os homens. Tornar-se o advogado da regra,... isso poderia ser a última forma que a nobreza de sentimento adotaria para se manifestar na terra; poderia ser essa a sua última delicadeza.

56— O desejo de sofrer. — Quando penso no desejo de fazer alguma coisa que afague e estimule incessantemente milhões de jovens europeus dos quais nenhum pode suportar nem o aborrecimento nem a si próprio, dou-me conta de que deve haver neles um desejo de sofrer, seja como for, a fim de extrair deste sofrimento, uma razão provável de agir, de fazer grandes coisas. É preciso sofrimento! Daí os gritos dos homens políticos, daí os inúmeros “sofrimentos” de todas as categorias possíveis, calamidades mentirosas, fabricadas e inchadas, e o cego ardor que se põe em acreditar nelas. Esse jovem mundo exige que seja de fora que lhe chegue ou lhe apareça... não a felicidade, a infelicidade; a sua imaginação afadiga-se já em lhe dar antecipadamente as proporções de um monstro, a fim de poder lutar em seguida com um monstro. Se estes sedentos de sofrimento sentissem em si força bastante para se “benfeitoarem” a eles mesmos, sem o concurso do mundo exterior, para fazerem alguma coisa a si próprios, saberiam também criar-se de dentro uma miséria altamente pessoal. As suas invenções poderiam então ser mais subtis, as suas sensações trazer consigo o som da boa música; ao passo que esperando, enchem o mundo com o seu grito de agonia e, muito francamente, por ricochete, com o sentimento da agonia que não existiria sem eles! Não sabem fazer nada se si próprios;... é por isso que rabiscam na parede a infelicidade dos outros! E de mais outros, até ao infinito!... Peço-vos perdão, meus amigos; tive a audácia de rabiscar, eu, a minha felicidade.

Livro Segundo



57 — Aos realistas. — Ó seres frios que vos sentis tão couraçados contra a paixão e a quimera e que tanto gostaríeis de fazer da vossa doutrina um adorno e um objeto de orgulho, dais-vos o nome de realistas e dais a entender que o mundo é verdadeiramente tal como vos aparece; que sois os únicos a ver a verdade isenta de véus e que sois vós talvez a melhor parte dessa verdade,... ó queridas imagens de Sais! Mas não sereis ainda vós próprios, mesmo no vosso estado mais despojado, seres supremamente obscuros e apaixonados se vos compararmos aos peixes? Não sereis ainda demasiado parecidos com artistas apaixonados?... E o que vem a ser a “realidade” aos olhos de um artista apaixonado? Ainda não deixaste de julgar as coisas como fórmulas que têm a sua origem nas paixões e nos complexos amorosos dos séculos passados! A vossa frieza está ainda cheia de uma secreta e inextirpável embriaguez! O vosso amor pela “realidade”, se for necessário escolher-vos um exemplo, que coisa antiga! Que velho “amor”! Não há sentimento, sensação, que não contenham uma certa dose, que não tenham sido, também, trabalhados e alimentados por qualquer exagero da imaginação, por um preconceito, uma sem-razão, uma incerteza, um receio, que dizer mais? Vede esta montanha, este mago. O que haverá de “real” neles? Experimentai tirar-lhes as nossas fantasmagorias, aquilo que os homens lhes acrescentaram, homens positivos! Ah se fôsseis capazes disso! Se pudésseis esquecer a vossa origem, o vosso passado, as vossas escolas preparatórias,... tudo o que há em vós de humano e de animal! Não há para nós nenhuma “realidade” — e o mesmo sucede convosco, homens positivos —, estamos longe de sermos tão estranhos uns para os outros como pensais, e a nossa boa vontade em ultrapassar a embriaguez é talvez tão respeitável como a crença que tendes de serdes incapazes de qualquer embriaguez.

58 — Só criando. — O que me custou e me custa ainda constantemente mais sofrimento, é dar-me conta de que é infinitamente mais importante conhecer o nome das coisas do que saber o que elas são. A sua reputação e o seu nome, o seu aspecto e a sua importância, a sua medida tradicional, o seu peso geralmente aceite — todas as qualificações que estiveram na origem dos frutos do erro e do capricho na sua maior parte, roupagens que se lançaram sobre elas sem tomar a precaução de as adaptar à sua essência e nem sequer à sua cor de pele — tudo isso, à força de ser acreditado, de se transmitir, de se fortificar em cada nova geração, acabou por se identificar com as próprias coisas, acabou por formar o seu corpo; a aparência primitiva acabava sempre por se tornar a essência e fazer o efeito da essência! Bem louco quem acreditasse que basta recordar essa origem e mostrar esse véu nebuloso da ilusão para destruir o mundo que passa por essencial, a que se chama “realidade”! Só criando o podemos aniquilar!... Mas não esqueçamos também isto: é que basta forjar nomes novos, novas apreciações e novas probabilidades para criar com o tempo também “coisas” novas.

59 — Artistas que nós somos!... — Quando amamos uma mulher acontece-nos às vezes odiar a natureza pensando em todas as necessidades desagradáveis a que submete esse ser; de bom grado repeliríamos estes pensamentos, mas logo que o nosso espírito os aflora estremece de impaciência, lança, como costumamos dizer, um olhar de desprezo sobre a natureza:... estamos amachucados, porque nos parece que ela vem patinhar nas nossas propriedades da maneira mais sacrílega. Tapamos os dois ouvidos para não ouvir a voz da fisiologia, e decretamos, por nossa decisão, que queremos resolutamente ignorar que o homem seja outra coisa senão alma e forma. O “homem subepidérmico” é uma abominação para todos os apaixonados, uma monstruosidade que blasfema de Deus e do amor.

Muito bem! Este sentimento experimentado pelo apaixonado perante a natureza e as funções naturais é aquele que tinha antigamente o adorador de Deus e do seu “poder total”; em tudo o que diziam da natureza os astrônomos, os geólogos, os fisiologistas e médicos, ele via uma violação dos seus domínios mais sagrados e por consequência um ataque... sem contar com a prova de imprudência da parte do assaltante! As simples “leis da natureza”, para ele, caluniavam já Deus, e no fundo ele não teria pedido

mais do que reduzir a totalidade da mecânica a atos de vontade e de arbítrio morais; mas não havendo ninguém capaz de lhe prestar este serviço, escondia o melhor possível natureza e mecânica, a fim de viver no seu sonho. Ah! Como essas pessoas antigas sabiam bem sonhar! Não tinham necessidade de adormecer para isso!... Nós, homens de hoje, ainda o sabemos fazer bem demais, também, apesar de toda a nossa boa vontade em nos mantermos acordados e em viver à luz do dia! Basta que surja o amor, o ódio, o desejo, um sentimento qualquer, para que imediatamente desçam em nós o espírito e a força do sonho! E eis-nos, de olhos abertos, insensíveis a qualquer perigo, subindo o caminho mais perigoso que possa levar ao alto das torres e dos telhados da imaginação! Sem uma vertigem, como escaladores natos,... sonâmbulos do pleno dia, artistas que somos, ocultadores do natural, lunáticos do divino! Mudos como a morte, peregrinos infatigáveis, passando por alturas que não vemos, que tomamos pelo contrário pelas nossas planuras, pelas supremas seguranças!

60 — As mulheres, o seu efeito a distância. — Ainda ouvirei? Ainda serei todo ouvidos, apenas ouvidos e nada mais? Eis- -me no meio do incêndio das vagas, no desencadear destas línguas brancas que sobem a lambar-me os pés;... o mar uiva de todos os lados e ameaça, grita, estride contra mim, enquanto no mais profundo dos fundos o velho abalador da terra, canta o seu ritmo surdo como um mugido de fera e bate o compasso com o seu canto de tal ritmo sísmico, que esses monstros de rochas que aqui se esboroam sentem eles próprios saltar-lhes o coração dentro do seu granito. É então que, repentinamente, nascido do nada, aparece às portas deste labirinto infernal, apenas a algumas braçadas de mim,... um grande veleiro que vai deslizando, silencioso como os espetros. Oh! Fantasmática beleza! Que encanto se apodera de mim! O quê? Embarcaram nele todo o silêncio, todo o repouso do mundo? A minha felicidade estará realmente ali, sentado nesse lugar tranquilo, o meu eu mais venturoso, o meu segundo eu eternizado? Nem já morto, nem ainda vivo? Será um ser intermediário, um destes espíritos contemplativos que deslizam e vogam em silêncio? Semelhante a esse navio de velas brancas que vai correndo pelo mar obscuro como uma imensa borboleta? Ah sim! Vogar acima da existência! É isso! Eis o que seria necessário!... Más o quê! O estrondo das águas não me teria mergulhado no delírio? Qualquer grande rumor tem como resultado obrigar-nos a colocar a felicidade no silêncio e na distância. Quando um homem se encontra no meio do seu barulho, no meio do desencadear dos seus projetos e dos seus contraprojetos, acontece-lhes às vezes passar junto dele, seres tranquilos e feéricos de quem inveja o afastamento e a ventura: são as mulheres.

Não está então longe de pensar que o seu melhor eu está lá em baixo, junto delas; que nesses lugares silenciosos o pior estrondo da ressaca se transforma em calma tumular e que a própria vida é um sonho. Todavia! Todavia! Nobre sonhador, há nos mais belos veleiros muito barulho e muita algazarra, e algazarra que é, ai de mim!, deveras mesquinha! O encanto da mulher, o seu efeito mais poderoso, é, para empregar a linguagem dos filósofos, uma “atio in distans”, uma ação a distância: e esse efeito necessita precisamente acima de tudo de... uma distância!

61 — Em honra da amizade. — A Antiguidade via na amizade o mais nobre dos sentimentos; ia ao ponto de a prezar mais do que a altivez tão gabada desses sábios que limitavam as suas necessidades ao mínimo, fazia dela até a sua única rival, e a rival feliz, dessa altivez: é o que bem exprime a história desse príncipe da Macedônia que, tendo dado um talento a um filósofo ateniense que fazia profissão de desprezar o mundo, viu o sábio devolver-lhe a moeda. “Mas então!” Disse ele, “nem um amigo tem?” Queria dar com isso a entender que ele honrava essa altivez do homem sábio e independente, mas que teria honrado muito mais a humanidade desse mesmo homem se a amizade tivesse sido nele mais forte do que a altivez. O filósofo tinha-se diminuído a seus olhos mostrando que ignorava um dos dois sentimentos mais nobres do mundo, e o mais nobre dos dois!

62 — Amor. — O amor perdoa até o desejo do ser amado.

63 — A mulher na música. — Porque razão os ventos cálidos e chuvosos trazem com eles o gosto da música e a inspiração melódica? Não são os mesmos ventos que enchem as igrejas e que sopram

pensamentos amorosos às mulheres?

64 — Céticas. — Receio que as mulheres, quando chegam a velhas, sejam no segredo do seu coração, mais cépticas do que todos os homens: veem a própria essência da vida no seu aspecto superficial, e qualquer virtude, qualquer profundidade, são para elas apenas o véu desta “verdade”, o véu extremamente desejável de qualquer “pudendum”... objetos de pudor, de conveniência, e mais nada.

65 — Dom de si próprio. — Há mulheres nobres que, por falta de um certo recurso do espírito, não sabem encontrar outro meio para exprimir o seu maior abandono que não seja oferecer a sua virtude, o seu pudor: trata-se do seu mais precioso tesouro. E não é raro que este dom seja aceite sem que o benefício se encontre tão fortemente obrigado como o supunha a doadora;... uma história deveras melancólica!

66 — A força dos fracos. — Todas as mulheres são hábeis em enxergar a sua fraqueza; inventam-na engenhosamente para produzir o efeito de ornamentos tão frágeis que um grão de pó lhes vai fazer mal: é preciso que o homem, por contraste, sinta vivamente a sua brutalidade e dela faça um caso de consciência. É assim que elas se defendem contra o punho e lei do mais forte.

67 — Simular. — Agora ama-o, e não abandona de ora em diante o olhar de tranquila confiança que vemos nas vacas: mas cuidado! O seu encanto era precisamente parecer essencialmente mutável, inapreensível; porque havia já demasiado “belo fixo” nele. Não seria preferível que ela fingisse manter o seu antigo caráter? Que simulasse a indiferença? Não seria o próprio amor que lho aconselharia? Vivat comaedia!

68 — Vontade e docilidade. — Levaram um jovem a um sábio a quem se disse: “Aqui está um rapaz a quem as mulheres estão em via de corromper”. O sábio abanou a cabeça e sorriu: “São os homens” exclamou, “são os homens que corrompem as mulheres! O que falta à mulher deve ser expiado pelo homem e corrigido nele,... porque é o homem que se cria a imagem da mulher e a mulher que seguidamente se modela conforme essa imagem”. “Es demasiado benevolente para com as mulheres”, disse um daqueles que ali estava; “não as conheces”. O sábio respondeu: “O gênero do homem é a vontade, o da mulher a submissão,... tal é a lei dos sexos, sim, pois! Uma dura lei para a mulher! Todos os humanos estão inocentes da sua existência, mas as mulheres estão-no à segunda potência: quem será portanto capaz de ter para elas suficiente doçura, suficiente brandura?” “Que temos nós com a brandura? Que temos nós com a doçura?”, respondeu alguém da multidão: “Mais vale educar as mulheres!” — Mais vale educar os homens”, disse o sage e fez sinal ao jovem para que o seguisse. Mas o jovem não deu um passo para o acompanhar.

69 — Faculdade de vingança. — Não se poder defender e não o querer fazer em virtude desta impotência ainda não é vergonha a nossos olhos: mas desprezamos aquele que não tem nem a força nem a boa vontade de o fazer, homem ou mulher, indiferentemente. Uma mulher poderia fixar-nos (ou “apanharmos”, como se costuma dizer) se não a julgássemos capaz, em caso de necessidade, de se servir do punhal contra nós (existem todas as espécies de punhais)?... ou contra ela, o que, em certos casos, seria a vingança mais sensível (a chinesa)

70 — As dominadoras dos senhores. — Uma voz de soprano, profunda e poderosa, como se ouve às vezes no teatro, abre-nos de repente o pano para possibilidades nas quais não acreditamos de ordinário: eis-nos repentinamente convencidos de que pode haver em qualquer parte do mundo mulheres de almas sublimes, heroicas e reais, capazes de réplicas, de decisões e de sacrifícios grandiosos, prontas a tudo isso, assim como prontas a dominar os homens e capazes de o conseguir, porque o melhor do homem, negligenciando o sexo, se tornou para elas um ideal vivo. Sem dúvida essas vozes, conforme a intenção do teatro, não deveriam precisamente dar essa ideia da mulher: são geralmente utilizadas em traduzir o amor masculino nos papéis de jovem ator principal, um Romeu por exemplo: mas, a julgar pela minha experiência, o teatro e o músico equivocam-se regularmente esperando semelhantes efeitos de semelhantes vozes. Não se acredita nesses apaixonados: essas vozes ficam sempre manchadas por um

matiz maternal e doméstico, que precisamente nunca é mais acentuado do que quando o seu timbre exprime o amor.

71 — Da castidade feminina. — Há alguma coisa de espantoso e de monstruoso na educação das mulheres e da boa sociedade; talvez não haja mesmo nada mais paradoxal. Toda a gente concorda em as educar na maior ignorância possível de tudo o que diz respeito ao amor, em dele lhes inspirar uma vergonha profunda, em lhes ensinar a impacientar-se terrivelmente e a fugir diante da menor alusão erótica. É unicamente neste ponto que se faz assentar “a honra” das mulheres; o que é que se não lhes perdoará noutro domínio! Mas neste devem conservar-se ignorantes até ao fundo da alma:... devem manter-se diante do “mal”, esse mal que é o seu mal específico, cegas, surdas e mudas; não devem ter um pensamento para ele; pior, conhecê-lo é já “mal”. E, depois de tudo isto, eis essas mesmas mulheres lançadas nesse conhecimento e nessa realidade como devido a um raio; é o casamento, e o iniciador é o homem que elas devem amar e respeitar mais do que qualquer outra corsa! É preciso que elas descubram o amor batendo-se contra o pudor, que conheçam ao mesmo tempo o encanto, o abandono, o dever, a piedade, o sacrifício, o susto diante da proximidade inesperada do Deus e da besta! Que mais ainda! Na verdade é enlaçar na sua alma uma variedade de sentimentos que inutilmente se procurará igualar! Com toda a sua curiosidade, com toda a sua compaixão o mais sábio dos psicólogos não seria capaz de chegar a compreender como é que esta ou aquela mulher conseguem chegar a descobrir a solução deste enigma, a reencontrar-se neste enigma de solução; nem a adivinhar as suspeitas atrozidades, e as múltiplas desconfianças que não podem deixar de despertar nessa pobre alma que saiu fora de si; nem onde o seu supremo cepticismo, ou a sua última filosofia vão lançar a âncora nestes fundos!

Depois é o mesmo silêncio que anteriormente, era o mesmo profundo silêncio: ela cala-se muitas vezes mesmo diante de si própria, fecha os olhos sobre si própria.

As mulheres novas esforçam-se vivamente por parecer superficiais e cabeças no ar; as mais sutis simulam uma espécie de desenvoltura.

As mulheres veem muitas vezes no marido uma espécie de ponto de interrogação colocado diante da sua honra, nos filhos apologia ou penitência;... precisam deles e desejam-nos num sentido completamente diferente daquele que pertence ao homem... Em resumo nunca poderá ser demasiado indulgente para com elas.

72 — As mães. — Os animais têm da mulher uma opinião diferente daquela que pertence aos humanos; a fêmea é para eles o elemento produtivo. Ignoram o amor paterno; encontra-se neles alguma coisa parecida com o afeto que se pode ter pelos filhos de uma amante e com o hábito que se ganha deles. Nas fêmeas os filhotes satisfazem um apetite de domínio, de propriedade; eles ocupam-nas, elas compreendem-nos inteiramente, são parceiros de conversa; tudo isso é o amor materno, comparável ao amor do artista pela sua obra. A prenhez torna as fêmeas mais suaves, mais pacientes, mais receosas, mais submissas; do mesmo modo a prenhez intelectual cria o carácter contemplativo que se aparenta com o das mulheres; os contemplativos são as mães masculinas. Nos animais o belo sexo é o dos machos.

73 — Santa crueldade. — Um homem veio ter com um santo, trazendo consigo um recém-nascido, “Que hei-de fazer desta criança?”, perguntou ele; “é miserável, indesejada, e não tem vida bastante para morrer”. “Mata-a”, exclamou o santo com voz terrível, “mata-a e trá-la em seguida durante três dias e três noites nos teus braços para guardares para sempre memória dela;... assim não te voltará a acontecer engendrar um filho enquanto não tiver chegado a hora”.

Tendo ouvido estas palavras o homem foi-se embora desapontado; e muitos lançaram-se contra o santo por ter aconselhado uma coisa cruel, por ter aconselhado que se matasse a criança.

“Mas não será mais cruel deixá-la viver?”, respondeu o santo.

74 — As sem êxito. — Nunca têm êxito, essas pobres mulheres que se tornam inquietas e incertas” e falam demais em presença daquele que amam: porque é uma ternura discreta e fleumática que seduz mais seguramente os homens.

75 — O terceiro sexo. — Um homem pequeno é um fenômeno paradoxal, mas nem por isso deixa de ser um homem; ao passo que uma mulher pequena, me parece, junto das altas, pertencer a outro sexo, assim dizia um velho mestre de dança. E o velho Aristóteles dizia que uma mulher pequena nunca é bonita.

76 — O maior perigo. — Se não tivesse havido em todos os tempos uma maioria de homens para fazer depender o seu orgulho, o seu dever, a sua virtude da disciplina do seu espírito, da sua “razão”, dos amigos do “bom senso”, para se sentirem feridos e humilhados pela menor fantasia, o menor excesso da imaginação, a humanidade já teria naufragado há muito tempo. A loucura, o seu pior perigo, não deixou nunca, com efeito, de planar por cima dela, a loucura prestes a estalar,... quer dizer a irrupção da lei do bom prazer em matéria de sentimento de sensações visuais ou auditivas, o direito de gozar com o jorro do espírito e de considerar como um prazer a irrisão humana. Não são a verdade, a certeza que estão nos antípodas do mundo dos insensatos; é a crença obrigatória e geral, é a exclusão do bom prazer no ajuizar. O maior trabalho dos homens foi até agora concordar sobre uma quantidade de coisas, e fazer uma lei desse acordo,... quer essas coisas fossem verdadeiras ou falsas. Foi a disciplina do espírito que preservou a humanidade,... mas os instintos que a combatem são ainda tão poderosos que em suma só se pode falar com pouca confiança no futuro da humanidade. A imagem das coisas desloca-se e desajusta-se ainda sem cessar, talvez até se modifique agora mais depressa e mais amiudamente do que nunca; sem cessar os espíritos distintos, — e precisamente os mais distintos — e os exploradores da verdade à frente, se rebelam contra o conformismo! Vê-se incessantemente esta fé, pelo fato de a quererem universal, provocar nas pessoas subtis novas repulsas, ao mesmo tempo que novas concupiscências; só a lentidão do ritmo que ela impõe aos processos intelectuais — esse passo copiado da tartaruga que faz lei no reino conformista — basta já para converter em desertores os artistas e os poetas; é nestes espíritos impacientes que estala o verdadeiro prazer de ser loucos: a loucura tem um ritmo tão alegre! Há portanto necessidade de virtuosas inteligências, há necessidade — vou, ai de mim, empregar a palavra que menos se preste ao equívoco — há necessidade da virtuosa estupidez, há necessidade dos inabaláveis marcadores do compasso do espírito vagaroso para que a dança possa continuar: é uma necessidade primária que a dirige e que a exige. Nós, nós somos a exceção, o perigo, nós devemos estar sempre na defensiva. Pois seja!

Há verdadeiramente alguma coisa a dizer em favor da exceção, com a condição de que ela nunca queira se transformar em regra.

77 — A animalidade sem remorso. — Não me escondo o que há de vulgar em tudo o que agrada no sul da Europa, quer seja a ópera italiana (por exemplo os Rossini e os Bellini), ou o romance de aventuras espanhol (que nos é sobretudo acessível sob o disfarce francês de Gil Blas); mas esta vulgaridade não me fere mais do que aquela que se encontra passeando por Pompeia ou mesmo lendo os antigos: de onde vem isso? Será da ausência de pudor que aqui reina? Do fato de a vulgaridade, na música ou no romance, se apresentar tanto à-vontade e tanta confiança como o nobre, o amável e o apaixonado? “O animal tem os seus direitos como o homem: pode vaguear em liberdade, e também tu, meu caro próximo, tu próprio, és esse animal, apesar de tudo!” Tal é, parece-me, a moral da história e a particularidade da humanidade meridional.

O mau gosto tem os seus direitos, do mesmo modo que o bom, e tem até um privilégio sobre ele quando se trata da grande necessidade, de satisfação certa, da linguagem de toda a gente de qualquer maneira, uma máscara, uma atitude imediatamente compreendida; o bom gosto, o gosto escolhido, pelo contrário, tem sempre alguma coisa de rebuscado, de ousado; não está certo de ser compreendido; não é popular e nunca o foi! O que o é e continua a sê-lo é a máscara! Vamos lá então jogar em tudo o que é mascarada nos ritmos e nas cadências, nos saltos e nas alegrias do ritmo destas óperas! E a vida antiga! O que é que se poderá compreender nela se não se sentir o prazer da máscara, a boa consciência de tudo o que está disfarçado! É o banho de repouso, é o reconforto do espírito antigo; e talvez seja mais

necessário ainda aos espíritos raros e sublimes do que aos vulgares.

Em compensação, nas obras do Norte, a música alemã, por exemplo, fico profundamente ofendido por qualquer vulgaridade de estilo. Aqui, existe o pudor; o artista humilhou-se perante si próprio, e nem sequer conseguiu impedir-se de corar; e nós coramos com ele; sentimos uma grave ofensa porque adivinhamos que ele se julgou obrigado a descer por nossa causa.

78 — Matéria de gratidão. — Foram os artistas, e nomeadamente os do teatro, que primeiro deram aos homens olhos e ouvidos para ver e para ouvir com algum prazer aquilo que é, aquilo que vive, aquilo que cada pessoa quer; foram eles que primeiro nos ensinaram a dimensão do herói que se esconde no homem médio, e a arte de nos encarmos a nós próprios como heróis, a distância e, por assim dizer, simplificados e transfigurados... a arte de se “pôr em cena” diante de si. É só assim que se consegue passar por cima de alguns pormenores mesquinhos da própria natureza! Sem essa arte nunca seríamos outra coisa que não fosse primeiro plano e viveríamos na escravatura desta óptica que, engrossando desmedidamente o que há de mais próximo e de mais vulgar, tende a fazer-se tomar pela realidade em si.

Talvez vantagem semelhante se prenda a esta religião que mandou examinar separadamente com um vidro de aumentar a culpabilidade de cada um e fez do pecador um grande criminoso imortal: desenhando em volta do homem perspectivas eternas, ensinou-lhe a olhar-se de longe, no conjunto, como uma coisa passada.

79 — Encanto da imperfeição. — Vejo aqui um escritor que, como tantas pessoas, seduz mais pelas suas imperfeições do que por tudo que consegue e ultima; pode mesmo dizer-se que a sua glória e a sua superioridade derivam da sua impotência em finalizar mais do que do seu abundante vigor. A sua obra nunca exprime a fundo aquilo que quereria dizer exatamente, aquilo que desejaria ter visto perfeitamente: parece ter havido nele o antegosto de uma visão e nunca essa própria visão:... mas dela lhe ficou no fundo da alma prodigioso desejo, e é nela que vai mergulhar a sua tão prodigiosa eloquência: a do desejo e a de uma imensa fome. É graças a ela que eleva aqueles que o ouvem acima da sua obra e de todas as “obras”, que lhes dá asas para subir mais alto do que qualquer auditório alguma vez o consegue; e, transformados assim eles próprios em poetas e em videntes, prestam ao artífice da sua felicidade a mesma homenagem de admiração que lhe prestariam se ele os tivesse levado à imediata contemplação do seu santuário mais íntimo e mais sagrado, a mesma homenagem se ele tivesse atingido o seu objetivo, se ele tivesse verdadeiramente visto e mostrado a sua visão. A sua glória aproveita-se do fato de não ter exatamente atingido o seu objetivo.

80 — Arte e natureza. — Os gregos (pelo menos os atenienses) gostavam de ouvir falar bem. Era para eles uma viva predileção que os distingue de qualquer outra nação. Exigiam essa bela linguagem mesmo na paixão, nas peças de teatro, e banhavam-se com delícias nas artificiais versificações do drama: a paixão, na vida, é tão avara de palavras! Tão muda! Tão embaraçada! Ou quando encontra palavras, tão confusa e desarrazoada! Tem tanta vergonha de si! Todos nos habituamos, graças aos gregos, a essa falta de natural do drama; os italianos ensinaram-nos a suportar da mesma forma, e de bom grado, essoutra falta de natural: o da paixão que canta. Tornou-se-nos a partir de agora uma necessidade, que a realidade não seria capaz de satisfazer, ouvir homens falar bem e copiosamente nas mais críticas situações: ficamos encantados, agora, por ver o herói trágico encontrar ainda frases, razões, atitudes eloquentes e, em suma, ficar lúcido quando a vida passa ao lado dos abismos que fariam, na realidade, perder a cabeça à maior parte dos homens e a todos tiraria o gosto de bem falar. Esta espécie de desvio da natureza é talvez o mais agradável alimento do orgulho humano; é ela que anima a arte de uma maneira geral; a arte, expressão de uma falta de natural, de uma convenção superior, heroica. Acusa-se com boas razões o dramaturgo que não exprime e não explica tudo, que conserva sempre um resto de silêncio; fica-se descontente com ele como com o compositor que não sabe encontrar melodia para exprimir na ópera os instantes agudos da paixão e se contenta com o “natural”: o balbucio ou o grito. É nesse momento, justamente, que é preciso contradizer a natureza! É nesse momento, justamente, que o encanto vulgar da

ilusão deve ceder o passo a um encanto superior! Os gregos vão muito longe nesse caminho... vão aterradoramente longe! Da mesma forma que constroem o palco, tão estreito quanto possível, e proíbem ao ator qualquer jogo fisionômico, toda a espécie de mímica ligeira para fazer dele um solene espantalho, rígido e mascarado, assim retiram à paixão toda a espécie de profundidade do plano de fundo para lhe impor a lei do belo discurso; ainda melhor! Puseram tudo em ação para contrariar o efeito elementar das imagens que despertam o receio ou a piedade: porque não queriam esse receio e essa piedade. Honra, grande honra, a Aristóteles, mas decerto ele não acertou quando falou do objetivo supremo da tragédia grega. Examinai os trágicos gregos, procurai aquilo que mais manteve o seu zelo, o seu gênio inventivo e a sua emulação... não era certamente o desejo de subjugar o espetador por meio das paixões! O ateniense ia ao teatro para ouvir belos discursos! E era de belos discursos que Sófocles se preocupava! — Perdoem-me esta heresia!

Sucede de maneira absolutamente diferente com a ópera séria: todos os grandes mestres se empenham em evitar que as suas personagens sejam compreendidas... Uma palavra apanhada de raspão pode ir ajudar só por si o espetador desatento, mas é preciso que a situação se explique por si própria no conjunto; o discurso não tem importância. “Foi assim que todos eles pensaram; divertiram-se com as palavras.” Talvez só lhes tenha faltado alguma coragem para ir até ao fundo do desprezo que têm por elas: tivesse Rossini um pouco mais de cinismo e as suas personagens não teriam cantado mais do que trá-lá-lá; e não teria sido sem razão! Porque se não acreditar “sob palavras”, mas “sob som”, nas personagens da ópera. E devido ao amor por esta diferença, por esta bela desnaturação, que se vai ouvir tais peças! O próprio recitativo seco não pede no fundo outra coisa que não seja ser considerado como um texto: esta espécie de meia música é antes feita para dar ao ouvido do italiano um pequeno repouso que o acalme da audição da melodia — que é o gozo mais sublime, por consequência o mais fatigante desta arte —, mas bem depressa se transforma noutra coisa: numa impaciência crescente, numa crescente resistência, num novo desejo de melodia; de música completa.

O que há na arte de Richard Wagner a este respeito? Sucede a mesma coisa? Acontece de forma diferente? Muitas vezes me pareceu que era necessário ter aprendido antes da representação o libreto e a partitura das suas obras, porque sem isso — era essa pelo menos a minha impressão — não se ouviam nem as palavras nem a música.

81 — Gosto grego. — “Que há aí de belo?”, perguntava aquele topógrafo ao sair de uma representação de Ifigênia. “Não se prova ali coisa alguma!” Será assim tão certo que os gregos tenham estado muito longe de partilhar esta opinião? Em Sófocles, pelo menos, “tudo se prova”.

82 — O espírito, coisa alheia dos gregos. — Os gregos, em todos os seus pensamentos, levam a lógica e a simplicidade ao extremo; e delas nunca se cansaram, pelo menos durante a totalidade da sua melhor época, ao invés de tantos franceses que adoram roubar de vez em quando o branco ao preto e, no fundo, não suportam a lógica senão quando ela trai, devido a múltiplas reviravoltas deste gênero, à sua gentileza e à sua abnegação social. Parece ela, ao francês, tão necessária como o pão e a água, mas ao mesmo tempo como esse pão e essa água não é para ele mais do que rancho de prisioneiro logo que é obrigado a consumi-la sozinha. Na boa sociedade é preciso nunca procurar ter só e completamente razão, como o quer a lógica pura: de onde a pequena parcela de irrisão que sempre acusa o espírito francês.

A sociabilidade estava consideravelmente menos desenvolvida nos gregos do que esteve e está ainda nos franceses: é isso que faz com que haja tão pouco espírito nos seus homens mais espirituais, tão pouca mordacidade nos seus gracejadores, tão pouco... — ai! Eis que já deixaram de acreditar em mim! E contudo conservo no coração tantas outras reflexões da mesma natureza!... *Est res magna tacere*”, diz Marcial com todos os faladores.

83 — Traduções. — Pode julgar-se o sentido histórico de uma época pela maneira como traduz como procura assimilar os velhos séculos e os velhos livros. Os franceses, no tempo de Corneille, ou seja no

momento da Revolução, apoderam-se da antiguidade romana com gestos de que nós já não teríamos a coragem, por causa da evolução do nosso sentido histórico. Quanto à antiguidade latina... com que violência, e que ingênua violência! Não fazia ela mão-baixa em tudo o que havia de grande e de belo no que era a Grécia antiga nessa época! Como esses romanos transpunham para o presente! Como faziam desaparecer a poeira das asas da borboleta-momento! Com que desprendimento! Com que premeditação! Horácio traduz aqui e além uma passagem de Alceu, de Arquilóquio; Propércio faz o mesmo com Clímaco ou Filetas (poetas do mesmo nível que Teócrito, se nos é permitido julgar); que lhes importava que o verdadeiro criador tivesse vivido esta ou aquela coisa e que lhe tivesse gravado a marca nos seus versos! Poetas, viam com maus olhos o espírito pesquisador da arqueologia que precede o sentido histórico; poetas, desprezavam os nomes, as coisas puramente individuais, o que não era, máscara e fato, particular senão a uma cidade, a uma região, ou a um século; apressavam-se a substituí-la por uma atualidade romana. Parecem perguntar-nos: “Não será que devemos renovar a antiguidade para nosso uso? Alojarmo-nos comodamente nela, nós, os de hoje? Não será legítimo insuflar a nossa alma nesse corpo morto? Porque, enfim, ele está morto; e qualquer cadáver é tão feio!” Ignoravam eles as volúpias do sentido histórico; sentiam-se ofendidos por qualquer exotismo, por qualquer passado, que despertavam neles o conquistador romano. De fato conquistava-se então traduzindo... não somente negligenciando a história, mas mais ainda, acrescentando a alusão à atualidade, e riscando, para começar, o nome do autor a fim de o substituir pelo seu; de modo algum com a ideia de roubar; não, com a melhor consciência do mundo, com a do imperium romanum.

84 — Da origem da poesia. — Os amadores do fantástico humano, os representantes da doutrina da moralidade instintiva, assim raciocinavam: “Se admitirmos que o homem reverenciou desde sempre a utilidade como sendo a divindade suprema, de onde pode surgir a poesia, divisão rítmica que mais obscurece o discurso do que o esclarece, e que, contudo, proliferou tão esplendidamente que ainda prolifera tão esplendidamente na terra, para imediata vergonha de todos os utilitarismos? A magnífica e selvagem irrisão da poesia refuta-vos, sectários do útil! Foi precisamente a vontade de se libertar do útil que elevou o homem acima dele próprio, que lhe inspirou a arte e a moralidade!”

Eis pois. Ora muito bem, desta vez só posso defender a causa dos utilitaristas — têm tão raramente razão que chega a causar dó. Porque era realmente à utilidade, a uma utilidade muito grande, que se visava nos tempos antigos que criaram a poesia, quando se fez penetrar o ritmo no discurso, o ritmo, esta força que volta a ordenar rodos os átomos da frase, que força a escolher as palavras e dá nova cor ao pensamento, tornando-o mais obscuro, mais estranho, mais distante: utilidade supersticiosa evidentemente! Queria-se por meio do ritmo imprimir mais profundamente o desejo dos homens no cérebro dos deuses, porque se tinha observado que um verso se retém melhor do que uma frase de prosa; pensava-se igualmente, graças ao tiquetaque rítmico, em se fazer entender a maior distância; parecia que a prece ritmada se devia aproximar mais do ouvido dos deuses. Mas sobretudo: queria dar-se o benefício da constrição elementar, deste efeito de ataque brusco que a música revela ao homem: o ritmo é uma constrição; engendra um irresistível desejo de ceder, de fazer eco; não são apenas os pés que seguem a cadência do compasso, a alma também... e provavelmente, a dos deuses faz a mesma coisa, acabava por se concluir! Procurava-se portanto constrangê-los, violentá-los por meio do ritmo: a poesia foi um laço mágico que se lhes passou à volta do pescoço. Existia ainda uma ideia mais esquisita; e foi precisamente ela que contribuiu mais poderosamente para fazer nascer a poesia. A poesia aparece-nos, com os pitagóricos, como ensinamento filosófico e artifício de pedagogo; mas muito antes de ter havido filósofos, atribuía-se à música, e mais precisamente ao ritmo musical, a faculdade de descarregar as paixões, de purificar a alma, de suavizar a ferocia animi. A tensão normal da alma, a sua harmonia, acabava por se perder, era necessário começar a dançar acompanhando o compasso do canto... era o que receitava essa terapêutica.

Aplicando-a, Terpandro apaziguou uma sublevação, Empédocles acalmou um furioso e Dámon curou

um jovem que estava doente de amor; aplicando-a podia igualmente tratar-se dos deuses que se tinham tornado furiosos, quando a vingança os dominava. E para isso, em primeiro lugar, elevava-se ao máximo a extravagância do seu direito e da sua paixão, tornava-se frenético o furioso, o sedento de vingança bêbado da sua necessidade; todos os cultos orgíacos se propõem satisfazer, de uma vez para sempre, uma orgia, a ferocia do deus, para que ele se sinta em seguida mais desprendido, mais calmo, e deixe os homens em paz. Meios, etimologicamente, significa meio de apaziguamento, não porque o canto seja suave em si próprio, mas porque os seus efeitos ulteriores tornam suave. E não é apenas o canto religioso que pressupõe que o ritmo exerce uma força mágica; o canto profano das épocas mais distantes também o faz, como o dos aguadeiros ou dos remadores; este canto devia encontrar os demônios que se considerava entrarem em jogo no decurso destas operações; os torna dóceis, os capta e faz deles instrumentos do homem. Sempre que se age há razões para o canto, qualquer ação tem necessidade do socorro dos espíritos. Os cantos mágicos e as encantações parecem ter sido as formas primitivas da poesia. Se os oráculos se exprimiam também em verso — os gregos diziam que hexâmetro tinha sido inventado em Delfos —, é porque o ritmo, ainda neste caso, devia exercer a sua constrição. Fazer-se profetizar, significa primitivamente — seguindo a etimologia da palavra grega que me parece mais provável — submeter-se a uma determinação, julga-se poder constrianger o futuro conquistando Apoio para a sua causa, porque Apoio, conforme as velhas tradições, é muito mais do que um deus que prevê. Logo que a fórmula é pronunciada, com a condição de respeitar exatamente o ritmo e a letra, o futuro encontra-se comprometido; ora a fórmula é de Apoio que, deus dos ritmos, pode também obrigar as divindades do destino... Já alguma vez houve, no fim de contas, para a supersticiosa raça dos homens, coisa mais útil do que o ritmo? Tudo era possível com ele; ativar magicamente o trabalho; obrigar um deus a nascer, a aproximar-se, a ouvir; dobrar o destino do seu capricho; aliviar a alma de qualquer coisa excessiva (fosse ela medo, mania, pena, sede de vingança), e não apenas a alma individual mas ainda a dos piores demônios; sem o verso não se era nada, com ele vinha a ser-se quase um deus. Um sentimento tão profundo não se podia extirpar inteiramente; ainda nos nossos dias, depois de milhares de anos de luta para combater esta superstição, o mais sábio de nós pode tornar-se num momento um possesso, um joguete do ritmo, quando mais não seja para que sinta a ideia mais verdadeira, quando ela toma uma forma métrica e saltita sob os “hop lá” dos deuses. Não será divertido que os mais graves filósofos, apesar de todo o rigor que põem, por outro lado, em manejar as certezas, se apoiem ainda em sentenças de poetas para tornar as suas ideias mais fortes e mais acreditáveis?... Quando é mais perigoso para uma ideia ser aprovada do que contradita pelos poetas! Porque, tal como diz Homero: “Os poetas são uns mentirosos muito grandes?”

85 — O bem e o belo. — Os artistas glorificam sem cessar — não fazem senão isso: glorificam todas as situações, todos os objetos que têm a reputação de levar o homem a sentir-se bom, ou grande, ou bêbedo, ou são e sábio. Estas situações, estes objetos de escolha, que têm para a felicidade humana um valor que se considera firme e estabelecido, são os temas da obra dos artistas; o artista está incessantemente à espreita para os encontrar a fim de fazer deles uma matéria de arte. Compreenda-se, não de forma alguma que definam por si próprios o que é felicidade ou acontecimento feliz, mas que se apinhem sempre junto dos definidores com a maior curiosidade e o vivo desejo de aproveitar imediatamente das suas definições. Tendo assim, além da sua impaciência, pulmões de arauto e pés de corredor, são sempre os primeiros a glorificar os novos valores e passam muitas vezes por aqueles que os descobriram e definiram. Mas, repito, trata-se de um erro: são apenas mais rápidos e mais barulhentos do que os verdadeiros definidores. E quem são estes? Os ricos e os ociosos.

86 — Do teatro. — Este dia voltou a fornecer-me sentimentos elevados e poderosos, se esta noite, para o acabar, fosse capaz de encontrar arte e música, sei muitíssimo bem que música, e que arte eu não quereria: a música e o teatro que embriagam o auditor e procuram fornecer-lhe à força um minuto de sentimentos elevados e poderosos; almas quotidianas, essas pessoas que, à noite, em vez de se parecerem com vencedores no carro do triunfo, têm o ar de mulas cansadas, demasiado castigadas pelo chicote da vida. Saberiam ao menos essas pessoas que não existem “estados de alma superiores” se não houvesse remédios embriagadores e chicotadas idealistas? Assim, da mesma forma que possuem os seus vinhos, possuem os seus “entusiasmadores”. Mas que me importam a sua bebida e a sua carícia! Terá o entusiasmo necessidade de vinho? Pelo contrário, é com uma espécie de repugnância que considero o meio e o mediador que devem provocar nessas pessoas um efeito sem causa suficiente, a macaqueação das grandes marés da alma! Mas quê! Dão-se asas à toupeira, fornecem-se-lhe pensamentos altivos, antes de voltar para o seu buraco? Mandamo- -la ao teatro? Põem-lhe grossas lentes nos olhos cegos e cansados? Pessoas cuja vida nunca foi “ação” mas simples negócio, vão ali sentar-se diante do palco para ver esses seres de um outro mundo cuja vida é mais do que um negócio? “E o que se faz”, dizeis vós, “pois isso distrai, é isso o que a civilização pede!...” Aceitemos que sim! Em tal caso, faltou muitas vezes; porque é amiúde que esse espetáculo me aborrece. Quando possuímos em nós suficiente comédia e suficiente tragédia para satisfazer as nossas necessidades pessoais, preferimos abster-nos de ir ao teatro; ou então, excepcionalmente, é o conjunto de tudo — cenário, público, autor incluído — que se tornam para todos o verdadeiro espetáculo, a autêntica comédia, ao lado do qual a peça representada não vale nada. Quando se é alguma coisa como Fausto e Manfredo, que vos importam os Faustos, os Manfredos de teatro! O que dá ainda matéria para reflexão, é o fato de se porem estas personagens no palco. Que se representem os pensamentos, as paixões mais fortes diante das pessoas que são incapazes tanto de pensamento como de paixão, mas que são capazes de embriaguez. E que se empreguem aquelas para lhes dar esta! O teatro e a música empregados como um haxixe e um betei europeus! Ai de mim! Quem nos há-de contar a história completa dos narcóticos!... E a quase totalidade da história da “civilização”, da civilização a que se dá o nome de superior!

87 — Da vaidade dos artistas. — Creio que os artistas ignoram frequentemente onde é que está o melhor do seu talento porque são demasiado vaidosos e, visando temas que lhes parecem mais altivos, desdenham as modestas plantas, tão novas, tão estranhas e tão belas, que crescem perfeitamente no seu solo. Julgam superficialmente o melhor do seu próprio jardim, o melhor da sua própria vinha; o seu amor não caminha a par com o seu juízo. Eis um músico que ultrapassa todos os mais na arte de encontrar tonalidades para exprimir os sofrimentos da alma, as suas opressões e os seus martírios, para dar voz à desolação muda. Ninguém o iguala se se trata de dar a cor de um fim de Outono, a felicidade indizivelmente comovedora de um último, absolutamente último e inteiramente efêmero prazer; sobe o tom que traduzirá esses minutos secretos e inquietantes da alma em que a causa e o efeito se parecem ter separado, em que cada instante pode fazer nascer qualquer coisa “do nada”; ninguém o iguala para chegar ao fundo da felicidade humana, nas suas taças já esvaziadas, de qualquer forma, ali, onde as gotas mais ácidas, as mais amargas, acabaram por se confundir com as mais doces; conhece os recuos da alma cansada que já não pode saltar, nem voar, que já nem sequer pode caminhar; tem o olhar receoso da dor escondida, da compreensão que não consola, dos adeuses sem confissões; é o Orfeu da miséria íntima, no seu domínio ultrapassa todos os mais, e anexou à arte muitíssima coisa que até ele tinha parecido inexprimível e mesmo indigna dessa arte, muitíssima coisa, sobretudo que a palavra parecia só poder amedrontar e não apreender, muitos átomos da alma humana, muitos elementos microscópicos; é o senhor do infinitamente pequeno. Mas não deseja sê-lo! Pelo contrário, prefere os grandes murais e as audácias

dos frescos! Não vê que o seu espírito tem outros gostos, outras inclinações, que preferiria esconder-se em paz nos recantos das casas em ruínas: é ali, escondido, e escondido de si próprio, que ele compõe as suas verdadeiras obras-primas, que são sempre muito curtas, um simples compasso muitas vezes; é só ali que ele se revela superior, que se torna grande, que se torna perfeito. Mas ele não o sabe! É demasiado vaidoso para o saber.

88 — Tomar a verdade a sério. — Tomar a verdade a sério! De quantas maneiras diferentes não entendem os homens esta frase! São as mesmas opiniões, as mesmas formas de exame e de demonstração que um pensador considera com uma ligeireza quando as aplica por si próprio — sucumbiu-lhes para sua vergonha, neste ou naquele momento da sua vida —, são essas mesmas opiniões, esses mesmos métodos que podem dar a um artista, quando com eles se choca e com eles vive algum tempo, a consciência de ter sido dominado pela profunda gravidade da verdade, de ter mostrado — coisa espantosa —, ainda que artista, a mais séria necessidade do contrário da aparência. E assim que acontece que uma pomposa gravidade revele precisamente a ausência de seriedade com que um espírito que se contenta com pouco se tenha debatido até então no domínio do conhecimento... Não somos nós sempre traídos por aquilo que consideramos importante? A nossa gravidade mostra onde se encontram os nossos pesos e os casos em que temos falta deles.

89 — Agora e antigamente. — Que importa a arte das nossas obras de arte, por maior que seja, se a arte superior, a arte das festas, começa a desaparecer de entre nós! Antigamente expunham-se todas as obras de arte nos caminhos triunfais da humanidade: eram monumentos que comemoravam horas superiores do homem, as suas mais altas felicidades. Agora o seu objetivo é desviar, graças a um desgraçado minuto de desejo, os pobres esgotados, os doentes, do grande caminho do sofrimento humano; oferece-se-lhes uma pequena embriaguez, uma pequena loucura.

90 — Luzes e sombras. — Os livros e a sua redação diferem conforme os pensadores: um reuniu imediatamente na sua obra toda a claridade que soube furtar ao fulgor de um conhecimento repentino; o outro dá apenas as sombras, as cópias a cinzento e preto do que foi edificado, na véspera, na sua alma.

91 — Precaução. — Alfieri mentiu muito, como se sabe, ao contar a história da sua vida aos seus contemporâneos espantados. Era por despotismo em relação a si próprio, esse mesmo despotismo que se mostra, por exemplo, na maneira como criou a sua própria língua e se fez poeta — tiranicamente: tinha finalmente descoberto uma forma de grandeza severa, tendo forçado a sua vida e a sua memória a casar-se exatamente com o modelo: o que não ocorreu certamente sem grandes tormentos.

Não darei maior crédito a uma autobiografia de Platão; tão pouco como à de Rousseau ou à *vita nuova* de Dante.

92 — Prosa e poesia. — É preciso não esquecer que os grandes mestres da prosa foram quase sempre poetas, fosse às claras, fosse em segredo, para os seus íntimos; e, de fato, é preciso colocarmos diante da poesia para escrever boa prosa! Porque a prosa é uma guerra contra a poesia, uma guerra amável e incessante: todo o seu encanto consiste em escapar sem cessar à poesia, em contradizê-la constantemente. Qualquer abstração pede nela para ser lançada com voz trocista como uma lança contra a poesia; todas as suas securas, todas as suas friezas devem empurrar a amável deusa para um amável desespero; acontece haver por um instante aproximações, reconciliações, depois um recuo repentino e um estalo de riso; muitas vezes a prosa levanta o pano para deixar entrar a luz crua mesmo no momento em que a deusa gozava com os seus claros-escuros, com os seus tons desmaiados; muitas vezes também pega nas suas próprias palavras para as cantar com um tom que a obriga a tapar, com as suas mãos delicadas, os seus não menos delicados ouvidos; é uma guerra que encerra assim mil e um divertimentos, incluindo neles as derrotas, de que os espíritos desprovidos de poesia, as pessoas prosaicas, como se diz, não sabem nada; escrevem e falam sempre numa prosa má! Aguerre é a mãe de todas as coisas boas, e assim sucede com qualquer prosa boa!

Houve, neste século, quatro homens extraordinários e verdadeiramente poetas que conseguiram

dominar a prosa, domínio para o qual este século não foi de maneira alguma feito, porque lhe falta poesia, como eu dizia. Abstração feita de Goethe, que reivindica com justa razão o século que lhe deu nascença, vejo apenas Giacomo Leopardi, Prosper Merimée, Ralph Waldo, Emerson e ainda Walter Savage, o autor das *Imaginary Conversations*, como dignos de receberem a designação de mestres da prosa.

93 — Mas então, por que escreves?

— A: Não pertencço àqueles que só pensam com uma pena molhada na mão; ainda menos àqueles que se abandonam às suas paixões quando estão sentados numa cadeira, os olhos fitos no papel diante de um tinteiro destapado. Escrever irrita-me ou dá-me vergonha; escrever para mim é uma necessidade; repugna-me falar disso, mesmo sob uma forma simbólica.

— B: Mas então porque é que escreves?

— A: A de mim! Meu caro, ouve um segredo: ainda não descobri outro meio de me desembaraçar dos meus pensamentos.

— B: E porque é que te queres desembaraçar?

— A: Porque é que quero? Mas será que quero? Sou forçado a isso.

— B: Bem! Bem!

94 — Crescimento póstumo. — As palavras intrépidas com que Fontenelle semeou, a propósito da moral, os seus imortais Diálogos dos Mortos, passavam antigamente por paradoxos, jogos de um espírito que não deixava de se inquietar; os juízes supremos do gosto, do espírito, não viram neles então mais nada, e talvez Fontenelle também não visse mais do que isso. E eis agora que acontece o inacreditável: esses pensamentos tornam-se verdades! A ciência prova-os! A brincadeira torna-se séria! Lemos agora esses diálogos num espírito completamente diferente do de Voltaire e de Helvetius; involuntariamente colocamos o seu autor numa outra classe de espíritos, numa classe muito superior àquela que eles lhes concediam. Com razão? Sem ela?

95 — Chamfort. — Que o conhecedor do homem e da multidão que foi Chamfort se tenha colocado do lado da multidão em vez de ficar à parte, numa posição de defesa e de renúncia filosófica, é coisa que só assim me posso explicar: existia nele um instinto que era mais forte do que a sua sageza e que nada tinha apaziguado: o ódio pela nobreza de raça, um ódio antigo, talvez herdado de sua mãe, que se podia explicar muitíssimo bem nela, e para ele sagrado por piedade filial; um rancor que datava da sua infância e que nele esperava a hora de vingar a mãe. E eis que a vida eis que o seu gênio, eis que sobretudo talvez, ai de mim, o sangue do pai corre nas suas veias, o levam a arregimentar-se durante longos, deveras longos anos, nas fileiras dessa nobreza e a sentir-se seu igual. Mas acaba por não poder continuar a suportar o seu próprio aspecto, o aspecto do “velho homem” sob o antigo regime; é dominado por violenta paixão de penitência que o obriga a revestir o fato da população como uma espécie de cilício pessoal! O seu pecado tinha consistido /em negligenciar o ódio. Se tivesse permanecido um grau mais filósofo, a revolução teria perdido o seu espírito, a sua aresta trágica, o seu aguilhão mais acerado: seria considerada como um acontecimento muito mais estúpido e seduziria menos os espíritos. Pelo contrário, o ódio e a vingança de Chamfort educaram uma geração inteira: as pessoas mais sublimes saíram da sua escola. Pense-se que Mirabeau olhava Chamfort de baixo, como um seu superior, mais completo, de quem esperava ou sofria os impulsos, os conselhos, as sentenças... Mirabeau, que, na ordem humana, ultrapassa de tão longe os primeiros de todos os grandes homens de ontem e de hoje! Não será singular que, apesar de um tal amigo, apesar de semelhante advogado — dispomos das cartas que ele recebia de Mirabeau —, o mais espiritual dos moralistas tenha permanecido alheio aos franceses, tal como Stendhal, que tinha talvez os ouvidos e os olhos mais pensantes do seu país e do seu século? Será porque havia em Stendhal demasiados elementos ingleses e alemães para que o parisiense o suportasse? Chamfort, esse, que é um ser rico em profundezas e em interioridades, o homem sombrio, sofredor, ardente, um pensador que via no riso um remédio necessário contra a vida e que se julgava quase perdido

no dia em que não tinha rido, pareceria mais italiano do que francês, parente de Dante e de Leopardi! Conhecem-se as suas últimas palavras: “Ah, meu amigo”, disse a Sieyès, “vou-me finalmente embora deste mundo, onde é necessário que o coração se parta ou se torne de bronze...” Não são decerto palavras de um francês moribundo.

96 — Dois oradores — Destes dois oradores, um só consegue libertar verdadeiramente toda a razão da sua causa quando se abandona à paixão: só a paixão lhe faz subir ao cérebro suficiente sangue e calor para forçar a sua alta inteligência a revelar-se. O outro, bem experimenta às vezes o mesmo método; tenta às vezes ajudar-se com a paixão para apresentar a sua causa em voz alta, com uma veemência que arraste... mas geralmente fá- -lo mal. Não tarda a tornar-se obscuro, confuso; exagera, omite e suscita a desconfiança em relação à sua própria causa; pior, acaba por partilhar dessa desconfiança, e assim se explicam as mudanças repentinas de tom, os frios e os matizes que de repente vos afastam e fazem duvidar aqueles que o ouvem da sinceridade da sua paixão. Essa paixão, de repente nele, submerge o espírito; talvez por ser mais forte do que no outro. Mas ele atinge a totalidade da sua força quando resiste à impetuosa tempestade do seu sentimento, quando, por assim dizer, o desdenha; só então o seu espírito sai inteiramente do seu esconderijo; espírito lógico, trocista, que zomba de si próprio e, contudo, terrível.

97 — Da loquacidade dos escritores. — Existe uma loquacidade da cólera, frequente em Lutero e em Schopenhauer. Uma loquacidade que provém do fato de se dispor de demasiadas fórmulas de conceito: assim acontece em Kant. Uma loquacidade que traduz o prazer de dizer de cem maneiras novas a mesma coisa: encontramos-la em Montaigne. Uma loquacidade de pérfidos: que evoca talvez dois nomes para aqueles que leem os escritos da nossa época. Uma loquacidade que diz a volúpia da palavra certa e da linguagem bela: não é rara na prosa de Goethe. Uma loquacidade que nasce do puro prazer do barulho e da mistura de sentimentos: por exemplo, a de Carlyle.

98 — À glória de Shakespeare. — O que posso dizer de mais belo em glória de Shakespeare, do homem Shakespeare, é isto: acreditou em Brutus e não maculou com o menor átomo de desconfiança o gênero de virtude do seu herói. A ele consagrou a melhor das suas tragédias — que continua a ser designada com um título inexato —, a ele e ao mais terrível resumo que se pode dar da alta moralidade. A independência da alma... eis o seu verdadeiro tema! Nenhum sacrifício neste domínio, poderá ser considerado demasiado grande: é preciso poder sacrificar a esta independência o nosso melhor amigo, seja ele embora o homem mais magnífico, o ornamento do mundo, o gênio sem igual, no caso de se amar a liberdade, quero dizer a das grandes almas, e de esse amigo pôr em perigo essa liberdade: eis o que Shakespeare sentiu!

Elevando César a um imenso pedestal, não pôde honrar Brutus de maneira mais delicada: é esse pedestal, e apenas esse pedestal, que lhe permite dar ao problema de Brutus as proporções do formidável, portanto, também, à força de alma que foi necessária para cortar o nó! Foi realmente a preocupação da liberdade política que despertou no poeta essa simpatia por Brutus, que fez dele o seu cúmplice? Ou essa liberdade política não será senão o símbolo de qualquer coisa de inexprimível? Encontrar-nos-emos em presença de qualquer acontecimento obscuro de qualquer aventura secreta em que a alma do escritor tivesse estado comprometida e de que não quis falar a não ser por meio de símbolos? O que é a melancolia de Hamlet, por maior que seja, junto da de Brutus? Talvez Shakespeare conhecesse também essa melancolia de Brutus, como a de Hamlet, por experiência! Talvez tivesse, também ele, as suas horas negras, o seu anjo mau! Mas sejam quais forem as semelhanças e as relações secretas que tenham podido existir entre o herói e o poeta, Shakespeare prosternou-se diante da personagem e da virtude de Brutus; sentiu-se longe dele, indigno; a prova inscreveu-a na sua peça. Por duas vezes fez aparecer nela um poeta, e por duas vezes lança um grito de desprezo por si próprio.

Brutus, o próprio Brutus sente fugir-lhe a paciência quando o poeta aparece, poeta vaidoso, patético, importuno como são em geral as pessoas da sua raça, seres que parecem completamente inchados com possibilidades de grandeza, mesmo moral, quando tão raramente conseguem chegar, na filosofia da ação

e da vida, à equanimidade mais elementar. “Se ele conhece o tempo, eu conheço os seus caprichos, tirem-me daqui este polichinelo”, exclama Brutus. Experimente-se voltar a traduzi-lo tal como foi concebido na alma do poeta que o encontrou.

99 — Os discípulos de Schopenhauer. — Aquando dos contatos entre bárbaros e nações civilizadas compreende-se facilmente que a civilização inferior comece por adotar os vícios, as fraquezas e os excessos da outra, após o que, pela continuação desta sedução, o selvagem acaba, graças às fraquezas e aos vícios adquiridos, por receber um verniz dos verdadeiros valores da civilização superior: trata-se de um fenómeno que se pode verificar igualmente sem irmos ao domínio dos bárbaros, ao seu meio mais chegado, ainda que ali se apresente de maneira mais sutil, mais espiritual, menos evidente. Que recebem em primeiro lugar do seu mestre, na Alemanha, os discípulos de Schopenhauer... discípulos que se devem encontrar, em comparação com a sua cultura superior, suficientemente bárbaros para ser desde logo fascinados e seduzidos por ele como selvagens? Será o sentido cruel da realidade, a boa vontade que põe na pesquisa da clareza e da razão, qualidades que tantas vezes o fazem parecer tão inglês e tão pouco alemão? Será o vigor da sua consciência intelectual que suportou, durante toda a vida, uma contradição entre o ser e o querer e o obrigou, mesmo nos seus escritos, a contradizer-se sem cessar e isto em quase todos os pontos? Será a sua honestidade quanto às coisas da Igreja, quanto ao que se refere ao Deus cristão? Porque nisso foi de uma honestidade que nenhum filósofo alemão tinha tido até aí, de uma tal decência que viveu e morreu “como voltairiano”. Serão as suas imortais doutrinas da intelectualidade das concepções, da prioridade da lei da causalidade, do intelecto instrumento, da não liberdade do querer?...

Não, não é nada disso que seduz em Schopenhauer, não é daí que vem a sedução; são os seus embaraços místicos, as suas escapatórias nos pontos em que esse pensador realista se deixou tentar e corromper pela vã ambição de decifrar o enigma do mundo; é a sua indemonstrável doutrina da vontade única (“qualquer causa é sempre causa ocasional da aparição da vontade em certo tempo, em certo lugar”; “a vontade de viver está presente, inteira, indecisa, em todos os seres, seja ele o mais insignificante, tão completa como na totalidade daqueles que foram, são e serão”); é ainda a negação do indivíduo (“a totalidade dos leões não representa em suma senão um leão”; “a multiplicidade dos indivíduos é apenas aparência”, e aparência também a evolução: Schopenhauer chama ao pensamento de Lamarck “um erro genial e absurdo”); é a exaltação do gênio (“na contemplação estética o indivíduo deixa de ser indivíduo para se tornar o puro sujeito do conhecimento, sem vontade, sem dor, fora do tempo”; “o sujeito absorvendo-se no objeto da sua contemplação, transforma-se nesse mesmo objeto”); é também o absurdo da piedade e o princípio de individualização tomado como fonte de toda a moralidade, sem esquecer afirmações deste gênero: “a morte, no fundo, é a finalidade da vida”; “não se pode negar absolutamente a priori a possibilidade de uma influência mágica emanar de um defunto”. Estes excessos, vícios, e outros defeitos do filósofo são sempre o que dele se adota em primeiro lugar: defeitos e vícios são sempre, com efeito, aquilo que mais facilmente se imita e aquilo que exige menor exercício prévio.

Mas falemos do mais célebre dos schopenhauerianos atualmente vivos, Ricardo Wagner. Aconteceu-lhe como a muitos outros artistas: enganou-se na interpretação das personagens que criou, desconheceu a filosofia inexprimida da sua arte mais pessoal. Ricardo Wagner, até meados da sua vida, deixou-se extraviar por Hegel; voltou a cair, mais tarde, nos mesmos vícios, julgando descobrir nas suas próprias personagens o reflexo das doutrinas de Schopenhauer e formulando-se ele próprio em termos como “vontade”, “gênio”, “piedade”. Nem por isso deixa de ser certo que nada é mais contrário ao espírito de Schopenhauer do que aquilo que é propriamente wagneriano nos heróis de Wagner: quero dizer com isso a inocência que trazem no mais alto amor por si próprios, a fé que têm na grande paixão que encaram como o bem em si, em resumo, o que neles há de siegfriediano. “Tudo isso se parece mais com Spinoza do que comigo”, dizia talvez Schopenhauer. Quantas boas razões teria portanto tido Wagner para procurar outros filósofos; o encanto a que este o fez succumbir tornou-o cego em relação não somente a todos os

outros pensadores, mas ainda à própria ciência. A sua arte não visa, de ora em diante, outra coisa que não seja apresentar-se cada vez mais como um par, um complemento da filosofia de Schopenhauer, e renuncia cada vez mais à ambição superior de se tornar o par, o complemento do conhecimento e da ciência humanas. Wagner não é levado a isso apenas empurrado pelo misterioso esplendor desta filosofia que teria tentado um Cagliostro; não, os gestos particulares e as paixões dos filósofos foram sempre o seu elemento mais sedutor e é assim que o protesto de Wagner contra a corrupção da língua alemã é uma coisa schopenhaueriana; e se, neste caso particular, a imitação pode ser de aprovar, é preciso não esquecer que o estilo de Wagner nem por isso deixa de apresentar todas as ênfases, todos os tumores que provocavam o furor de Schopenhauer, e que para os wagnerianos que escrevem em alemão a wagneromania começa a mostrar-se mais perigosa do que o foram desde sempre as hegelomanias. Também o ódio de Wagner pelos judeus é schopenhaueriano; nem sequer lhes sabe prestar justiça pela sua façanha mais considerável: porque foram eles os inventores do cristianismo! Schopenhaueriana uma vez mais, a tentativa de Wagner de considerar o cristianismo como um grão extraviado do budismo e de preparar uma época budista para a Europa preconizando uma aproximação momentânea com as fórmulas católicas e os sentimentos cristãos. Schopenhaueriana a sua maneira de pregar a piedade para com os animais; sabe-se que nesta matéria o precursor de Schopenhauer foi Voltaire, que já, com os seus sucessores, disfarçava em compaixão pelo animal o ódio que experimentava por certas coisas e certas pessoas. Em todo o caso, o ódio pela ciência que se exprime na pregação de Wagner não é certamente inspirado pelo espírito de caridade, de bondade, do mesmo modo que — como é evidente — não é inspirado pelo espírito, nada mais. No fim de contas, a filosofia de um artista importa pouco se só for acrescentada depois de realizada a obra e não prejudique a sua própria arte. Nunca será demais defendermo-nos de lhe querer mal por uma mascarada de ocasião, se bem que ela seja talvez muito infeliz, muito pretensiosa; não esqueçamos que, sejam eles quem forem, esses queridos artistas, com efeito, desempenham sempre uma comédia qualquer, que não podem deixar de o fazer, e que sem isso, com o andar do tempo, nunca mais se conseguiram libertar. Continuemos fiéis a Wagner naquilo que ele tem de verdadeiro e de original, e continuemo-lo sobretudo, nós que somos seus discípulos, mantendo-nos fiéis a nós próprios, ao que temos de verdadeiro e de original. Deixemos de lado os seus humores, as suas câibras intelectuais, consideremos com equidade os alimentos, as necessidades singulares que a sua arte tem o direito de ter para viver e para crescer. Pouco importa que ele esteja tão amiudada-mente enganado como pensador; a justiça, a paciência não são elemento seu. Basta que a sua vida tenha de ser e se justifique perante si própria, essa vida que grita a cada um de nós: “Sê um homem e não me sigas; é a ti que deves seguir, é a ti!” E nós também devemos ter uma vida que tenha justificação diante de nós próprios! Nós também devemos ser livres e sem medo, crescer e florir na nossa própria seiva, na inocência do nosso eu! Também, ao contemplar semelhante homem, ouço ainda, como outrora, estas palavras ao meu ouvido: “A paixão vale mais do que o estoicismo e do que a hipocrisia; ser sincero, mesmo no mal, vale mais do que perder-se a si próprio na moralidade da tradição, o homem livre pode escolher ser bom ou mau, mas o homem não livre é uma vergonha da natureza e não tem direito a nenhuma consolação, nem celeste nem terrestre; enfim, qualquer que se queira tornar livre só o pode vir a ser pelos seus próprios meios, a liberdade nunca cai do céu por milagre nas mãos de ninguém” (Richard Wagner em Bayreuth, II, 493).

100 — Aprender a homenagear. — Os homens devem aprender o respeito pela mesma razão que aprendem o desprezo. Qualquer que abra caminhos novos e aí conduza uma multidão de pessoas descobre com espanto a pobreza, a imensa falta de jeito dessa multidão em exprimir o seu reconhecimento, pior, a raridade das ocasiões em que ela consegue simplesmente exprimi-la. Parece sempre que com ela, quando a gratidão quer manifestar-se, alguma coisa acaba por lhe obstruir a garganta; não consegue fazer outra coisa que não seja pigarrear, e essa tossidela obriga-a a calar-se. É quase cômico ver de que maneira um pensador apreende as repercussões do seu pensamento, o efeito que

produzem o seu choque e a sua força transformadora: parece às vezes que aqueles que experimentaram esse efeito se encontram, no fundo, ofendidos e não sabem exprimir senão por meio de mil grosserias a independência pessoal que julgam ameaçada. São necessárias várias gerações para conseguir inventar uma convenção do reconhecimento que seja muito simplesmente cortês, e só muitíssimo tarde é que chega o momento em que a gratidão se penetra de uma espécie de espírito, de genialidade. Encontra-se então geralmente alguém que serve de grande “recebedor” dos agradecimentos de toda a gente, não somente por aquilo que pode ter feito de bom pessoalmente, mas também, na maior parte das vezes, pelos tesouros que os seus antecessores acumularam pouco a pouco, por tudo aquilo que eles fizeram de sublime e de melhor.

101 — Voltaire. — Onde quer que houvesse uma corte, foi ela que ditou a bela linguagem, por consequência, também, do estilo, para todas as pessoas que escreviam. Mas a linguagem das cortes é a do cortesão, de um homem sem especialidade', que, mesmo falando de temas científicos, se proíbe a expressão técnica porque deixa transparecer o seu profissionalismo; é por isso que a expressão técnica, e tudo aquilo que trai o especialista, passa por uma tara do estilo em todos os países civilizados pelas cortes. Agora, que essas cortes não são mais do que caricaturas do passado, fica-se espantado de ver o próprio Voltaire tão incrivelmente prudente e minucioso a este respeito (por exemplo, nos seus juízos sobre estilistas como Fontenelle e Montesquieu); é que estamos inteiramente libertos do gosto das cortes, ao passo que Voltaire as representava na expressão mais perfeita'.

102 — Uma palavra para os filólogos. — Há livros tão preciosos e tão reais que gerações de sábios se revelam úteis se conseguem com o seu esforço salvar o texto e o sentido: é uma crença que a filologia está presente para reforçar incessantemente. Esta ciência pressupõe que existe — ainda que não se vejam imediatamente — seres raros que sabem verdadeiramente servir-se desses livros... são sem dúvida esses próprios que os escreviam ou saberiam fazê-lo. Considero que a filologia postula uma crença nobre, a saber: que em proveito de um pequeno número que “deve” sempre vir e que nunca está presente é preciso liquidar antecipadamente um trabalho bem penoso e as mais das vezes bastante sujo: trata-se de uma tarefa “para uso dos Delfins”.

103 — Da música alemã. — A música alemã de hoje é, mais do que qualquer outra, europeia; quanto mais não seja porque é ela a única a exprimir a modificação que a Europa recebeu devido à Revolução: só os músicos alemães sabem dar o movimento das massas populares, esse imenso rumor artificial, que nem sequer tem necessidade de ser muito barulhento; ao passo que a ópera italiana, por exemplo, conhece apenas os coros de criados ou de soldados, e ignora os coros do “povo”. Acrescentemos que qualquer música alemã trai um profundo ciúme, burguês, de tudo o que é nobreza, nomeadamente do espírito, da elegância, expressões de uma sociedade de corte, cavalheiresca, antiga, segura de si própria. Não é a música deste “Sänger” de Goethe que se ouve “diante da porta” e que agrada também “na sala”, sobretudo ao rei; ela não “inflama o olhar dos cavaleiros”, não faz “baixar os olhos das belas”. A própria graça não entra ali sem ressaibos de remorsos; só a partir da boniteza, irmã rústica dessa graça, é que o alemão começa a sentir-se bem moral, e a elevar-se cada vez mais, até essa “sublimidade” entusiasta, sábia, que é a de Beethoven, sublimidade de buldogue as mais das vezes. Se quisermos representar o homem dessa música, imagine-se precisamente Beethoven tal como, por exemplo, aparece ao lado de Goethe, aquando do encontro de Teplitz: é a semibarbárie ao lado da civilização, o povo ao lado da nobreza, o bom homem ao lado do homem bom — e mais do que “bom” —, o fantasista ao lado do artista, o homem que tem necessidade de consolação ao lado do homem consolado, o excessivo e o desconfiado ao lado do equânime, o queixoso, o mártir de si próprio, o estático insensato, feliz com o seu tormento, cândido e desmedido, e pretensioso e pesado... em resumo, no total, “o homem indomado”: foi assim que o próprio Goethe o viu, lhe chamou, Goethe, o alemão de exceção, para o qual ainda se não encontrou música bastante! Perguntemo-nos finalmente se esse desprezo pela melodia e esse enfraquecimento do sentido melódico que cada vez mais crescem na Alemanha não serão uma grosseria

democrática, um efeito da Revolução. A melodia manifesta, com efeito, um tão franco prazer pela regra, uma tal hostilidade por tudo o que é inacabado, o que é uniforme e arbitrário, que tem o ar de uma velha ressonância do antigo regime europeu, de uma emanação sedutora que vos leva a esse passado.

104 — Da entoação da língua alemã. — Sabe-se a origem do alemão tal como se escreve há alguns séculos. Os alemães, no seu respeito por tudo o que vinha da corte, aplicaram-se conscienciosamente a copiar as chancelarias sempre que tinham de escrever, e nomeadamente na correspondência, nos seus atos oficiais, testamentos, etc.... E escrever em estilo de chancelaria, era escrever em estilo de corte, de governante, empregar uma linguagem distinta em relação à da cidade, onde precisamente se vivia. Pouco a pouco, levando essa lógica aos seus limites extremos, acabou por se falar a língua que se escrevia; introduziu-se ainda mais distinção na formação dos vocábulos; na escolha das palavras e na construção das frases, e, finalmente também, no tom: imitou-se a entoação da corte e esta afetação tornou-se uma segunda natureza. Talvez nunca se tenha passado nada parecido em qualquer outra parte, porque se viu o estilo literário tomar o predomínio sobre a língua falada, as maneiras rebuscadas, a afetação de distinção de um povo inteiro tornar-se base de uma língua comum, liberta do fracionamento dos dialectos. Creio que a entoação da língua alemã na Idade Média, e ainda mais depois, foi fundamentalmente camponesa e vulgar: foi-se afinando um pouco no decurso dos últimos séculos, devido ao fato de se encontrar a imitar um sem-número de sons franceses, italianos e espanhóis, e nomeadamente na nobreza, ou alemã ou austríaca, que não podia absolutamente contentar-se com a sua língua materna. Mas para Montaigne — ou para Racine! — o alemão deve ter tido, a despeito deste uso, um timbre atrozmente vulgar: mesmo nos nossos dias conserva ainda, na boca dos viajantes, no meio da plebe italiana, o som rouco e grosseiro de uma língua saída das populações florestais e que se arrastou nos aposentos enfumaçados de uma região despida de gentileza.

Ora observo agora que os nossos antigos admiradores das chancelarias começaram a sentir a necessidade de um tom distinto, que os alemães começam a sofrer o “encanto” de uma entoação que se poderá tornar, com o andar do tempo, um verdadeiro perigo para a língua, porque em vão se procurariam outras tão horrorosas no resto da Europa. Ter qualquer coisa de irônico, de frio, de indiferente, de descuidado na voz, é o que passa agora por “distinto” na Alemanha, e surpreende a boa vontade que põem em imitar esse tom jovens funcionários, professores, mulheres e comerciantes; nem mesmo as rapariguinhas deixam de procurar imitar este alemão de oficial. Porque foi o oficial, e nomeadamente o oficial prussiano, que inventou esta maneira de falar, esse mesmo oficial que, no seu papel de militar e de especialista do exército, possui o admirável tato da modéstia, e com quem os Alemães tanto teriam de aprender, professores e músicos incluídos! Desgraçadamente, logo que toma a palavra ou começa a mexer-se, torna-se imediatamente a mais imodesta personagem da velha Europa e a mais desprovida de gosto, não dando por isso, sem dúvida alguma; e sem que os bravos alemães deem também por isso, eles que admiram nele o homem da melhor sociedade, da classe mais distinta, e lhe pedem que “dê o tom”. É isso mesmo que ele faz! E são logo o sargento-ajudante, o sargento, que o imitam, em mais grosseiro. Ouvi portanto os gritos de comando que cercam as cidades alemãs com verdadeiros uivos, agora que se fazem exercícios diante de todas as portas; que arrogância, que furor de autoridade, que frio sarcasmo nestas vociferações! Serão, verdadeiramente, os alemães um povo musical? O que há de certo é que eles se militarizam na entoação da sua língua; é provável que treinados como são a falar militarmente venham a escrever agora também militarmente. Porque o hábito de certo tom penetra fundo no caráter: não tarda muito que se adotem palavras e frases idiomáticas que convêm a este tom, depois, finalmente, os pensamentos. Talvez exista já um estilo “à oficial”; talvez só me falte para o poder afirmar ler um pouco mais daquilo que hoje se escreve. Mas há um pormenor que não posso conhecer melhor: é que as nossas manifestações públicas, de que o estrangeiro recebe o eco, não são inspiradas pela música alemã, mas por este novo tom de arrogância, este tom de arrogante mau gosto. Não há quase nenhum discurso do primeiro homem de Estado da Alemanha, mesmo quando se faz ouvir por meio do seu imperial porta-voz,

que não esteja marcado por um acento que fere o ouvido de um estrangeiro e lhe inspira repugnância: mas o alemão suporta esse tom... O alemão suporta-se a si próprio.

105 — Os alemães sem arte. — Se acontece ao alemão apaixonar-se verdadeiramente (e não, como em geral, ter apenas a vontade de o fazer), comporta-se na paixão como é forçado a fazê-lo e não pensa nisso de outra maneira. A verdade obriga-me, aliás, a dizer que esta maneira de ser é muito feia, muito desajeitada, semelhante a uma canção sem melodia e sem ritmo, de tal modo que os espetadores podem ser penosamente impressionados ou enternecidos mas mais nada!... A menos que ele se não eleve até ao sublime e ao encanto de que são capazes certas paixões; nesse caso, o próprio alemão se torna belo! Mas pressentindo que a altura a partir da qual a beleza começará a espalhar o seu encanto, mesmo sobre os alemães virá a ser desmedida, os artistas alemães encontram-se forçados a elevar-se e a sobrelevar-se até aos delírios da paixão: há aqui, portanto, um verdadeiro e profundo desejo de sobrepujar, ao menos com o olhar, a fealdade e o desajeitamento, para alcançar um mundo melhor, mais leve, mais meridional, mais ensolarado. Também as suas convenções não são, na maior parte das vezes, senão o indício do desejo que teriam de dançar, esses pobres ursos dominados em segredo pela alma das ninfas e dos silvanos... e às vezes mesmo por divindades superiores!

106 — A música que intercede. — “Ardo por encontrar um mestre na arte dos sons”, dizia um dia um inovador ao seu discípulo, “um mestre que fosse capaz de apreender os meus pensamentos e em seguida os traduzisse na sua linguagem: eu atingiria melhor os ouvidos e os corações dos homens. Pode-se seduzir os homens com os sons, levá-los a aceitar qualquer erro, qualquer verdade: pois quem iria refutar um som?” “Gostarias então”, perguntou-lhe o discípulo, “de ser considerado como irrefutável?” O inovador respondeu: “Gostaria que o germe se tornasse árvore. Para que uma doutrina se faça árvore é necessário que nela se acredite durante um certo tempo: para que nela se acredite é necessário que passe por irrefutável. A árvore tem necessidade de tempestades, de dúvidas, de vermes roedores, de hostilidades, a fim de poder manifestar a natureza e a força do seu germe; que rebente se não for suficientemente forte! Mas a um germe nunca se pode fazer outra coisa que não seja destruído, exclamou impetuosamente o inovador, o seu discípulo exclamou impetuosamente: “Eu tenho fé na tua causa e considero-a tão forte que diria contra ela tudo o que trago no coração.” O inovador riu-se interiormente e ameaçou-o com o dedo. “Eis”, disse ele, “o melhor gênero de adesão; mas trata-se de um gênero perigoso, e nem todas as doutrinas o suportam.”

107 — A nossa última gratidão para com a arte. — Se não tivéssemos aprovado as artes, se não tivéssemos inventado esta espécie de culto do erro, não poderíamos suportar ver o que nos mostra agora a Ciência: a universalidade do não verdadeiro, da mentira, e que a loucura e o erro são condições do mundo intelectual e sensível. A lealdade seria, por consequência, a náusea e o suicídio. Mas à nossa lealdade opõe-se uma contrapartida que ajuda a evitar semelhantes consequências: a arte, enquanto encarada como boa vontade da ilusão. Nem sempre proibimos aos nossos olhos o concluir, o inventar uma finalidade: a partir daí já não é a imperfeição, essa eterna imperfeição, que levamos pelo rio do devir, é uma deusa na nossa ideia, e sentimo-nos infantilmente altivos de a levar connosco. Enquanto fenómeno estético, a existência conserva-se-nos suportável e a arte dá-nos os olhos, as mãos, sobretudo a boa consciência que é necessária para poder fazer dela este fenómeno por meio dos nossos naturais recursos. É preciso de vez em quando descansarmos de nós próprios, olhando-nos de alto, com o longínquo da arte, para rir ou para chorar sobre nós: é preciso descobrirmos o herói e também o louco que se dissimulam na nossa paixão de conhecer; é preciso sermos felizes, de vez em quando, com a nossa loucura, para podermos continuar felizes com a nossa sageza! E é porque, precisamente, no fundo somos pessoas pesadas e sérias, e mais pesos do que homens, que nada nos faz melhor do que o cetro de guizos: temos necessidade dele perante nós próprios, precisamos de toda a arte petulante, flutuante, dançante, trocista, infantil, satisfeita, para não perder essa liberdade que nos coloca acima das coisas e que o nosso ideal exige de nós. Seria para nós um recuo — e precisamente em virtude da nossa irritável lealdade —

cair inteiramente na moral, e tornarmo- -nos, por amor das superseveras exigências que nos impomos neste ponto, monstros e espantalhos de virtude. É preciso que nos possamos também colocar acima da moral; e não somente com a inquieta rigidez daquele que receia a todo o instante dar um passo em falso e cair, mas com o à-vontade de alguém que pode planar e zombar por cima dela! Como poderíamos, nesse campo, dispensar a arte e o louco?

...E enquanto mantiverdes ainda, seja no que for, vergonha de vós próprios, não sereis capazes de ser dos nossos.

Livro Terceiro



108 — Lutas novas. — Depois de Buda ter morrido, ainda se mostrou durante séculos a sua sombra numa caverna; uma sombra enorme e aterradora. Deus morreu; mas tais são os homens que haverá talvez ainda, durante milênios, cavernas nas quais se mostrará a sua sombra... E nós..., é ainda necessário que vençamos a sua sombra.

109 — Defendamo-nos. — Defendamo-nos de pensar que o mundo seja um ser vivo. Como se desenvolveria? De que se alimentaria? Como poderia crescer e multiplicar-se? Sabemos mais ou menos o que é a matéria organizada; e devíamos mudar o sentido daquilo que há na nossa percepção de indizivelmente desejado, tardio, raro e fortuito na crosta terrestre, para disso fazer, como aqueles que acreditam que o Universo é um organismo, o essencial, o geral, o eterno? Eis o que me repugna- ria! Defendamo-nos até de pensar que o Universo seja uma máquina; não foi certamente construído para um objetivo, damos-lhe uma honra demasiado grande empregando a seu respeito a palavra “máquina”. Defendamo-nos de supor por toda a parte as existência a priori de uma coisa tão bem definida como o movimento cíclico das constelações próximas da Terra; um olhar para a Via Láctea basta já para fazer nascer dúvidas, para que nos perguntemos se não haverá ali movimentos muito mais grosseiros e muito mais contraditórios, estrelas cuja trajetória desenha eternamente a recta, e outros fenômenos do mesmo gênero. A ordem astral em que vivemos é uma coisa excepcional; esta ordem e a medíocre duração que determina tornaram possível, por sua vez, esta exceção das exceções: a formação do orgânico. Mas o caráter do mundo é pelo contrário o de um caos eterno, não pelo fato de a ausência de uma necessidade, mas pelo de uma ausência de ordem, de encadeamento de forma, de beleza, de sageza, em resumo, de toda a estética humana. Julgamos pela nossa razão, os lances de dados infelizes são de muito longe a regra geral; as exceções não formam o objetivo secreto, o mecanismo repete eternamente um estribilho ao qual nunca se poderá dar o nome de “melodia”... e a expressão “lances de dados infelizes” representa em si própria um antropomorfismo que inclui uma censura. Ora como poderemos permitir-nos censurar ou louvar o Universo! Defendamo-nos de lhe censurar uma falta de coração ou de razão, ou o contrário destas coisas: não é nem perfeito, nem belo, nem nobre, e não quer transformar-se em nada disso; não procura de forma alguma imitar o homem! Não, é tocado por nenhum dos nossos juízos estéticos e morais! Não possui instinto de conservação, não possui qualquer instinto e ignora toda a espécie de lei. Defendamo-nos de dizer que eles existem na natureza. Essa só conhece necessidades: nela não há ninguém que ordene, ninguém que obedeça, ninguém que infrinja. Quando souberdes que não há fins, sabereis igualmente que há acaso: porque é unicamente sob o olhar de um mundo de fins que a palavra “acaso” toma um sentido. Defendamo-nos de dizer que a morte é o contrário da vida. A vida não passa de uma variedade de morte, e uma variedade muito rara. Defendamo-nos de pensar que o mundo não cessa de criar de novo. Não existem substâncias eternamente duráveis; a matéria é um engano semelhante aos deus dos Eleatas. Mas quando acabaremos com os nossos cuidados e as nossas precauções? Quando deixaremos de ser obscurecidos por todas estas sombras de Deus? Quando teremos completamente “desdivinizado” a natureza? Quando nos será permitido, enfim, começarmos a nos tornar naturais, a “naturalizarmo-nos”, nós, homens, com a pura natureza, a natureza reencontrada, a natureza liberta?

110 — Origem do conhecimento. — Durante longos séculos, o intelecto nunca engendrou mais do que erros; alguns mostravam-se úteis à conservação da espécie: quem os encontrava ou os recebia como herança lutava com mais felicidade por si e pela sua descendência. Esses artigos de fé errados, transmitidos hereditariamente através das gerações, acabaram por se tornar uma espécie de massa, de fundo humano: admite-se, por exemplo, que há coisas que são iguais, que existem objetos, matérias e corpos, que uma coisa é o que parece ser, que a nossa vontade é livre, que aquilo que é bom para um é bom em si. Só muito tardiamente é que apareceram, pessoas que negaram ou puseram em dúvida este

gênero de proposições, só muito tardiamente surgiu a verdade, esta forma menos eficaz das formas do conhecimento. Parecia que não se podia viver com esta verdade, estando o nosso organismo adaptado ao contrário; todas as suas funções superiores, as percepções dos sentidos e todas as sensações trabalhavam baseadas no antigo erro que tinham assimilado. Mais ainda: as velhas proposições tornaram- -se mesmo, no íntimo do conhecimento, normas a partir das quais se avaliou o “verdadeiro” e o “não verdadeiro”, mesmo nos domínios mais recuados da lógica pura. Portanto: a força do conhecimento não reside no seu grau de verdade, mas no seu grau de antiguidade, na sua assimilação mais ou menos adiantada, no seu caráter de condição vital. Quando viver e conhecer pareciam contradizer-se, nunca havia luta séria; duvidar, negar, passavam por loucura. Os pensamentos de exceção, como os Eleatas, que estabeleceram e mantiveram contudo as antinomias dos erros naturais, imaginaram que era possível viver também essas antinomias: inventaram o sábio como homem imutável, impessoal, de concepção universal, uno e total ao mesmo tempo, e dotado de uma faculdade própria para este conhecimento ao invés; acreditaram que o seu conhecimento era ao mesmo tempo o princípio da vida. Mas, para poder afirmar tudo isso, foram ao mesmo tempo obrigados a enganar-se quanto ao seu estado: foram obrigados a inventar-se uma personalidade e uma duração sem mudança, desconhecer a essência daquele que “conhece”, negar a força dos instintos? no ato do conhecimento, e conceber a razão, de uma maneira geral, como uma atividade perfeitamente livre, surgida dela mesma; recusaram-se a ver que não tinham chegado eles próprios aos seus princípios senão contradizendo o que existia, ou ainda por necessidade de repouso, de posse ou de domínio. O desenvolvimento de uma probidade e de um cepticismo mais subtis acabou por tornar esses homens impossíveis por sua vez. A sua vida e o seu juízo apareceram também como dependendo dos antigos instintos e dos erros fundamentais de toda a vida sensitiva. Esta probidade e este cepticismo mais subtis formavam-se por toda a parte onde dois princípios opostos pareciam aplicáveis à vida porque concordavam ambos com os erros fundamentais, em toda a parte onde era possível discutir quanto ao seu maior ou menor grau de utilidade para a existência; em toda a parte ainda onde novos princípios, sem se mostrarem úteis à vida, também se não mostravam prejudiciais, manifestações como eram do instinto do jogo intelectual, inocentes e alegres como qualquer brincadeira. Pouco a pouco o cérebro humano encheu-se com estes juízos e estas convicções, e nesse aglomerado produziu-se uma fermentação, a luta, o apetite do poder. A utilidade e o prazer deixaram de ser os únicos a tomar partido na guerra pelas “verdades”, todas as espécies de instintos se lançaram ao trabalho; o combate intelectual tornou-se uma ocupação, um encanto, uma vocação, uma dignidade: o conhecimento, a aspiração ao verdadeiro, tomaram enfim o seu lugar de necessidade no meio das outras necessidades. A partir de então a fé, a convicção, deixaram de ser as únicas forças, mas também o exame, a negação, a contradição; todos os “maus” instintos foram subordinados ao conhecimento e postos ao seu serviço, deu-se-lhes o fulgor do permitido, do venerado, do útil e, finalmente, a inocência do bem. O conhecimento, a partir de então, tornou-se uma parte da própria vida, e, tal como a vida, uma força que foi crescendo sem detença; até ao dia em que finalmente o conhecimento e o velho erro fundamental se chocaram reciprocamente, ambos vida, ambos força, ambos no mesmo homem. O pensador: eis agora o ser no qual a necessidade da verdade e os erros antigos que mantém a vida se dão o seu primeiro combate desde que a necessidade da verdade se afirmou também como uma força que conserva a vida. Dada a importância desta luta, tudo o mais é indiferente; ela enuncia a última pergunta sobre a condição da vida, e faz a primeira tentativa para lhes responder com a experiência. Até que ponto a verdade suporta a assimilação? Tal é esta pergunta, tal é esta experiência.

111 — Origem do lógico. — De onde nasceu a lógica no cérebro humano? Do ilogismo, certamente, cujo domínio, primitivamente, deve ter sido imenso. Uma multidão de seres que raciocinava de maneira completamente diversa da nossa atual desapareceu; a coisa parece cada vez mais verdadeira. O que não podia, por exemplo, descobrir com bastante rapidez as “similitudes” necessárias quanto à sua alimentação ou aos seus inimigos, aquele que classificava com demasiada lentidão, que punha demasiada

prudência em fazê-lo, diminuía as suas possibilidades de duração mais do que aquele que concluía imediatamente pela semelhança na conformidade. E era essa inclinação predominante que levava a tratar as coisas que se pareciam como se elas fossem iguais, inclinação ilógica, contudo — porque, em si, não há duas coisas que sejam iguais — foi essa inclinação que primeiro forneceu a base de toda a lógica. Do mesmo modo, para que nascesse o conceito de substância indispensável à lógica, ainda que estritamente falando nada de real lhe corresponda, foi necessária que se não visse, nem sentisse, durante muito tempo o que há de mutável nas coisas; os seres que não viam muito bem tinham uma superioridade sobre aqueles que percebiam as “flutuações” de todas as coisas. Toda a prudência exagerada em tirar conclusões, qualquer tendência para o cepticismo, constituem já em si próprias grave perigo para a existência. Nenhum ser teria conservado a vida, se a inclinação oposta, a inclinação para afirmar de preferência a suspender o juízo; a enganar-se e a “fantasiar” de preferência, a aguardar, a julgar de preferência a ser justo, se não tivesse desenvolvido extraordinariamente. A maneira como se sucedem, no cérebro de hoje, pensamentos e deduções lógicas, corresponde a um processo e a uma luta de instintos que são, em si, deveras ilógicos e injustos; só percebemos geralmente o resultado desta luta, de tal modo este antigo mecanismo funciona em nós rapidamente e agora secretamente.

112 — Causa e efeito — Costumamos empregar a palavra “explicação”, e o que seria necessário dizer é “descrição” para designar aquilo que nos distingue dos estágios anteriores de conhecimento e de ciência. Sabemos descrever melhor do que os nossos predecessores, explicamos tão pouco como eles. Descobrimos sucessões múltiplas nos pontos em que o homem e o sábio ingênuos das civilizações precedentes viam apenas duas coisas, “causa” e “efeito”, como se dizia; aperfeiçoamos a imagem do devir, mas não fomos além dessa imagem. Em cada caso a série das “causas” apresenta-se-nos mais completa; deduzimos: é preciso que esta ou aquela coisa tenha sido precedida para que se lhe suceda outra; mas isso não nos leva a compreender nada. A qualidade em todos os fenômenos químicos, aparece-nos como um “milagre”, no fim de contas da mesma forma que anteriormente; o mesmo sucede com todo o movimento; ninguém “explicou” ainda o choque. De resto, como havíamos de o saber! Só operamos com coisas que não existem, linhas, superfícies, corpos, átomos, tempos divisíveis; como havia de existir sequer possibilidade de explicar quando começamos por fazer de qualquer coisa uma imagem, a nossa imagem! Bem basta considerar a ciência como uma humanização das coisas tão fiel quanto possível; aprendemos a descrever-nos a nós próprios cada vez mais exatamente descrevendo as coisas e a sua sucessão. Causa e efeito: trata-se de uma dualidade que decerto nunca existirá; assistimos, na verdade, a uma continuidade de que isolamos algumas partes; do mesmo modo que, do movimento, nunca percebemos mais do que pontos isolados, não o vemos, concluimos pela sua existência. A rapidez com que se fazem notar certos efeitos induz-nos em erro; mas essa rapidez só existe para nós. Nesse segundo de rapidez há uma multidão de fenômenos que nos escapam. Uma inteligência que visse causa e efeito como uma continuidade, e não, à nossa maneira, como um retalhar arbitrário, a inteligência que visse a vaga dos acontecimentos, negaria a ideia de causa e de efeito e de qualquer condicionalidade.

113 — Ciência dos venenos. — Há tantas coisas a reunir para que se possa formar um pensamento filosófico! E todas estas forças, necessárias, foi necessário inoculá-las, exercê-las, sustentá-las separadamente! Mas, consideradas isoladamente, produzem amiúde um efeito completamente diferente daquele que produzem agora, que se limitam e se disciplinam reciprocamente no pensamento científico: agiram como venenos: assim sucede com o instinto da negação, o instinto de temporização, o instinto colecionador e o instinto dissolvente. Tiveram de ser sacrificadas hecatombes de homens antes de esses instintos aprenderem a compreender a sua justaposição e a sentir-se reunidos como funções de uma mesma força organizante num mesmo homem! E quão longe estamos ainda de ver juntar-se ao pensamento científico as faculdades artísticas e a sabedoria prática da vida, de ver formar-se um sistema orgânico superior em relação ao qual o sábio, o médico, o artista e o legislador, tais como agora os conhecemos, aparecessem como pobres velha rias!

114 — Limites do domínio moral. — Construímos imediatamente a nova imagem que vemos com a ajuda das nossas velhas experiências conforme o grau da nossa lealdade e do nosso espírito de justiça. Só há acontecimentos morais, mesmo no domínio da percepção dos sentidos.

115 — Os quatro erros — A educação do homem foi feita pelos seus erros: em primeiro lugar, ele nunca se viu senão imperfeitamente; em seguida, atribuiu-se qualidades imaginárias; em terceiro, sentiu-se em relações falsas diante da natureza e do reino animal; em quarto, nunca deixou de inventar tábuas do bem sempre novas e tomou cada uma delas durante um certo tempo como eterna e absoluta, de tal maneira que o primeiro lugar foi ocupado sucessivamente por este ou aquele instinto ou este ou aquele estado que enobrece esta apreciação. Ignorar o efeito destes quatro erros é suprimir a humanidade, o humanitarismo e a “dignidade humana”.

116 — Instinto de rebanho. — Em toda a parte onde encontramos uma moral encontramos uma avaliação e uma classificação hierárquica dos instintos e dos atos humanos. Essas classificações e essas avaliações são sempre a expressão das necessidades de uma comunidade, de um rebanho: é aquilo que aproveita ao rebanho, aquilo que lhe é útil em primeiro lugar — e em segundo e em terceiro —, que serve também de medida suprema do valor de qualquer indivíduo. A moral ensina a este a ser função do rebanho, a só se atribuir valor em função deste rebanho. Variando muito as condições de conservação de uma comunidade para outra, daí resultam morais muito diferentes; e, se considerarmos todas as transformações essenciais que os rebanhos e as comunidades, os Estados e as sociedades são ainda chamados a sofrer, pode-se profetizar que haverá ainda morais muito divergentes. A moralidade é o instinto gregário no indivíduo.

117 — Remorso gregário. — Nas épocas mais recuadas da humanidade, e nas mais extensas, existia uma espécie de remorso muito diferente daquele que hoje existe. As pessoas só se sentem presentemente responsáveis por aquilo que querem e por aquilo que fazem, e a altivez deriva apenas daquilo que cada um traz consigo: os nossos juristas fazem partir tudo deste amor próprio individual, deste prazer de ser si próprio, como se a fonte do direito daí tivesse jorrado desde sempre. Ora, durante o mais longo período da humanidade, não houve nada tão terrível como sentir-se isolado. Ser só, sentir como um isolado, não obedecer, não dominar, significar um indivíduo, não era de modo algum então prazer mas punição; estava-se condenado a ser “indivíduo”. A liberdade de pensamento passava a ser o desprazer por excelência. Enquanto nós sentimos a lei e as classificações como uma constrição e um prejuízo, era o egoísmo que, antigamente, se considerava como uma coisa penosa, como uma autêntica miséria. Sermos nós, avaliarmo-nos de acordo com as nossas próprias medidas, pesarmo-nos com os nossos próprios pesos, era coisa que então chocava o gosto. Experimentar essa inclinação teria passado por loucura: porque toda a miséria e todo o receio estavam ligados à solidão. O “livre arbítrio” contactava intimamente com a má consciência: quanto menos livremente se agia, mais o instinto de rebanho se exprimia na ação, e não no sentido pessoal, mais o indivíduo se considerava moral. Tudo o que prejudicava o rebanho, quer o indivíduo o tivesse querido ou não, lhe causava então remorsos, melhor, causava-os ao seu vizinho, e mesmo ao rebanho na sua totalidade! Foi quanto a este ponto que mais mudamos de pensamento.

118 — Benevolência. — Fará uma célula ato de virtude quando se transforma até substituir as suas funções pelas de uma célula mais forte? Não pode fazer outra coisa. Fará mal a célula mais forte quando assimila a outra? A isso é também obrigada; é necessário que o faça, porque aspira a uma copiosa compensação e deseja regenerar-se. É preciso mesmo distinguir em matéria de benevolência, entre o instinto de assimilação e o instinto de submissão conforme são o mais forte ou o mais fraco que experimentam a benevolência. No mais forte, que quer fazer de qualquer coisa a sua função, são o prazer e o desejo que se unem; no mais fraco, que gostaria de se tornar função, são o prazer e o desejo de ser desejado.

A piedade entra essencialmente no primeiro destes dois casos; é uma agradável emoção do instinto

assimilador que desperta o aspecto do mais fraco: é preciso, aliás, pensar que “forte” e “fraco” são conceitos relativos.

119 — Nada de altruísmo. — Observo em muitas pessoas uma extrema propensão, um extremo prazer, em querer tornar- -se funções; empurram-se para todos os lugares onde podem desempenhar um papel melhor do que qualquer outro, possuem, para descobrir esses lugares, o faro mais sutil do mundo. Fazem parte dessa categoria as mulheres que se identificam com uma função de um homem francamente desenvolvida nele, e que se tornam assim a sua bolsa, ou ainda a sua política, ou mesmo a sua sociabilidade. Para estes seres a melhor maneira de se conservarem é implantarem-se num organismo estranho; se o não conseguem irritam-se, azedam-se e acabam por se devorar a si próprios.

120 — Saúde da alma. — A célebre forma de medicina moral (a de Aríston de Chios), “a virtude é a saúde da alma”, deveria ser pelo menos assim transformada para se tornar utilizável: “A tua virtude é a saúde da tua alma.” Porque em nós não existe qualquer saúde, e todas as experiências que se fizeram para dar este nome a qualquer coisa malograram-se miseravelmente. Importa que se conheça o seu objetivo, o seu horizonte, as suas forças, os seus impulsos, os seus erros e sobretudo o ideal e os fantasmas da sua alma para determinar o que significa a saúde, mesmo para o seu corpo. Existem, portanto, inúmeras saúdes do corpo; e quanto mais se permitir ao indivíduo, a quem não podemos comparar-nos, que levante a cabeça, mais se desaprenderá o dogma da “igualdade dos homens”, mais necessário será que os nossos médicos percam a noção de uma saúde normal, de uma dieta normal, de um curso normal da doença. Será só então que se poderá talvez refletir na saúde e na doença da alma e colocar a virtude particular de cada um nesta saúde, que corre muito o risco de ser num o contrário do que sucede com outro. Restará a grande questão de saber se podemos dispensar a doença, mesmo para desenvolver a nossa virtude, se, nomeadamente, a nossa sede de conhecer, e de nos conhecermos a nós próprios, não tem necessidade da nossa alma doente tanto como da nossa alma saudável, em resumo, se querer exclusivamente a nossa saúde não será um preconceito, uma cobardia e talvez um resto de barbárie mais sutil e do espírito mais retrógrado.

121 — A vida não é um argumento. — Arranjamos para nós um mundo no qual possamos viver, admitindo a existência de corpos, de linhas, de superfícies, de causas e de efeitos, de movimento e de repouso, de forma e de fundo: não fossem esses artigos de fé, ninguém hoje suportaria a vida! Mas isso não prova nada em seu favor. A vida não é um argumento: porque o erro poderia encontrar-se entre as condições da vida.

122 — O cepticismo moral no Cristianismo. — O próprio Cristianismo contribuiu largamente para o racionalismo: ensinou o cepticismo moral com muita energia e eficácia, acusando e espalhando a amargura, mas com uma paciência e uma sutileza infatigáveis; aniquilou em cada indivíduo a fé nas suas “virtudes”; fez desaparecer para sempre da terra esses grandes “virtuosos” que abundavam na Antiguidade, esses homens populares que iam passeando por toda a parte a sua fé na sua própria perfeição, com uma dignidade de matadores. Agora, educados como somos na escola cristã do cepticismo, quando pegamos nos livros de moral dos antigos, nos de Sêneca e de Epíteto, por exemplo, experimentamos um sentimento de superioridade divertida, discernimos e dominamos mil coisas secretas, julgamos ouvir falar uma criança diante de um velho ou uma jovem beleza entusiasta diante de La Rochefoucauld: conhecemos melhor aquilo a que se chama virtude! Mas finalmente aplicamos esse mesmo cepticismo a todos os estados de alma e a todos os fenômenos religiosos, pecado, graça, arrependimento e santificação, e deixamos que o verme roesse de tal modo que experimentamos agora também o mesmo sentimento de sutil superioridade e de clarividência na leitura dos livros cristãos: conhecemos também melhor os sentimentos religiosos! E é tempo de bem os conhecer, de bem os descrever, porque os fiéis da antiga fé tendem também a desaparecer... salvemos ao menos a sua imagem e o seu tipo em proveito do conhecimento.

123 — O conhecimento é mais do que um meio. — Mesmo sem esta nova paixão — isto é, a do

conhecimento — a ciência faria progressos: não aumentou ela até agora, não cresceu sem ela? A fé, a boa fé, na Ciência, o preconceito em seu favor que domina agora os nossos Estados (antigamente era mesmo a Igreja) repousa, no fundo, no fato desta irresistível inclinação se ter revelado, raramente nela e a ciência passar precisamente não por uma paixão, mas muito mais por uma condição e um “ethos”. Que digo eu? Basta mesmo muitas vezes o amor-prazer pelo conhecimento (curiosidade), basta o amor- vaidade, do hábito da Ciência, com um desejo difuso de honras e de pão quotidiano, basta mesmo para muitos não saber como passar o tempo se não lerem, não colecionarem, não classificarem, não observarem, não contarem: a sua “inclinação científica” não é outra coisa senão o seu aborrecimento. O Papa Leão X (no Breve a Bercaldo) cantou os louvores da ciência: designa-a como o mais belo ornamento e o maior orgulho da nossa vida, com nobre ocupação na felicidade e na desgraça: “Sem ela”, disse ele para concluir, “qualquer empresa humana estaria falha de apoio!... Mesmo com ela tudo é já bastante movediço e incerto!” Mas este Papa, passivelmente céptico, cala, como todos os panegiristas eclesiásticos da ciência, o seu juízo definitivo. Bem podem as suas palavras parecer dizer que coloca a ciência acima de arte — o que é bastante singular por parte de um tão grande amigo das artes — somente se trata de uma amabilidade se ele não fala daquilo que coloca, também ele, acima de qualquer ciência; a “verdade revelada”, a “eterna salvação da alma”; bens que lhe são o ornamento, o orgulho, o divertimento, a segurança da vida! “A ciência é coisa de segundo plano, não é nada de supremo, de absoluto, não é um objeto da paixão; eis o juízo que ficou no fundo da alma de Leão; é o verdadeiro juízo do Cristianismo no referente à ciência!

Na Antiguidade, a dignidade e a legitimidade da ciência eram minimizados pelo fato de, mesmo entre os seus mais fervorosos discípulos, a aspiração à virtude aparecer em primeiro lugar e por se acreditar que se tinha feito o mais alto elogio da ciência quando era glorificada como o melhor caminho para chegar à virtude. É coisa nova na história que o conhecimento queira ser mais do que um meio.

124 — No horizonte do infinito. — Deixamos a terra, subimos a bordo! Destruímos a ponte atrás de nós, melhor, destruímos a terra atrás de nós. E agora, barquinho, toma cuidado! Dos teus lados está o oceano; é verdade que nem sempre brame; a sua toalha estende-se às vezes como seda e ouro, um sonho de bondade. Mas, virão as horas em que reconhecerás que ele é infinito e que não existe nada que seja mais terrível do que o infinito. Ah, pobre pássaro, que te sentias livre e que esbarras agora com as grades desta gaiola! Desgraçado de ti se fores dominado pela nostalgia da terra, como se lá em baixo tivesse havido mais liberdade... agora deixou de haver “terra”!

125 — O insensato. — Nunca ouviram falar do louco que acendia urna lanterna em pleno dia e desatava a correr pela praça pública, gritando sem cessar: “Procuro Deus! Procuro Deus!” Mas como havia ali muitos daqueles que não acreditam em Deus, o seu grito, provocou grande riso. “Ter-se-á perdido, como uma criança?”, dizia um. “Estará escondido? Terá medo de nós? Terá embarcado? Terá emigrado?” Assim gritavam e riam todos ao mesmo tempo. O louco saltou no meio deles e trespassou-os com o olhar. “Para onde foi Deus?”, exclamou, “é o que lhes vou dizer. Matamo-lo... vocês e eu! Somos nós, nós todos, que somos os seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos esvaziar o mar? Quem nos deu uma esponja para apagar o horizonte inteiro? Que fizemos quando desprendemos a corrente que ligava esta terra ao Sol? Para onde vai ela agora? Para onde vamos nós próprios? Longe de todos os sóis? Não estaremos incessantemente a cair? Para diante, para trás, para o lado, para todos os lados? Haverá ainda um acima, um abaixo? Não estaremos errando através de um vazio infinito? Não sentiremos na face o sopro do vazio? Não fará mais frio? Não aparecem sempre noites, cada vez mais noites? Não será preciso acender os candeeiros logo de manhã? Não ouvimos ainda nada do barulho que fazem os coveiros que enterram Deus? Ainda não sentimos nada da decomposição divina?... Os deuses também se decompõem! Deus morreu! Deus continua morto! E fomos nós que o matamos! Como havemos de nos consolar, nós, assassinos entre os assassinos! O que o mundo possui de mais sagrado e de mais poderoso até hoje sangrou sob o nosso punhal; quem nos há-de limpar deste sangue? Que água nos poderá

lavar? Que expiações, que jogo sagrado seremos forçados a inventar? A grandeza deste ato é demasiado grande para nós. Não será preciso que nós próprios nos tornemos deuses para, simplesmente, parecermos dignos dela? Nunca houve ação mais grandiosa e, quaisquer que sejam aqueles que poderão nascer depois de nós pertencerão, por causa dela, a uma história mais elevada do que, até aqui, nunca o foi qualquer história!” O insensato calou-se depois de pronunciadas estas palavras e voltou a olhar para os seus auditores: também eles se calavam, como ele, e o fitavam com espanto. Finalmente atirou a lanterna ao chão, de tal modo que se partiu e se apagou. “Chego cedo demais”, disse ele então, “o meu tempo ainda não chegou. Esse acontecimento enorme está ainda a caminho, caminha e ainda não chegou ao ouvido dos homens. O relâmpago e o raio precisam de tempo, a luz dos astros precisa de tempo, as ações precisam de tempo, mesmo quando foram efetuadas, para ser vistas e entendidas. Esta ação ainda lhes está mais distante do que as mais distantes constelações; e foram eles contudo que a fizeram!” Conta-se ainda que este louco entrou nesse mesmo dia em diversas igrejas e entoou o seu Requiem aeternam Deo. Expulso e interrogado teria respondido inalteravelmente a mesma coisa: “O que são estas igrejas mais do que túmulos e monumentos fúnebres de Deus?”

126 — Explicações místicas. — As explicações místicas passam por profundas; a verdade é que nem sequer são superficiais.

127 — Efeito da mais antiga religiosidade. — O homem irrefletido imagina que só a vontade é atuante; querer seria uma coisa simples, encarada tal como é, indeduzível, compreensível por si mesma. Este homem imagina que quando faz alguma coisa, quando, por exemplo, vibra um soco, é ele que bate e que bateu porque o queria fazer. Não vê nisso nenhum problema; o sentimento de ter querido basta-lhe não somente para admitir a causa e o efeito mas ainda para imaginar que compreende a sua relação. Não sabe nada do mecanismo da ação, do cêntuplo e sutil trabalho que tem de ser efetuado para que chegue a bater, do mesmo modo que não imagina a incapacidade total da vontade para operar a menor parte desse trabalho. A vontade é para ele uma força que age de maneira mágica: acreditar na vontade como na causa de efeitos é acreditar em forças que agem por magia. Ora, primitivamente, por toda a parte onde o homem via uma ação, imaginava que a causa estava numa vontade e imaginava nos bastidores um ser dotado de uma vontade pessoal; a ideia de mecânica estava muito longe dele. Mas como durante largo tempo nunca acreditou senão em pessoas (e não em substâncias, forças, objetos, etc.), a fé na causa e no efeito tornou-se para ele uma crença fundamental de que se serve sempre que acontece alguma coisa; mesmo ainda, por instinto, por uma espécie de atavismo cuja origem se perde na noite dos tempos. Os princípios “não há efeito sem causa”, “todo o efeito se torna causa por sua vez”, aparecem-nos como generalizações de princípios muito mais limitados, tais como estes: “agiu-se, quis-se”, “só se pode agir sobre seres que querem”, “um efeito nunca é sofrido de maneira puramente passiva, sem consequência, quando se experimenta há sempre excitação da vontade” (vontade de ação, de defesa, de vingança, de represálias); mas nos tempos primitivos da humanidade esses princípios eram idênticos; os primeiros não eram generalizações dos segundos, eram os segundos que eram interpretações dos primeiros. Schopenhauer, ao admitir que nada daquilo que existe é outra coisa senão vontade, colocou no trono uma mitologia antiga; parece nunca ter tentado a análise da vontade porque acreditava, como toda a gente, que o querer é simples e imediato, quando o querer é apenas um mecanismo tão exercitado que quase escapa ao olho do observador. Contrariamente a Schopenhauer ponho os princípios seguintes: em primeiro lugar, para que um querer se forme é necessário que exista uma representação de prazer e de desprazer. Em segundo lugar, que uma violenta excitação produza uma sensação de prazer ou de desprazer, é assunto do intelecto interpreta- dor, que aliás, na maior parte das vezes, opera sem que o saibamos. Em terceiro lugar, só há prazer, desprazer e vontade nos seres intelectuais; a enorme maioria dos organismos ignora-os.

128 — O valor da oração. — A oração foi inventada pelas pessoas que nunca tiveram pensamentos próprios e que ignoram a elevação da alma ou a experimentam sem se darem conta: que devem fazer essas pessoas nos lugares santos e nas circunstâncias importantes da vida que exigem repouso e uma

espécie de dignidade? Para impedir pelo menos que elas incomodem, todos os fundadores de religiões, grandes ou pequenos, lhes recomendaram na sua sagesa a fórmula da oração, longo trabalho mecânico dos lábios, aliado a um esforço de memória e a uma posição determinada das mãos, dos pés... e do olhar! Ruminem uns então, como os Tibetanos, cem mil vezes o Om mane padme hum, ou contem pelos dedos, tal como em Benares, o nome do deus Ram-Ram-Ram (e assim de seguida, com ou sem graça), ou honrem Vichnu com os seus mil nomes, ou mesmo Alá com os seus noventa e nove, quer utilizem rosários ou moinhos de orações... o essencial é que esse trabalho os fixe seja como for durante um tempo e lhes confira um aspecto suportável; a sua maneira de rezar foi inventada em benefício das pessoas pias que conhecem o pensamento e a elevação da alma por experiência pessoal. E mesmo estes têm horas de lassitude em que uma litania de palavras e de sons veneráveis, uma piedosa mecânica, lhes fazem bem. Mas, a supor que essa§ raras pessoas — o homem religioso é uma raridade em qualquer religião —, a supor que essas raras pessoas saibam livrar-se de embaraços sozinhas, os pobres de espírito não sabem livrar- -se de embaraços, e proibir-lhes o ronrom da oração é tirar-lhes a sua religião, como vê todos os dias um pouco mais com o exemplo do protestantismo. É que a religião só lhes pede que estejam tranquilos, eles, os seus olhos, as suas mãos e as suas pernas, e os seus órgãos qualquer qualidade que sejam: o que, pelo menos, os embeleza durante um momento e os torna mais semelhantes ao homem.

129 — As condições de Deus. — “O próprio Deus não poderia subsistir sem os homens sábios”, disse Lutero, e com muita razão, mas “Deus ainda menos poderia permanecer sem os insensatos”, foi o que esse bom Lutero não disse.

130 — Uma decisão perigosa. — A decisão cristã de achar o mundo feio e mau tornou o mundo feio e mau.

131 — Cristianismo e suicídio. — O Cristianismo serviu-se do extraordinário desejo de suicídio que reinava no momento da sua formação para o transformar numa alavanca da sua força, só deixando duas formas lícitas do suicídio, revestindo-as da mais alta dignidade, carregando-as com as mais elevadas esperanças e proibindo todas as outras da mais terrível maneira. Mas o martírio e o lento aniquilamento do asceta eram permitidos.

132 — Contra o Cristianismo. — É o nosso gosto que, agora, decide contra o Cristianismo, já não são os nossos argumentos.

133 — Princípio. — Uma hipótese inevitável a que a humanidade é sempre forçada a regressar, é apesar de tudo mais poderosa, no fim de contas, do que a crença mais forte num erro (por exemplo a fé cristã). No fim de contas, significa, na ocorrência, ao fim de uns cem mil anos.

134 — Os pessimistas vítimas. — Sempre que no seio de um povo ganha predomínio um profundo desprazer de viver, isso é o resultado de um grande desfasamento de regime de que esse povo se manou culpado durante muito tempo e que assim se manifesta. Assim, o desenvolvimento do budismo (não digo a sua formação) é em grande parte devido ao abuso que os hindus fizeram do arroz na alimentação e ao amolecimento geral que daí resulta. Talvez o descontentamento da Europa dos tempos modernos derive do fato de que os nossos antepassados, através de toda a Idade Média, se terem entregue à bebida sob a influência das preferências germânicas: a Idade Média é a Europa intoxicada pelo álcool. O pessimismo alemão é essencialmente uma languidez hibernai, fruto, entre o mais, do ar viciado e do veneno espalhado pelo fogões nas casas germânicas.

135 — Origem do pecado. — O pecado, tal como hoje o consideramos por toda a parte onde o Cristianismo reina ou alguma vez reinou, o pecado é um sentimento judeu, uma invenção judia, e, quanto a este pano de fundo de toda a moralidade cristã, o Cristianismo procurou, com efeito, judaizar o mundo inteiro. Até que ponto conseguiu na Europa, é o que se sente sobretudo pelo grau de estranheza que a antiguidade grega — mundo isento do sentimento do pecado — conserva sempre para a nossa sensibilidade, mau grado toda a boa vontade que um grande número de gerações e de indivíduos notáveis empregaram para se aproximar dele e o assimilar. “Deus só perdoa perante o arrependimento”, eis o que

faria sorrir ou irritaria um grego; diria: “Sentimento de escravo!” Semelhantes palavras pressupõem, com efeito, um Deus poderoso, e todo- -poderoso, que tem, apesar disso, prazer na vingança; o seu poder é tão grande que se lhe não pode causar qualquer prejuízo no que se refere à sua honra. Qualquer pecado é falta de respeito, crime de lesa-majestade divina... e nada mais! Contrição, desonra, humilhação, tais são as primeiras e últimas condições a que se prende a sua graça; ele quer ser restabelecido na sua honra divina! Que o pecado cause outros desgastes, que implante no mundo um desastre, que abrace e abafe sucessivamente todos os homens, eis o que deixa inteiramente frio, no alto do seu céu, este oriental ávido de honras: o pecado é uma falta contra ele, e não contra a humanidade! Se concede a sua graça a alguém, concede-lhe concomitantemente essa mesma despreocupação perante as consequências naturais do pecado. Nesta concepção, Deus e a humanidade estão tão perfeitamente isolados um do outro, tão opostos, que se pode, no fundo, pecar contra esta última; toda e qualquer ação deve ser sempre considerada do ponto de vista das suas consequências sobrenaturais, nunca outras; assim o quer o sentimento judeu para o qual tudo o que é natural é coisa indigna de si própria. Os gregos, ao contrário, admitiam de bom grado o sacrilégio, como o de de Prometeu e mesmo como o de Ajax, ou até o massacre do gado, enquanto manifestação de um ciúme insensato; foi diante da necessidade de imaginar a incorporação desta dignidade no sacrilégio que inventaram a tragédia, arte e prazer que se mantiveram essencialmente alheios à alma judia, apesar de todos os seus dons poéticos e da sua propensão para o sublime.

136 — O povo eleito. — Os Judeus, que têm o sentimento de ser o povo eleito entre os povos e isto porque são o gênio moral entre os povos (graças à sua faculdade de desprezar o homem em si mais profundamente do que qualquer outro povo), os judeus sentem no seu monarca, no seu santo divino, um prazer análogo àquele que a nobreza francesa encontrava no seu Luís XIV. Essa nobreza deixara-se despojar da totalidade da sua força e da sua soberania; tornara-se desprezível: para não sentir isso, para o poder esquecer, tinha necessidade de encontrar no seu rei um esplendor, uma autoridade, uma plenitude de força sem igual, de que só ela tivesse o direito de se aproximar. Elevando-se, conforme este privilégio, até à altura da corte, vendo daí tudo abaixo dela, tudo desprezível, acabava finalmente por esquecer a irritação da sua consciência.

Era assim que elevava intencionalmente, cada vez mais alta, a torre da força real, elevando-a até às nuvens e empregando para isso as últimas pedras da sua própria força.

137 — Para falar por imagens. — Um Jesus Cristo, só era possível numa paisagem judaica; quero dizer com isto, uma paisagem constantemente ameaçada pela sublime e sombria nuvem de tempestade de um Jeová colérico. Só ali era possível considerar a passagem rara e repentina de um único raio de sol como um milagre do “amor”, como o raio de uma “graça” imerecida. Só lá Cristo podia sonhar o seu arco-íris e a celeste escada pela qual Deus descia para os homens; em todas as outras partes o bom tempo e o sol eram a bem evidente regra quotidiana.

138 — O erro de Cristo. — O fundador do Cristianismo pensava que nada fazia sofrer mais os homens do que os seus pecados; foi esse o seu erro, o erro daquele que se sente sem pecados; de alguém a quem faltava experiência quanto a esse ponto! Foi assim que a sua alma se encheu com essa maravilhosa e quimérica piedade por um mal com que o seu próprio povo, que era o inventor do pecado, sofria raramente como de um grande mal! Mas os cristãos souberam, uma vez a coisa feita, dar razão ao seu mestre para santificar o seu erro fazendo dele uma “verdade”.

139 — Cor das paixões. — Naturezas como a do apóstolo Paulo têm um “mau-olhado” para as paixões; só veem delas o lado sujo, aquilo que desfigura e destrói os corações; a sua aspiração ideal leva-os portanto a destruir as paixões: no divino veem-nas em total ausência. Ao invés de Paulo e dos judeus, a aspiração ideal dos gregos dirigia-se às suas paixões, amavam- -nas, colocavam-nas num plano muito alto, douravam-nas e deificavam-nas; era bem evidente que se sentiam na paixão não só mais felizes, mas ainda mais puros, mais divinos do que de costume. E os cristãos? Terão procurado tornar-se

judeus quanto a esse ponto? Não o teriam conseguido?

140 — Demasiado judeu. — Se Deus tivesse querido tornar-se um objeto de amor devia ter começado por renunciar a fazer justiça; um juiz, mesmo clemente, não é objeto de amor. O fundador do Cristianismo não se sentiu com finura suficiente nesse ponto: era judeu.

141 — Demasiado orientai — Como? Um Deus que ama os homens, com a condição de estes acreditarem nele, que lança olhares terríveis, ameaças contra quem não acredita nesse amor! Pois quê! Um amor sob condição, sentimento de um Deus todo-poderoso! Um amor que nem conseguiu vencer o ponto de honra, nem a sede de vingança! Como tudo isto é oriental! “Se te amo, que tens que ver com isso?” Eis uma frase que basta para criticar todo o Cristianismo.

142— Fumigações. — Buda disse: “Não lisonjeies o teu benfeitor.” Repeti estas palavras numa igreja cristã varrem imediatamente o ar de tudo o que é cristão.

143 — A maior utilidade do politeísmo. — Que o indivíduo crie para si próprio o seu ideal para daí reduzir a sua lei os seus prazeres e os seus direitos, eis o que até agora passou pela mais monstruosa de todas as aberrações humanas; era a idolatria em si: de fato, os raros que a ela se atreviam tinham sempre necessidade de fazer a sua apologia aos seus próprios olhos, e geralmente nestes termos; “Não fui eu! Não fui eu! Mas sim um deus que agiu por mim!” Foi a força maravilhosa, a arte espantosa de criar deuses, o politeísmo, que permitiu que esse instinto se descarregasse, se purificasse, se aperfeiçoasse, se enobrecesse; porque isso era a princípio apenas uma tendência vulgar e pobre, parente do egoísmo, da desobediência e da inveja. Combater esse instinto do ideal pessoal foi antigamente a lei de todas as morais. Só havia então um modelo: “o homem” e todos os povos julgavam possuir dele a amostra definitiva. Mas acima, e fora da pessoa, na distância de um mundo superior, tinha-se o direito de ver um grande número de modelos\ nenhum deles era a negação, a blasfêmia de um outro! E foi aí que se começou a permitir o aparecimento de indivíduos, a honrar um direito individual. A invenção dos deuses, de heróis e de super-homens de todas as espécies, assim como de homens “marginais” e de sub-homens, de anões, de fadas, de centauros, de sátiros, de demônios e de diabos, foi uma inapreciável preparação à justificação do egoísmo e da soberania do indivíduo: a liberdade concedia aos deuses nas suas relações com os outros deuses, acabou a sociedade por se conceder a si própria, através das leis, dos costumes e dos vizinhos. O monoteísmo, pelo contrário, essa rígida consequência da doutrina do homem normal — desta vez, portanto, num deus normal junto do qual não há senão falsos deuses —, foi talvez até agora o maior perigo da humanidade: ameaçou-a com a paragem prematura a que chegaram já, até onde pudemos julgar, a maior parte das outras espécies animais, convencidas como estão da existência de um animal normal, de um ideal da sua espécie, depois de terem feito entrar definitivamente a moralidade na sua carne. No politeísmo encontra-se já uma primeira imagem do livre- -pensamento, do polipensamento do homem: a força de se criar olhos novos, pessoais, cada vez mais novos, mais pessoais; de tal modo que só para o homem, entre todos os animais, deixou de haver horizontes, perspectivas eternas.

144 — Guerra de religião. — A guerra de religião foi até aqui o maior progresso da massa: prova que a massa começou-a tratar as ideias com respeito. As guerras de religião só começam a partir do momento em que a razão geral está suficientemente afinada pelas subtis disputas das seitas, para que a própria população adquira sutileza, tome a sério pequenas coisas, e chegue mesmo ao ponto de admitir que a “salvação da alma” depende de pequenas diferenças de ideias.

145 — Perigo dos vegetarianos. — Uma enorme predominância do arroz na alimentação leva ao emprego do ópio e dos narcóticos, do mesmo modo que uma enorme predominância das batatas ao do álcool; mas, graças a uma contrapartida mais sutil, leva também a maneiras de pensar e de sentir que têm um efeito narcótico. O que concorda com o fato de os promotores de formas de pensar narcóticas, como os filósofos hindus, pregaram um regime puramente vegetariano e quererem fazer deste regime uma lei das massas: procuram assim despertar e aumentar a necessidade que eles são capazes de satisfazer, eles e não outros.

146 — Esperanças alemãs. — Não esqueçamos que os nomes dos novos são geralmente injuriosos. Os Tártaros são, por exemplo, “cães” se acreditarmos no seu nome: foram os chineses que os baptizaram. A designação de “alemães” — die Deutschen — significava originariamente os “pagãos”, era o nome que os godos, depois da sua conversão, tinham dado à grande massa dos seus irmãos de raça ainda não baptizados, seguindo nisso a sua tradução dos Septante, em que os pagãos se encontravam designados pela palavra grega que significa “os povos”: veja-se Eufilas. Seria ainda possível que os alemães se honrassem, apesar de tudo, com um nome que foi antigamente uma injúria, tornando-se o primeiro povo não cristão da Europa: Schopenhauer gostava de mostrar que a Alemanha tinha grandes disposições nesse

sentido. Assim se ultimaria a obra de Lutero que lhes ensinou a ser antirromanos e a dizer: “Eis-me aqui! Sou assim, não posso nada contra isso.”

147 — Pergunta e resposta. — Que aproveitam em primeiro lugar os selvagens dos Europeus? O álcool e o Cristianismo, os narcóticos da Europa. — E o que é que os mata mais depressa? Os narcóticos da Europa.

148 — Onde nascem as reformas. — Na época em que a - Igreja estava mais corrompida, era na Alemanha que ela o estava menos: foi por isso que a Reforma nasceu neste país. Era o sintoma de uma repugnância invencível pelo menor esboço de corrupção. Relativamente, com efeito, nunca houve povo mais cristão do que os alemães do tempo de Lutero: a sua civilização cristã estava prestes a expandir-se no esplendor de uma cêntupla floração; faltava apenas mais uma noite; mas essa noite trouxe consigo a tempestade que pôs termo a tudo.

149 — Malogro das reformas. — É uma coisa em honra dos gregos, e que dá testemunho da sua cultura superior, mesmo em tempos bastante distantes, se várias tentativas falharam junto deles para fundar novas religiões; isso tende a provar que houve na Grécia, desde muito cedo, uma multidão de indivíduos cuja diversidade de misérias não podia ser curada por uma receita comum, estipulando uniformemente a utilização da fé e da esperança, Pitágoras e Platão, talvez também Empédocles, e, muito antes, os entusiastas órficos, procuravam fundar novas religiões; os dois primeiros possuíam até almas e talentos tão tipicamente de fundadores de religiões que nunca nos espantaremos bastante com o seu malogro: não conseguiram, no entanto, fazer mais do que reunir seitas. Todas as vezes que a reforma da totalidade de um povo se malogra e só consegue fazer surgir seitas, pode-se concluir que esse povo, é composto de elementos muito diversos e começa a desprender-se dos grosseiros instintos e da moralidade do rebanho, estado transitório significativo que se tem o costume de insultar em nome da decadência dos costumes e da corrupção, quando, pelo contrário, anuncia que o ovo amadurece e que a casca se vai romper. Se a reforma de Lutero resultou nos países nórdicos, trata-se de um sintoma de que o Norte da Europa tinha ficado atrasado em relação ao Sul e só experimentava ainda necessidades bastante uniformes e monocromas; e não teria mesmo havido cristianização da Europa se a civilização do velho mundo meridional não tivesse sido barbarizada, pouco a pouco, por uma excessiva adição de sangue germânico, perdendo assim a sua preponderância. Quando mais se vê um indivíduo, ou o pensamento desse indivíduo, agir de maneira geral, e absoluta, mais necessário é que a massa sobre a qual ele agiu tenha sido uniforme e baixa; os movimentos de oposição revelam, pelo contrário, necessidades opostas que exigem também que se satisfaçam e imponham. Inversamente: pode-se sempre concluir por um elevado grau de cultura quando se veem naturezas poderosas, dominadoras, chegar apenas a exercer uma influência restrita, limitada a seitas: o que é igualmente válido para as diferentes artes e os domínios particulares do conhecimento. Onde se domina, existem massas: onde há massas, há uma necessidade de escravatura. Onde há pouca necessidade de escravatura há apenas poucos indivíduos e estes têm contra eles os instintos gregários e a consciência.

150 — Crítica, dos santos. — Será então necessário, para ter uma virtude, querer possuí-la sob a sua forma mais brutal, como o faziam os santos cristãos, como tinham necessidade de o fazer, não podendo suportar a vida a não ser com a ideia de que cada um seria dominado pela vontade de se aniquilar só com o aspecto da sua virtude? Dou o nome de virtude brutal a uma virtude que tem semelhantes efeitos.

151 — Da origem da religião. — A necessidade metafísica não é a fonte das religiões, como o pretende Schopenhauer; é apenas um rebento dessas religiões. Sob o império das ideias religiosas ganhou-se o hábito de conceber um “outro mundo” (pré-mundo, supermundo ou submundo) e, no dia em que a quimera se desmorona, experimenta-se um vazio angustiante, uma privação; é então que, desse sentimento, nasce de novo um “outro mundo”, mas este simplesmente metafísico, não religioso. Quanto ao primeiro, o que levava na origem a admiti-lo, não era uma necessidade, um instinto, mas um erro na interpretação de certos fenômenos naturais, uma perturbação da inteligência.

152 — A maior mudança. — A iluminação, as cores de tudo mudaram muito! Já não compreendemos muito bem como é que os antigos homens sentiam as coisas mais comuns, mais frequentes, por exemplo o dia e o acordar: como acreditavam nos sonhos, a vida no estado de vigília tinha para eles uma luz diferente. Do mesmo modo, o seu conjunto, iluminado, como estava pelo refletor da morte, do significado da morte: a nossa “morte” é uma morte completamente diferente. Todos os acontecimentos possuíam uma luz diferente, porque um deus irradiava neles; todas as decisões também, todas as previsões distantes: porque se possuíam oráculos, secretas advertências, e se acreditava nas predições. A “verdade” era sentida de maneira muito diferente, porque o louco passava a ser seu intérprete, o que nos obriga a rir ou a estremecer. Qualquer injustiça impressionava os sentimentos de outra maneira, porque se receava a vingança de um deus, e não a simples desonra, a simples punição civil. O que era alegria no tempo em que se acreditava no Diabo, no Tentador? E a paixão quando as pessoas viam à sua volta os olhos dos demônios à espreita! E a filosofia quando a dúvida era considerada como um dos mais perigosos pecados, blasfêmia para com o amor divino, desconfiança para com tudo o que era bom, elevado, puro e misericordioso! Nós repintamos todas as coisas de novo, nunca deixamos de as repintar, mas que podemos nós contra o esplendor dos coloridos dessa antiga virtuosidade!... Quero dizer, antiga humanidade.

153 — “Homo” poeta. — “Eu próprio, que fiz com aí minhas próprias mãos esta tragédia das tragédias, na medida em que ela está feita; eu que dei o primeiro nó da moral na existência, e que puxei com tanta força que só um deus o poderá desatar — assim o quer Horácio! —, eu mesmo, no meu quarto ato, acabo, por moralidade, por matar todos os deuses! Que fazer agora do quinto ato! Onde ir buscar o desenlace trágico! Terei de começar a meditar num desenlace cômico?”

154 — A vida mais ou menos perigosa. — Ignorais completamente o que vos acontece, correis pela vida à maneira de bêbados, caindo de vez em quando por uma escada. Mas, graças a vossa embriaguez, não partis a espinha: os vossos músculos estão muito lassos e a vossa cabeça demasiado obscura para que acheis a pedra desses degraus tão dura como o é para nós! Para nós a vida é um perigo maior: nós somos de terra; desgraçados de nós se acabamos por nos esbarrar. E se caímos é o fim de tudo!

155 — O que nos falta. — Gostamos da grande natureza e descobrimo-la, o que deriva do fato de os grandes homens faltarem na nossa cabeça. Sucede inversamente com os gregos: o seu sentimento da natureza é diferente do nosso.

156 — O mais influente. — Que um homem resista à totalidade da sua época, que a faça deter à porta e a obrigue a prestar contas, eis o que exerce forçosamente influência! Que ele o queira, importa pouco; que ele o possa, eis o ponto principal.

157 — Mentir. — Toma cuidado!... Ele está a refletir. vai defender a sua mentira. Eis um grau de cultura em que se encontraram povos inteiros. Pense-se então naquilo que os romanos exprimiam por *mentir*!

158 — Qualidade incômoda. — Descobrir profundidade em tudo, eis uma qualidade incômoda: faz com que se gastem incessantemente os olhos e que por fim se encontre sempre mais do que aquilo que se desejava.

159 — Todas as virtudes têm a sua época. — A quem hoje é inflexível, a sua honestidade provoca-lhe muitas vezes remorsos: por que a inflexibilidade é uma virtude que pertence a uma idade diferente da da honestidade.

160 — Nas relações que se mantêm com as virtudes. — Até nas relações com uma virtude se pode ser lisonjeiro e servil.

161 — Aos apaixonados da época. — O padre renegado, o forçado liberto, compõem constantemente uma máscara; o que lhes falta é um rosto sem passado.

Mas já vistes homens que, sabendo que o futuro se reflete na sua frente, sejam bastante cortes para convosco, os apaixonados da época atual, para se comporem um rosto sem futuro?

162 — Egoísmo. — O egoísmo é esta lei da perspectiva do sentimento, de acordo com a qual as coisas mais próximas são as maiores e as mais pesadas, ao passo que todas as que se afastam diminuem de tamanho e de peso.

163 — Depois de uma grande vitória. — O que existe de melhor numa grande vitória é tirar ela ao vencedor o receio da derrota. “Porque é que”, diz consigo, “não hei-de também ser derrotado ao menos uma vez? Sou agora suficientemente rico para isso.”

164 — Os que procuram o repouso. — Reconheço os espíritos que procuram o repouso pelo grande número de objetos escuros com que se rodeiam: aquele que quer dormir faz a obscuridade no seu quarto ou encolhe-se numa caverna... Indicação para aqueles que não sabem exatamente o que procuram acima de tudo e que bem gostariam de o saber!

165 — Felicidade da renúncia. — Quando se renuncia completamente a uma coisa e por muito tempo, se porventura a voltamos a encontrar, quase acreditamos que a descobrimos; e qual não é a felicidade do homem que descobre! Sejamos mais sábios do que a serpente que fica tempo demais deitada ao mesmo sol.

166 — Sempre em nossa companhia. — Tudo aquilo que é da minha espécie, na natureza e na história, tala-me, louva-me, encoraja-me, consola-me: o resto não o entendo, ou esqueço-o imediatamente. Nunca estamos senão em nossa própria companhia.

167 — Misanthropia e amor. — Nunca se diz que já se está farto dos homens a não ser quando já não é possível dirigi-los e, portanto, quando se tem o estômago ainda cheio. A misanthropia é a consequência de um amor demasiado ávido dos homens, de uma espécie de “antropofagia”... Mas quem foi que te ordenou, meu príncipe Hamlet, que engolisses homens como ostras?

168 — A propósito de um doente. — “Está mal!” Mas o que é que está então mal? “Sofre de um ardente desejo de ser louvado, que não é capaz de ser saciado.” É inacreditável! Toda a gente lhe faz festas ou o anima e o seu nome está em todas as bocas! “É que é duro de ouvido quando se trata de louvores. Vêm de um amigo? Parece-lhe que esse amigo se louva a si mesmo. De um inimigo? Pensa que esse inimigo procura ele próprio fazer-se assim louvar; enfim, de um outro — e há bem poucos, tanto a sua celebridade é grande! —, fica ferido porque não o querem ter como amigo ou por inimigo; diz muitas vezes; “Que me importa alguém ainda capaz de se armar em juiz íntegro comigo!”

169 — Inimigos sinceros. — A coragem diante do inimigo é uma coisa à parte: pode-se tê-la e continuar a ser um cobarde ou um zaragateiro sem decisão. Era o que Napoleão pensava do “homem mais corajoso” que conheceu, Murat, de onde se deve concluir que certos homens têm necessidade de inimigos secretos se querem elevar-se até à sua virtude, à sua virilidade, à sua serenidade.

170 — Com a multidão. — Até agora caminhou com a multidão, de quem é o panegirista; mas um dia há-de ser o seu inimigo! Porque a segue imaginando que a sua preguiça ali poderá encontrar a sua solução: ainda não aprendeu que a multidão não é bastante preguiçosa para ele, que caminha sempre para diante, que não permite que ninguém se detenha!... E ele gosta tanto de se deter!

171 — Glória. — Quando o reconhecimento de um grande número por um único repele qualquer espécie de pudor, é o nascimento da glória.

172 — Desfazedor de gosto. — A: “Tu és um desfazedor de gosto; eis o que se diz por toda a parte”. B: “Certamente! Desfaço a cada um o gosto que tem pelo seu próprio partido, nenhum partido mo perdoa.”

173 — Ser profundo e parecer profundo. — Aquele que se sabe profundo esforça-se por ser claro; aquele que gostaria de parecer profundo à multidão esforça-se por ser obscuro. Porque a multidão acredita ser profundo tudo aquilo de que não pode ver o fundo. Tem tanto medo! Gosta tão pouco de se meter na água!

174 — De lado. — O parlamentarismo, quer dizer, a permissão oficial de escolher entre cinco grandes opiniões políticas, insinua-se particularmente no favor dessa multidão de pessoas que muito

gostariam de parecer independentes, pessoais, e fazer figura de homens que lutam pelas suas ideias. Mas importa pouco, no fundo, que se imponha ao rebanho uma única opinião ou que se lhe permitam cinco; aquele que não partilha nenhuma das cinco e vai pôr-se de lado tem sempre o rebanho contra ele.

175 — Da eloquência. — Quem possui até aqui a eloquência mais convincente? O tambor; enquanto os reis lhe podem dar ordens são eles que continuam a ser os melhores oradores e os melhores agitadores populares.

176 — Compaixão. — Pobres príncipes reinantes! Todos os seus direitos, agora, se mudam repentinamente em pretensões, que não tardarão, por sua vez, em fazer figura de usurpações! Basta que digam apenas “Nós” ou “o meu povo”, a velha Europa sorri já sardonicamente. Um mestre de cerimônias incomodar-se-ia pouco com eles nos nossos dias; talvez decretasse: “Les souverains rangent aux parvenus.”

177 — Pedagogia. — Falta ao homem superior na Alemanha um grande meio pedagógico: o riso do homem superior; o homem superior não ri na Alemanha.

178 — Emancipação moral. — É necessário desaconselhar aos alemães o seu Mefisto e também o seu Fausto. Trata-se de dois preconceitos morais contra o valor do conhecimento.

179 — Pensamentos. — Os nossos pensamentos são as sombras dos nossos sentimentos, são sempre mais obscuros, mais vazios, mais simples do que estes.

180 — A bela época dos espíritos livres. — Os espíritos livres permitem-se liberdades mesmo para com a ciência, e deixam-se passar essas liberdades, na medida em que a Igreja ainda lá está. É o seu bom tempo, a esse respeito.

181 — Seguir e preceder. - — A: “Dos dois um há-de preceder, o outro seguirá sempre, onde quer que o destino os conduza. E, todavia, o segundo é superior ao outro pelo seu espírito e pela sua virtude!” B: “E todavia? E todavia? E falar pelos outros, não por mim, não por nós! *Fit secundum regulam.*”

182 — Na solidão. — Quando se vive só, não se fala muito alto, não se escreve também muito alto: receia-se o eco, o vazio do eco, a crítica da ninfa Eco. A solidão modifica as vozes.

183 — A música do melhor futuro. — O primeiro músico seria para mim aquele que só conhecesse a tristeza da mais profunda felicidade, e que ignorasse qualquer outra: até agora ainda não foi encontrado.

184 — Justiça. — Mais vale deixar-se roubar do que usar espantalhos; tal é o meu gosto. E é sempre questão de gosto, nada mais além de questão de gosto.

185 — Pobre. — Hoje ele é pobre; mas não é porque lhe tenham tirado tudo, foi por ter recusado tudo. Que lhe importa! Está habituado a encontrar. São os pobres que compreendem mal a sua voluntária pobreza.

186 — Má consciência. — Agora só faz de sábio e de pessoa conveniente; e, todavia, a sua consciência não está tranquila. É que a sua tarefa é excepcional.

187 — O que há de ofensivo no discurso. — Este artista ofende-se devido à maneira como apresenta as ideias, as excelentes ideias que lhe ocorrem: exhibe-as com tamanha insistência, procura persuadir com artifícios tão grosseiros que se diria que se dirige à baixa população. Quando consagramos um certo tempo à sua arte, sentimo-nos sempre em “má companhia”.

188 — Trabalho. — Como o mais ocioso de nós, hoje, está ainda perto da tarefa, está ainda perto do operário! A delicadeza que quer traduzir esta expressão de um rei: “Todos nós somos operários!”, teria ainda passado por cinismo indecente na época de Luís XIV.

189 — O pensador. - — E um pensador: isso significa que se empenha em tomar as coisas com maior simplicidade do que aquela que elas têm.

190 — Contra os louvaminheiros. — A: “Só se é louvado pelos seus semelhantes!” B: “Pois é! E aquele que te louva diz- -te: tu pertences aos meus semelhantes”.

191 — Contra muitos defensores. — A mais pérfida maneira de prejudicar uma causa é defendê-la intencionalmente com más razões.

192 — Os caridosos. — Que distingue dos outros homens esses seres caridosos cuja benevolência lhes irradia o rosto? É que em presença de uma nova pessoa sentem-se à vontade e entendem-se rapidamente; querem-lhe bem em virtude desse entendimento. O primeiro juízo que fazem, é: “Agrada-me esta pessoa”. Segue-se imediatamente o desejo de se apropriarem (não se preocupam muito com o valor do seu objeto), a apropriação em si mesma, depois a alegria de possuírem e finalmente a ação em favor do objeto possuído.

193 — Malícia de Kant. — Kant queria demonstrar que “toda a gente” tinha razão de uma maneira que consternaria “toda a gente”: foi isto a secreta astúcia desta alma. Escreveu contra os sábios em favor do preconceito popular, mas foi por eles, não pelo povo, que o fez.

194 — “De coração aberto”. — Eis aqui um homem que verosimilmente nunca age senão devido a razões secretas; porque tem sempre a boca cheia de coisas confessáveis e vo-las oferece às mãos cheias.

195 — Para morrer a rir. — Vejam, vejam... foge dos homens... mas os homens vão atrás dele porque ele corre diante deles; de tal modo são animais de rebanho!

196 — Limites do nosso ouvido. — Nunca se ouvem senão as perguntas para as quais se é capaz de encontrar uma resposta.

197 — Atenção'. — Não há nada que tanto gostemos de mostrar aos outros como o selo do segredo... sem esquecer o que há debaixo.

198 — Despeito do orgulhoso. — O orgulhoso sente despeito mesmo quando o levam para diante: olha maldosamente para os cavalos da sua carruagem.

199 — Liberalidade. — A liberdade não é, na maior parte das vezes, nos ricos mais do que uma espécie de timidez.

200 — Riso. — O riso é um prazer maligno que se toma com uma consciência pura.

201 — Aplauso. — Não se poderá aplaudir sem barulho nem a nós próprios.

202 — Um desperdiçador. — Não há ainda esta pobreza do rico que inventariou já a totalidade do seu tesouro; prodigaliza o seu espírito com a falta de razão da natureza desperdiçadora.

203 — “*Hic niger est.*” — Habitualmente não tem pensamento, mas excepcionalmente tem-nos maus.

204 — Os mendigos e a delicadeza. — “Não é incorreto bater com uma pedra numa porta que não tem campainha”, assim pensam os mendigos e todos os necessitados, mas ninguém lhes dá razão.

205 — Necessidade. — Julga-se que a necessidade cria a coisa; mas é a coisa, na maior parte das vezes, que cria a necessidade.

206 — Durante a chuva. — Chove e penso nos pobres que se empilham neste momento com todo esse fardo de preocupações que não estão treinados em esconder; essas pobres que estão, portanto, a fazer-se mal umas às outras, cheias de boa vontade para fazer e para se criar, mesmo durante o mau tempo, uma miserável maneira de bem-estar. É isso, nada mais do que isso, a pobreza dos pobres!

207 — O invejoso. — Eis um invejoso; não lhe desejeis filhos; teria ciúmes deles por já não poder ter a sua idade.

208 — Grande homem. — Pelo fato de alguém ser um grande homem, não se tem o direito de concluir que é um homem; talvez não seja mais do que um rapazinho, ou um camaleão de todas as idades da vida, ou então ainda uma mulherzinha transformada em homem por um mágico.

209 — Certa maneira de indagar a respeito das coisas. — ' Existe uma certa maneira de se inquirir das nossas razões que não somente nos faz esquecer as melhores, mas nos desperta ainda uma agressividade e uma repugnância em relação a todas: trata-se de uma maneira muito estupidificante de questionar, é o piparote das naturezas tirânicas.

210 — Medida na atividade. — É preciso não querer fazer mais do que o nosso pai. Ficaríamos doentes.

211 — Inimigos secretos. — Poder sustentar um inimigo secreto é um luxo que a moralidade dos próprios espíritos mais nobres não é suficientemente rica para se permitir.

212 — Não se deixar enganar. — O seu espírito possui más maneiras, apressa-se excessivamente e gagueja sempre de impaciência: de maneira que não desconfiamos da alma que o aloja; não sabemos o longo fôlego que possui, não sabemos a imensidade do seu peito.

213 — O caminho da felicidade. — Um sábio perguntava a um louco qual era o caminho da felicidade. O louco respondeu-lhe imediatamente, como alguém a quem se pergunta o caminho da cidade vizinha: “Admira-te a ti mesmo e vive na rua”. “Alto lá”, exclamou o sábio, “pedes demais, basta já que nos admiremos!” E o louco respondeu logo: “Mas como admirar sem cessar se não nos desprezarmos constantemente?”

214 — A fé que salva. — A virtude só dá felicidade e uma espécie de beatitude àqueles que têm fé na sua virtude... e não às almas mais subtis, cuja virtude consiste numa profunda desconfiança diante de si próprias e de qualquer virtude. No fim de contas, ainda neste caso, é “a fé que salva!” e não, note-se bem, a virtude.

215 — Ideal e matéria. — Tu tens um nobre ideal em vista: mas serás tu próprio feito de uma pedra suficientemente nobre para poder dela tirar a estátua do teu deus? E no caso negativo, nada do teu trabalho chegará a outro resultado que não seja uma escultura bárbara? A injúria do teu ideal?

216 — Voz perigosa. — Com uma voz forte é-se quase capaz de pensar em coisas sutis.

217 — Causa e efeito. — Antes do efeito acredita-se em causas diferentes daquelas que aparecem depois.

218 — A minha aversão. — Não gosto dos homens que, para obter um efeito, são obrigados a estourar como bombas dos homens na proximidade dos quais nos encontramos sempre em perigo de perder subitamente o ouvido... se não for pior.

219 — Objectivo do castigo. — “O castigo é feito para melhorar aquele que castiga”; esta frase representa o último recurso dos defensores do castigo.

220 — Sacrifício. — As vítimas do sacrifício e do espírito de sacrifício têm dele uma ideia muito diferente da dos espetadores; mas nunca lhes foi dada a palavra.

221 — Poupança. — Pais e filhos poupam-se entre eles muito mais do que mães e filhas.

222 — Poeta e mentiroso. — O poeta vê no mentiroso o, irmão de leite a quem roubou o seu leite; de maneira que este irmão ficou miserável e nem sequer pôde chegar a ter uma boa consciência.

223 — Vicariato dos sentidos. — “Também temos os olhos para ouvir”, dizia um velho professor que se ia tornando surdo: “E entre os cegos é rei aquele que tem os ouvidos maiores.”

224 — Crítica dos animais. — Receio que os animais considerem o homem como um ser da sua espécie, mas que perdeu da maneira mais perigosa a sã razão animal, receio que eles o considerem como o animal absurdo, como o animal que ri e chora, como o animal desastroso.

225 — O natural. — “O mal teve sempre por si o grande efeito! E a natureza é má! Sejam portanto naturais!”, assim raciocinam em segredo esses grandes pesquisadores de efeito da humanidade que, vezes demais, foram contados entre os grandes homens.

226 — Os desconfiadas e o estado. — Nós dizemos simplesmente as coisas mais fortes desde que haja em volta de nós pessoas que acreditem na nossa força: semelhante círculo habitua à “simplicidade do estilo”. Os desconfiados faltam enfaticamente; os desconfiados tornam enfático.

227 — Conclusão falsa, golpe falhado. — Ele não se sabe dominar; e eis esta mulher que daí conclui que será fácil dominá-lo e lança as suas redes para o apanhar; pobre mulher, em pouco tempo tornar-se-á sua escrava.

228 — Contra os mediadores. — Quando se quer servir de mediador entre dois pensadores decididos mostra-se a sua própria mediocridade: é que se não possui vista suficientemente boa para distinguir o que é único; fazer igual, é a consequência da miopia.

229 — Teimosia e fidelidade. — Ele defende ainda por teimosia uma causa cuja fraqueza vê, mas chama a isso “fidelidade”.

230 — Falta de descrição. — Ele não convence, porque nunca calou uma boa ação que tenha feito.

231 — Os “profundos” — Os lerdos do conhecimento imaginam que ele exige lentidão.

232 — Sonhar. — Não se sonha, ou, se se sonha, é de uma maneira interessante. E necessário aprender a estar acordado da mesma maneira: ou de maneira nenhuma ou de uma maneira interessante.

233 — O mais perigoso ponto de vista. — O que eu faço neste momento é tão importante para tudo o que virá como o maior acontecimento do passado; nestya formidável perspectiva do efeito, todas as ações são igualmente grandes e pequenas.

234 — Consolação de um músico. — “O ouvido dos homens não ouve a música da rua existêcia;avas para eles uma vida muda, o seu tímpano não distingue nenhuma das finuras da tua melodia. É verdade que não chegas conduzindo uma música militar pela estrada principal, mas nem por isso têm o direito de dizer que a tua vida é falha de música. Que aqueles que têm ouvidos para ouvir, ouçam.”

235 — Espírito e caráter — Muitos, quanto ao caráter, atingem o seu máximo, mas o espírito não se encontra à altura deste cimo, e em muitos outros sucede inversamente.

236 — Para agitar a multidão. — Quando se quer agitar a multidão não devemos ser os nossos próprios comediantes? Não devemos necessariamente transportarmo-nos em primeiro lugar a nós mesmos para o plano de uma precisão grotesca para nos darmos e a nossa causa e toda a nossa personagem sob essa forma simplificada e aumentada?

237 — O homem delicado. — “É tão delicado!” Certamente; tem sempre no fundo da algibeira um pedaço de açúcar para Cerbero, e é tão timorato que para ele toda a gente é Cerbero, mesmo tu, mesmo eu; a sua delicadeza está nisso.

238 — Sem inveja. — Ele é destituído de qualquer inveja, mas não tem nenhum mérito; porque quer conquistar um país que nunca ninguém teve; nem sequer viu, a não ser uma única pessoa...

239 — O homem sem alegria. — Um único homem sem alegria basta para criar numa casa inteira um mau humor contínuo e para a envolver numa nuvem escura: e é um milagre se este homem não está presente! É preciso muito para que a felicidade seja doença tão contagiosa. De onde é que isso vem?

240 — À beira do mar. — Não construirei casa para mim (a minha felicidade exige até que a não tenha!) Mas se fosse necessário que a fizesse, queria, como certos romanos, construí-la mesmo no mar; agradar-me-ia compartilhar alguns segredos com esse belo monstro.

241 — A obra e o artista. — Eis um artista ambicioso; limita-se a ser ambicioso; a sua obra não é mais do que um vidro de aumento que estende a quem quer que a olha.

242 — “Suum cuique.” — Por maior que seja a avidez do meu conhecimento, não posso retirar das coisas mais do que aquilo que me pertence já; o que é dos outros, continua nelas. Como um homem pode roubar ou assaltar!

243 — Origem do “bom” e do “mau”. — Só inventa a melhoria aquele que sabe sentir: “tal coisa não é boa”.

244 — Pensamento e palavra. — Nem sequer os nossos pensamentos podemos traduzir inteiramente por meio das palavras.

243 — A escolha que louva. — O artista escolhe os seus temas: é essa a sua maneira de louvar.

246 — Matemática. — Queremos, até onde for possível, introduzir a sutileza e o rigor das matemáticas em todas as ciências; não que imaginemos, com isso, chegar a conhecer as coisas; queremos somente estabelecer a nossa relação com elas. A matemática não é mais do que o meio do conhecimento supremo e geral dos homens.

247 — Hábito. — Qualquer hábito torna a nossa mão mais engenhosa e o nosso gênio mais desajeitado.

248 — Livro. — O que é um livro que nem mesmo sabe levar-nos para além de todos os livros?

249 — Suspiro do homem que procura o conhecimento. — “Maldita avidez! Nesta alma não há nenhum desinteresse; muito pelo contrário, um eu que deseja tudo e que queria, através de mil

indivíduos, ver com os seus olhos, agarrar como se ofizesse com as suas mãos... um eu que prende a totalidade do passado e não quer dar nada, seja do que for, que lhe possa pertencer! Maldita chama da avidez! Alt! Pudesse eu reencarnar- -me em mil seres!”

Quem não conhece por experiência este suspiro, ignora tudo da paixão do pesquisador do conhecimento.

250 — Culpabilidade. — Ainda que os juízes mais sagazes, e as próprias feiticeiras, estivessem convencidas do caráter culpável das práticas de feitiçaria, contudo a culpa das feiticeiras não existia. Assim acontece com toda a culpa.

251 — Sofrimentos desconhecidos. — As grandes naturezas sofrem de maneira muito diferente daquela que os seus admiradores imaginam: aquilo que mais as tortura são as vulgares e. mesquinhas emoções de certos maus momentos, as dúvidas que elas podem conceber a respeito da sua própria grandeza, não os sacrifícios, os martírios que a sua tarefa delas reclama. Enquanto Prometeu lamenta os homens, enquanto se sacrifica por eles, mantém-se feliz e grande; mas torne-se ciumento de Zeus e das homenagens que os homens prestam ao deus do Olimpo, é então que começa a sofrer.

252 — Mais vale dever. — “Mais vale dever do que pagar com uma moeda que não traz a nossa efígie!” assim o quer a nossa soberania.

253 — Sempre em nossa casa. — Um dia, tendo alcançado o nosso fim, só com orgulho falaremos das longas peregrinações que fomos obrigados a fazer. Mas, 11a realidade, não nos tínhamos apercebido da viagem. Se chegamos tão longe foi precisamente porque em todos os lugares nos parecia estarmos em nossa casa.

254 — Contra o embaraço. — Quando se está sempre profundamente ocupado está-se acima de qualquer embaraço.

255 — Imitadores. — A: “Como? Não queres imitadores?” B: “Não quero que me imitem nisto ou naquilo; quero que cada um escolha pessoalmente o seu modelo, é o que eu faço.” A: “Pois nesse caso!...”

256 — À flor da pele. — Todos os homens das profundezas põem a sua felicidade em se poderem parecer com os peixes voadores que brincam no alto da crista das vagas; consideram que a superfície é a melhor das coisas: o que elas têm à flor da pele; *sit venia verbo*.

257 — Por experiência. — Muitos ignoram a sua imensa riqueza até ao dia em que aprendem a das pessoas que ela tornou ladrões.

258 — Os navegadores do acaso. — Nenhum vencedor acredita no acaso.

259 — Ouvido no Paraíso. — “Bem e mal são os preceitos de Deus”, dizia a serpente.

260 — Tábua de multiplicar. — Um, nunca tem razão; a dois, começa a verdade. Um, não se pode provar; dois, já não podem continuar a refutar-se.

261 — Originalidade. — O que vem a ser a originalidade? Ver alguma coisa que ainda tem nome, que ainda não pode ser nomeada, ainda que toda a gente a tenha debaixo dos olhos. Tais como os homens são de ordinário, é somente o nome da coisa que começa a torná-la visível. Os originais, geralmente foram também os “nomeadores”.

262 — “*Sub specie aeterni*”.

— A: “Afasta-te cada vez mais dos vivos: não tardará muito que eles te risquem das suas listas!”

— B: “E o único meio de participar no privilégio dos mortos.”

— A: “Qual privilégio?”

— B: “Nunca mais morrer.”

263 — Sem vaidade. — Quando amamos queremos que os nossos defeitos permaneçam escondidos... não por vaidade, mas para que o ser amado não sofra. Aquele que ama gostaria mesmo de aparecer como um deus... e também isto se não deve à vaidade.

264 — O que nós fazemos. — O que nós fazemos nunca é compreendido, mas somente louvado ou

condenado.

265 — Supremo cepticismo. — Quais são então, em última análise, as verdades do homem? São os seus erros irrefutáveis.

266 — Crueldade necessária. — Quando se possui a grandeza é-se cruel para com as suas virtudes e as suas considerações de segunda ordem.

267 — Um grande objetivo. — Um grande objetivo torna-vos superior, não somente às vossas ações e aos vossos juízes, mas à própria justiça.

268 — O que é que torna heroico? — Ir ao mesmo tempo para além da sua maior dor e da sua maior esperança.

269 — Em que tens fé? — Nisto: em que é necessário determinar de novo o peso de todas as coisas.

270 — Que diz a tua consciência? — “Deves tornar-te rio homem que és.”

271 — Onde se encontra o teu maior perigo! Na piedade.

272 — O que amas nos outros! — As minhas esperanças.

273 — A quem chamas mau! — Àquele que quer envergonhar sempre.

274 — Que encontras de mais humanei! — Poupar a vergonha a alguém.

275 — Qual é a marca da liberdade realizada! Não mais corar de si próprio.

Livro Quarto

*São Janeiro**



*Tu que com uma lança de chamas
Destróis o gelo da minha alma
E que o expulsas, fervente,
Para o mar da minha mais alta esperança,
Cada vez mais clara e mais robusta,
Livre na sua amante violência,
Ela celebra os teus milagres,
Oh, o mais belo mês de Janeiro!*

Gênova, Janeiro de 1892

276 — Para o novo ano. — Ainda vivo, ainda penso: é ainda necessário que eu viva, porque é ainda necessário que eu pense. *Sum ergo cogito: cogito, ergo sum.* Hoje todos se permitem exprimir os seus desejos, o seu mais caro pensamento: vou, portanto, dizer, eu também, o que mais desejo hoje e qual foi o primeiro pensamento que desejei realizar este ano; vou dizer qual é o pensamento que deve tornar-se a razão, a garantia e a doçura de toda a minha vida! E aprender cada vez mais a ver o belo na necessidade das coisas: é assim que serei sempre daqueles que tornam as coisas belas. *Amor fati*: seja esse de agora em diante o meu amor. Não quero fazer a guerra ao feio. Não quero acusar, nem mesmo os acusadores. Desviarei o meu olhar, será essa, de ora em diante, a minha única negação! E, numa palavra em grosso, não quero, a partir de hoje, ser outra coisa senão um afirmador.

277 — Providência pessoal. — Há um momento em que a vida passa por um certo máximo: alcançado esse máximo, encontramo-nos — apesar de toda a nossa liberdade, e se bem que recusemos qualquer razão previdente e qualquer bondade ao belo caos da existência — em grande perigo de servidão intelectual; resta-nos prestar as nossas provas mais dificilmente do que nunca. É nesse momento, com efeito, que a ideia de uma providência pessoal se nos oferece mais despoticamente e defendida pelo melhor dos advogados, pela aparência, porque vemos então que tudo o que nos toca acaba sempre por ser para nosso maior bem. A vida de todos os dias, de todas as horas parece apenas que no-lo procura provar sem cessar; seja como for, bom ou mau tempo, perda de amigos, doença, calúnia, carta que não chega, esfoladela, simples olhar que se lança a uma montra, argumento que outra pessoa vos opõe, livro que se abre, sonho, duplicidade... tudo, tudo se revela a breve prazo ou imediatamente como uma dessas coisas que “não podiam faltar”... tudo está carregado de um sentido profundo, de uma profunda utilidade; e isso precisamente para nós! Será tentação mais perigosa rejeitar os deuses de Epicuro, esses despreocupados desconhecidos, para nos pormos a acreditar numa divindade qualquer, numa divindade desconfiada e mesquinha, que faz pessoalmente a conta dos mais pequenos cabelos da nossa cabeça, e não sente nenhuma repugnância em nos prestar os mais mesquinhos serviços? Pois muito bem, apesar de tudo isso, deixemos os deuses em repouso; deixemos em repouso os gênios servis; contentemo-nos em admitir simplesmente que a nossa habilidade, prática e teórica, em interpretar os acontecimentos, em arranjar as circunstâncias, acaba de atingir o seu apogeu. Não pensemos também demasiado bem da destreza da nossa sabedoria se nos acontece, por momentos, ser surpreendidos pela maravilhosa harmonia que nasce do toque do nosso instrumento, demasiado bela para que ousemos atribuir-nos o seu mérito. Alguém vem, com efeito, às vezes, tocar conosco... o querido Acaso: guia-nos os dedos e a mais sábia providência não poderia imaginar mais bela música do que aquela que nasce então sob a nossa louca mão.

278 — O Pensamento da morte. — Sinto uma alegria melancólica em viver neste emaranhado de ruelas, de necessidades, de vozes: quantos prazeres, impaciências, desejos, quantas sedes de vida e de embriaguez de vida nascem aqui a cada instante! E, contudo, que silêncio depressa terá coberto todos estes barulhentos, todos estes vivos, todos estes ávidos! Como se vê bem atrás de cada um desenhar-se a sua sombra, o seu obscuro companheiro de caminho! Sucede constantemente como no último momento antes da largada de um berço de emigrantes: já não há mais nada a dizer-se, a hora aperta, o oceano e o seu vazio silêncio esperam impacientemente atrás de todo este barulho... tão ávidos, tão seguros da sua presa! E todos, todos imaginam que o passado não é nada, que o próximo futuro é tudo: de onde esta pressa, estes gritos, esta necessidade de se ensurdecer e de entre-enganar que os domina! Cada um deles quer ser o primeiro neste futuro, e, contudo, a morte, o silêncio do túmulo, é a única certeza que ele oferece, que possa ser comum a todos. Como é estranho que esta única certeza e esta única comunhão não possam quase nada sobre os homens, e que não haja aí nada mais distante do seu espírito que a ideia de sentir esta fraternidade da morte! Sinto-me feliz por ver que os homens se recusam absolutamente a querer pensar na morte. Gostaria de contribuir para lhes tornar a ideia da vida ainda mil vezes mais digna de ser pensada.

279 — Amizade estelar. — Éramos dois amigos, somos dois estranhos. Mas isso é realmente assim: não iremos procurar escondê-lo ou calá-lo como se tivéssemos de corar. Somos dois navios cada um dos quais com o seu objetivo e a sua rota particular; podemos cruzar-nos, talvez, e celebrar juntos uma festa, como já o fizemos; esses corajosos barcos estavam lá tão tranquilos, debaixo do mesmo sol, no mesmo porto, que se teria acreditado que tinham alcançado o objetivo, que tinham tido o mesmo objetivo. Mas a onnipotência das nossas tarefas separou-nos em seguida, empurrados para mares diferentes, debaixo de outros sóis, e talvez nunca mais nos voltemos a ver: mares diferentes, sóis diversos nos mudaram! Era preciso que nos tornássemos estranhos um ao outro: era a lei que pesava entre nós; é precisamente por isso que nos devemos mais respeito! Para que a ideia da nossa antiga amizade se nos deva tornar mais sagrada! Existe provavelmente uma formidável trajetória, uma pista invisível, uma órbita estelar, sobre a qual os nossos caminhos e os nossos objetivos diferentes estão inscritos como pequenas etapas; elevemo-nos até este pensamento. Mas a nossa vida é demasiado curta e a nossa vista demasiado fraca para que possamos ser amigos, a não ser no sentido em que o permite esta sublime possibilidade... Acreditemos, portanto, na nossa amizade estelar, mesmo se tivermos de ser inimigos na terra.

280 — Arquitetura para uso daqueles que procuram o conhecimento. — Será necessário reconhecer um dia — e penso que tal dia há-de chegar depressa — que aquilo que mais falta nas nossas cidades são “pensadouros” silenciosos e espaçosos, lugares amplos, com elevadas e compridas galerias para o mau tempo e o ar livre, onde o rumor das viaturas e os gritos dos comerciantes não penetrem e onde o tato proíba mesmo aos padres rezar em voz alta: edifícios e passeios que exprimiam pelo seu conjunto a sublimidade da meditação e do isolamento. Passou o tempo em que a Igreja possuía o monopólio desta meditação, em que a vida contemplativa devia começar necessariamente por ser vida religiosa: porque esta ideia ressalta de tudo o que ela construiu. Não vejo como poderíamos acomodar-nos nesses edifícios, mesmo se perdessem a sua finalidade religiosa. Casas de Deus, teatros de aparato, comércios sobrenaturais, falam uma linguagem excessivamente enfática e muito acanhada para que aí possamos, ímpios, meditar os nossos pensamentos pessoais. Somos nós que devemos traduzir a pedra e a planta para que nos possamos passear em nós próprios, quando formos a essas galerias e a esses jardins.

281 — Saber encontrar o fim. — Reconhecem-se os mestres de primeira ordem porque sabem, tanto no grande como no pequeno, encontrar sempre o fim perfeito, quer seja o de uma melodia ou de um pensamento, o quinto ato de uma tragédia ou um drama de Estado. Os de segundo plano, mesmo os mais fortes, tornam-se nervosos quando se começa a aproximar o fim; não caem no mar com uma tão altiva e tranquila eurytmia, a que se vê, por exemplo, nos montes de Portofino, no lugar em que a baía de Gênova canta o fim da sua melodia.

282 — A marcha. — Há maneiras de espírito que, mesmo naqueles que o têm grande, acusam a plebe ou a meia plebe de onde saíram: são o ritmo e a marcha dos seus pensamentos que os traem; esses espíritos não sabem marchar. Assim, o próprio Napoleão nunca pôde, com o seu profundo despeito, marchar com um passo principesco, com um ritmo “legítimo”, nas ocasiões que o exigiam, procissão do coroamento, solenidades, cerimônias: até nestas grandes circunstâncias ele só caminhava como chefe de coluna — altivo e brusco ao mesmo tempo e muito consciente da coisa. Nada mais divertido do que ver esses escritores que fazem drapear à sua volta os panejamentos do período: é que querem esconder os pés.

283 — Preparadores. — Saúdo com alegria tudo o que anuncia o aparecimento de uma época mais viril, mais guerreira, que honrará outra vez a coragem, antes de mais nada! Porque preparará, por sua vez, a vida de uma época melhor, colectará as forças de que esta terá um dia necessidade. Esta: a que introduzirá o heroísmo no conhecimento, que fará a guerra pelo pensamento, pelas consequências da ideia. São precisos agora muitos valentes que abram caminho, e que não podem surgir do nada, do mesmo modo que não podem aparecer da areia da civilização presente e da vasa das grandes cidades; homens silenciosos, solitários, decididos, que saibam contentar-se com a sua tarefa invisível, que saibam ser perseverantes; homens que, em todas as coisas, procurem apaixonadamente o obstáculo a vencer, homens serenos, pacientes e simples, desdenhosos das grandes vaidades, que saibam ser magnânimos na vitória e indulgentes para as pequenas vaidades dos vencidos; homens que julguem livremente todos os vencedores e meçam com precisão a parte que cabe ao acaso em todas as vitórias e em todas as glórias; homens que tenham as suas festas, os seus próprios dias de trabalho e de luto, que tenham o hábito de comandar, que o façam com segurança e estejam imediatamente prontos a obedecer, quando tal for necessário, igualmente altivos, igualmente certos de servir a sua própria causa tanto num como no outro caso: homens mais importantes, mais fecundos, mais felizes! Porque, acreditei-me, o grande segredo para colher a existência mais fecunda e o maior prazer é viver perigosamente. Construí as vossas cidades sobre o Vesúvio. Enviai os vossos barcos para mares inexplorados. Vivei em guerra com os vossos semelhantes e convosco mesmos. Pilhai e conquistai, procuradores de conhecimento, enquanto não puderdes ser reis ou proprietários! Depressa terá passado o tempo em que podíeis satisfazer-vos em viver escondidos nos bosques como veados aterrados! O conhecimento poderá, enfim, atingir aquilo que lhe pertence de direito: quererá reinar e possuir, e vós haveis de o querer com ele!

284 — A fé em si próprio. — Há, de uma maneira geral, poucas pessoas que tenham fé em si próprias; algumas ainda trazem consigo esta fé de nascença como uma cegueira necessária ou como um obscurecimento parcial do espírito (que espetáculo aperceberiam se pudessem olhar para o fundo delas!); as outras devem adquiri-lo: tudo o que fazem de bem, de sólido, de grande é, acima de tudo, um argumento contra o céptico que nelas mora, o que quase exige gênio. São os grandes descontentes consigo próprios.

285 — Excelsiori — “Nunca mais rezarás, nunca mais adorarás, nunca mais te repousarás numa confiança ilimitada, hás-de proibir deter-te diante de uma suprema safeza, uma suprema bondade, uma suprema força, e libertares os teus pensamentos; não terás guarda nem amigo para a tua sétupla solidão; viverás sem uma saída nesta montanha que tem neve na cabeça, fogo no coração; deixará de haver para ti recompensador ou supremo corretor; deixará de haver razão naquilo que se passará, dentará de haver amor naquilo que te acontecerá; o teu coração não verá mais nenhum asilo onde se encontra tudo sem nada procurar; defender-te-ás contra a paz definitiva, quererás o eterno retorno da guerra e da paz; homem da renúncia, quererás tu renunciar-te em tudo isso? Quem te dará a força? Ainda ninguém a teve!”

Houve um lago que um dia se proibiu de se escoar e que levantou um dique no ponto por onde o tinha feito até então: desde esse dia as suas águas pararam de subir.

Talvez seja pelas nossas renúncias que chegaremos, nós também, a suportar a renúncia; talvez o homem não deixe de se elevar no dia em que deixar de se escoar em Deus.

286 — Digressão. — Eis as esperanças; mas em que as podereis vós ver, mas em que é que as podereis vós bem sentir a vossa alma não conheceu jogos, esplendores e auroras? Só posso ajudar a vossa memória, não serei capaz de fazer mais nada! Deslocar pedras? Mudar os animais em homens?... Será isso que quereis de mim? Ai de mim! Se ainda sois pedras, se ainda sois animais, procurai primeiro um Orfeu.

287 — Feliz por ser cego. — “Os meus pensamentos”, diz o viajante à sua sombra, “devem fazer-me saber onde estou, e não revelar-me aonde vou. Gosto do desconhecimento do futuro; não quero morrer de impaciência à espera das coisas prometidas, nem de ter comido o meu trigo verde.”

288 — Estados de alma nobres. — Parece-me que a maior parte das pessoas acreditam nos estados de alma nobres, pelo menos naqueles que duram a fração de um instante, naqueles, digamos, que excedem um quarto de hora, exceção feita daqueles raros indivíduos que têm a experiência de grandes sentimentos de mais demorada duração. Mas o homem de um sentimento único, aquele que encarna um único grande estado de alma, foi até aqui apenas um sonho, uma esplêndida possibilidade: a história não fornece dele exemplo que seja irrefutável. Poderá ela, contudo, dar ainda nascimento a esse homem... quando uma multidão de condições estiverem criadas, que nem o mais feliz dos acasos pode reunir nos nossos dias. Talvez o arrepio que, nos nossos dias, só nos acontece excepcionalmente será então o estado corrente dessas almas futuras: uma contínua sucessão, uma contínua sensação de alto e baixo, uma contínua ascensão acompanhada pela impressão de repousar em cima de nuvens.

289 — Embarcai. — Quando se considera o efeito que exerce sobre qualquer indivíduo uma justificação filosófica geral da sua maneira de viver e de pensar, quando se pensa que ela o aquece e o abençoa e o fecunda como um sol que brilhasse apenas para ele, quando se mede a independência que lhe confere em relação à opinião pública, quando se vê quanto ela o torna contente consigo, rico, pródigo de felicidade e de benevolência, que ela não cessa de transformar o mal em bem, de fazer florir e amadurecer todas as suas forças e de matar nele as ervas más, pequenas ou grandes, do humor negro e do desgosto, acaba-se por exclamar como uma súplica: Ah! Oxalá se possam ainda criar mil sóis como este! O próprio mau, o desgraçado, o homem de exceção, deve ter a sua filosofia, a sua razão, o seu raio de sol! Não é a piedade que lhe é necessária!... desaprovemos esta orgulhosa ideia, se bem que tenha sido a ela que durante tanto tempo a humanidade pediu as suas lições e os temas dos seus exercícios... não temos necessidade para ninguém de confessores, de exorcismadores nem de absolvedores. O que é necessário é uma nova justiça! E uma nova palavra de ordem! E novos filósofos! A terra moral é redonda como a outra! Tem, como a outra, os seus antípodas! Os nossos antípodas, tal como nós, têm direito à vida! Há ainda outro mundo a descobrir! Vamos, filósofos, para os vossos barcos!

290 — Uma única coisa é necessária. — “Dar estilo” ao seu caráter... é uma arte deveras considerável que raramente se encontra! Para a exercer é necessário que o nosso olhar possa abranger tudo o que há de forças e de fraquezas na nossa natureza, e que as adaptemos em seguida a um plano concebido com gosto, até que cada uma apareça na sua razão e na sua beleza e que as próprias fraquezas seduzam os olhos. Aqui ter-se-á acrescentado uma grande massa de segunda natureza, nos pontos onde se terá tirado um pedaço da primeira, à custa, nos dois casos, de um paciente exercício e de um trabalho de todos os dias. Neste lugar disfarçou-se uma fealdade que se não podia fazer desaparecer, noutro ela foi transmutada, fez-se dela uma beleza sublime. Grande número de elementos, que se recusavam a tomar forma, foram reservados para ser utilizados nos efeitos de perspectiva: darão os longes, o apelo do infinito. Foi a unidade, a pressão de um mesmo gosto que dominou e afeiçãoou no grande e no pequeno: a que ponto, vemos por fim, uma vez terminada a obra; que esse gosto seja bom ou mau, importa menos do que se pensa, basta que tenha havido um.

Serão as naturezas fortes e dominadoras que apreciarão as alegrias mais subtis nesta opressão, nesta escravatura, nesta perfeição ditadas pela lei pessoal; o aspecto de qualquer natureza estilizada, de qualquer natureza, enfim, vencida e submetida, alivia a paixão da sua forte vontade; se têm de construir

palácios, se têm de plantar jardins repugna-lhes também deixar a natureza livre. Pelo contrário, os caracteres fracos, aqueles que se não dominam, odeiam a servidão do estilo: sentem que se tornariam inevitavelmente vulgares se esta amarga opressão lhes fosse imposta: não saberiam servir sem se tornar escravos, por isso detestam fazê-lo. Semelhantes espíritos — e podem ser de primeira ordem — empenham-se sempre em se dar a si próprios e em dar ao seu meio o ritmo de naturezas livres — selvagens, arbitrárias, fantasistas, desordenadas e surpreendentes — ou em interpretar-se como tais: e fazem bem, porque é só assim que se satisfazem! Uma única coisa é, com efeito, necessária: que o homem chegue a estar contente consigo, qualquer que seja a arte ou a ficção de que se serve para esse fim: é somente então que ganha uma fisionomia suportável! Os que estão descontentes consigo próprios estão sempre prontos a vingar-se: como nós que seremos as suas vítimas, quanto mais não seja tendo de suportar sempre o seu desagradável espetáculo. Porque o espetáculo da fealdade torna as pessoas más e sombrias.

291 — Gênova — Contemplei durante um grande pedaço esta cidade, as suas casas de campo, os seus jardins de prazer, o vasto círculo das suas colinas e das suas encostas habitadas, e não me pude impedir de dizer comigo: descubro aqui os rostos das gerações que passaram; esta região está semeada de retratos de homens intrépidos e soberanos. Viveram e quiseram durar, eis o que me dizem por intermédio das suas casas construídas e decoradas para durar séculos, e não para o instante passageiro: gostavam da vida, por mais cruel que ela pudesse muitas vezes, ter sido para eles. Vejo sempre o construtor que havia neles, o seu olhar que se poussa, e se repousa, em tudo aquilo que, próximo ou distante, está ali construído; quer sobre a cidade ou sobre o mar e as linhas das montanhas, vejo esse olhar que conquista; esse homem submeterá tudo isso ao seu plano, dele fará finalmente a sua posse tornando-se ele próprio uma parcela do conjunto. Toda a região desaparece sob os produtos do egoísmo sumptuoso e insaciável que existiu nesta sede de presa, nesta necessidade de posse. E, do mesmo modo que, recusando reconhecer um limite ao horizonte, esses homens punham, na sua sede de novo, um mundo novo ao lado do antigo; assim, em sua casa, na sua pátria, continuavam a revoltar-se uns contra os outros, cada um encontrava maneira de exprimir a sua superioridade e de interpor o seu infinito pessoal entre si e o vizinho. Cada um reconquistava a sua pátria por sua conta impondo-lhe o seu pensamento arquitetural, recriando-a de uma certa maneira, dele fazendo um prazer dos olhos para a sua casa. No Norte, é a lei que se impõe quando se olha para os edifícios de uma cidade, é o prazer que sente toda a gente em obedecer a esta lei: adivinha-se, ao ver estas construções, o gosto da igualdade e da submissão que deve ter reinado na alma de todos os seus construtores. Mas aqui, em cada esquina, é um novo homem que se encontra, um homem que conhece o mar, a aventura, o Oriente, a lei, o vizinho, um homem a quem impacientam, como uma espécie de aborrecimento, a lei, o vizinho, e que mede com olhar de inveja tudo o que é velho, tudo o que já está construído: quereria, pelo menos em pensamento, maravilhoso suplício da imaginação, reconstruir de novo tudo aquilo, deixar ali a marca da sua mão, do seu espírito, ainda que fosse apenas durante o instante de uma tarde de sol em que a sua alma insaciável e melancólica experimenta finalmente o peso da saciedade e em que o seu olhar deve ver apenas coisas que lhe pertencem, com exclusão de qualquer elemento estranho.

292 — Aos pregadores de moral. — Não quero fazer moral, mas dou o conselho seguinte àqueles que a fazem: se quereis tirar às melhores coisas todo o prestígio e todo o valor, continuai a falar delas como o fazeis. Fazei disso o centro da vossa moral, repeti de manhã à noite a felicidade da virtude, a tranquilidade da alma, a equidade e a justiça imanente; pelo caminho por onde ides, essas excelentes coisas acabarão por ganhar o coração do povo; a voz do povo estará do seu lado; mas, passando de mão em mão, perderão toda a sua douradura; pior: o seu ouro transformar-se-á em chumbo. Ah! Como sois peritos nessas contra-alquimias! Como sabeis desvalorizar as substâncias mais preciosas! Tentai, portanto, uma vez, a título de experiência, uma receita diferente, se não quereis, como até agora, conseguir o contrário daquilo que procurais: negai essas excelentes coisas, retirai-lhes o aplauso da

multidão, entravai a sua circulação, voltai a fazê-las outra vez o objeto de secreto pudor da alma solitária, dizei que a moral é um fruto proibido\ Talvez ganheis então para a vossa causa a única espécie de homens que interessa, quero dizer, a raça dos heróis. Mas seria necessário que esta causa inspirasse o receio, e não o desprezo, como fez até aqui! Não seremos, com efeito, tentados hoje a dizer, à moral, à maneira de Mestre Eckardt: “Peço a Deus que me liberte de Deus?”

293 — A nossa atmosfera. — Sabemos bem!... Para quem se contenta em olhar a ciência de passagem — como as mulheres, como também, ai de mim, muitos artistas —, a severidade que ela exige da parte dos seus servidores, este impiedoso rigor que reclama no pormenor e no conjunto, esta rapidez que exige no inquérito, no juízo e no veredicto, têm alguma coisa de vertiginoso, de terrificante. O que espanta, sobretudo, o nosso homem é que lhe peçam aqui para dar o seu máximo e realizar o impossível, sem nunca receber nem louvor nem distinção; muito pelo contrário, só deve esperar, como no exercito, ouvir formular censuras ou severas reprimendas; porque bem fazer é aqui a regra, errar deve ser apenas a exceção; e aqui, como em toda a parte, a regra é muda. Sucede com esta “austeridade” no domínio científico o mesmo que sucede com a etiqueta na boa sociedade: assusta o profano. Mas, uma vez aclimatado, já só pode continuar a viver neste ar luminoso, transparente, poderoso e saturado de eflúvios eléctricos, em resumo, nesta atmosfera viril. Em toda a parte alhures lhe falta o ar, não encontra nada de suficientemente bom: receia que o melhor da sua arte não possa ser útil a ninguém e lhe não dê a ele próprio nenhuma alegria, que metade da sua vida se lhe escoe entre os dedos no meio dos mal-entendidos, que lhe seja incessantemente necessário viver numa preocupação, num segredo, numa retenção que lhe devorem inutilmente as forças! Quando, em vez disso, no luminoso e severo elemento da disciplina científica as possui a todas: pode voar! Porque iria ele voltar a descer para a vasa destas águas agitadas onde será condenado a nadar, a patinhar e a macular as suas asas! Não! É-nos muito difícil viver nestes meios insalubres: será culpa nossa se somos feitos para o ar, o ar puro, nós, rivais do raio de luz, e se o nosso sonho mais caro é cavalgar como ele os átomos do éter, mas não fugindo ao Sol, pelo contrário, subindo para ele! Não o podendo, façamos a única coisa que as nossas forças nos permitem: levemos a luz à terra, sejamos “a luz da terra”! É por isso que temos as nossas asas, a nossa velocidade, o nosso rigor, é por isso que somos viris, que somos terríveis como o fogo. Cuidado com aqueles que não se sabem aquecer e iluminar na nossa chama! Que importa que eles nos temam!

294 — Contra os caluniadores da natureza. — Que seres odiosos estas pessoas em que qualquer tendência natural se torna rapidamente doença, careta ou mesmo ignomínia! São elas que nos fazem acreditar que as inclinações naturais, os instintos do homem são maus, são elas a causa da nossa injustiça para com a nossa natureza, para com toda a natureza! Não faltam pessoas que teriam o direito de se abandonar às suas inclinações com graça, com despreocupação: mas não o fazem, com receio desta malícia imaginária da natureza! É por isso que se encontra tão pouca nobreza no meio dos homens: porque a nobreza de uma alma se reconhecerá sempre no fato de ela não ter medo de si própria, não esperar dela nada de vergonhoso e voar sem escrúpulos por toda a parte onde o seu desejo, pássaro nascido livre como é, a chama! Onde quer que for, será sempre para o sol e para a liberdade.

295 — Hábitos breves. — Gosto dos hábitos que não duram; são de um valor inapreciável se quisermos aprender a conhecer muitas coisas, muitos estados, sondar toda a suavidade, aprofundar a amargura. Tenho uma natureza que é feita de breves hábitos, mesmo nas necessidades da saúde física, e, de uma maneira geral, tão longe quanto posso ver nela, de alto a baixo dos seus apetites. Imagino sempre comigo que este ou aquela coisa se vai satisfazer duradouramente — porque o próprio hábito breve acredita na eternidade, nesta fé da paixão; imagino que sou invejável por ter descoberto tal objeto: devoro-o de manhã à noite, e ele espalha em mim uma satisfação, cujas delícias me penetram até à medula dos ossos, não posso desejar mais nada sem comparar, desprezar ou odiar. E depois um belo dia, aí está: o hábito acabou o seu tempo; o objeto querido deixa-me então, não sob o efeito do meu fastio, mas em paz, saciado de mim e eu dele, como se ambos nos devêssemos gratidão e estendemo-nos a mão

para nos, despedirmos. E já um novo me aguarda, mas aguarda no limiar da minha porta com a minha fé — a indestrutível louca... e sábia! — em que este novo objeto será o bom, o verdadeiro, o último... Assim acontece com tudo, alimentos, pensamentos, pessoas, cidades, poemas, músicas, doutrinas, ordens do dia, maneiras de viver.

Em compensação, odeio os hábitos que duram, parece-me que tiranos se aproximam de mim para inquinar o meu ar vital com o seu hálito, logo que os acontecimentos se orientam de tal maneira que parece deverem sair deles hábitos definitivos: por exemplo, devido a uma função social, à frequência constante do mesmo meio, de uma residência determinada, de um gênero de saúde exclusivo. Confessarei até que, no mais fundo da minha alma, estou grato às minhas misérias físicas, à minha doença e a todas as minhas imperfeições, porque me deixam mil portas de saída que me permitem escapar aos hábitos definitivos. O que me seria, para falar verdade, mais insuportável, o que verdadeiramente me aterroria, seria uma vida totalmente despojada de hábitos, uma vida que exigisse uma improvisação constante; isso seria o meu exílio, seria a minha Sibéria.

296 — A reputação feita. — Uma reputação feita era antigamente objeto de primeira necessidade; e, por toda a parte onde a sociedade é dominada pelo instinto do rebanho, o mais oportuno continua ainda a ser apresentar o nosso caráter, assim como as nossas ocupações, como dados definitivos, mesmo quando o não são. “Pode-se confiar nele, não é homem de mudanças”, eis o elogio mais útil, socialmente, em todas as situações perigosas. A sociedade é, com efeito, feliz por sentir que possui um instrumento sempre pronto, sempre seguro, na virtude de um, na ambição de outro nos pensamentos e na paixão de outro ainda; á nada honra tanto como a estas naturezas- -ferramentas, venera o homem fiel a si próprio, que não muda de ideias, quer nos seus esforços, ou mesmo nos seus vícios. Esta maneira de julgar, que floresce e sempre floriu por toda a parte ao mesmo tempo que a moralidade, forma os caracteres e desacredita qualquer mudança, qualquer evolução, qualquer transformação. Por maiores que possam ser, de resto, as vantagens desta maneira de pensar, é a espécie de opinião pública que mais prejudica o conhecimento; porque aquilo que condena e denuncia é justamente a boa vontade científica, a coragem de nos declararmos a qualquer momento contra a ideia que tínhamos tido e de se desconfiar, de uma maneira geral, de tudo o que ameaça fixar-se. A opinião do investigador passa sempre por desleal enquanto inimiga da “sólida reputação”, ao passo que a ancilose das ideias monopoliza as distinções honoríficas: eis a regra sob a qual é necessário viver ainda nos nossos dias! E como este viver é difícil quando sentimos contra nós quando respiramos no nosso ar, o juízo de vários milênios! E provável que durante séculos e séculos o conhecimento tenha tido a consciência pesada e que a vida dos maiores espíritos não tenha podido passar-se sem que eles se desprezem e sofram em segredo muitas misérias.

297 — Saber contradizer. — Suportar a contradição é um grande sinal de cultura, já ninguém hoje o ignora. Alguns sabem até que os homens superiores desejam e provocam esta contradição para que se lhes indique onde se encontra a sua injustiça, que sem isso ignorariam. Mas saber contradizer, conservar a sua boa consciência combatendo os hábitos, as tradições e as crenças, é uma arte superior ainda às duas primeiras,, é o que há verdadeiramente grande, novo, espantoso, na nossa cultura, é a marcha por excelência de qualquer espírito emancipado: quem é que sabe isso?

298 — Suspiro. — Apanhei esta ideia no ar e, com receio que me fuja, fixei-a com as primeiras palavras que me ocorreram. Eis agora que ela está morta; flutua sob este trapo mole e oscilante, e já nem sei, quando a olho, como pude ter sido tão feliz ao apanhar este pássaro.

299 — O que é necessário aprender com os artistas. — Que meios temos nós de tornar as coisas belas, atraentes e desejáveis quando o não são?... E nunca o são em si, parece-me. Há aqui receitas a aprender com o médico, que adoça, por exemplo, os amargos ou que acrescenta açúcar e vinho às suas misturas, e, mais ainda, com o artista, que no fundo não cessa de se aplicar a este gênero de invenções, de quase impossíveis. Afastar-se dos objetos até fazer desaparecer um bom número dos seus pormenores e obrigar o olhar a acrescentar-lhe outros para que possa ainda vê-los; escondê-los com um ângulo de

maneira a descobrir apenas uma parte; dispô-los de tal modo que se entremascarem em parte e só permitam que o olhar mergulhe na sua perspectiva; olhá-los com vidros de cor ou à luz do poente; dar-lhes uma superfície, uma pele, que não seja completamente transparente; tudo isso nos é necessário aprender com os artistas, e, quanto ao resto, ser mais sábios do que eles. Porque a sua força sutil se detém geralmente no ponto onde acaba a arte e começa a vida; mas nós queremos ser os poetas da nossa vida, e em primeiro lugar nas mais pequenas coisas, nas íntimas banalidades do quotidiano!

300 — Prelúdios da ciência. — Julgais então que as ciências teriam nascido, julgais que teriam crescido, se não tivesse havido antes estes mágicos, estes alquimistas, astrólogos e feiticeiros que foram primeiro obrigados, por meio da isca de miragens e de promessas, a criar a fome, a sede, o gosto pelas forças escondidas, pelas forças proibidas! Julgais que não foi necessário prometer muito mais do que aquilo que alguma vez se poderá cumprir para poder fazer a mais insignificante coisa no domínio do conhecimento? Nós vemos nisso simples prelúdios da ciência, exercícios preparatórios que não se sentiam, que não se executavam como tais; talvez, da mesma forma, qualquer idade distante veja, em qualquer religião, também um simples exercício, um prelúdio; talvez as religiões não tivessem sido mais do que o estranho meio de levar alguns homens a saborear um dia a satisfação que um deus tira apenas da sua pessoa, a gozar com o poder que tem de ser o seu próprio salvador. Melhor ainda, o homem — pode perguntar-se — alguma vez teria aprendido, sem esta escola e esta preparação religiosa, a ter fome e sede de si, a satisfazer-se e a fortificar-se por si próprio? Seria necessário que Prometeu começasse por acreditar que, tinha roubado a luz, e que expiasse esta façanha, para descobrir enfim que fora ele que criara esta luz com o seu desejo e que tinha feito com as suas mãos, que tinha moldado com os seus dedos, não somente o homem mas o deus? Que tudo isso eram apenas estátuas do escultor?... Como a loucura, o roubo, o Cáucaso, o abutre e a trágica *prometheia* de todos os investigadores?

301 — Ilusão do contemplativo. — Os homens superiores distinguem-se dos outros devido a uma faculdade infinitamente maior de ver, de ouvir, e de ver e de ouvir pensando, matiz que precisamente distingue o homem do animal e o animal superior do outro. O mundo enriquece-se à medida que nos elevamos para o cimo da humanidade; multiplicam-se as iscas do interesse; as excitações, que são multidão, crescem sem cessar, ao mesmo tempo que, multidão também, os diversos gêneros de prazer e de desprazer; o homem superior torna-se, dia a dia, ao mesmo tempo mais feliz e mais desgraçado. Mas há uma ilusão que não o deixa; julga encontrar-se como espetador no grande espetáculo da vida, como auditor, no grande concerto; batiza-se natureza contemplativa; não vê que é ele mesmo o verdadeiro criador, o verdadeiro poeta, o verdadeiro prolongador da vida, que se, distingue, sem dúvida, muito do próprio ator — o homem de ação, como lhe chamam —, mas mais ainda do simples espetador, do convidado sentado diante do palco, possui sem dúvida a vis contemplativa e a faculdade de olhar retrospectivamente a sua obra, mas, ao mesmo tempo, e em primeiro lugar, possui a vis ativa que falta ao homem de ação, seja o que for que digam a aparência e a crença tradicionais. Nós, que pensamos e que sentimos, somos nós que fazemos e não cessamos realmente de fazer o que não existia antes: este mundo eternamente crescente de apreciações, de cores, de pesos, de perspectivas, de escalas, de afirmações e de negociações. É este poema de nossa invenção que os homens práticos (os nossos atores, como disse) aprendem, repetem, traduzem em carne, em atos, em vida corrente. Nada que tenha seja que valor for no mundo presente possui este valor em si mesmo, por natureza — a natureza nunca tem valor; este valor foi-lhe dado, é um presente, é uma oferta que lhe fizeram, e aqueles que lha fizeram fomos nós. Fomos nós que criamos o mundo que diz respeito ao homem; para que este mundo existisse foi necessário que nós viéssemos!... Mas é precisamente isso que não sabemos, e quando nos acontece apercebermo-nos disso esquecemo-lo no espaço de um relâmpago: desconhecemos a nossa melhor força e engamo-nos num grau ao julgarmo-nos nós os contemplativos: não somos nem tão ativos, nem tão felizes como poderíamos.

302 — Perigo dos mais felizes. — Ter sentidos apurados e um gosto delicado, estar habituado ao

requinte, à flor das flores do espírito, como alimento lógico e natural; dispor de alma forte, audaciosa, intrépida; percorrer a vida com olhar tranquilo e passo firme, estar sempre pronto aos extremos como para uma festa, sempre cheio do desejo dos mares, dos mundos inexplorados, dos homens e dos deuses desconhecidos; dar atenção a toda a música alegre como ao eco do breve prazer, do curto repouso que os bravos, os soldados e os navegadores, se concedem, em lugares distantes, de repente vergados pelas lágrimas, na volúpia do momento, vencidos por tanta púrpura e melancolia, esmagados por tão grande felicidade, quem não quereria que tudo isso fosse sua partilha, quem não gostaria que tudo isto fosse o seu estado! Era essa a felicidade de Homero, o estado de um homem que tinha dado os seus deuses aos Gregos —, não que tinha dado os seus deuses —, tendo-os inventado ele próprio! Mas — não vale a pena dissimulá-lo — quando se tem essa felicidade na alma, também se é, debaixo do Sol, a criatura mais capaz de sofrer! Só por esse preço se compra a mais preciosa das conchas que as vagas da existência alguma vez lançaram à costa. O possuidor desse tesouro torna-se cada vez mais sensível às sutilezas do sofrimento e acaba finalmente por sê-lo demasiado: um pequeno desencorajamento, um pequeno desgosto acabaram, por fim, por levar Homero a perder o gosto pela vida! Não tinha podido decifrar uma simples adivinha que os jovens pescadores lhe davam para resolver!... Pois é assim! São os pequenos enigmas o perigo dos mais felizes!

303 — Dois homens felizes. — Verdadeiramente, a despeito da sua juventude, este homem tem, na vida, a arte de improvisar-, espanta mesmo os mais subtis observadores: parece nunca se enganar, se bem que se arrisque sempre no jogo mais perigoso. Não podemos, ao vê-lo, impedir-nos de pensar nos mestres da improvisação musical, aos quais o auditório é tentado a atribuir infalibilidade divina, ainda que a sua mão se engane às vezes, como a de qualquer mortal. É que são hábeis, inventivos e sempre prontos a juntar, no mesmo instante, no conjunto temático, o som produzido por um acaso ou por um capricho da dedilhação; é que sabem sempre animar esse acaso com um belo sentido e uma bela alma.

Eis agora um homem completamente diferente: pode dizer-se que soçobra, no fundo, em tudo o que quer ou inicia. As causas a que deu o seu coração levaram-no já várias vezes a um fio do abismo e da morte; e se escapou no último minuto, não saiu com simples “nódoas negras”. Julgais que se sente desgraçado? Há muito tempo que decidiu consigo não levar muito a sério os seus próprios desejos, os seus projetos pessoais. “Tal coisa”, diz consigo, “falha, tal outra talvez resulte; e saberei, no fundo, se não devo mais gratidão aos meus malogros do que ao êxito? Serei eu feito para a obstinação? Serei eu feito para carregar estes cornos de touro? O que faz para mim o valor da vida, o seu resultado, encontra-se alhures; o meu orgulho, a minha miséria, também não estão aqui. Conheço melhor a vida do que vós porque muitas vezes estive a ponto de a perder: eis por que tenho mais coisas dela do que vós todos!”

304 — E atuando que devemos abandonar. — Eu odeio, no fundo, toda a moral que diz: “Não faças isto, não faças aquilo. Renuncia. Domina-te...” Gosto, pelo contrário, da moral que me leva a fazer uma coisa, a refazê-la, a pensar nela de manhã à noite, a sonhar com ela durante a noite, e a não ter jamais outra preocupação que não seja fazê-la bem, tão bem quando for capaz entre todos os homens. A viver assim despojamo-nos, uma a uma, de todas as preocupações que não têm nada a ver com esta vida: vê-se sem ódio nem repugnância desaparecer hoje isto, amanhã aquilo, folhas amarelas que o menor sopro um pouco vivo solta da árvore; ou mesmo nem sequer se dá por isso, de tal modo o objetivo absorve o olhar, de tal modo o olhar se obstina em ver para diante, não se desviando nunca, nem para a direita nem para a esquerda, nem para cima nem para baixo. “É a nossa atividade que deve determinar o que temos de abandonar; é atuando que deixaremos”, eis o que o amo, eis o meu próprio *placitum*! Mas eu não quero trabalhar para me empobrecer mantendo os olhos abertos, não quero essas virtudes negativas que têm por essência a negação e a renúncia.

305 — Domínio sobre si. — Os professores de Moral que recomendam ao homem acima de tudo que se domine, dão-lhe assim, uma singular doença, quero dizer, uma constante irritabilidade, uma espécie de comichão, que se transforma no seu modo de reagir às excitações mais naturais. Seja o que for que lhe

aconteça de ora em diante, seja de fora, seja de dentro, seja o que for que ele aí encontre, ou que o atraia, ou que o incite, ou que empurre, parece sempre a este ser irritadiço que o seu domínio sobre si corre os maiores perigos: já não tem o direito de se fiar em nenhum instinto, de se abandonar a nenhum impulso livre, mantém-se na defensiva, sem repouso, eriçado de armas contra ele próprio, o olhar atento e desconfiado, mantendo eternamente diante da própria torre de menagem uma guarda que se impôs a ele mesmo. Decerto, ele pode ser grande nesse papel! Mas como se tornou insuportável aos outros, pesado para si, pobre, enfim, hermeticamente fechado aos mais belos acasos da alma, e a qualquer outra lição futura! Porque é preciso que nós saibamos perder durante um tempo se quisermos aprender alguma coisa daquilo que nós próprios não somos.

306 — Estoico e epicúrio — O epicúrio escolhe para seu uso as situações, as pessoas, mesmo os acontecimentos que convêm à sua constituição intelectual, constituição extremamente irritável; e renuncia a tudo o mais, o que equivale a dizer a quase tudo: isso seria para ele alimento forte de mais, pesado de mais. O estoico, pelo contrário, treina-se em engolir pedras e vermes, cacos, escorpiões, em desconhecer a repugnância; é preciso que o seu estômago acabe por ser indiferente a tudo o que o acaso da existência aí possa derramar; o estoico lembra estes espectadores árabes, os Aïssaouas, que se encontram em Argel; gosta de ver, como esses insensíveis, um público de convidados a aplaudir o espetáculo da sua insensibilidade, esse público de que precisamente o epicúrio desaconselha o uso: não tem o epicúrio dos seus “jardins”? Para pessoas que se encontram expostas às improvisações da sorte, às épocas de violência, sob a lei de homens caprichosos e impulsivos, o estoicismo é talvez muito oportuno. Mas se tem a possibilidade de prever com alguma certeza que a Parca nos deixará o fio comprido, far-se-á bem em adotar a vida epicuriana: foi o que fizeram até agora todos os homens votados, ao trabalho cerebral! Seria para eles, com efeito, a pior das perdas, trocar a sua sensibilidade sutil pelo couro dos estoicos e pelos seus picos de porco-espinho.

* — Até que ponto o título do “livro” não se refere ao São Janeiro que se adora em Nápoles, e cujo sangue, por milagre, se liquefaz todos os anos? Esse sangue que volta a correr não é um recomeço e, mesmo, uma afirmação de continuidade, idêntica à “necessidade de viver” afirmada por Nietzsche? (N. do T.).

307 — Em favor da crítica. — Vês agora um erro nesta coisa que amaste antigamente como verdadeira ou como provável: rejeitá-la para longe de ti e imaginas que a tua razão acaba de conseguir uma vitória. Mas talvez este erro, antigamente, quando eras um outro — nunca se deixa de ser um outro —, te fosse tão necessário como as tuas “verdades” de hoje; era uma espécie de pele que te escondia, te velava muitas coisas que ainda não tinhas o direito de ver. Foi a tua nova vida, não foi a tua razão que matou em ti essa ideia: já não tens necessidade dela-, desaba sobre ti, e a sua irrisão aparece à luz do dia, aparece rastejando como um verme. Quando exercemos a nossa crítica, não é arbitrariamente, não é impessoalmente, é, muitas vezes pelo menos, porque há em nós um impulso de forças vivas em via de se libertar da sua casca. Negamos e somos obrigados a fazê-lo, porque há em nós qualquer coisa que quer viver e quer afirmar-se, alguma coisa que não conhecemos, que não vemos talvez ainda!... Lavremos à crítica este louvor.

308 — A história de todos os dias. — De que é feita a história de todos os teus dias? Considera os hábitos que a compõem: serão o produto de um sem-número de pequenas cobardias, de um sem-número de pequenas preguiças, ou o da tua coragem e da tua engenhosa razão? Por mais diferentes que sejam estas origens é possível que os homens, nos dois casos, te concedam o mesmo louvor, e que tu próprio, de qualquer maneira, lhe sejas igualmente útil. Mas louvor, utilidade, respeitabilidade, podem bastar para quem procura somente possuir uma boa consciência, não te poderiam bastar, a ti, perscrutador dos rins, que tens a ciência da consciência.

309— Do fundo da sétima solidão. — Um dia, tendo fechado uma porta atrás de si, o viajante deteve-se e chorou. Depois disse: “Esta necessidade de verdadeiro, esta sede do real, do certo, este ódio pela aparência... Ah! Como lhes quero mal! Porque é que terei sempre atrás de mim estes perseguidores sombrios e apaixonados? Porquê eu? Aspiro ao repouso, eles não mo consentem. Quantas coisas me exortam, tentadoras, a que me detenha! Encontro por toda a parte jardins de Armida: novos temas de sofrimento, novos temas de amarguras sem fim! É necessário voltar a partir, fazer avançar este pé cansado, este pé ferido; e porque é necessário, volto-me muitas vezes para lançar um olhar feroz para as belas coisas que não me souberam reter... porque não me souberam reter!”

310 — Vaga e vontade. — Que esta vaga se aproxime com avidez! Como se se tratasse de alcançar alguma coisa. Com que terrível pressa ela rasteja até ao fundo das pregas mais secretas da falésia! Dir-se-á procurar prevenir alguém, que há ali uma coisa escondida, uma coisa preciosa, infinitamente preciosa! Agora ei-la que regressa, um pouco mais lentamente, ainda branca de emoção. Estará desapontada? Terá encontrado o que procurava? Não será essa decepção uma simulação?... Mas já outra onda vem, mais ávida, mais selvagem ainda do que a primeira, e a sua alma, também ela, parece cheia de mistério, cheia da cobiça dos pesquisadores de tesouros. É assim que vivem as vagas, é assim que nós vivemos também, nós que utilizamos a vontade!... Não direi mais nada... Pois o quê? Desconfiais de mim? Encho-vos de irritação, belos monstros? Receais que traia completamente o vosso segredo? Pois seja! Aborrecei-vos, lançai tão alto quanto puderdes os vossos corpos verdes, os vossos corpos perigosos, levantai uma parede, como fazeis, levantai uma parede entre mim e o Sol! Já não há mais nada no mundo senão este crepúsculo esverdeado, estes relâmpagos glaucos. Lançai-vos, impetuosas, brami de prazer e de maldade... ou voltai a mergulhar, fazei rolar as vossas esmeraldas no abismo, lançai sobre elas os vossos tosões infinitos, os vossos brancos tosões de musgo e de espuma; aprovo tudo, porque tudo vos fica bem, e porque vos sei tão gratas a tudo: como vos poderei trair? Porque — ouvi — eu conheço-vos, sei o vosso segredo, conheço a vossa raça! Pertencemos à mesma, vós e eu! E, vós e eu, partilhamos o mesmo segredo.

311 — Luz refratada. — Nem sempre se é corajoso, e quando nos fazemos cobardes sucede, por

vezes, que nos lamentamos assim: “Como é duro fazer mal aos homens!... Ah! Porque será isto necessário? De que nos serve mantermo-nos escondidos se não queremos guardar para nós o que provoca o escândalo? Não valeria mais viver na confusão e reparar nos indivíduos os pecados que devem ser praticados, que é necessário praticar contra o conjunto? Ser louco com os loucos, vaidoso com os vaidosos, entusiasta com os entusiastas? Não seremos equânimes quando nos afastamos deles tão insolentemente em geral? Quando tomo conhecimento de maldades que outros praticaram para comigo, o meu primeiro sentimento não é regozijar-me? Eis o que está certo, pareço dizer-lhes, dou-me tão mal convosco e possuo tanta verdade para mim! Consigam por isso prazer à minha custa, tantas vezes puderem! Eis os meus defeitos, os meus erros, a minha loucura e a minha confusão, eis as minhas lágrimas, a minha vaidade, eis a minha noite de coruja e as minhas contradições! Não têm aqui matéria para rir? Riam portanto, divirtam-se bem! Não quero mal à lei das coisas nem à sua natureza, que querem que os erros e os defeitos façam rir! Evidentemente, houve “mais belos” tempos, tempos em que uma pessoa se podia sentir indispensável com qualquer ideia um pouco nova, em que podia, armado com essa ideia, descer para a rua e gritar a cada passo: “Repara! Está próximo o reino de Deus!... Se eu não existisse não o deploraria. Nenhum de nós é indispensável!” Mas, repito-o, não é assim que pensamos quando somos corajosos: quando somos corajosos não pensamos nisso.

312 — O meu cão. — Dei um nome ao meu sofrimento: chamo-lhe “cão”... É tão fiel, tão importuno, imprudente, distrativo e avisado como qualquer outro cão... Posso apostrofá- -lo num tom tirânico e descarregar nele os meus humores: como outros fazem com os seus cães, com os seus criados e com as suas mulheres.

313 — Nada de quadro de martírio. — Quero fazer como Rafael e não pintar mais martírios. Há bastante sublime algures sem que seja necessário ir procurá-lo, com a crueldade, nas suas nuvens; a minha ambição não encontraria, de resto, nenhum prazer em tornar-me num sublime carrasco.

314 — Novos animais domésticos. — Quero ter à mão a minha águia e o meu leão a fim de sempre poder saber onde está a minha força, por indícios e presságios. Será hoje necessário abaixar os meus olhos sobre eles? Não poderei impedir-me de os requeijar? E voltará também o momento em que serão eles que levantarão medrosamente os olhos para mim?

315 — Do último minuto. - - As tempestades são o meu perigo: virei a ter a minha tempestade que me há-de matar, como Oliver Cromwell morreu com a sua tempestade? Ou apagarei como lâmpada que não espera ser soprada pelo vento, mas morre cansada e satisfeita consigo?... Como lâmpada que consumiu o azeite todo? Ou, enfim, apagar-me-ei a mim próprio para não arder até ao fim.

316 — Homens proféticos. — Não quereis compreender que os homens proféticos são seres que sofrem muito: pensais apenas que receberam um grande “dom” e que gostaríeis muito de o possuídes vós próprios. Vou servir-me de uma comparação. Quanto não devem sofrer os animais com a eletricidade do ar e das nuvens! Várias espécies possuem em relação ao tempo uma faculdade profética; assim acontece com os macacos (o fenómeno pode mesmo observar-se na Europa, não somente nos jardins zoológicos, mas ao ar livre, em Gibraltar). Mas nunca refletimos que são os seus sofrimentos que profetizam! Quando, sob a influência de uma nuvem que se aproxima e que se está ainda longe de ver, uma forte carga de eletricidade positiva se torna subitamente negativa e se prepara uma mudança de tempo, esses animais comportam-se como diante da aproximação de um inimigo; preparam-se para se defender ou para fugir; geralmente escondem-se; não é o meteoro que veem no mau tempo, é o inimigo de que sentem já a mão.

317 — Retrospecção. — Somos realmente conscientes de ser uma paixão especial que anima um período da nossa vida, enquanto esse período dura; acreditamos sempre que essa paixão é, de ora em diante, para nós, o único estado lógico, o único possível, que ele é *ethos*, de modo nenhum *pathos*, para falar e distinguir grego. Algumas notas de música lembraram- -me hoje um Inverno e uma casa, uma vida extremamente solitária e o meu humor durante esse tempo: julgava conservá-lo por toda a minha vida. Agora compreendo que era *pathos*, uma paixão pura, uma coisa que se parecia com essa música

dolorosamente corajosa e consoladora; não se pode guardar isto durante uma eternidade; tornar-nos-íamos demasiado “etéreos” para este planeta.

318 — Sageza do sofrimento. — O sofrimento não tem menos sageza do que o prazer: tal como este, faz parte em elevado grau das forças que conservam a espécie. Porque se fosse de outra maneira há muito que esta teria desaparecido; o fato de ela fazer mal não é um argumento contra ela, é muito simplesmente a sua essência. Ouço nela a ordem do capitão: “Amainem as velas”. O intrépido navegador homem deve treinar-se a dispor as suas de mil maneiras; de outro modo, não tardaria a desaparecer, o oceano havia de o engolir depressa. E preciso que saibamos viver também reduzindo a nossa energia; logo que o sofrimento dá o seu sinal, é chegado o momento; prepara-se um grande perigo, uma tempestade, e faremos bem em oferecer a menor “superfície” possível.

Há homens, contudo, que, quando se aproxima o grande sofrimento, ouvem a ordem contrária e nunca têm ar mais altivo, mais belicoso, mais feliz do que quando a borrasca chega, que digo eu! É a própria tempestade que lhes dá os seus mais altos momentos! São os homens heroicos, os grandes “pescadores da dor”, esses raros, esses excepcionais de que é necessário fazer a mesma apologia que se faz para a própria dor! Não lha podemos recusar! São conservadores da espécie, estimulantes de primeira qualidade, quando mais não seja porque resistem ao bem-estar e não escondem o seu desprezo por essa espécie de felicidade.

319 — Intérpretes daquilo que vivemos. — Há uma espécie de franqueza que sempre faltou aos fundadores de religião e a outras pessoas da mesma espécie: nunca fizeram dos acontecimentos da sua vida uma questão de consciência científica. “Que vivi, ao certo? Que se passou em mim, à minha volta, em tal momento? Estaria a minha razão suficientemente lúcida? Teria a minha vontade lutado o suficiente contra o engano dos sentidos, teria ela combatido corajosamente contra os fantasmas?” Nenhum deles fez a si estas perguntas, nenhum de todos os nossos bons religiosos se coloca ainda hoje diante delas; pelo contrário, têm sede das coisas que podem chocar a razão, e não querem ter muita dificuldade em apaziguá-la; por isso vivem dos “milagres” e das “regenerescências”, por isso ouvem a voz dos anjinhos! Mas nós, nós outros, que temos sede da razão, pedimos para examinar os acontecimentos da nossa vida, hora a hora, dia a dia, tão severamente como o processo de uma experiência científica! Queremos ser as nossas próprias experiências, queremos ser as nossas próprias cobaias!

320 — Reencontro. —

—A: Será que estou te ouvindo bem? Tu procuras? Onde fica o teu canto, onde está a tua estrela no meio do mundo presente? Onde podes estender-te ao sol de maneira a ter, também tu, o teu excedente de bem-estar e assim justificar a tua existência? Aja cada um por sua conta, parece dizer-me, tira cada um da cabeça a preocupação de se dirigir a todos, de se inquietar com eles, de se ocupar da sociedade!

—B: Não quero continuar, não sou um pesquisador. Quero criar para mim o próprio sol.

321 — Nova prudência. — Deixemos pois de pensar mais em punir, em censurar e em querer melhorar! Não seremos capazes de modificar um único homem; e se alguma vez o conseguíssemos seria talvez, para nosso espanto, para nos darmos também conta de outra coisa: é que teríamos sido nós próprios modificados por ele! Procuremos antes, por isso, que a nossa influência se contraponha e ultrapasse a sua em tudo o que está para vir! Não lutemos em combate direto... qualquer punição, qualquer censura, qualquer tentativa de melhoria representa combate direto. Elevemo-nos, pelo contrário, a nós próprios muito mais alto. Façamos sempre brilhar de forma grandiosa o nosso exemplo. Obscureçamos o nosso vizinho com o fulgor da nossa luz. Recusemo-nos a nos tornar, a nós próprios, mais sombrios por amor dele, como todos os castigadores e todos os descontentes! Escutemo-nos, antes, a nós. Olhemos para outro lado.

322 — Comparação. — Os pensadores em cujo espírito todas as estrelas se movem em órbitas cíclicas não são os mais profundos; aqueles que vê no fundo de si como num imenso universo e consigo traz vias lácteas, sabe a desordem dos seus caminhos; levam ao caos, ao labirinto da existência.

323 — Sorte. — A maior distinção que nos pode conferir o destino, é deixar-nos combater um certo tempo do lado dos nossos adversários. Porque assim nos predestina a uma grande vitória.

324 — “Innudia vita!” — Não, a vida não me desapontou! Pelo contrário, todos os anos a acho melhor, mais desejável, mais misteriosa... desde o dia em que vejo a mim a grande libertadora, a ideia de que a vida podia ser experiência para aqueles que procuram saber, e não dever, fatalidade, duplicidade!... Quanto ao próprio conhecimento, seja ele para outros aquilo que quiser, um leito de repouso, ou o caminho para um leito de repouso, ou distração ou vagabundagem, para mim é um mundo de perigos, é um universo de vitórias onde os sentimentos heroicos têm a sua sala de baile. “A vida é um meio de conhecimento”; quando se tem este princípio no coração, pode viver-se não somente corajoso mas feliz, pode-se rir alegremente! E quem, de resto, se ouvirá, portanto, a bem rir e a bem viver se não for primeiramente capaz de vencer e de guerrear?

325 — Elemento da grandeza. — Como chegar a um grande objetivo se não sentirmos primeiro em nós a força e a vontade de provocar grandes sofrimentos? Saber sofrer é a coisa mais insignificante: mulheres fracas, escravos mesmo, chegam muitas vezes a ser mestras nessa arte. Mas não perecer de miséria interior, não morrer de incerteza quando se causa um grande sofrimento e dele se ouve subir o grito, eis o que é grande, o que pertence ao domínio da grandeza.

326 — Os médicos da alma e o sofrimento. — Pregadores de moral e teólogos possuem um tique comum: procuram todos persuadir o homem que se encontra muito mal de que tem necessidade de uma cura enérgica, de uma cura suprema e radical. E o homem, de tanto ouvir, com demasiado zelo e durante séculos este gênero de professores acabou por sentir, na verdade, uma parte dos males que essa superstição lhe impõe: de modo que está sempre mais do que pronto a suspirar, a não encontrar nada de bom na vida e a acrescentar cara triste à cara triste do vizinho, como se a própria cara fosse dura demais para suportar. Na realidade, furiosamente certo da sua vida, apaixonado por ela, transborda de astúcia, de incrível sutileza, logo que se trata de eliminar o desagrado, de tirar o dardo ao sofrimento e à desgraça. Parece-me que se exagera sempre quando se fala desse sofrimento, dessa desgraça, como se a coisa fosse de bom-tom nestas matérias; cala-se, em contrapartida, conscienciosamente, que existe para o sofrimento uma multidão de calmantes, por exemplo os narcóticos, a febre dos pensamentos, uma posição repousante, as boas e as más recordações, as intenções ou as esperanças, as compaixões e os orgulhos de todas as qualidades, que produzem efeitos quase anestésicos; e que nos graus mais agudos do sofrimento acaba por intervir o próprio desmaio.

Sabemos, perfeitamente, destilar doçura sobre as nossas amarguras, nomeadamente sobre as da alma; temos remédios ao mesmo tempo na coragem, na elevação dos sentimentos e na submissão, na resignação. Uma perda mantém-se apenas um desgosto durante uma hora: de uma maneira ou de outra, é sempre acompanhada por um presente que nos cai do céu, uma nova força, por exemplo; e fosse isso apenas uma nova ocasião de forçai... O que não inventam os pregadores de moral com base no tema da “miséria” íntima do mau! Que quadros mentirosos nos não pintam eles com a infelicidade das pessoas apaixonadas! Sim, “mentirosos” é realmente o termo exato: conheceram pertinentemente a extrema felicidade dessa espécie de seres, mas nem por isso disseram uma palavra porque essa felicidade recusava a sua teoria que quer que nenhuma felicidade possa nascer a não ser da supressão da paixão, do silêncio da vontade!

Naquilo, que diz respeito, finalmente, às receitas desses médicos da alma e ao reclame que eles fazem de uma cura radical, é permitido perguntar: será a nossa vida realmente tão dolorosa, tão odiosa, que se ganhe em trocá-la pelo regime petrificante do estoicismo? Nós não nos achamos suficientemente mal para que nos valha a pena acharmo-nos estoica- mente mal!

327 — Tomar a sério. — O intelecto da maior parte das pessoas é uma máquina pesada, sombria e rangente, difícil de pôr em movimento; quando querem trabalhar com ela e pensar bem, chamam a isto “tomar a coisa a sério”... Ah! Como é necessário que este bem pensar seja uma coisa difícil para eles!

Logo que se trata disso a graciosa besta humana perde, parece todo o seu bom humor: diz que se torna “séria”! “Nos lugares onde se ri, onde se diverte, o pensamento não vale grande coisa?” Tal é o preconceito desse grave animal a respeito de qualquer “gaia ciência”. Pois seja! Mostremos-lhe que se trata de um preconceito.

328 — Prejudicar a estupidez. — A reprovação do egoísmo, que se pregou com tamanha convicção casmurra, prejudicou certamente, no conjunto, esse sentimento (em benefício, hei-de repeti-lo milhares e milhares de vezes, dos instintos gregários do homem), e prejudicou-o, nomeadamente no fato de o ter despojado da sua boa consciência e de lhe ter ordenado a procurar em si próprio a verdadeira fonte de todos os males. “O teu egoísmo é a maldição da tua vida”, eis o que se pregou durante milênios: esta crença, como eu ia dizendo, fez mal ao egoísmo; tirou-lhe muito espírito, serenidade, engenhosidade e beleza; bestializou-o, tornou-o feio, envenenado.

Os filósofos antigos indicavam, ao contrário, uma fonte completamente diferente para o mal; os pensadores não cessaram de pregar desde Sócrates: “É a vossa irreflexão, são a vossa estupidez, o vosso hábito de vegetar obedecendo à regra e de vos subordinar ao juízo do próximo, que vos impedem tão amiudadamente de serdes felizes; somos nós, pensadores, que o somos mais, porque pensamos”. Não nos perguntemos aqui se este sermão contra a estupidez tem mais fundamentos do que o sermão contra o egoísmo; o que é certo é que despojou a estupidez da sua boa consciência: estes filósofos foram prejudiciais à estupidez!

329 — Ócios e ociosidade. — Há uma selvageria perfeita- mente à pele-vermelha, particular ao sangue índio, na maneira como os americanos aspiram ao ouro; e o seu frenesi do trabalho — o verdadeiro vício do novo mundo — começa já a barbarizar, por contágio, a velha Europa, aqui dizimando o pensamento de maneira muito estranha. Tem-se agora vergonha do repouso; quase se experimentaria um remorso em meditar. Pensa-se de relógio na mão, mesmo quando se está a almoçar, com um olho no correio da bolsa; vive-se constantemente como o cavalheiro que tem medo de “falhar” alguma coisa. “Mais vale agir do que não fazer nada”, eis ainda um desses princípios de carregar pela boca que correm o risco de vibrar o golpe de misericórdia a qualquer cultura superior, a qualquer supremacia do gosto. Este frenesi do trabalho dobra a finados de todos os modos; pior, enterra o próprio sentimento desta forma, o senso melódico do movimento; as pessoas tornam-se cegas e surdas a todas as suas harmonias. A prova está na pesada precisão que se exige agora em todas as situações em que o homem quer estar diante do seu semelhante, nas suas relações com amigos, mulheres, pais, filhos, patrões, alunos, guias e príncipes; tem-se falta de tempo, tem-se falta de força para consagrar à cerimônia, aos meneios da cortesia, ao espírito da conversa, e ao ócio de uma maneira geral. Porque a vida, tornada caça ao lucro, obriga o espírito a esgotar-se sem repouso no jogo de dissimular, de iludir, ou de prevenir o adversário; a verdadeira virtude consiste agora em fazer uma coisa mais depressa do que um outro. Assim, só em raras horas é que as pessoas se podem permitir ser sinceras: e a essas horas, está-se tão cansado que se aspira não somente a “deixar correr” mas a estender-se pesadamente a deitar-se. É esta inclinação que dá o tom da correspondência; ora o estilo e o espírito das cartas serão sempre o verdadeiro “sinal do tempo”. Se ainda se encontra prazer na sociedade e nas artes, é um prazer do gênero daqueles que podem encontrar os escravos mortos de trabalho. Ah! Como fica contente por pouca coisa essa gente do momento, com ou sem cultura, como é modesta nas suas “alegrias”! Que vergonha a suspeita que atraem, cada vez mais severamente, sobre si! Todos os dias o trabalho domina a mais e mais a consciência em seu proveito: o gosto da alegria chama-se já “necessidade de descanso”; começa a corar de si próprio. “Temos de fazer isto por causa da saúde”, diz-se às pessoas que vos surpreendem numa volta pelo campo. Neste ritmo as coisas poderão ir, rapidamente, tão longe que não se ousará mais ceder, sem desprezo por si próprio e sem experimentar remorso ao gosto pela vida contemplativa, ao desejo de passear em companhia de pensamentos e de amigos.

Pois muito bem, antigamente era o contrário: era o trabalho que dava remorsos. Um homem bem

nascido escondia o seu, se a miséria o constrangia a fazer um. O escravo trabalhava esmagado pelo sentimento de fazer alguma coisa desprezível: “fazer” já o era por si só. “Só há nobreza e honra no ócio e na guerra”, assim falava o preconceito dos antigos.

330 — Aprovação. — O pensador não tem necessidade de nenhuma aprovação, de nenhum aplauso dos outros, desde que esteja certo dos seus; esses, pelo contrário, não pode dispensá-los. Haverá homens que o possam dispender, além disso, qualquer espécie de aprovação? Duvido, e quando Tácio, que não caluniava o sábio, dizia, não exceptuando o mais sábio dos sábios: “Quando *etiam sapientibus gloriae cupido novíssima exuitur*”, isso significava para ele “nunca”.

331 — Mais vale ser surdo do que ensurdecido. — Antigamente as pessoas queriam criar-se uma reputação: isso já não basta, a feira tornou-se demasiado vasta; agora é necessário vender aos berros. A consequência é que mesmo as melhores gargantas forcem a voz e as melhores mercadorias não são oferecidas por órgãos enrouquecidos; já não há gênio, nos nossos dias, sem clamor e sem rouquidão. Época vil para o pensador: devemos aprender a encontrar entre duas barulheiras o silêncio de que se tem necessidade e a fingir de surdo até chegar a sê-lo. Enquanto não se tiver chegado a isso, corre-se o risco de perecer de impaciência e de dores de cabeça.

332 — A hora má. — Todos os filósofos tiveram a sua hora má, a hora em que pensaram: “Que importância posso eu ter se não acreditam também nos meus maus argumentos?” E um pássaro maligno passava a seu lado a pipilar-lhe de forma trocista: “Que importância tens tu? Que importância tens tu?”

333 — O que é conhecer! — “*Non ridere, non lugere, neque detestari, sed intelligere*”, eis o que diz Spinoza com toda a simplicidade e a elevação do seu estilo. Mas o que vem a ser, em última análise, o que vem a ser este *intelligere* senão a forma sob a qual as três outras operações nos aparecem ao mesmo tempo? Senão a resultante dessas tendências contraditórias do riso, da piedade, da maldição? Para que um conhecimento fosse possível, foi primeiro necessário que cada uma dessas tendências desse a sua opinião parcial sobre o acontecimento ou a coisa a conhecer; que em seguida houvesse combate entre essas parcialidades, e que desse combate, enfim, pudesse sair um apaziguamento, um equilíbrio das três tendências, cada uma delas recebendo o que lhe era devido por uma espécie de justiça e de contrato; porque essa justiça e esse contrato lhes permitem subsistir todas e ter razão ao mesmo tempo. Nós, cuja consciência só regista as últimas cenas deste longo processo, a reconciliação e o regulamento de contas, pensamos que *intelligere* é alguma coisa de conciliante, de justo, de bom, de essencialmente oposto aos instintos; ao passo que é muito simplesmente uma certa relação dos instintos entre eles. Durante muito tempo o nome de pensamento nunca designou mais do que o pensamento consciente; e é hoje somente que começamos a entrever a verdade; a saber: que a maior parte da nossa atividade intelectual se desenrola sem darmos por isso, sem sentirmos nada; mas acredito que os instintos que entram em jogo no combate de que falamos se entendem muito bem em fazer sentir esta luta e em mortificar o seu possuidor: é daí que provém, talvez, este esgotamento repentino que conhecem todos os pensadores (o horroroso esgotamento repentino do soldado no campo de batalha). Há talvez mesmo, no fundo da nossa alma em luta, inúmeros heroísmos que se não veem, mas não se encontra certamente nada de divino, nada que repouse eternamente sobre si, como acreditava Spinoza. O pensamento consciente, e sobretudo o do filósofo, é o menos violento de todos, por consequência a mais suave, a mais calma das categorias de pensamento: também o filósofo é precisamente o mais exposto a enganar-se quanto à natureza do conhecimento.

334 — É preciso aprender a amar. — Que se passa para nós no domínio musical? Devemos em primeiro lugar aprender a ouvir um motivo, uma ária, de uma maneira geral, a percebê-lo, a distingui-lo, a limitá-lo e isolá-lo na sua vida própria; devemos em seguida fazer um esforço de boa vontade — para o suportar, mau-grado a sua novidade — para admitir o seu aspecto, a sua expressão fisionômica — e de caridade — para tolerar a sua estranheza; chega enfim o momento em que já estamos afeitos, em que o esperamos, em que pressentimos que nos faltaria se não viesse; a partir de então continua sem cessar a exercer sobre nós a sua pressão e o seu encanto e, entretanto, tornamo-nos os seus humildes adoradores,

os seus fiéis encantados que não pedem mais nada ao mundo, senão ele, ainda ele, sempre ele.

Não sucede assim só com a música: foi da mesma maneira que aprendemos a amar tudo o que amamos. A nossa boa vontade, a nossa paciência, a nossa equanimidade, a nossa suavidade com as coisas que nos são novas acabam sempre por ser pagas, porque as coisas, pouco a pouco, se despojam para nós do seu véu e apresentam-se a nossos olhos como indizíveis belezas: é o agradecimento da nossa hospitalidade. Quem se ama a si próprio aprende a fazê-lo seguindo um caminho idêntico: existe apenas esse. O amor também deve ser aprendido.

335 — Viva a física! — Quantas pessoas sabem observar? E, dentro do pequeno número dos que sabem, quantos se observam a si próprios? “Ninguém é mais do que ele próprio estranho a si próprio... é o que não ignora, para seu grande desprazer, nenhum perscrutador da alma humana. A máxima “conhece-te a ti próprio” ganha, na boca de um deus e dirigida aos homens, o acento de gracejo feroz. Nada prova melhor a situação desesperada em que se encontra a introspecção do que a maneira como toda a gente, ou quase, fala da essência da ação moral. Que prontidão entre as pessoas! Que zelo, que convicção, que loquacidade! E este olhar, este sorriso, este zelo, esta contemplância! Parecem dizer-vos: “Mas, meu caro, essa é a minha especialidade! Tu caís precisamente sobre quem te pode responder: é o assunto que, por acaso, melhor conheço. Eis aqui portanto: quando um homem decide “isto é bem”, quando conclui “é por isso que é necessário que isto se faça”, e que faz o que assim reconheceu bem e designou como necessário, a essência do seu ato é moral. “Meu caro amigo, está a falar de três ações e não de uma única: o seu juízo — “isto é bem”, por exemplo —, o seu juízo é também um ato! E não poderá este juízo, desde logo, ser moral ou imoral? Por que é que considera “isto” como bem em lugar de qualquer outra coisa? “Porque a minha consciência mo diz; e a consciência nunca diz nada de imoral, pois que é ela que determina o que é moral!” Mas por que é que dá ouvidos à sua voz da sua consciência? O que é que lhe dá o direito de acreditar que o seu juízo é infalível? Essa crença, não haverá outra consciência que a possa examinar? Nunca ouviu falar de uma consciência intelectual? De uma consciência que se mantém atrás da sua “consciência”? O seu juízo “isto é bem” tem uma gênese nos seus instintos, nas suas inclinações e nas suas repugnâncias, nas suas experiências e nas suas in experiências: “Como é que esse juízo nasceu?”, é uma pergunta que deve fazer a si próprio, e, logo a seguir, esta: “O que é exatamente o que me leva a obedecer a este juízo?” Porque você pode dar cumprimento à sua ordem como um soldado corajoso que ouve a voz do seu chefe; ou como uma mulher que ama aquele que ordena; ou ainda como um lisonjeiro, um cobarde que tem medo do seu patrão; ou como um imbecil que ouve porque não tem nada que objetar. Em resumo, pode escutar a sua consciência de mil maneiras diferentes.

Ora pode ser que compreenda neste ou naquele juízo a voz da sua consciência, que ache bem esta ou aquela coisa, porque nunca refletiu em si próprio e porque aceitou cegamente aquilo que lhe deram como bem desde a sua infância; ou porque o pão e as honras lhe vieram até aqui daquilo a que chama o seu dever; esse dever parece-lhe “bem” porque nele vê a “condição da sua existência” (e o seu direito à existência aparece-lhe irrefutável)! Mas a firmeza do seu juízo moral poderia muito bem ser a prova da pobreza da sua personalidade, de uma falta de individualidade; a sua “força moral” poderia ter a sua origem na sua teimosia, ou na sua impotência em conceber novos ideais! Em resumo: se pensasse mais finamente, se se observasse melhor e tivesse aprendido mais, cessaria de chamar obrigação e consciência a essa “obrigação” e a essa “consciência”: a sua religião seria iluminada nada pela maneira como se formaram sempre os juízos morais e far-lhe-ia perder o gosto por esses vocábulos patéticos, como já perdeu o que tinha por esses outros patéticos vocábulos tais como “pecado”, “salvação da alma” ou “redenção”.

E entretanto, meu amigo, não me venha falar no imperativo categórico!... É uma frase que me faz comichão no ouvido, e não me poderia impedir de rir se o ouvisse, apesar da sua tão séria presença: recorda-me demasiado o velho Kant, que foi castigado por ter sub-repticiamente tratado da “coisa em si” — mais uma vez uma coisa bastante ridícula! —, deixando-se sub-repticiamente apanhar por ela, e

voltando a extraviar-se com ela nas velhas prisões de “Deus”, e da “alma”, da “liberdade”, da “imortalidade”, como uma raposa que regressa à sua jaula ao tentar fugir dela; e, contudo, a sua força e a sua habilidade é que tinham partido as grades! Como? Admira em si o imperativo categórico? A “firmeza” daquilo a que chama o seu “juízo moral”? Admire antes nisso o seu egoísmo! A cegueira, a pequenez, a modéstia desse egoísmo! Porque é egoísmo, com efeito, considerar o seu juízo como uma lei geral; e é um egoísmo cego, pequeno, mesquinho, porque revela que ainda se não descobriu a si próprio, que ainda se não forjou um ideal que lhe seja pessoal, e muito estritamente pessoal; porque esse não poderia nunca pertencer a qualquer outra pessoa, muito menos a todos... a todos! Quem ainda pensar “em tal caso toda a gente devia agir assim”, ainda não deu três passos no conhecimento de si próprio; sem o que não ignoraria que não há, nem poderá haver, ato semelhante, que qualquer ato realizado o foi de uma maneira única e irreproduzível, e que o mesmo acontecerá com qualquer ato futuro, que as prescrições (sem exceptuar os mandamentos mais subtis de todas as morais que tiveram curso até aqui) só se referem ao aspecto exterior da ação, à sua aparência grosseira, que elas podem muito bem obter alguma aparência de igualdade, entre os atos, igualdade que não passa justamente de aparência; que qualquer ação, em relação a eles, é e continua a ser impenetrável; que as nossas ideias do “bem”, ou do “nobre”, ou do “grande”, não podem nunca ser demonstradas pelas nossas ações, porque qualquer ação é coisa não cognoscível; que as nossas opiniões, as nossas tabelas, as nossas tábuas de valores, fazem parte das alavancas mais poderosas da maquinaria das nossas ações, mas que em nenhum caso particular prova a lei do seu mecanismo. Limitemo-nos, portanto, a depurar as nossas opiniões e as nossas tabelas e a criar novas tábuas de valores que nos sejam próprias, e dentemos de raciocinar a propósito do “valor moral dos nossos atos”. Sim, meus amigos, o asco impõe-se por todo este palavreado moral a que cada um se entrega a respeito dos seus semelhantes; é tempo de o pôr, enfim, na ordem do dia. Deve, portanto, repugnar-nos julgar em moral. Abandonemos esse mau gosto essas palavras àqueles que não têm que fazer senão arrastar mais um pouco o passado no tempo, e que não serão nunca “atuais”, à multidão, por consequência, à maioria imensa. Quanto a nós, queremos tornar-nos naqueles que somos, homens novos, homens de uma só fé, incomparáveis, aqueles que fazem as suas leis para si próprios, aqueles que se criam a si próprios! E para isso é necessário que aprendamos, é necessário que descubramos tudo aquilo que é lei e necessidade no mundo: tornemo-nos nos melhores alunos e nos melhores exploradores: devemos ser físicos a fim de poder criar neste sentido, ao passo que até aqui ainda se não construiu nenhum ideal, nenhuma tabela dos valores a não ser sobre a ignorância ou o desprezo da física! Por consequência: viva essa física! Viva ainda mais aquilo que no-lo impõe: a nossa lealdade!

336 — Avareza da Natureza. — Porque é que a Natureza foi tão parcimoniosa a ponto de recusar aos humanos o dom de brilhar mais ou menos conforme a intensidade da sua luz? Porque é que os grandes homens não possuem, tanto na sua alvorada como no seu ocaso, uma inclinação tão bela como a do Sol? Quantos equívocos desapareceriam assim da vida social!

337 — A “humanidade.” do futuro. — Quando considero a nossa era com o mesmo olhar que utilizaria para uma época distante, não encontro nada mais singular no homem do dia do que esta virtude, esta doença particular a que se dá o nome de “sentido histórico”. É a isca de uma coisa completamente nova na história: deem-se a este germe alguns séculos, e mais, acabará por aparecer uma planta perfeitamente maravilhosa de perfume não menos maravilhoso que poderá tornar a nossa velha Terra mais agradável de habitar. E que começamos, nós, os homens de hoje, a forjar, elo por elo, a corrente de um sentimento que se tornará muito poderoso; mas saberemos o que fazemos, seremos tentados a pensar que se não trata, por isso, de um sentimento novo, mas apenas de um enfraquecimento de todos os sentimentos antigos; o sentimento histórico é ainda uma coisa tão pobre e tão fria que percorre muitas pessoas como um calafrio gelado e que as torna ainda mais pobres e mais frias. A outros aparece como o signo precursor da senilidade próxima: o nosso planeta fá-los pensar num doente melancólico que escreve a história da sua juventude apenas com o fim de esquecer o presente. É, de fato, um aspecto deste

novo sentimento: se sentirmos como a sua própria história a história de toda a humanidade, experimenta-se, generalizada em proporções formidáveis, a aflição do doente que pensa na sua saúde, do velho que se lembra do sonho da sua juventude, do apaixonado frustrado da sua bem-amada, do mártir cujo ideal morre, ou do herói na tarde da batalha indecisa de que regressa ferido e chorando um amigo; mas suportar, poder suportar este total de misérias de todas as espécies, e continuar ainda o herói que, na madrugada do segundo combate, saúda a aurora e a sua felicidade, como homem que tem como horizonte milênios no futuro como no passado, como herdeiro, de toda a nobreza da totalidade de espírito da totalidade do passado, e como herdeiro obrigatório, o mais nobre das antigas nobrezas e o primeiro de uma nova, tal como ainda nenhum tempo a viu nem sonhou, tomar tudo isso sobre a sua alma, o passado mais antigo, o presente mais recente, as perdas, as esperanças, as conquistas, as vitórias da humanidade, reunir, enfim, tudo isto numa única alma, num único sentimento, eis o que deverá produzir uma felicidade tal como o homem nunca conheceu, a felicidade de um deus cheio de força e de amor, cheio de lágrimas e cheio de riso, uma felicidade que, semelhante ao sol das nossas tardes, tomasse, sem cessar, às mãos cheias a sua riqueza inesgotável para lançar os tesouros ao mar e, como ele, nunca se sentirá mais rico do que quando o mais pobre dos pescadores remar também com um remo dourado! E essa felicidade divina seria... a humanidade!

338 — A vontade de sofrer e os compassivos. — Ser-vos-á salutar ser antes de mais nada homens compassivos? Será salutar àqueles que sofrem que o sejais? Mas deixemos de momento a primeira questão.

O que nos faz sofrer mais profundamente e mais pessoalmente é ininteligível a quase todos os outros, inabordável: mesmo que bebêssemos pelo mesmo copo que eles, ficar-lhes- -íamos secretos na mesma. Todos aqueles que veem que sofremos se equivocam quanto ao nosso sofrimento: o próprio da compaixão é despojar qualquer sofrimento estranho daquilo que tem de verdadeiramente pessoal: os nossos “benfeitores”, mais do que os nossos inimigos, diminuem o nosso valor e a nossa vontade. A maior parte dos benefícios com que se gratificam os desgraçados têm alguma coisa de revoltante, devido ao fato da ligeireza intelectual com que o compassivo desata a brincar ao destino: ignora tudo do emaranhado interno das causas e dos efeitos que podem chamar a desgraça para um mais do que para outro. A economia moral de tal alma e o equilíbrio que a “desgraça” introduz nesta economia, as novas fontes que aí abre, as novas necessidades que aí cria, as cicatrizações que aí opera, o abandono de passados inteiros que aí efetua, nada do que pode dizer respeito à miséria íntima preocupa o querido compassivo: quer socorrer e não pensa um instante que a desgraça possa proceder de uma necessidade pessoal, que eu, que tu, possamos ter necessidade de medos, de privações e de empobrecimentos, de minutos, de aventuras, de riscos, de transgressões tanto como do contrário dessas coisas; pior, para falar da linguagem mística, que o estreito caminho do nosso próprio céu passa sempre pela volúpia do nosso próprio inferno. Não, ele não sabe nada de tudo isto: a “religião da compaixão” (“o coração”) ordena que se socorra, e acredita-se que se deu a melhor ajuda quando se ajudou depressa! Se para vós, partidários dessa religião, pensais verdadeiramente da mesma maneira que para os outros, se não quereis conservar nunca durante uma hora o vosso próprio sofrimento e não cessais de evitar desde o ponto mais remoto todas as desgraças imagináveis, se considerais todas as dores, todos os aborrecimentos como um mal odioso e que deve ser suprimido porque seca a existência... neste caso tendes no coração, além da religião da compaixão, uma segunda religião, que é talvez a mãe da primeira: quero dizer o culto do bem-estar. Ai de mim, gentes do consolo e do humor fácil, como sabeis pouco da felicidade! Porque felicidade e desgraça são duas irmãs gêmeas que crescem ao mesmo tempo ou, como sucede convosco, que ao mesmo tempo ficam pequenas...

Mas regressemos ao nosso primeira assunto. Como podemos fazer para nos mantermos no nosso caminho? A todo o instante um grito qualquer nos desvia dele e o nosso olhar apercebe raramente, no lugar de onde partiu esse grito, um espetáculo que mereça que abandonemos imediatamente o nosso

próprio caso. Sei-o muitíssimo bem: há mil maneiras, mil maneiras honestas e louváveis de nos perdermos fora do nosso caminho, mil maneiras altamente “morais”! A opinião dos pregadores da moral da piedade vai mesmo hoje ao ponto de dizer que aquilo que é moral, aquilo que é unicamente moral, é precisamente perdermo-nos desta maneira fora do nosso caminho para voarmos em socorro dos outros. Mas sei de maneira tão certa que não tenho mais do que expor-me assim ao aspecto de uma verdadeira miséria para me encontrar perdido a mim próprio! Que se um amigo, na desgraça me dissesse: “Repara, vou morrer, promete-me que vais morrer comigo”, havia de o prometer, como ao ver tal pequeno povo das montanhas combater pela sua liberdade não poderia impedir-me de oferecer o meu braço, a minha vida, a fim de escolher uma vez, para boas razões, maus exemplos. Pois, decerto, há sem dúvida uma secreta sedução, mesmo nas maneiras de despertar a piedade e em todos estes apelos de ajuda; é que o cuidado do nosso “próprio caminho” é coisa muito dura, muito exigente; o nosso caminho passa demasiado longe do amor e da gratidão de outrem; não é sem prazer que lhe escapamos, do mesmo modo que à nossa consciência mais individual a fim de nos refugiarmos na consciência dos outros e no amável santuário da “religião da piedade”. Logo que, nos nossos dias, rebenta uma guerra, vê-se surgir ao mesmo tempo, precisamente nas pessoas mais nobres, um prazer que ocultam, a bem dizer: lançam-se com encanto para diante do novo perigo de morte, porque acreditam ter finalmente encontrado no sacrifício patriótico da sua vida uma autorização há muito procurada: a de escapar ao seu objetivo... A guerra, para eles, é um suicídio disfarçado, mas disfarçado com toda a tranquilidade do espírito. Mas, se calo aqui algumas coisas, não calarei a minha moral que me diz isto: vive escondido, a fim de poder viver para ti. Vive ignorante daquilo que parece mais importante na tua época. Põe entre ti e ela pelo menos a espessura de três séculos. Que os clamores do dia, o estrondo das guerras e o estardalhaço das revoluções cheguem apenas como um murmúrio. Hás-de querer socorrer também: mas sejam apenas aqueles de quem compreendes inteiramente a miséria porque só têm contigo uma mesma alegria, uma mesma esperança... que sejam os teus amigos; e somente da maneira como vens em ajuda a ti mesma: torna-os mais corajosos, mais pertinazes, mais simples, mais alegres! Ensina-lhes aquilo que tão poucas pessoas sabem compreender nos nossos dias, a começar pelos pregadores de compaixão, da comunhão no sofrimento: é a comunhão na alegria!

339 — “— Vita femina”. — Ver as últimas belezas de uma obra, por maiores que sejam a nossa ciência e a nossa boa vontade, é tarefa para a qual elas não poderão bastar; são ainda necessários os mais felizes acasos, as coincidências mais raras, para afastar dos altos cumes o véu das nuvens e fazer brilhar o sol sobre eles. Para distinguir este quadro, não vos podeis contentar em estar no bom lugar: é preciso que a própria alma se tenha despojado também do véu das suas próprias alturas e que sinta a necessidade de uma expressão, de um símbolo exterior, para conhecer uma espécie de paragem, para ficar senhora de si própria. Mas tudo isto se encontra tão raramente reunido que estou muito tentado em crer que os mais altos cimos de toda a perfeição — quer sejam numa obra, numa ação, num homem, ou na natureza — estiveram escondidos até aqui, velados aos olhos da maior parte, mesmo dos melhores... e aquilo que se nos desvenda só se desvenda uma vez! Os gregos pediam “duas ou três vezes a beleza total”... É que tinham, ai de mim, uma excelente razão para assim se dirigirem aos deuses: a realidade, não divina, recusa-nos o belo ou só no-lo dá uma vez! Considero que o mundo, repleto de belas coisas, é, contudo, pobre extremamente pobre em belos instantes e em revelações destas coisas. Mas talvez que seja esse o maior encanto da vida; carrega consigo, bordado a ouro, um véu prometedor, defensivo, pudico, trocista, complacente e tentador de belas possibilidades. Pois é assim mesmo a vida, a vida é mulher!

340 — Sócrates moribundo. — Admiro a sagesa e a coragem de Sócrates em tudo o que fez, disse... e não disse. Este demônio de Atenas apaixonado e trocista, este encantador de ratos que fez tremer e soluçar ou mais impertinentes jovens, não era apenas o mais sábio dos tagarelas: foi também sábio no silêncio. Gostaria que o tivesse observado nos últimos instantes da sua vida, talvez revelasse então uma

classe de espírito ainda superior. Teria sido a morte ou o veneno? A compaixão ou a maldade? Alguma coisa no derradeiro momento lhe soltou a língua e disse: “Ó Criton, devo um galo a Esculápio.” Esta “última frase” ridícula e terrível, significa para quem sabe entender: “Criton, a vida é uma doença; Será possível! Um homem como ele, um homem que tinha vivido alegre e, aos olhos de toda a gente, como um soldado, esse homem era um pessimista! Durante toda a sua vida sempre fizera boa cara à desventura; escondera sempre o seu sentimento profundo, o seu juízo supremo! Sócrates, Sócrates sofreu com a vida! E vingou- -se dela com essa horrível frase em que a piedade se mistura à blasfêmia em voz discreta! Seria necessário, ainda por cima, que um Sócrates se vingasse? Terá faltado um grão de generosidade a essa virtude superabundante? Ai de nós, amigos! Temos de superar mesmo os gregos!

341 — O peso mais pesado. — E se, um dia ou uma noite, um demônio se viesse introduzir na tua suprema solidão e te dissesse: “Esta existência, tal como a levaste até aqui, vai-te ser necessário recomeçá-la sem cessar; sem nada de novo; muito pelo contrário! A menor dor, o menor prazer, o menor pensamento, o menor suspiro, tudo o que pertence à vida voltará ainda a repetir-se, tudo o que nela há de indizivelmente grande e de indizivelmente pequeno, tudo voltará a acontecer, e voltará a verificar-se na mesma ordem, seguindo a mesma imperiosa sucessão... esta aranha também voltará a aparecer, este lugar entre as árvores, e este instante, e eu também! A eterna ampulheta da vida será invertida sem descanso, e tu com ela, ínfima poeira das poeiras!...” Não te lançarias por terra, rangendo os dentes e amaldiçoando esse demônio? A menos que já tenhas vivido um instante prodigioso em que lhe responderias: “Tu és um deus; nunca ouvi palavras tão divinas!”

Se este pensamento te dominasse, talvez te transformasse e talvez te aniquilasse; havias de te perguntar a propósito de tudo: “Queres isto? E queres outra vez? Uma vez? Sempre? Até ao infinito?” E esta questão pesaria sobre ti com um peso decisivo e terrível! Ou então, ah!, como será necessário que te ames a ti próprio e que ames a vida para nunca mais desejar outra coisa além dessa suprema confirmação!

342 — “Incipit tragoedia” — Quando Zaratustra fez trinta anos deixou a sua pátria e o lago de Urmi e foi para a montanha. Ali gozou com o seu espírito e com a sua solidão e não se cansou em dez anos. Mas por fim o coração transformou-se-lhe, e, uma manhã, levantando-se com a aurora, avançou para diante do Sol e assim lhe falou: “Ó grande astro! Que seria a tua felicidade se não tivesses aqueles a quem iluminas! Há dez anos que vens aqui à minha caverna: sem mim, a minha águia e a minha serpente já te terias cansado da tua luz e cansado deste caminho; mas nós esperávamos-te todas as manhãs; tomávamos-te o teu supérfluo e abençoávamos-te por ele. Vê: estou enjoado da minha sabedoria como a abelha que juntou mel de mais; tenho necessidade de mãos que se estendam, quereria dar e distribuir até que os sábios voltassem a ser felizes com a sua loucura e os pobres com a sua riqueza. Por isso devo descer até ao fundo das profundezas tal como o fazes, à noite, quando te afundas no mar, ó astro da superabundância, e levaste a claridade até aos antípodas do mundo!... E preciso, como tu, que -me afunde, que me deite, para empregar a palavra dos homens para os quais quero descer. Abençoa-me portanto, ó olho tranquilo que podes ver sem inveja mesmo uma felicidade demasiado grande! Abençoa a taça que pede para transbordar, para que a água corra em vagas de ouro e espalhe por toda a parte o reflexo da tua alegria! Vê! Ela aspira a voltar a estar vazia, Zaratustra aspira a tornar-se novamente homem.”

Assim começou o seu declínio.

Livro Quinto

Nós que não temos medo

“Tremes, carcaça? Ainda tremerias mais se soubesses onde te levo.”

(Turenne)



343 — A nossa serenidade. — O maior dos acontecimentos recentes — a “morte de Deus”, ou, dito por outras palavras, o fato, de a fé no deus cristão ter sido despojada da sua plausibilidade — começa já a lançar as primeiras sombras na Europa. É verdade que poucas pessoas têm a vista suficientemente boa, a desconfiança suficientemente avisada para perceber semelhante espetáculo; parece, pelo menos a esses, que um sol acaba de se pôr, que uma antiga e profunda consciência se tornou dúvida: o nosso mundo parece-lhes fatalmente todos os dias mais vespéral, mais desconfiado, mais estranho, mais ultrapassado. De uma forma geral, pode dizer-se que o acontecimento é demasiado grande, distante de mais, fora de mais das concepções da multidão para se ter o direito de considerar que a notícia desse fato — digo simplesmente a notícia — tenha chegado até aos espíritos; para se ter o direito de pensar, com mais forte razão, que muitas pessoas se dão já uma conta precisa daquilo que se verificou e de tudo o que se vai afundar agora que está minada a fé que era a base, o apoio, o solo alimentador de tantas coisas: toda a moral europeia, entre outros pormenores.

Devemos de ora em diante esperar uma longa sequência, uma longa abundância de demolições, de destruições, de ruínas e de subversões: quem poderá adivinhá-la o suficiente a partir de hoje para ensinar essa enorme lógica, tornar-se o profeta desses imensos terrores, dessas trevas, desse eclipse de Sol que a Terra ainda jamais conheceu sem dúvida alguma?... Nós próprios, decifradores de enigmas, nós, adivinhos natos, que esperamos por assim dizer no alto dos montes, postos entre ontem e amanhã, e contraditoriamente presos entre os dois, nós primo-nados, prematuros do século a vir, que devíamos ter já percebido as sombras com que não tardará a envolver-se a Europa, de onde vem que esperamos a ascensão dessa vaga negra sem interesse verdadeiro, sobretudo sem temor e sem inquietação por nós? Será que ainda estaremos demasiado dominados pela influência das primeiras consequências deste acontecimento? Porque as primeiras consequências, as que teve para nós, não têm nada de sombrio nem de deprimente, contrariamente ao que se podia esperar; aparecem, muito pelo contrário, como uma nova espécie, difícil de descrever, de luz, de felicidade, de alívio, uma forma de serenidade, de encorajamento e de aurora... De fato, nós outros, filósofos, “livres espíritos”, sabendo que “o antigo Deus está morto”, sentimo-nos iluminados como por uma nova aurora; o nosso coração transborda de gratidão, de espanto, de pressentimento e de expectativa... eis que enfim, mesmo se não está claro, o horizonte de novo parece livre, eis que enfim os nossos barcos podem voltar a partir e vogar diante de todos os perigos; voltar a ser permitida ao pioneiro qualquer tentativa de conhecimento; o mar, o nosso mar, de novo, volta a abrir-nos todas as suas extensões; talvez mesmo nunca tivesse havido um mar tão “pleno”.

344 — Em que somos nós também ainda piedosos — Diz-se com justa razão que, no domínio da ciência, as convicções não têm direito de cidade: só quando se decidem a adotar modestamente as formas provisórias da hipótese, do ponto de vista experimental, da ficção reguladora, é que se lhes pode conceder acesso ao domínio do conhecimento e mesmo reconhecer-lhes nisso um certo valor, com a condição de continuarem, todavia, sob uma vigilância de polícia, sob o controlo da desconfiança. Mas isso não quer dizer, no fundo, que é unicamente quando a convicção deixa de ser convicção que pode adquirir direito de cidade na ciência? Não começará a disciplina do espírito científico somente com a recusa de qualquer convicção? É provável; resta saber se a existência de uma convicção não é já indispensável para que esta disciplina possa ela própria começar e a existência de uma convicção tão imperiosa, tão absoluta que force todas as outras a sacrificar-se a ela? Vê-se por ali que a própria ciência assenta numa crença; não há ciência sem postulado. “Será necessária a ciência?” É preciso, para ela se poder formar, que esta questão tenha recebido anteriormente uma resposta não somente afirmativa, mas afirmativa a tal ponto que exprima este princípio, esta fé, esta convicção: “Nada é mais necessário do que o verdadeiro; tudo o mais, em relação com ele, tem importância secundária.” O que vem a ser esta

vontade absoluta de verdade? Será vontade de não se deixar enganar? Será vontade de não se enganar a si próprio? Porque nada impede que se interprete também desta segunda maneira a necessidade absoluta do verdadeiro, se admitirmos que “não quero enganar” inclui como caso particular “não me quero enganar a mim próprio”. Mas porque não devemos enganar? E por que não nos devemos deixar enganar?

Notemos que as razões que respondem à primeira destas questões relevam de um domínio completamente diferente daquelas que respondem à segunda: se não nos queremos deixar enganar é que supomos que é prejudicial, perigoso, nefasto, ser enganado; a ciência, nesta hipótese, será, portanto, uma demorada astúcia: medida de precaução, negócio de utilidade; mas pode-se objetar com justa razão: pois quê! Será a vontade de não se deixar enganar verdadeiramente menos prejudicial, menos perigosa, menos nefasta, do que a sua ausência? Que sabeis vós a priori do caráter da existência para poder decidir que a desconfiança absoluta apresenta mais vantagens do que a absoluta confiança? E se são necessárias as duas, uma grande confiança e uma grande desconfiança, onde irá a ciência procurar esta convicção absoluta, essa fé que lhe serve de base e que diz que a verdade importa mais do que qualquer outra coisa, incluindo qualquer outra convicção? Essa convicção de base não se pode formar se o verdadeiro e o não verdadeiro se afirmaram sempre — e é esse o caso! — úteis tanto um como o outro. Portanto, a fé na ciência, essa fé que existe de fato de uma maneira incontestável, só pode ter a sua origem num cálculo utilitário; deve ter-se formado, pelo contrário, apesar do perigo e da inutilidade da “vontade da verdade”, apesar do perigo e da inutilidade da verdade de qualquer maneira”, perigo e inutilidade que a vida demonstra sem cessar. (Verdade “seja como for”! Sabemos muito bem o que isso é, sabemos, aí de nós, bem de mais, quando oferecemos nesse altar, e sacrificamos com o nosso cutelo, todas as crenças, uma a uma!)

“Querer a verdade” não significa, portanto, “não querer deixar-se enganar”, mas — e não há outra escolha — “não querer enganar os outros nem a si próprio”, o que nos leva para o domínio moral.

Perguntemo-nos seriamente com efeito: “Porque não queremos enganar?”, sobretudo se parece — é bem esse o caso! — que a vida seja vivida em vista da aparência, quero dizer que tenha como objetivo extraviar, iludir, dissimular, ofuscar, cegar, e se, por outro lado, de fato, ela se mostrou sempre sob a sua melhor face do lado dos menos escrupulosos aldrabões. Interpretado timidamente, esse desejo de não enganar pode passar por um quixotismo, uma pequena sem-razão de entusiasta; mas é também possível que seja também alguma coisa pior: um princípio destruidor, inimigo da vida... “Querer o verdadeiro” poderia ser, secretamente, querer a morte. De modo que o porquê da ciência se liga a um problema moral: porquê, de uma maneira geral, qualquer moral, quando a vida, a natureza, a história são imorais? Sem dúvida alguma quem quer o verdadeiro, no sentido intrépido e supremo que pressupõe a fé na ciência, afirma por essa própria vontade um outro mundo sem ser o da vida, da natureza e da história; e até na medida em que afirmasse “outro mundo”, não negará necessariamente ao mesmo tempo o seu antípoda: este mundo, o nosso?...

Mas ter-se-á desde já compreendido onde quero chegar: é numa fé metafísica que assenta ainda a nossa fé na ciência; pesquisadores do conhecimento, ímpios inimigos da metafísica, nós próprios, ainda acendemos fogo na fogueira acesa por milenária crença, pela fé cristã, crença que foi também a de Platão, para quem o verdadeiro se identifica com Deus e toda a verdade é divina... Mas se isso se torna cada vez mais inacreditável? Se nada já se revela divino, exceptuando o erro, a cegueira e a mentira?... E se pode prever-se que o próprio Deus foi a nossa maior mentira?

345 — O problema da moral. — A falta de personalidade vinga-se por toda a parte; uma personalidade enfraquecida, frágil, apagada, que se nega e se renega a si própria deixa de valer seja o que for, sobretudo para a filosofia. O “desinteresse” não tem algum valor, nem no céu nem na terra; os grandes problemas exigem todos o grande amor, e só os espíritos vigorosos, nítidos e duros, de raiz sólida, são capazes desse grau de amor. Há uma diferença enorme entre o pensador que compromete a personalidade no estudo dos seus problemas, a ponto de fazer deles destino, esforço e a maior felicidade,

e aquele que se mantém “impessoal” aquele que só sabe apalpá-los, agarrá-los, com a ponta das antenas de fria curiosidade. Este último não chegará a nada, podemos predizê-lo com a toda a certeza: porque admitindo mesmo que se deixem apanhar, os grandes problemas não se deixam reter por rãs e moluscos; nunca foi esse o seu gosto — é uma característica que partilham com as nossas boas femezinhas. Como sucede então que eu nunca tenha encontrado ninguém, nem nos livros, que comprometa assim a sua própria pessoa no estudo da moral, que tenha feito dessa moral um problema e desse problema miséria pessoal, suplício, volúpia e paixão? Visivelmente, até hoje ela nunca foi problema; foi, muito pelo contrário, o terreno neutro onde, depois de todas as desconfianças, dissensões e contradições, se acabava por estar de acordo, o asilo sagrado da paz onde os pensadores descansavam de si próprios, respiravam, reviviam enfim. Não vejo ninguém que tenha ousado uma crítica dos valores morais; verifico até que nesta matéria nenhuma tentativa foi feita pela curiosidade científica, por essa imaginação delicada, aventureira, do psicólogo do historiador que antecipa, contudo, de tão bom grado sobre os problemas, apanhando-os muitas vezes no ar sem saber muito bem o que é que apanha. Foi com dificuldades que consegui descobrir algumas raras tentativas de chegar a uma história das origens dos sentimentos morais e das escalas dos diferentes valores morais (o que é coisa completamente diferente da sua crítica e coisa completamente diferente também da história das éticas): num caso isolado fiz, porém, tudo a fim de encorajar uma inclinação e um dom para este gênero de história... em vão, assim me parece hoje. Esses historiadores da moral (ingleses na maior parte) não fazem nada de realmente importante: obedecem ainda em geral, eles próprios ingenuamente, a qualquer moral definida de que são, sem disso desconfiarem, os porta-escudos, a escolta; quase todos ficam escravos do preconceito popular que a Europa cristã continua a repetir ingenuamente, segundo a qual a característica da ação moral reside num ilusório altruísmo, num espírito de sacrifício, piedade ou mesmo compaixão. O seu erro vulgar é admitir, em postulados, uma espécie de consentimento comum dos povos — pelo menos dos povos civilizados — a respeito de certos preceitos da moral e de concluir que decorre desses preceitos uma obrigação absoluta para não importa que indivíduo; inversamente, quando se deram conta de que a escala varia necessariamente com povos diferentes, concluem logo que nenhuma moral obriga; dois pontos de vista igualmente infantis. Os mais subtis praticam outro erro: mostram e criticam o que pode haver de louco nas ideias que um povo pode ter sobre a sua moral, ou que os homens têm sobre qualquer moral humana, sobre a origem dessa moral, sua sanção religiosa, o preconceito do livre- -arbítrio, etc., e imaginam que, devido a esse fato, criticavam essa moral em si própria. Contudo, o valor essencial de um “tu deves” não depende em nada das opiniões que se formavam a seu respeito nem do joio de erros com que foi possível cobri-lo; do mesmo modo que o valor de um remédio não depende das noções médicas que possui o doente, quer tenha ideias de médico ou preconceitos de mulherzinha. Mesmo que uma moral pudesse ter nascido de um erro, o problema do seu valor não teria sido afetado com isso. Nunca ninguém, até aqui, examinou o valor dessa medicina, célebre entre todas as medicinas e que foi baptizada com o nome de moral: teria sido necessário, antes de mais, que fosse posta em causa ao menos uma vez. Pois seja! Será precisamente esse o nosso trabalho.

346 — O nosso ponto de interrogação. — Então não compreendeis? De fato, há-de haver alguma dificuldade em nos compreender: talvez procuremos tanto os ouvidos como as palavras. Quem somos nós então? Se quisermos, servindo-nos de velhas terminologias, dizer-nos simplesmente ímpios, incrédulos ou imoralistas, ainda estaríamos longe da designação exata: somos essas três coisas ao mesmo tempo, numa frase demasiado tardia para que se possa compreender — para que vós, senhores curiosos, possais compreender — os sentimentos que nos animam. Não! Já se não trata de amargura, já se não - trata da paixão do liberto que não pode impedir-se de transformar a sua descrença em fé, em objetivo e em martírio! Nós fervemos demais, endurecemos e voltamos a arrefecer na ideia que o ritmo de vida do mundo não é divino, pior, que nem sequer é humanamente razoável, ou miserável, ou justo; sabemos que o mundo em que vivemos é ímpio imoral, “desumano”; durante tempo demais interpretamo-lo de maneira

errada, mentirosa- mente, de acordo com a nossa veneração, quer dizer, com a nossa necessidade. Porque o homem é um animal respeitador! Mas é também um animal desconfiado: e o mundo não vale aquilo em que acreditamos, é mais ou menos a mais segura verdade que a nossa desconfiança acabou por aprender. Tal desconfiança, tal filosofia. Defendemo-nos bem de dizer que o mundo valha menos do que aquilo que julgamos: não poderíamos deixar de rir, mesmo hoje, se o homem pretendesse inventar valores superiores aos do mundo real; foi precisamente desse erro que regressamos, que regressamos como de uma extravagância da humana vaidade e da humana sem-razão, como de uma loucura jamais diagnosticada. Essa loucura encontrou a sua última expressão no pessimismo moderno, tinha encontrado uma outra, mais antiga e mais forte; na lição de Buda; mas o Cristianismo está também cheio dela, de uma maneira mais equívoca e mais duvidosa, mas nem por isso menos sedutora. “O homem contra o mundo”, “princípio negador” desse mundo, escala das coisas e juiz do universo, acabando por colocar a própria existência na sua balança e por encontrá-la demasiado leve, aí está uma atitude completa cujo monstruoso mau gosto acaba por nos ferir e por nos enojar; basta-nos ver aproximar “homem e mundo” separados pela pretensão sublime deste “e” para não podermos conter o riso!

Mas o quê! Rindo assim, fizemos mais alguma coisa do que avançar mais um passo no desprezo pelo homem? Por consequência, no pessimismo, no desprezo pela existência que nos é reconhecida? Não caímos na suspeita de um contraste entre o mundo onde até aqui admirávamos tudo à nossa vontade — o que nos permita talvez suportar a vida — e um outro mundo que nós próprios somos!... Receio fundamental, radical, implacável, receio que se prende a nós próprios, que se apodera cada vez mais soberanamente dos europeus, cada vez mais perigosamente, e poderá facilmente colocar as próximas gerações diante deste terrível dilema: “Suprimi as vossas venerações, ou então... suprimi-vos a vós próprios.”

Isto será niilismo: mas aquilo não o será também?

Eis o nosso ponto de interrogação.

347 — Os crentes e a sua necessidade de crença. — Mede-se a força de um homem, ou, para melhor dizer, a sua fraqueza, pelo grau de fé de que tem necessidade para se desenvolver, pelo número de amarras em que não quer que toquem por estar agarrado a elas. O Cristianismo, na nossa velha Europa, é ainda necessário à maior parte das pessoas; é por isso que ainda encontra adeptos. Porque o homem é tal que se lhe poderia recusar cem vezes um artigo da sua crença: se dele tiver necessidade, não deixa de o considerar ainda “verdadeiro”, conforme a famosa “prova de força” da Bíblia. Alguns têm ainda necessidade de metafísica; mas esse furioso desejo de certeza que se descarrega hoje em batalhões maciços na literatura científico-positivista, esse desejo de querer possuir a todo o custo alguma coisa segura (quando se passa com bastante indulgência, na febre desse desejo, sobre as provas dessa segurança), é ainda um desejo de apoio e de suporte, em resumo, um desejo do instinto da fraqueza que não cria, indubitavelmente, religiões, metafísicas e convicções de todas as espécies, mas... as conserva, contudo.

De fato, em volta de todos esses sistemas positivistas fuma um vapor de pessimismos tenebrosos de cansaços e de fatalismos, de decepções e de medos de novas decepções; ou então trata-se de uma exibição de ressentimentos, de mau humor posto em evidência, o anarquismo da indignação, tudo o que pode haver de sintomas ou de mascarada do sentimento da fraqueza. Vede ainda a própria violência com que as nossas melhores cabeças se vão perder em miseráveis ou penosos becos sem saída — como o patrioteirismo (o chauvinismo dos franceses, a religião do “deutsch” alemão), ou como os herdeiros das capelas estéticas —, o naturalismo parisiense (que só seleciona e desvenda em toda a natureza aquilo que pode simultaneamente surpreender e enojar, aquilo a que se dá na nossa época, e com tão boa vontade, o nome de “verdade verdadeira”), ou o niilismo à maneira de Petersburgo (ou, dito por outras palavras, a fé na descrença, até ao martírio inclusivamente); essa violência revela em primeiro lugar uma necessidade de fé, de apoio, de vértebras, de espartilho... E sempre onde mais falta a vontade que a fé é

mais desejada, mais necessária; porque sendo a vontade a mola de comando, é o sinal que distingue a superioridade e a força. Quanto menos se sabe comandar, mais se aspira a fazê-lo, e a fazê-lo severamente, quer seja por um deus, um príncipe, uma classe, um médico, um confessor, um dogma, uma consciência de partido. O que autorizará a concluir que as duas grandes religiões do mundo, o budismo e o cristianismo, poderiam bem ter nascido numa extraordinária anemia da vontade, que explicaria ainda melhor a rapidez da sua propagação. E de fato assim é: estas duas religiões encontraram uma necessidade imperativa exaltada até à loucura, ao desespero, pela anemia da vontade; ambas ensinaram o fanatismo a uma época de torpor, e propuseram com isso a uma multidão inumerável, um ponto de apoio, uma nova possibilidade de querer, um prazer enfim, em fazê-lo. O fanatismo, é com efeito, a única “força de vontade” a que se podem levar os fracos e os indecisos, porque hipnotiza a totalidade do sistema sensitivo e intelectual em benefício da nutrição superabundante de um único ponto de vista, de um sentimento único — o cristão chama a isso a sua fé — que, de ora em diante, hipertrofiado, domina. Quando um homem se convence de que deve ser comandado, é “crente”; (inversamente, pode-se imaginar certo prazer de se governar, certa força no exercício da soberania individual, certa liberdade da vontade que permitem a um espírito recusar a seu bel-prazer qualquer fé, qualquer necessidade de certeza; podemos imaginá-lo arrastado a sustentar-se nas cordas mais tensas, nas mais magras possibilidades e a dançar mesmo à beira dos abismos. Isso será o espírito livre por excelência.

348 — Da origem do sábio. — O sábio provém na Europa das classes e dos meios sociais mais diversos, como uma planta que não tem necessidade deste ou daquele solo particular; por isso, essencialmente e involuntariamente, é um representante da ideia democrática. Mas esta origem trai-se. Se se está habituado a olhar, a descobrir e a surpreender na prática, num trabalho científico, num tratado, a idiossincrasia de um sábio — porque todos os sábios possuem a sua —, encontra-se quase sempre, atrás da gênese desse sábio, a sua família, e singularmente o caráter profissional e os ofícios dessa família. Alguns textos têm ar de dizer: “Eis portanto aqui uma boa prova, está demonstrado, fundamentado; e vamos para diante”; é que um avô acaba por falar ao sangue e ao instinto do sábio, aprovando, do seu ponto de vista, a tarefa que se “fez com correção”. Um exemplo: os filhos dos escrivães e burocratas de todas as qualidades, cuja tarefa principal constitui sempre em classificar uma massa enorme de documentos, em distribuí-los por arquivos, numa palavra, em esquematizar, possuem, quando se fazem sábios, uma propensão particular em considerar um problema como quase resolvido a partir do momento em que fizeram o esquema. Há filósofos que, tudo considerado, não são mais do que cabeças esquemáticas: o que era forma no ofício de seu pai tornou-se para eles fundo. O gênio da classificação, do quadro sinóptico, é um instinto revelador; não se é impunemente filho de seu pai.

O filho de um advogado fará discursos de defesa mesmo nas ciências: há-de querer que a sua causa ganhe, em primeiro lugar; talvez também, em segundo, que seja boa. O filho de professores primários e de pastores protestantes reconhece-se pela ingênua certeza com que acredita já provada a sua tese, a partir do momento em que dela fala acaloradamente; é que traz de nascença o hábito de ser “acreditado”: não era esse o “ofício” de seu pai? Os judeus, pelo contrário, influenciados pelo gênero de negócios e pelo passado da sua nação, esperam tudo excepto ser acreditados: examinai a este respeito os seus sábios; todos fazem grande caso da lógica, quer dizer, da arte de forçar a aprovação por via da utilização de razões; sabem que vencerão fatalmente com ela, mesmo quando se chocarem com repugnâncias éticas, ou sociais e quando as pessoas só quizerem acreditar neles contra vontade. Nada é, com efeito, mais democrático do que a lógica: não está com delicadezas com as pessoas e mete os narizes aduncos no mesmo saco que os direitos. (A Europa, diga-se de passagem, deve aos judeus não pouco reconhecimento no que diz respeito à lógica e ao hábito da higiene intelectual; sobretudo os alemães, raça irrazoável, aos quais é sempre necessário começar por “lavar o cérebro”. Em toda a parte onde os judeus adquiriram influência, ensinaram a distinguir mais finamente, a concluir com mais rigor, a escrever com mais clareza e mais propriedade: sempre tiveram como tarefa pôr os novos “dentro da razão”).

349 — Ainda a origem dos sábios. — A vontade de conservação é a expressão de uma situação desesperada, uma restrição do verdadeiro instinto vital, instinto que visa à extensão do poder e, por isso, põe muitas vezes em jogo, e sacrifica, a “autoconservação”. Se alguns filósofos viram — se não puderam impedir-se de ver — o elemento decisivo da natureza humana, naquilo a que se chama instinto de conservação — tal como sucedeu com Espinosa, tuberculoso —, devemos encontrar aí um sintoma; é que estavam precisamente em plena angústia. E se as ciências naturais se complicaram tanto nos nossos dias com o espino- sismo (o darwinismo dá o mais recente e mais grosseiro exemplo no incrível sectarismo da sua doutrina da luta pela vida), isso deve-se muito provavelmente à origem da maior parte dos nossos sábios: pertencem ao “povo” neste domínio; os seus antepassados eram pobres e gente simples que tinham conhecido de muito perto a dificuldade de governar a vida. Todo o darwinismo inglês está mergulhado num bafio inglês de ar viciado, de superpopulação, de miséria, de tacañez. Mas quando se é naturalista devia-se saber sair do seu recanto humano; o que reina na natureza não é a penúria, a tacañez, é o excesso, o desperdício, uma loucura de desperdício. A luta pela vida é neste quadro exceção, restrição momentânea de querer viver: o interesse das lutas, grandes e pequenas, continuar a ser aí a preponderância, o aumento, a extensão, a força, conformemente a essa “vontade de poder” que é precisamente o querer viver.

350 — Em honra dos “*homines religiosi*”. — Entre outros aspectos — porque há muitos outros —, a luta contra a Igreja representa certamente o combate das naturezas vulgares, alegres, familiares, superficiais, contra o domínio de pessoas mais graves, mais profundas, mais contemplativas, quer dizer, de pessoas menos cândidas, menos confiantes, que ruminam, longas desconfianças contra o valor da vida e mesmo da própria existência. O instinto vulgar do povo, e a sua sensualidade, o seu “bom coração”, revoltaram-se contra eles. A Igreja romana assenta numa desconfiança meridional contra a natureza humana, uma suspeita que o Norte sempre compreendeu mal e que o Sul europeu herdou do profundo Oriente da antiga e misteriosa Ásia, terra da contemplação. Já o protestantismo marca uma revolta do povo em favor do “homem bom”, cândido, superficial (porque o Norte foi sempre mais “bom rapaz” e mais superficial do que o Sul); mas foi a Revolução Francesa, que entregou verdadeiramente o cetro ao “homem bom” (ao carneiro balidor, ao burro, ao ganso, a tudo o que está maduro para o asilo de alienados das “ideias modernas”).

351 — Em honra das naturezas sacerdotais. — Foram, penso eu, os filósofos que se sentiram sempre mais longe daquilo a que o povo (e quem não é “povo” nos nossos dias?...), daquilo a que o povo chama sabedoria: esta bovina tranquilidade de alma, esta prudente piedade, esta suavidade que deixam transparecer o pastor campesino e o prado onde se deita para ver passar a vida ruminando com um ar de muita seriedade; talvez fosse porque os filósofos não eram suficientemente povo em si próprios, não eram suficientemente pastores campe- sinos. Sem dúvida serão também os últimos a quem se fará acreditar que o povo não pode compreender qualquer coisa de tão distante do seu espírito como a grande paixão do conhecimento; quem procura este conhecimento, vive constantemente, vive fatalmente no meio da nuvem tempestuosa dos mais altos problemas e das mais pesadas responsabilidades (não pode, por isso ser senão inteiramente o contrário do espetador, do homem à margem, indiferente, seguro, objetivo...). E aquilo que o povo venera, quando se faz um ideal do “sábio”, é uma espécie completamente diferente de homens, e tem mil razões para lhes render homenagem, com as honras mais raras nos termos mais escolhidos; são as naturezas sacerdotais, suaves e misteriosas, simples e castas, e todas as que lhe estão próximas; são elas que merecem o respeito que o povo presta à sagesa. A quem, com efeito, teria ele mais razão para testemunhar gratidão senão a estes homens que saem dele e continuam a pertencer à sua espécie, mas como pessoas consagradas, transformadas em pessoas sacrificadas ao seu bem — julgam-se eles próprios votados a Deus —, estes homens no seio dos quais ele pode abrir impunemente o seu coração, desembaraçar-se dos seus segredos, das suas preocupações, daquilo que tem de pior (porque o homem que “se confia” desembaraçar-se dele próprio, e quem se

“confessou” esquece). É uma grande necessidade que determina isso; porque para esvaziar esses esgotos da alma da sua porcaria, para aí fazer circular água pura que limpe, precisa-se de torrentes de amor, de corações corajosos, humildes e puros que não recuem diante destes trabalhos sanitários negligenciados pelos serviços públicos, precisa-se de gente que se sacrifique; é, com efeito, um sacrifício que aqui se consoma, o padre é uma hóstia humana...

O povo vê nestas vítimas mudas, nestes homens corajosos da “fé”, sábios — espíritos que sabem —, seres “seguros” em face da sua incerteza: quem lhe havia de querer tirar este respeito?... Mas, justa contrapartida também, o padre passa ainda aos olhos dos filósofos por um homem do “povo” e não por um homem que sabe, porque, sobretudo os filósofos, não acreditam nas pessoas “que sabem” e farejam já na crença das pessoas que sabem uma superstição “popular”. Foi a modéstia dos gregos que inventou o nome de “filósofo”, deixando aos comediantes do espírito a soberba de se chamarem sábios... — a modéstia desses monstros de orgulho e de autossoberania que se chamaram Platão ou Pitágoras.

352 — Porque há-de ser muito difícil dispensar a moral. — O homem nu, geralmente, é um quadro vergonhoso; penso em nós, europeus (sem falar nas europeias!...). Suponhamos que em volta da mesa de um jantar, devido à malícia de um mágico, a mais alegre assembleia se vê de repente despida e despojada de todos os seus véus; creio que este espetáculo desencorajaria não somente o bom humor mas mesmo o apetite mais feroz; parece-me bem, europeus, que somos totalmente incapazes de dispensar a mascarada a que se dá o nome de vestuário.

Mas não há também outras boas razões para vestir a alma, para vestir “o homem moral”, para o velar com fórmulas e noções de conveniência, para fazer passar indolentemente -os seus atos para o vestuário do dever, da virtude, do espírito social, da honorabilidade e do desinteresse? Não que eu pense que este gesto deva servir para dissimular a malícia, a vilania humana, para disfarçar a besta feroz que vive em nós! Penso, muito pelo contrário, que é precisamente na nossa qualidade de animais domésticos que oferecemos um espetáculo vergonhoso que precisa do disfarce da moral; que é preciso muito para que o homem interior seja na Europa suficientemente mau para poder “mostrar-se fora” vestido apenas com a ferocidade (para poder ser belo com este vestuário).

O europeu disfarça-se com o capote da moral porque se tornou num animal doente, numa besta enferma e mutilada que tem excelentes razões para se mostrar “domesticada”; as razões do quase aborto, do canhestro, do fraco...

Um animal de presa não julga necessário disfarçar a sua ferocidade, é a besta do rebanho que tem necessidade de dissimular a sua mediocridade, o medo, o aborrecimento que se causa a ela própria.

A moral — confessemos! — faz todos os esforços para nos fazer parecer mais pobres, mais importantes, mais reluzentes, mais “divinos”.

353 — Da origem das religiões. — As verdadeiras invenções dos fundadores de religião, são: um modo de vida determinado, um hábito quotidiano, que disciplinem a vontade e, ao mesmo tempo, eliminem o aborrecimento; em segundo lugar, uma interpretação que aureole esta regra como um objeto de mais alto preço e que dele faça um bem supremo pelo qual se possa combater e, se necessário, dar a vida.

De fato, destas duas invenções, a segunda é a mais importante: a primeira, o gênero de vida, preexistia em geral ao regulamento, mas no meio de outros e sem consequências do valor que continha. A importância, a originalidade do fundador de religião manifestam-se ordinariamente no fato de ele vera escolher esta gênero de existência, no fato de ser o primeiro a adivinhar aquilo que se pode fazer, e como se pode interpretá-lo. Jesus (ou São Paulo), por exemplo. Jesus encontrou à sua volta a vida da gente humilde da província romana: interpretou-a, carregou-a com um sentido e um valor supremos, e deu-lhe com isso coragem para desprezar qualquer outro gênero de existência, com o calmo fanatismo que devia ser mais tarde o dos Irmãos Moraves, a secreta, a subterrânea confiança em si que incha incessantemente até estar pronto, um belo dia, a “vencer o mundo” (quer dizer Roma e as classes elevadas de todo o

Império).

Buda, da mesma forma, encontrou, disseminada em todas as classes do seu povo, esta categoria de pessoas que são boas, benevolentes (inofensivas sobretudo) em consequência de uma preguiça natural, e, por preguiça também, vivem na abstinência, quase sem nenhuma necessidade. Compreendeu que esta espécie de pessoas cairia inevitavelmente, com toda a força da sua inércia, na crença que promettesse impedir o regresso das misérias terrestres (quer dizer do trabalho, da ação em geral); a compreensão deste fato foi o seu gênio.

Para fundar uma religião é necessário possuir uma infabilidade psicológica que saiba detectar sem engano certa categoria de almas médias que ainda não reconheceram o seu parentesco. É o fundador de religião que as reúne; a fundação de uma religião torna-se sempre a este respeito uma longa festa de “reconhecimento”.

354 — Do “gênio da espécie.” — O problema da consciência (ou mais exatamente da consciência em si) só se nos apresenta no momento em que começamos a compreender por onde é que lhe poderemos escapar; e é neste princípio que hoje nos colocam a fisiologia e a zoologia (foram-lhe, no entanto, necessários dois séculos para eliminar a suspeita reputação que as precedia desde Leibniz).

Podemos, com efeito, pensar, sentir, querer, lembrarmo- -nos; poderemos igualmente “agir” em todas as acepções do termo, sem ter consciência de tudo isso. A vida inteira poderá passar sem se olhar neste espelho da consciência; e é ainda isso o que ela faz para nós, efetivamente, na maior parte da sua atividade, mesmo a mais alta, pensamento, sentimento, vontade, que, por mais vexante que a coisa possa parecer a um filósofo de anteontem, decorre sem reflexo, sem reflexão. Para que serve a existência se é supérflua para o essencial da existência?

Se se quiser dar atenção à minha resposta e às suposições talvez um pouco remotas que me sugere a questão, direi que a força e a acuidade da consciência me parecem estar sempre em razão direta com a capacidade do homem (ou do animal) em se exprimir, e esta mesma capacidade em proporção da necessidade de se comunicar. Não quero dizer com isso que o próprio indivíduo que melhor sabe exprimir as suas necessidades e fazê-las compreender aos outros seja o que, mais imperiosamente, esteja reduzido a contar com o socorro de outrem. O fenômeno passar-se-ia em raças inteiras, em sequências de gerações. Eis como: quando a falta, quando a necessidade obrigaram durante muito tempo os homens a compreender-se mutuamente, rápida e finamente, criou-se um excedente desta arte e desta força, uma espécie de tesouro que o tempo empilhou e que espera um herdeiro que o desperdice: “o artista” é esse herdeiro; assim o orador, o pregador ou o escritor todos os homens que aparecem ao fim de uma longa série, “tarde aparecidos”, num sentido nobre, e que, por natureza, são dissipadores.

Se esta observação é justa, encontro-me no direito de supor que a consciência só se desenvolveu sob a pressão da necessidade de comunicar, que a princípio só era necessário e útil nas relações de homem para homem (nomeadamente no tocante ao comando) e que só se desenvolveu na medida desta utilidade. A consciência é apenas uma rede de comunicação entre homens; foi nesta única qualidade que se viu forçada a desenvolver-se: o homem que vivia solitário, como animal de presa, poderia ter passado sem ela. Se as nossas ações, pensamentos, sentimentos e movimentos chegam — pelo menos em parte — à superfície da nossa consciência, é o resultado de uma terrível necessidade que durante muito tempo dominou o homem, o mais ameaçado dos animais: tinha necessidade de socorro e de proteção, tinha necessidade do seu semelhante, era obrigado a saber dizer essa necessidade, a saber tornar-se inteligível; e para tudo isso era necessário, em primeiro lugar, que tivesse uma “consciência”, que “Soubesse” ele próprio o que lhe faltava, que “soubesse” o que sentia, que “soubesse” o que pensava. Porque como toda a criatura viva, o homem, repito, pensa constantemente, mas ignora-o; o pensamento que se torna consciente representa apenas a parte mais ínfima, digamos a mais superficial, a pior, de tudo aquilo que pensa: porque só existe o pensamento que se exprime em palavras, quer dizer, em sinais de trocas, o que revela a própria origem da consciência. Em resumo, o desenvolvimento da linguagem e o

desenvolvimento da consciência (não da razão, mas somente da razão que se torna consciente de si própria), estes dois desenvolvimentos caminham a par. Acrescentemos que a língua não é a única a servir de ponte de homem para homem, que existem também o olhar, a pressão, o gesto; tomamos das impressões dos nossos próprios sentidos uma consciência tanto mais nítida, adquirimos um poder de as fixar e de as exteriorizar tanto maior quanto mais forte se fazia a necessidade de as comunicar aos outros por intermédio dos sinais. O inventor dos sinais é ao mesmo tempo um homem que não cessa de se tornar cada vez mais consciente dele próprio: foi somente como animal social que o homem aprendeu a tornar-se consciente de si; assim o faz, e cada vez mais.

Penso, como se vê que a consciência não pertence essencialmente à existência individual do homem, mas, pelo contrário, à parte da sua natureza que é comum à totalidade do rebanho; que não foi, por consequência, sutilmente desenvolvida senão na medida da sua utilidade para a comunidade, o rebanho; e que a despeito da melhor vontade que podemos pôr em “nos conhecermos”, em perceber o que há de mais individual, nenhuns de nós poderá jamais tomar consciência senão do seu lado não individual e “médio”; que o nosso próprio pensamento se encontra sem cessar de algum modo “melhorado” pelo caráter da consciência — pelo “gênio da espécie” que comanda no seu seio — e retraduzida na língua imposta pela perspectiva do rebanho. Todos os nossos atos são bem, no fundo, supremamente pessoais, únicos, individuais, incomparáveis, certamente; mas desde que a consciência os traduz na sua língua, deixam de parecer assim... Eis o verdadeiro fenomenalismo, eis o verdadeiro perspectivismo, ei-lo tal como eu o compreendo: a natureza da consciência animal faz com que o mundo de que nós podemos tornar conscientes não passe de um mundo de superfícies e de signos, um mundo generalizado, vulgarizado; e que, por consequência, tudo o que se torna consciente se torna por isso mesmo superficial, reduzido, relativamente estúpido, torna-se uma coisa geral, um signo, um número do rebanho, e que qualquer tomada de consciência, provoca uma decisiva corrupção do seu objeto, uma grande falsificação, uma “superficialização”, uma generalização. No fim das contas, o aumento de consciência é um perigo, e quem vive no meio de europeus conscientes sabe mesmo que se trata de uma doença. Não é, como se adivinha, a oposição sujeito-objeto que me preocupa neste instante: abandono esta distinção aos teóricos do conhecimento que continuam ainda presos nas malhas da gramática (esta metafísica do povo). É ainda menos, e com mais forte razão, a oposição da “coisa em si” e da aparência: porque estamos longe de nos “conhecer” o suficiente para poder fazer sequer esta simples “distinção”. Falta-nos, com efeito, um órgão para conhecer, para discernir a “verdade”: nós “sabemos” (acreditamos, imaginamo-nos) até ao ponto em que pode ser útil ao rebanho humano, à espécie.

Mesmo a própria “utilidade” de que se fala a este propósito não passa, em final de contas, de uma crença, de um produto da nossa imaginação, e talvez da mais fatal estupidez, a que nos há-de, certamente, fazer perecer um dia.

355 — A origem da nossa noção do conhecimento. — Apanhei esta explicação na rua ao ouvir um homem do povo dizer-me: “Ele reconheceu-me”; perante estas palavras, perguntei-me o que é que o povo entende no fundo por conhecimento: o que procura ele quando o pede? Apenas isto: reduzir qualquer coisa de estranho a qualquer coisa de conhecido. Nós, filósofos, que pomos mais nesta palavra? O conhecido, quer dizer, as coisas a que nos habituamos, de tal modo que já deixamos de nos espantar; aí incluímos o nosso movimento quotidiano, uma regra qualquer que nos conduz a todo o que nos é familiar... Pois quê? A nossa necessidade de conhecer não é justamente a nossa necessidade familiar? O desejo de encontrar, no meio de tudo o que nos é estranho, inabitual, enigmático, alguma coisa que deixe de nos inquietar? Não será o instinto do medo que força a conhecer? O encanto que acompanha a aquisição do conhecimento não será a volúpia da segurança recuperada?...

Tal filósofo considera o mundo como “conhecido” depois de o ter reduzido à “ideia”: ai de mim! Não era isto simplesmente porque a ideia lhe era coisa tão familiar, tão habitual? Porque a ideia lhe fazia menos medo? Ah! As pobres satisfações daqueles que procuram o conhecimento!... Como ficam

facilmente satisfeitos! Examinai, portanto, deste ponto de vista, os seus princípios e as suas respostas aos enigmas que o mundo põe! Quando voltam a encontrar nas coisas, sob as coisas ou atrás das coisas, um elemento, aí de mim, que lhes é bem conhecido, como, por exemplo, a nossa lógica, a nossa tábua de multiplicar, a nossa vontade ou o nosso desejo, que pura embriaguez! Porque “aquilo que se conhece, conhece-se!”, a esse respeito são unânimes. E nem sequer os mais circunspectos deixam de pensar que as coisas familiares são mais fáceis de conhecer do que as outras e que o bom método recomenda, por exemplo, que se parta do “mundo interior”, que se tome apoio nos “fatos da consciência”, porque se trata do mundo que é mais conhecido! O erro dos erros! Aquilo a que chamam conhecido, é o habitual e o habitual é precisamente o que há de mais difícil de “conhecer”, quer dizer, de considerar como um problema, como uma coisa desconhecida, distante, exterior a nós próprios... A grande superioridade das ciências “naturais” sobre a psicologia e a crítica dos elementos da consciência — sobre as ciências, poderemos dizer, ou aproximadamente, “não naturais” —, consiste precisamente nisto: escolhem como objeto coisas que saem do domínio familiar, ao passo que há uma quase contradição, ou um quase absurdo, em querer tomar como objeto aquelas que aí entram.

356 — Em que se tornará a Europa cada vez mais “artística”. — Na nossa época de transição em que tantas opressões desapareceram, a preocupação da existência impõe ainda, apesar de tudo, à maior parte dos europeus machos um papel determinado, a sua carreira, como se costuma dizer; alguns conservam a liberdade, uma aparente liberdade, de escolher eles próprios esse papel; para os outros, a grande massa, a escolha vem do exterior. O resultado é assaz estranho: quase todos os europeus se confundem com o seu papel logo que chegam a uma certa idade; tornam-se eles próprios vítimas da qualidade da sua interpretação; esquecem quanto o acaso, o capricho, o arbitrário dispuseram da sua vida na época em que a sua “carreira” se decidiu, e quantos outros papéis poderiam ter interpretado: porque a partir de agora é demasiado tarde! Quando se olha o problema mais de perto vê-se que o papel se tornou realmente caráter, a arte transformou-se em natureza.

Houve épocas em que se acreditou firmemente, cerimoniosamente, piedosamente, que se estava destinado a este ou àquele ofício, a este ou àquele ganha-pão, e em que se não queria reconhecer que o acaso participava na escolha da vocação, em que se negava obstinadamente o aspecto “papel” da profissão e o capricho que o impunha, graças a esta fé, castas, corporações e privilégios profissionais hereditários, conseguiram levantar estes monstros sociais que distinguem a Idade Média e nos quais se pode pelo menos louvar uma coisa: a capacidade de duração (porque a duração, nesta terra, é um valor de primeiríssima plana!).

Mas há épocas de caráter contrário; são as épocas verdadeiramente democráticas em que esta fé se perde cada vez mais e em que domina certa crença temerária num ponto de vista oposto, a crença dos atenienses que se observa pela primeira vez na época de Péricles, a crença ianque de hoje, que se torna cada vez mais crença europeia; cada um está então convencido de poder fazer quase tudo, de estar à altura de qualquer papel, cada um se ensaia, se experimenta, se improvisa, se volta a ensaiar, tomando prazer nisso, cessa toda a natureza e torna-se arte... Os gregos, uma vez lançados neste caminho da crença no papel — crença de artistas, se quisermos —, passaram por todas as etapas de uma transformação singular que não é digna de admiração de maneira nenhuma: tornaram-se realmente atores-, e, atores, fascinaram e conquistaram o mundo, incluindo finalmente até a “conquistadora do mundo inteiro” (porque foi o *gracculus histrio* que fez a conquista de Roma, e não a cultura helênica, como dizem os inocentes...)- Ora o que me assusta, o que se pode já ver com os nossos olhos, mesmo que se tenha pouca vontade disso, é que estamos a tomar, nós, os modernos, o mesmo caminho; e sempre que o homem começa a descobrir em que medida desempenha um papel, em que medida pode ser comediante, torna-se de fato comediante... Vê-se surgir nova flora e nova fauna humana que não poderiam crescer em épocas mais rigorosas e mais acanhadas — ou, pelo menos, ficariam na sombra, suspeitas de desonrar; são as épocas mais interessantes e as mais loucas da história, aquelas em que os “comediantes” de todas as

qualidades são os verdadeiros senhores. Prejudicam por isso mesmo, cada vez mais severamente, e acabam por tornar impossível uma outra categoria de pessoas, nomeadamente os “grandes construtores”; a força de construir estiola-se; anemiza-se a coragem que permitia forjar projetos a longo prazo; os gênios organizadores começam a faltar: quem ousará ainda atacar trabalhos cujo acabamento exigiria que se pudesse contar com prazos de milhares de anos? Não se vê desaparecer a lei fundamental que permitiria calcular assim, prometer, antecipar, sacrificar o futuro aos seus planos e segundo a qual o homem não tem valor, ou sentido, a não ser na medida em que é uma pedra de um imenso edifício: o que lhe exige em primeiro lugar que seja sólido, que seja, “pedra”... E acima de tudo que não seja comediante! Resumindo — ai de mim, não se calará isto senão por demasiado tempo! —, o que já se não constrói, o que já se não pode construir, é uma sociedade, no sentido que o termo possuía antigamente: para construir semelhante edifício falta tudo, e materiais em primeiro lugar. Deixamos de ser de pedra aparelhada: é uma verdade que já é tempo de enunciar! Parece-me indiferente para o momento que a espécie de homens mais míope — a mais honesta talvez também, e em todo o caso mais barulhenta que existe nos nossos dias —, parece-me indiferente que os cavalheiros socialistas acreditem, esperem, sonhem, escrevam e gritem — e gritem sobretudo — a opinião quase contrária; já se lê a sua divisa futura em todas as mesas e em todas as paredes: “Sociedade Livre”. Sociedade livre? Perfeitamente! Mas sabem, senhores, como é que isso se constrói? Em mármore de papel! O famoso papel-mármore! E ainda, quando digo papel...

357 — A propósito do velho problema: “O que é alemão?”. — Fazer a conta das verdadeiras conquistas do pensamento filosófico devido a cérebros alemães: pode-se, em qualquer sentido admissível, fazer honra à totalidade da raça? Pode-se dizer: são ao mesmo tempo a obra da “alma alemã”, ou pelo menos os seus sintomas, no sentido, por exemplo, em que se diz habitualmente que a ideomania de Platão, a sua loucura, a sua religião da forma, é o fato ou testemunho da “alma grega”?

Devemos admitir o contrário? Serão estas conquistas filosóficas o fruto de individualidades tão excepcionais no espírito da raça como o foram, por exemplo, não corando por isso, o paganismo goethiano ou o maquiavelismo, a “política realista” de Bismarck? Não irão os nossos filósofos contra as necessidades da “alma alemã”? Em resumo, terão sido os filósofos alemães autênticos alemães filósofos?

Vou evocar três casos. Em primeiro lugar o de Leibniz e da incomparável ideia que lhe deu razão, não apenas contra Descartes, mas contra todas as teorias filosóficas que tinham decorrido antes dela, quando dizia que a consciência é um simples acidente da representação, e não seu atributo necessário, essencial, e que aquilo a que chamamos consciência, longe de construir o nosso mundo interior, representa apenas um estado particular (talvez doentio). Há qualquer coisa de alemão neste pensamento, cujas imensas profundezas ainda não foram esgotadas até aos nossos dias? Haverá uma razão para supor que um latino não teria chegado facilmente a esta inversão da evidência? Porque se trata realmente de uma inversão.

Lembremos, em segundo lugar, Kantz o formidável ponto de interrogação que ele veio pôr diante da ideia de “causalidade”: não que ele tenha discutido, a exemplo de Hume, os direitos desta ideia; pelo contrário, começou muito prudentemente por delimitar o domínio no interior do qual ela conservava um sentido (trata-se de um trabalho que ainda não acabou nos nossos dias).

Lembremos, por fim, em terceiro lugar, a admirável descoberta de Hegel, que acabou todos os hábitos da lógica, esta criança mimada, quando começou a ousar ensinar que as ideias específicas saem umas das outras, princípio que preparou os espíritos da Europa para o último grande movimento científico, para o darwinismo; porque sem Hegel não teria havido Darwin. Esta inovação hegeliana que introduziu pela primeira vez na ciência a noção da evolução terá alguma coisa de alemão?

Sim, sem dúvida nenhuma: nos três casos sentimos que se “descobriu”, que se adivinhou um pouco de nós próprios; estamos ao mesmo tempo reconhecidos e surpreendidos; cada uma destas três descobertas ajuda notavelmente o alemão a conhecer-se, a apreender-se; enriquece a sua experiência de si. “O nosso mundo interior é um mundo muito mais rico, muito mais vasto, muito mais escondido”, sentimo-lo como

Leibniz; e com Kant, é como alemães que duvidamos do valor definitivo dos conhecimentos científicos e de tudo o que se aprende por dedução causai; o próprio conhecível, enquanto tal, passa e só nos aparece como de menor valor. Somos hegelianos, nós, alemães; sê-lo-íamos mesmo que não tivesse havido Hegel; concedemos instintivamente ao futuro, à evolução, mais sentido e mais valor do que ao “ser” (e mal acreditamos que o “ser” seja um conceito que se justifique); hegelianos na medida, também, em que resistimos a admitir que a nossa lógica humana seja a lógica sem mais nada, a única espécie possível (gostaríamos, ao contrário, de nos convencer que não passa de um caso particular da verdadeira lógica, talvez um dos mais estúpidos e dos mais singulares).

Será ainda de fazer uma quarta pergunta: saber se Schopenhauer, zelador do pessimismo que pôs em dúvida o valor da vida, devia necessariamente ser alemão. Não acredito em semelhante necessidade. O acontecimento depois do qual o problema do valor da vida devia tão fatalmente pôr-se que um astrônomo da alma teria podido calcular o dia e a hora em que passaria no horizonte da atualidade inevitável esse acontecimento — o declínio da fé no deus cristão e a vitória do ateísmo científico —, foi um caso europeu, cujo mérito e honra cabem a todas as raças. Será mesmo aos alemães — aos alemães que viveram na época de Schopenhauer — que se deverá imputar ter mais demoradamente e mais perigosamente retardado esta vitória do ateísmo; Hegel, particularmente, foi o seu refreador por excelência, com a grandiosa tentativa que fez ainda de nos convencer à última hora da divindade da existência por meio do nosso sexto sentido, a que dei o nome de “sentido histórico”. Schopenhauer, como filósofo, foi o primeiro ateu convencido e inflexível que tivemos na Alemanha: é o segredo da sua hostilidade para com Hegel. A existência não tem nada de divina: era para ele uma verdade provada, uma coisa tangível, indiscutível; se alguém vinha hesitar diante dele, procurando contorná-la, perdia o seu sangue-frio de filósofo e indignava-se com violência. É neste ponto que assenta toda a sua retidão; porque a maneira como apresenta o seu problema postula um ateísmo absoluto e leal em que via uma vitória demorada e caramente paga da consciência europeia, o ato mais fecundo de dois mil anos de disciplina, de uma disciplina em vista do verdadeiro que acabava por se proibir a mentira de acreditar em Deus... Vê-se o que triunfou do deus cristão-, foi a própria moral cristã, a noção de sinceridade considerada cada vez mais estritamente, foi a sutileza da consciência cristã aguçada pelo confessional e transposta, sublimada finalmente, em consciência científica, em higiene intelectual, a todo o custo. Olhar a Natureza como uma prova da bondade e da providência de um deus, interpretar a história em honra de uma razão divina, como o testemunho constante de uma ordem e de um finalismo moral do universo, explicar tudo o que vos acontece, à maneira das pessoas piedosas, por uma intervenção divina, um sinal, uma premeditação, uma mensagem da Providência tendo em vista a salvação da nossa alma, tudo isso é passado, a consciência opõe-se a tal; não há consciência um pouco sutil que não veja aí inconveniência, deslealdade, mentira, feminilidade, fraqueza, cobardia; é esta severidade, mais do que qualquer outra coisa, que faz de nós bons europeus, herdeiros da mais longa e da mais corajosa vitória que a Europa obteve sobre si. Mas logo que assim rejeitamos esta interpretação cristã, logo que a rejeitamos como uma moeda falsa, vemos desenhar-se diante de nós, terrivelmente, a pergunta de Schopenhauer: “Tem a existência, nesse caso, um sentido?” Esta pergunta vai exigir séculos antes de poder ser simplesmente compreendida de maneira exaustiva nas pregas das suas profundezas. A própria resposta que Schopenhauer lhe deu foi — perdoem-me — prematura; é um fruto verde, puro compromisso; deteve-se apressadamente, apanhado nas malhas, precisamente destas perspectivas morais que eram a característica do ascetismo cristão e nas quais, ao mesmo tempo que em Deus, se tinha significado que não se queria continuar a acreditar... Mas ele enunciou a pergunta; como bom europeu, como eu dizia, não como alemão. A menos que se pense que os alemães tenham experimentado uma afinidade, um parentesco de espírito com Schopenhauer, uma disposição para o ouvir e uma necessidade do seu problema, pela maneira como se apoderaram da pergunta schopenhaueriana? Não! Que depois dele — de resto muito mais tarde! — se tenham posto a meditar também e a escrever sobre este problema, não basta para

permitir concluir por uma afinidade íntima; poder-se-á mesmo encontrar qualquer contra-argumento no singular desajeitamento deste pessimismo pós-schopenhaueriano. Os alemães não tinham visivelmente ar de aí se encontrarem no seu elemento. Não é uma alusão a Eduardo von Hartmann, de maneira alguma; muito pelo contrário, não cessei de desconfiar que ele fosse demasiado hábil para nós, quero dizer com isso que a terrível severidade fingida não somente se riu talvez desde o princípio do pessimismo dos alemães, mas ainda que será capaz, para acabar, de lhes “legar” em testamento a receita utilizada para trocar deles, o mais regamente no momento dos grandes empreendimentos. Deixando Hartmann, pergunto simplesmente se é necessário considerar como uma glória alemã este velho pião Bahnsen que passou a sua vida a girar com zumbidos guinchantes em torno da sua miséria dialético-realista e do seu “azar pessoal”... Será isso que será alemão? (Recomendo de passagem os seus escritos pelo uso que eu próprio faço do regime antipessimista; os seus *elegantiae psychologicae* devem, ao que se me parece, vencer os corpos e os espíritos mais hermeticamente cerrados). Ou será, então necessário incluir entre os verdadeiros alemães os diletantes e as solteironas como Mainländer, este açucarado apóstolo da virgindade? No fim de contas, vereis que era sem dúvida um judeu (todos os judeus se tornam açucarados quando falam de moral). Não, nem Bahnsen, nem Mainländer, sem falar de Eduardo von Hartmann, podem ajudar-nos a acreditar que o pessimismo de Schopenhauer e este olhar aterrado que lança sobre um mundo subitamente despojado dos seus deuses — um mundo tornado estúpido, cego, louco, enigmático —, nenhum deles nos pode ajudar a pensar que esse espanto sincero tenha sido, não uma exceção, mas um acontecimento alemão, quando todos os nossos outros primeiros planos, a nossa corajosa política, o nosso alegre patrioteirismo (que considera tão vivamente todas as coisas sob o ângulo de um princípio muito pouco filosófico — *Deutschland, Deutschland über alles* — e portanto sub *specie speciei* — a saber a species alemã) provam tão nitidamente o contrário. Não! Os alemães de agora não são pessimistas! Schopenhauer, repito- o, foi-o como bom europeu, não como alemão.

358 — A sublevação campesina do espírito. — Nós, os europeus, encontramos-nos diante de uma imensa vaga de escombros de onde emergem ainda alguns altos monumentos, mas alguns já só se aguentam, roídos pela velhice, devido a um milagre inquietante, e onde a maior parte junca o solo; o pitoresco do espetáculo é bastante vivo — onde é que houve alguma vez tão belas ruínas? — e as ervas ruins desabrocham, pequenas ou grandes, sobre o conjunto. Esta cidade em ruínas é a Igreja; vemos hoje a sociedade cristã abalada até aos seus fundamentos mais profundos, a fé em Deus está derrubada, a fé no ideal ascético cristão trava o último combate. Uma obra, como o cristianismo, que se construiu tão solidamente e tão demoradamente — foi este o último monumento romano! —r, não pode ser, evidentemente, aniquilada com um único golpe; foi necessária a colaboração dos abalos de todos os sismos, e todos os espíritos que furam e roem todas as raízes, todas as chuvas. Mas o que há de mais singular é que aqueles que mais se esforçaram por manter o cristianismo foram os seus melhores destruidores: os alemães. Parece bem que o alemão não compreende o que é a Igreja. Será falta de espírito? Será falta de confiança? Seja como for, a Igreja está construída sobre uma liberdade de espírito, sobre uma independência de ideias que são coisas meridionais e sobre uma desconfiança meridional também no respeitante à natureza, ao homem e ao espírito, em resumo, sobre um conhecimento, uma experiência do homem diferentes das que pertencem ao Norte. A reforma luterana foi uma vasta revolta da simplicidade contra uma “multiplicidade”; para empregar uma expressão prudente, foi um grosseiro mal-entendido de pessoas dignas que bem merecem ser perdoadas; não se compreendia a maneira de se exprimir de uma Igreja vitoriosa e apenas se via nela corrupção; não se compreendia o cepticismo distinto, o luxo do cepticismo e a tolerância que se permitem todas as forças triunfantes e seguras de si próprias... Hoje vê-se demasiado bem tudo o que faltava a Lutero para abordar as questões cardeais do poder, veem-se bem os dons nefastos que aí introduzia; vê-se muito bem como ele foi míope, superficial e imprudente; homem do povo sobretudo, privado da hereditariedade com que o teria enriquecido uma casta reinante, não dispunha do instinto das coisas do poder; de tal modo que a sua obra e toda a vontade

que teve de restaurar a de Roma foram simplesmente, sem que ele o soubesse ou desejasse, o começo de uma destruição. Rasgou, esfolou, com uma sincera irritação, em toda a parte onde a velha aranha tinha tecido com mais cuidado e durante mais tempo. Deu livros sagrados a todos os recém-chegados; acabaram assim por criar nas mãos dos filólogos, quer dizer, dos destruidores de todas as crenças que assentam no impresso. Destruiu a ideia de “igreja” rejeitando a fé que se tinha tido na inspiração dos concílios: porque a noção de “igreja” só pode conservar força se admitirmos que o espírito inspirador que fundou esta igreja, vive, e ainda constrói nela, que continua nela a construir a sua casa. Deu ao padre o uso de relações sexuais com a mulher; ora as três quartas partes do respeito de que o povo é capaz, a mulher do povo sobretudo, assentam na crença de que um homem que é uma exceção sexual há-de ser também uma exceção noutros pontos; esta ideia é precisamente a que defende da maneira mais sutil, mais capciosa, o bem fundado da crença popular no nosso lado super-humano, no milagre, no Deus redentor escondido no homem. Depois de assim ter dado a mulher ao padre, Lutero não podia evitar retirar-lhe a confissão auricular, o que era de boa psicologia, mas suprimia, no fundo, o próprio padre cristão, cuja maior utilidade foi sempre ser um ouvido sagrado, um poço mudo, um túmulo dos segredos. “Cada um é o seu próprio padre”; atrás de semelhantes fórmulas, atrás da sua astúcia campesina, dissimulava-se em Lutero um ódio insondável contra os “homens superiores e contra o domínio desses “homens superiores”, tais como a Igreja os concebeu: destruía um ideal que não tinha podido alcançar enquanto mantinha o ar de lhe combater e de lhe abominar a degenerescência. De fato, frade impossível, rejeitava a dominação dos *homines religiosi*, fazendo no interior da ordem eclesiástica aquilo que combatia na ordem social com semelhante intolerância: uma sublevação campesina.

Quanto ao que surgiu depois, para bem ou para mal, da sua Reforma, e de que hoje se pode fazer um balanço para louvar Lutero ou para o censurar muito simplesmente a respeito do resultado? Está inocente de tudo, não sabia o que fazia. O amornamento do espírito europeu, sobretudo no Norte, Digamos o seu adoçamento, se preferirmos uma expressão moral, deu, sem dúvida nenhuma, um grande passo em frente com a reforma de Lutero; e foi ainda esta reforma que aumentou a mobilidade desse espírito, a sua inquietação, a sua sede de independência, a fé que tem num direito de ser livre, o seu “natural”. Enfim, se quisermos reconhecer-lhe o mérito de ter preparado e favorecido o aparecimento daquilo a que honramos hoje sob o nome da “ciência moderna”, é preciso não esquecer de acrescentar que é igualmente cúmplice da degenerescência do sábio de hoje, da sua falta de respeito, de pudor e de profundidade, desta candura ingênua, desta proibidade nas coisas do conhecimento, em resumo, desta ruptura do espírito que caracteriza os dois últimos séculos e cujo pessimismo ainda nos não libertou; até aqui, a “ideia moderna” entra igualmente nesta “sublevação campesina” do Norte contra o espírito mais frio, mais ambíguo, mais provocador do Sul, que levantou na Igreja cristã o seu monumento mais sublime. Não esqueçamos, finalmente, o que vem a ser uma Igreja, contrariamente, sobretudo, aos Estados: uma Igreja é antes de tudo um edifício de dominação hierárquica, que assegura o plano superior ao espírito para se proibir o recurso às grosserias da violência; só isso bastaria para fazer dela uma instituição mais nobre. Ao que o Estado.

359 — A vingança sobre o espírito e outros subentendidos da moral. — A moral... onde é que julgais que possa ter os seus mais perigosos, os seus mais rancorosos advogados?... Eis aqui um frustrado que não tem espírito suficiente para estar contente com o que tem e que recebeu a cultura exata para o saber; aborrece-se, enoja-se, despreza-se; privado para cúmulo, por uma pequena herança, da suprema consolação, da “bênção do trabalho”, do esquecimento de si na “tarefa quotidiana”, é um ser que, no fundo, tem vergonha da sua existência — talvez, ainda por cima, albergue alguns pequenos vícios no fundo da alma; por outro lado, não pode impedir-se de se corromper cada vez mais, de se tornar cada vez mais irritável e vaidoso em virtude de leituras a que não tem direito, ou a frequências demasiado intelectuais para as suas capacidades digestivas: envenenado até à medula — porque para um malogrado desta natureza o espírito torna-se veneno, e veneno a cultura, veneno a solidão e a higiene —, cai finalmente num estado de rancor, numa vontade crônica de se vingar... Do que julgais que tenha necessidade, que tenha absolutamente necessidade para conservar diante dele mesmo uma aparência de superioridade sobre espíritos mais fortes do que o seu, para se dar, pelo menos em imaginação, a volúpia da vingança satisfeita? Da moralidade, sempre dela; pode pôr-se a mão no fogo, precisa das grandes frases da moral, do grande tambor da justiça, da sageza, da santidade da virtude; tem necessidade do - estoicismo, da atitude (ah, estoicismo, como escondes bem o que se não tem!...), precisa da capa do silêncio superior, da afabilidade, da suavidade, e outros envoltórios idealistas sob os quais vemos caminhar os contempladores incuráveis deles próprios, que são também os incuráveis vaidosos. Compreendam-me bem; acontece às vezes que estes inimigos natos do espírito dão nascença às singulares amostras humanas que o povo honra com o nome de santos e de sábios; são eles que produzem os monstros da moral que fazem barulho, que fazem história: um Santo Agostinho, por exemplo. Recear o espírito, vingar-se sobre ele, quantas vezes este dinamismo vicioso foi a fonte de grandes virtudes; depois, foi virtude! E entre nós, a pretensão dos filósofos à sageza, esta pretensão, a mais louca, a mais impertinente de todas, que apareceu, de tempos em tempos sobre a terra, não foi sempre, tanto na Índia como na Grécia, não foi em primeiro lugar uma necessidade de esconder? As vezes, talvez, por um cuidado de educador — um ponto de vista que santifica tantas mentiras!, por uma terna solicitude pelos seres em formação, em devir, por discípulos que é necessário defender contra eles próprios, pela fé numa pessoa (por erro)... Mas, mais frequentemente ainda, necessidade do filósofo de abrigar atrás dessa cortina o seu cansaço, a sua idade, a sua frieza, a sua esclerose; sentimento do fim próximo, sagacidade do instinto que têm os animais diante da morte: afastam-se, calam-se, elegem a solidão, refugiam-se em cavernas e tornam-se sábios... Pois quê! Será a sabedoria o esconderijo do filósofo para este se defender... do espírito?

360 — Duas espécies de causas que é costume confundir. — Eis, em minha opinião, um dos passos, dos progressos, mais capitais que fiz: aprendi a distinguir a causa da ação em geral da causa da ação particular, da ação neste ou naquele sentido, da ação para este ou para aquele fim. A primeira destas duas causas é uma quantidade de força acumulada e que espera ser empregada, não importa quando, em não importa o quê; a segunda é, pelo contrário, uma coisa insignificante em relação a esta quantidade, um pequeno acaso geralmente, pequeno acaso a propósito do qual a dita quantidade se “alivia” de ora em diante de uma maneira única e determinada; é o fósforo em relação ao barril de pólvora. No número destes pequenos acasos, no número desses fósforos coloco todos os pretensos “objetivos”, assim como as ainda mais pretensas “vocações”; são, tanto uns como outros, relativamente comuns, arbitrários, e mais ou menos negligenciáveis em comparação com a imensa quantidade de força que tende, como já disse, a se despendar não importa como.

A opinião do vulgo é completamente diversa, porque é geralmente no objetivo (no fim, na vocação,

etc.) que se vê o motivo, a força propulsiva, de acordo com um antigo erro; mas este objetivo é apenas força dirigente — confundiu-se o piloto e o vapor. E mesmo assim nem sempre é exato! Nem em todos os casos o objetivo é esse piloto, essa força dirigente!... O “objetivo” e a “intenção” não são, numa grande maioria dos casos, mais do que puros pretextos decorativos que a vaidade improvisa para si depois do caso realizado para se cegar, não querendo que se diga que o barco seguiu a corrente para que o acaso o empurrou? Que se diga que se ele quer ir para ali é porque a isso é forçado? Que há realmente uma direção, mas nem sombra de um único piloto?... A crítica da ideia de “objetivo” é coisa ainda a fazer.

361 — Do problema do comediante. — O problema do comediante inquietou-me durante mais tempo; perguntava a mim próprio (e às vezes ainda mo pergunto) se não constitui o melhor ponto de partida para abordar a perigosa noção do “artista” — noção que se estudou até aqui com imperdoável bonomia. Ser falto com toda a candura; fingir com uma volúpia que transborda de forma tão poderosa que abala, inunda, apaga às vezes, aquilo a que se dá o nome de “caráter”; desejar ardentemente, do mais profundo do ser, fundir-se num papel, numa máscara, numa aparência; regurgitar de faculdades de assimilação de todas as espécies que já não sabem satisfazer-se ao serviço da limitada utilidade imediata: eis aquilo que talvez faça apenas os comediantes?... É nas famílias do baixo povo que semelhantes instintos se desenvolvem sem dúvida mais facilmente, em famílias que foram obrigadas a lutar pela existência sob a opressão de constrições, de severas escravidões, que se encolhem para se adaptar ao tamanho do leito, para se acomodar sem descanso a circunstâncias sempre novas, para se mostrar, para se apresentar de maneira diferente, e que acabaram, pouco a pouco, por saber virar o seu capote para resistir a todos os ventos, quase se tendo tornado capotes devido à frequência desse exercício, tornadas mestras na arte desse eterno jogo de escondidas — a mimicry dos animais — que se tornou a sua segunda natureza: até ao dia em que, finalmente, esta faculdade mimética, acumulada por herança no decurso de longas gerações, se tornou despótica, desrazoável, ingovernável, afetação, instinto para comandar outros instintos e criou o comediante, “o artista” (em primeiro lugar o bufão, o palrador, o arlequim, o louco, o palhaço, assim como Gil Blas, modelo dos criados clássicos: porque se trata dos tipos precursores do artista ou seja, muitíssimas vezes, do “gênio”),

Nas classes sociais mais elevadas as mesmas pressões dão também origem a um mesmo tipo de homem; com a única diferença de que este conserva ainda uma ponta de instinto para dominar o comediante; é o que se passa como o “diplomata”; estou muito inclinado a acreditar que nada impede um bom diplomata de dar um excelente ator, a não ser uma preocupação de dignidade. Quanto aos judeus, povo por excelência dos artistas da adaptação, está-se sempre pronto a ver neles, a priori, uma espécie de instituição histórica destinada à formação de atores, um verdadeiro alfobre de comediantes; e, de fato, podemos perguntar-nos, porque a questão é de uma atualidade flagrante: que bom ator de hoje não é judeu? Literato nato, senhor efetivo da totalidade da imprensa europeia, o judeu exerce a sua força também aqui graças às suas faculdades de ator: porque este literato é comediante por essência: interpreta o “especialista”, o “perito”. As *mulheres* enfim: pensemos um pouco na sua história: não é preciso que sejam em primeiro lugar, que sejam sobretudo comediantes? Ouvi os médicos que hipnotizam estes encantadores mamíferozinhos, amai também estas senhoras, fazei-vos “hipnotizar”... O que sai daqui no fim de contas? “Dão” um papel, mesmo quando se dão... A mulher é tão grande artista!...

362 — A nossa fé numa virilização da Europa. — Não é a Revolução Francesa, que sempre visou as confraternizações internacionais e as guirlandas das efusões universais, é a Napoleão que devemos poder pressentir hoje uma sucessão de séculos guerreiros que ficarão sem igual na história; é a ele que devemos ter entrado na idade clássica da guerra, a guerra científica ao mesmo tempo que nacional, a guerra em grande (pelos meios, os talentos e a disciplina), que os séculos dos séculos a vir nos hão-de invejar com respeito, como uma amostra do perfeito porque o movimento nacional de onde sairá esta glória guerreira não passa de um choque à retaguarda contra Napoleão e não existiria sem ele. Será, portanto, a ele que um dia caberá a honra de ter feito na Europa um mundo onde o homem dominará sobre o comerciante e

o filisteu; talvez mesmo sobre “a mulher” tão amimada pelo cristianismo, pelo espírito quimérico do século XVIII e sobretudo pela “ideia moderna”. Napoleão, que viu nesta ideia e, de uma maneira geral, até nesta civilização, espécies de inimigos pessoais, afirmou-se por esta hostilidade um dos maiores continuadores do Renascimento: trouxe para a luz do dia uma face completa do mundo antigo, e a mais importante talvez, a face de granito. Quem sabe, de resto, se este elemento da alma antiga não voltará um dia a ser senhor do movimento dos nacionalismos para continuar como herdeiro, num sentido positivo desta vez, a obra de Napoleão, deste Napoleão que queria, como se sabe, uma Europa de um único possuidor e esta Europa senhora do mundo?

363 — Do preconceito de cada um dos sexos em amor. — Apesar de todas as concessões que estou pronto a fazer ao preconceito dos monágamos, nunca admitirei que em amor se fale dos mesmos direitos para a mulher e para o homem; esses mesmos direitos não existem. (Essa palavra amor significa, com efeito, duas coisas diferentes para o homem e para a mulher, e é uma das condições do amor nos 40is sexos que um não suponha no outro o mesmo sentimento que o seu, a mesma ideia do “amor” que a sua) (O que a mulher entende por amor é bastante claro: não é simplesmente a dedicação, é um dom total de corpo e de alma, sem restrição, sem nenhuma consideração seja pelo que for; terá medo, muito pelo contrário, corará de um abandono sob condições, ligado a cláusulas. É esta ausência de condições que faz do seu amor uma fé: a única que possui.

Quanto ao homem, se gosta de uma mulher, é esse amor que quer dela; está opor consequência muito longe de postular para si o mesmo sentimento que para a mulher; se se encontrassem homens que experimentassem também esse desejo de entrega total, meu Deus, dentariam de ser homens. Um homem que ama como uma mulher torna-se por isso mesmo um escravo; ao passo que uma mulher que ama como uma mulher apenas se torna mais perfeitamente mulher...

A paixão da mulher, renúncia total a qualquer espécie de direitos próprios, postula precisamente que o mesmo sentimento, o mesmo desejo de renúncia não existe para o outro sexo; porque, se ambos renunciassem a eles próprios por amor, daí resultaria, meu Deus, não sei bem o quê... — digamos talvez o horror do vazio? A mulher gosta de ser conquistada, aceite como uma pura propriedade; quer fundir-se na ideia de “propriedade”, de “coisa possuída”; exige, portanto, alguém que tome, que se não dê a si próprio, que não se abandone, mas que queira, exatamente ao contrário, enriquecer o seu eu, no amor, com esse aumento de força, com esse suplemento de felicidade e de fé que a mulher pretende trazer na sua pessoa. A mulher dá-se, o homem aumenta-se com ela; penso que nenhuns .contratos sociais, mau grado a melhor vontade e a maior sede de justiça, poderão alguma coisa contra esta antítese natural, por mais desejável que possa ser não deixar ver constantemente a dureza, o horror, o enigma e a imoralidade desse antagonismo. Porque o amor, porque o grande amor, o amor total, o amor completo é da natureza, por consequência, como qualquer natureza, coisa eternamente “imoral”.

A fidelidade, como se vê, faz parte do amor feminino ressaltando da sua própria definição; no homem pode facilmente nascer na sequência do amor, como uma espécie de reconhecimento, ou de idiossincrasia do gosto — trata-se da “afinidade eletiva” —, mas não entra na essência do amor; fá-lo até tão pouco que quase se poderá falar de uma antinomia natural entre o amor e a fidelidade do homem: o amor do homem sendo desejo de possuir e não abandono, renúncia, e o desejo de possuir cessando com a posse... Se o amor do homem persiste é, de fato, porque o seu desejo de posse é suficientemente prudente para não se confessar, a não ser rara e tardiamente, que “possui”; é mesmo possível então que esse amor cresça depois do dom da mulher: ele não se confessa facilmente que ela não tem mais nada para lhe dar.

364 — O solitário fala. — A arte de frequentar os humanos assenta essencialmente no à vontade (que postula um longo treino) com que se é capaz de aceitar e de deglutir um repasto cuja cozinha não inspira nenhuma confiança. Se se chega à mesa com uma fome de lobo, tudo vai bem; “a pior companhia permite-te sentir...”*, diz Mefisto; mas não se possui esta voracidade quando se quer! Ai, como o próximo é duro de digerir!

Primeiro princípio: Como em face de uma desgraça, pegar na coragem com ambas as mãos, lançar-se ousadamente, admirar-se até onde for possível, impedir-se absolutamente o nojo e engolir a sua repugnância.

Segundo princípio: “Melhorar” o próximo, por exemplo cumprimentando-o tão bem que ele se proponha a ressoar toda a alegria que concebe de si próprio; ou então agarrar pela ponta uma das suas boas qualidades ou dos seus aspectos “interessantes”, puxar até que tudo venha atrás e se possa envolver o próximo nas pregas da sua virtude, sem qualquer interstício.

Terceiro princípio: Hipnotizar a si próprio. Fixar o objeto do seu comércio à maneira de um botão de vidro até deixar de sentir qualquer espécie de prazer ou de desprezar e começar, sem o parecer, a dormir, a tornar-se rígido, a adquirir a “presença” perfeita: trata-se de uma receita doméstica do casamento e da amizade; abundantemente experimentada, é gabada como indispensável mas ainda não foi formulada cientificamente. O seu nome popular é... paciência.

365 — O solitário fala mais uma vez. — E também nós frequentamos “homens”, e também nós vestimos humildemente o trajo sob o qual (pelo qual) nos tomam, nos avaliam, nos procuram, e andamos assim vestidos em sociedade, quer dizer no país das máscaras que não querem ser assim chamadas; e também nós agimos como todas essas máscaras avisadas, e repelimos de uma maneira perfeitamente delicada qualquer curiosidade que não se dirija ao nosso “trajo”. Mas há ainda outras maneiras, outros “truques” para “visitar” os homens: pode-se fazê-lo como “fantasma”, por exemplo, o que é muito de aconselhar quando se quer desembaraçar-se levemente deles ou inspirar-lhes receio. Amostra: estendem a mão para vos apanhar, encontram o vazio. Isso assusta. Ou então entrai por uma porta fechada, ou ainda quando tudo está às escuras. Ou ainda quando toda a gente está morta. É essa, por excelência, a partida do homem póstumo (“Imagina então”, dizia um deles um dia, completamente esgotado pela impaciência, “que teríamos vontade de suportar assim este afastamento, esta frieza, este silêncio tumular e esta solidão subterrânea, esta solidão escondida, muda, inexplorada que para nós tem o nome de vida, mas que bem poderia também chamar-se morte, se não soubéssemos o que nos havia de acontecer, e que é somente depois da nossa morte que nasceremos para a nossa vida, e que nos tornaremos vivos, ah, muito vivos, nós, homens póstumos!”).

366 — Em face de um livro sábio. — Não pertencemos àqueles que só pensam no meio dos livros e cuja ideia para nascer espera pelos impulsos do impresso; o nosso costume é pensar ao ar livre, caminhando, saltando, subindo, dançando, e de preferência nas montanhas solitárias ou mesmo à beira do mar, no ponto onde até os caminhos se tornam meditativos. O nosso primeiro movimento, para ajuizar do valor de um livro, ou de um homem, ou de uma música, é perguntar-nos: “Sabe caminhar? Melhor ainda: sabe dançar?”... Só raramente lemos; e não podemos ler pior. Ah! Como amigos depressa para ver como é que o autor chegou à sua ideia e se foi ficando sentado diante do tinteiro, com o ventre comprimido, a cabeça na papelada. Como o seu livro se lê depressa! A compressão do intestino trai-se tão certamente como o ar viciado, o tecto baixo, o aposento acanhado... Foi o que senti ainda há pouco ao fechar um honesto livro sábio, com muita gratidão, decerto, com muita gratidão, mas com que alívio... No livro de um sábio encontra-se quase sempre alguma coisa de oprimido que oprime; aí se encontra fatalmente, num canto ou noutro, o “especialista”, com o zelo, a seriedade, o rancor, a pomposa opinião do recanto onde devaneia, sentado sobre o traseiro; a sua bossa enfim — porque todos os especialistas têm a sua. O livro de um sábio reflete sempre uma alma corcunda; todas as profissões criam corcunda. Tornai a ver os vossos amigos da juventude, ao entrarem na posse da sua ciência. Ah! Como essa ciência lhes devolve bem o jugo que sobre ela haviam colocado. Como por sua vez agarra bem neles! Que para sempre os conserve! Incrustados no seu canto, esmagados, achatados, inteiramente irreconhecíveis, sem liberdade, sem equilíbrio, emagrecidos, só osso, salvo o único lugar da sua redondez perfeita... tais os voltamos a encontrar com muda emoção. Todas as profissões, mina de ouro que sejam, todos os ofícios possuem céu de chumbo a pesar sobre a alma, a pesar, a pesar até a reduzir a informe, ínfima pele. Nada se pode

contra isso. Não se imagine sobretudo ser fácil evitar essa deformação por meio de qualquer artifício educativo. Todas as mestrias se pagam muito caras nesta terra, onde talvez tudo se pague demasiadamente caro; não se poderia ser o homem de uma especialidade sem ao mesmo tempo ser a sua vítima: é esse o preço. Mas não o aceitais, gostaríeis que fosse “menos caro”, quereríeis sobretudo, sim, que fosse “mais fácil”, não é verdade meus queridos contemporâneos? Muito bem, seja! Nesse caso tereis de contar com outra coisa: em vez do artífice e do mestre, vereis o literato, o literato, o literato com “mil talentos”, homem proteiforme, sem corcunda, excepto quando se curva em reverências de caixeiro do espírito, de representante da cultura — o literato que nada vale, realmente, mas que “representa” quase tudo, faz de conhecedor, “substitui o perito e se encarrega também, com assaz humildade, de se deixar pagar, honrar, homenagear em lugar do outro. Sim, sábios amigos, mesmo assim vos abençoo, abençoo- -vos até pela vossa corcunda, porque, como eu, desprezais os literatos, os parasitas da cultura! Porque não sabeis traficar com o espírito! Porque só tendes opiniões impróprias de negociar! Porque não representais nada que não sejais! Porque a vossa única vontade é a de ser mestres no vosso ofício! Porque considerais todas as capacidades e respeitais todas as mestrias! Porque sentis horror ao vulgar, ao similar, ao brilhante e à virtuosidade, à demagogia, ao teatral nas letras e nas artes, a tudo o que não seja capaz de justificar à vossa frente a sua probidade absoluta quanto às disciplinas da sua gênese! (Por mais sabiamente que o gênio se iluda, nem assim será capaz de preencher determinadas lacunas: coisa compreensível quando se viram de perto os mais dotados dos nossos músicos e dos nossos pintores; entendem-se todos, quase sem exceção — graças à astuciosa invenção de maneiras, de “truques” e mesmo de princípios —, a criar imediatamente, e artificialmente, a aparência dessa probidade, dessa solidez que não pode ser senão o fruto da escola e da cultura; sem se enganarem a eles próprios, claro, sem jamais poderem amordaçar a consciência... Porque, bem o sabeis, não é verdade?, é má a consciência nos grandes artistas modernos, é desse mal que todos sofrem).

367 — Qual a primeira distinção a fazer entre as obras de arte. — Tudo o que se pensa, escreve, pinta, compõe, ou seja, tudo o que se esculpe e constrói, releva da arte monólogo ou da arte diante de testemunhas. E é também à arte diante de testemunhas que se liga esta aparência de arte monólogo de que se revela a fé em Deus: o lirismo da oração; porque não existe nenhum tipo de solidão para o homem piedoso; a solidão fomos nós, os ímpios, que a fizemos; antes de nós não existia. Não conheço óticas mais separadas do que a do artista que observa a elaboração da sua obra (quer dizer, se observa a ele próprio) com o olhar de uma testemunha e a do artista “que esquece o mundo”: este esquecimento é a essência de qualquer arte monólogo; a arte monólogo assenta no esquecimento, a arte monólogo é a música do esquecimento.

368 — Fala o cínico. — As minhas objecções contra Wagner são objecções fisiológicas; para quê dissimulá-las sob fórmulas estéticas? É um “fato”: respiro com dificuldade desde que a sua música age sobre mim; o meu pé quer-lhe mal e revolta-se: o meu pé sente necessidade de cadência, necessidade de dança e de marcha; o que reclama da música são, em primeiro lugar, os prazeres dados pela boa marcha, pelo passo, pelo salto, pela dança. E não protesta também o meu estômago? E o meu coração? A minha circulação? E as minhas entranhas? Enfim, o que é que me não enrouquece?... E pergunto a mim mesmo a partir daí o que queres então tu, meu corpo, da música? Um alívio, parece-me: dir-se-ia que as minhas funções físicas pedem para ser aceleradas por ritmos leves, executados com segurança, que a vida de bronze, a vida de chumbo, procura uma douradura para os seus escuros metais, no ouro das harmonas serenas e delicadas. A minha melancolia aspira a repousar nos esconderijos e nos abismos da perfeição', e por isso tenho necessidade de música. Que me importam o drama, o teatro! As convulsões destes êxtases morais com que o “povo” se satisfaz! As caretas dos comediantes!... Sou, como se vê, de alma antiteatral, e Wagner era, pelo contrário, homem de teatro até à medula, comediante por essência, e, mesmo na sua música, o mais frenético fabricante de todos os tempos!... Se, seja dito de passagem, teve por teoria que “o drama é o objetivo, nunca sendo a música mais do que o meio”, aplicou sempre, do

começo ao fim, o princípio contrário, a saber: “a atitude é o fim; o drama, incluindo a música, nunca é mais do que o meio.” A música era apenas o seu meio de acentuar, de reforçar o gesto dramático, de interiorizar “a mímica”! O drama wagneriano, uma simples ocasião de multiplicar as atitudes dramáticas! Wagner, para além de outros instintos, trazia consigo os de um enorme comediante, que o governava até em todas as coisas, volto a dizê-lo, em música. Foi o que demonstrei um dia, claramente mas não sem pena, a um honesto wagneriano; e acrescentava, tendo para isso certas razões: “Sede, portanto, um pouco mais sincero convosco próprio; não estamos no teatro! No teatro, no caso de sermos sinceros, somos, apenas, como elemento de multidão; como indivíduos mentimos, mentimo-nos a nós próprios. Quando vamos ao teatro deixamo-nos a nós próprios em casa; renunciemos ao direito de falar, de escolher, de termos o nosso próprio gosto, renunciemos mesmo à nossa própria coragem, à bravura que podemos ter e mostrar entre as quatro paredes do nosso quarto contra quem quisermos, contra Deus ou contra homens. Ninguém leva ao teatro a inteligência mais fina da sua arte, nem sequer o artista que trabalha para esse teatro; trata-se de um lugar onde se encontra povo, público, rebanho, mulher, fariseu, onde se é apenas gado eleitoral, democrata, “próximo”, congênere; onde a consciência, mais pessoal sucumbe ao encanto nivelador da “maioria”; onde a estupidez forma o objeto de uma concupiscência contagiosa; é o reino do “vizinho”; aí todas as pessoas se tomam vizinhas...” (Esquecia-me de dizer o que o meu wagneriano consciente respondeu às minhas objecções fisiológicas: “Tudo o que nos falta, no fundo”, disse-me ele, “é apenas sermos, portanto, suficientemente são para a nossa música?”).

369 — A nossa justaposição. — Nós, artistas, não devemos confessar que existe em nós uma inquietante diversidade, que o nosso gosto e a nossa força criadora se ignoram estranhamente entre eles, que têm cada uma a sua existência, as suas decisões, as suas evoluções particulares? Considero que são ao mesmo tempo, jovens ou velhos, sorvados, maduros ou caducos em graus diferentes, que a sua evolução não se efetua com o mesmo ritmo. De tal modo que, para dar um exemplo, um músico poderá criar toda a sua vida coisas que contradirão o que consideram, apreciam e preferem o se coração e o seu ouvido de auditor difícil: nem sequer é necessário para isso que se dê conta dessa contradição! Pode-se ter, como o prova uma experiência que se repete com uma aflitiva constância, pode-se ter facilmente um gosto superior às suas forças, mesmo sem que estas últimas estejam paralisadas, sem que esse gosto entrave a sua produção; mas também se pode verificar o contrário; e é para isso que gostaria de chamar a atenção do artista. Um homem que cria constantemente, um “homem-mãe” no mais amplo sentido da expressão, um homem que já não conhece outra coisa que não sejam a gravidez e os partos do seu espírito, que já não tem tempo de refletir em si próprio nem na sua obra, de se comparar ou de exercer ainda o seu gosto, e que esquece pura e simplesmente esse gosto, o abandona, o deixa em baldio, talvez esse homem acabe por produzir obras infinitamente superiores ao seu senso crítico, de modo que, delas e de si, dirá — dirá e pensará — tolices. É mesmo, parece-me, uma regra geral entre os artistas muito fecundos; ninguém conhece um filho pior do que os seus pais; é uma observação válida sem exceção — tomemos um exemplo frisante — para todos os escritores e artistas gregos: eles nunca “souberam” o que faziam.

370 — O que é o romantismo”. — Talvez se recorde, pelo menos entre os meus amigos, que comecei por me lançar sobre a questão do mundo moderno, praticando grandes erros, grossos exageros; e, de qualquer maneira, alimentando grandes esperanças. Considerei — na sequência de que experiências pessoais?... —, considerei o pessimismo do século XIX como sintoma de um pensamento mais vigoroso do que o do século XVIII — a era de Hume, de Kant, de Condillac e dos sensualistas —, como índice de coragem mais temperada, de uma vitalidade o conhecimento trágico como verdadeiro luxo da nossa cultura. Via nele o mais oneroso, o mais nobre e o menos perigoso dos desperdícios, ao mesmo tempo que pensava que continuava a ser lícito, tendo em vista a abundância do supérfluo. Interpretei do mesmo modo a nossa música como sendo a expressão de uma forma dionisíaca da alma alemã; acreditava ouvir rumorejar nela o sismo em que finalmente se descarrega, sem preocupação de abalar tudo aquilo a que se

chama cultura, uma força elementar que foi comprimida desde o mais remoto passado. Como se vê, ignorava no pessimismo alemão, assim como nesta música, aquilo que lhe dá-o seu verdadeiro caráter: o romantismo.

O que é o romantismo? Qualquer arte, qualquer filosofia podem ser consideradas como remédios da vida, adjuvantes do crescimento ou bálsamos dos combates postulam sempre sofrimento e sofredores. Mas estes últimos pertencem a duas espécies: para uns o sofrimento provém de uma superabundância da vida; reclamam uma arte dionisíaca, e querem, concreta ou abstrata, uma visão trágica da vida; os outros sofrem, pelo contrário, de um empobrecimento dessa vida\ pedem à arte e ao conhecimento o repouso, o silêncio, o mar calmo, o esquecimento de si, ou, no outro polo, a embriaguez, os frenesins, o abalo e a loucura. É à dupla necessidade destes últimos que corresponde qualquer romantismo nas artes e no conhecimento; foi a ele que corresponderam — e que respondem ainda — Schopenhauer e Wagner, para citar os dois românticos mais famosos e mais expressivos, cujo espírito eu, de resto, não compreendi em seu benefício, hão-de, aliás, concordar. O ser mais transbordante de vida, o dionisíaco, deus ou homem, pode permitir-se não encarar o enigmático e o horrendo, como o tornar-se também no horrível e entregar-se a qualquer luxo de destruição, de subversão, de negação; a maldade, a insanidade, a fealdade parecem-lhe permitidas em virtude de um excesso de forças criadoras que podem até de um deserto fazer um solo fecundo. Seria, pelo contrário, o ser mais sofredor, o mais pobre em força vital a ter maior necessidade de suavidade, de amenidade, de bondade, tanto nos atos como no pensamento; a ter necessidade, se possível, de um deus, que seria muito particularmente o dos doentes, de um “salvador”; seria ele que teria também maior necessidade da lógica, da inteligibilidade abstrata da existência — porque a lógica tranquiliza e encoraja —, seria ele a ter, numa palavra, maior necessidade dos pequenos recantos almofadados de onde o receio parece banido e das muralhas do optimismo. Foi com a ajuda destas reflexões que vi, pouco a pouco, a personagem de Epicuro desenhar-se como o oposto do pessimista dionisíaco, tal como o “cristão” que não passa, de fato, de uma forma de epicureu, um romântico visceral, como o outro. O meu olhar começou a distinguir com acuidade cada vez mais penetrante as relações de causa e efeito que permitem — dedução difícil entre todas, capciosa e que fez tropeçar o maior número de pensadores —, que permitem deduzir um autor da sua obra, concluir por via da ação daquele que age, conhecer por um ideal o homem que dele experimenta a necessidade imperiosa, e, por qualquer maneira de pensar e de apreciar, a necessidade que a comanda em segredo.

Quando se trata de julgar um valor estético, baseio-me, portanto, agora nesta distinção capital, e pergunto a mim próprio em cada caso: “Terá sido uma fome ou uma superabundância que levou à criação?” Há-de parecer à primeira vista que se impunha mais outra distinção, porque salta mais vivamente aos olhos, a saber: terá sido um desejo de fixar, de eternizar, uma necessidade de ser, que motivou a criação? Ou, pelo contrário, uma necessidade de destruir e de mudar, uma necessidade de inovação, de futuro, de devir! Mas estas duas necessidades, quando se olha mais de perto, mantêm-se ambíguas, e a sua ambiguidade decompõe-se para qualquer das duas acompanhando o esquema precedente que prefiro, com boas razões, ao que me parece. A necessidade de destruição, de mudança, de devir, pode ser a expressão de uma força superabundante, de uma força prenhe de futuro (a que chamo, como se sabe, “dionisíaca”), mas pode ser também o ódio do fracassado, do deficiente, do deserdado, que destrói, que é forçado a destruir porque o estado de coisas existente, pior, todo o estado de coisas existente, mesmo qualquer ser, o revoltam e o irritam; observai de perto os nossos anarquistas para compreender esta paixão. A vontade de eternizar necessita também de duas interpretações. Pode, por um lado, provir do amor, da gratidão (a arte que inspira, neste caso, é sempre arte de apoteose; ditirâmbica com Rubens, seriamente trocista com Hafiz, luminosa e benevolente com Goethe, espalha sobre todas as coisas uma luz homérica, auréola o menor objeto). Mas também pode ser o desejo tirânico de um homem que sofre atrozmente, que luta dominado por cruéis torturas e que gostaria de marcar uma lei que obriga a uma opressão inevitável com a idiosincrasia do seu mal, com o que tem de mais pessoal, de ais

particular, de mais íntimo; que se vinga, em suma, sobre todas as coisas marcando- -as à sua imagem, à imagem da sua tortura, queimando-as na pele. Esta última forma de necessidade de eternizar é o pessimismo romântico sob o seu aspecto mais expressivo, quer se torne filosofia da vontade com Schopenhauer, quer adote uma tradução musical com Wagner; é o pessimismo romântico, o último grande acontecimento na história dos destinos da nossa civilização.

(Que se possa conceber um optimismo completamente diferente, um pessimismo clássico, é pressentimento meu, é visão que me pertence, o meu *proprium* e o meu *ipissimum*: com a pequena diferença de que o meu ouvido tem leve repugnância pela palavra “clássico”, palavra demasiado usada, muito desgastada, que se tornou irreconhecível. Chamo, portanto, a esse pessimismo do futuro — porque vai chegar! Vejo-o avançar — o pessimismo dionisíaco.)

371 — Nós, os incompreensíveis. — Alguma vez nos queixamos de ser mal compreendidos, desconhecidos, confundidos, caluniados? De sermos mal ouvidos ou de não o ser de modo algum? E a nossa sorte — e por muito tempo ainda, digamos, a fim de sermos modestos, até ao ano de 1901 —, é também o nosso título de honra; estimar-nos-íamos pouco demais se desejássemos introduzir alguma modificação no caso. Confundem- -nos: é que estamos a crescer, é que não acabamos de mudar, de fazer estalar velhas cascas, de criar pele nova em todas as Primaveras, de nos tornarmos incessantemente mais novos, mais futuros, mais altos e mais fortes, e de enterrar mais fortemente as nossas raízes nas profundezas — o mal — ao mesmo tempo que abraçamos o céu com um abraço mais apaixonado, mais vasto, e aspiramos à sua luz — com todos os nossos ramos, com todas as nossas folhas — mais avidamente. Crescemos como a árvore cresce — é difícil de compreender, mas não o será toda e qualquer vida? —, não cresceremos apenas num ponto, mas por todos os lados, não num sentido, mas em todos ao mesmo tempo, em cima, em baixo, dentro, fora, a nossa força cresce ao mesmo tempo no tronco, nos ramos e nas raízes, já não temos liberdade, de fazer nada separadamente, de ser nada de uma maneira localizada... Tal é, repito-o, o nosso destino; crescemos em altura, e, mesmo admitindo que seja para nossa desgraça — porque nos aproximamos sempre mais do raio! —, nem assim deixamos de tirar glória disso; é apesar de tudo um destino que não partilhamos, que não queremos partilhar, é o destino dos cumes, é o nosso.

372 — Por que não somos idealistas. — Os filósofos, antigamente, receavam os sentidos; não esqueceremos demasiadamente esse receio? Somos hoje todos sensualistas, nós os da filosofia presente, e não em teoria, mas praticamente... Eles receavam, pelo contrário, ser seduzidos pelos seus sentidos, arrancados ao seu mundo, o frio reino das “ideias”, para se verem arrastados para o sul numa ilha perigosa onde as suas virtudes de filósofos fundiriam como neve ao sol. Era necessário pôr “algodão nos ouvidos” para fazer filosofia; era uma condição quase obrigatória; um verdadeiro filósofo quase deixava de entender a vida, na medida em que esta é música; negava portanto a música da vida; é uma velha superstição dos filósofos pensar que toda a música vem das sereias...

Hoje seríamos tentados a formular o juízo contrário (o que pode por si ser falso do mesmo modo) e a acreditar que as ideias seduzem; que os sentidos, mau grado a sua carne anêmica e gelada, e mesmo este “mau grado” é deveras excessivo; sempre viveram do “sangue” do filósofo, comeram-lhe os sentidos, leia- -se, se quiserem acreditar em mim, o “coração”. Estes antigos filósofos eram pessoas sem coração: filosofar era para eles uma espécie de vampirismo. Não sentis um certo arrepio diante de pessoas como Spinoza, não sentis nele um enigma profundo? Não vedes o que nele se passa? É o espetáculo da palidez sempre a crescer, da “dessensualização” interpretada como ideal. Não pressentis aqui, nos bastidores, a presença de uma suga- dora de sangue que começa por esvaziar os sentidos e que acaba por só conservar, por só deixar, esqueleto e chocalhar de ossos? Quero dizer com isso categorias, fórmulas, palavras (porque, perdoem-me o que Spinoza deixou, o *amor intellectualis dei*, não passa de um chocalhar de esqueleto! O que é que vem a ser amor, o que é que vem a ser deus, quando deixam de ter uma gota de sangue?...)

Em resumo: O idealismo filosófico nunca passou até aqui de uma espécie de doença quando não foi, como sucedeu a Platão, a prudência de uma saúde perigosa devido à sua superabundância, o medo de sentidos demais fortes, a sagesa de um sábio discípulo de Sócrates. O que nos falta, a nós, modernos, é sermos, somente, bastante saudáveis para ter necessidade do idealismo de Platão? E se não receamos os sentidos, é talvez por que...

373 — O preconceito “científico” — As leis da hierarquia proíbem aos sábios que pertencem à classe intelectual média distinguir os grandes problemas, os verdadeiros pontos de interrogação; nem a sua coragem nem a sua vista podem, de resto, ir assim muito longe; é preciso dizer sobretudo isto: que a necessidade que os leva às pesquisas, a ambição, o desejo íntimo que podem ter de encontrar as coisas feitas desta e daquela maneira, o receio, a esperança que experimentam, depressa ficam apaziguadas, satisfeitas. O que provoca, por exemplo, o entusiasmo particular do pedantesco e britânico Herbert Spencer, que delira à sua maneira, o que lhe faz traçar a linha do horizonte, a linha de esperança no limite do desejável — quero dizer, essa reconciliação do “egoísmo e do altruísmo” com que divaga —, não desperta em nós, ou quase, senão nojo: a humanidade que só tiver como horizonte definitivo as spencerianas perspectivas há-de aparecer-nos digna de desprezo e de aniquilamento! Mas só o fato de ele se não ter podido impedir de considerar como suprema esperança o que aparece, e lícitamente, a outros, como repugnante possibilidade, põe um ponto de interrogação que ele não teria sido capaz de prever... O mesmo sucede com a fé com que se satisfazem hoje tantos sábios materialistas que acreditam que o mundo deve ter a sua medida às nossas pequenas escalas e o seu equivalente no nosso pequeno pensamento; acreditam num “mundo do verdadeiro” que a nossa pequena razão humana, a nossa pequena razão grosseira, poderia finalmente vencer... Pois quê! Queremos nós verdadeiramente deixar que assim se degrade a existência? Deixá-la rebaixar ao nível de exercício de cálculo, fazer dela uma pequena punição para matemáticos? Em primeiro lugar, é preciso recusar a todo o custo despojá-la do seu caráter prometaico; é o bom gosto que assim o exige, meus senhores, o respeito por tudo o que ultrapassa o vosso horizonte! Que só valha uma interpretação do mundo que vos dê razão a vós, uma interpretação que autorize a procurar e a prosseguir trabalhos no sentido que vós dizeis científicos (é mecânico que vós pensais, não é verdade?), que só valha uma interpretação do mundo que não permita senão contar, calcular, pesar, ver e tocar, é despropósito e ingenuidade quando não é demência ou idiotia. Não é provável, pelo contrário, que a primeira coisa, e talvez a única, que se possa atingir da existência, seja o que ela tem de mais superficial, de mais exterior, de mais aparente? A sua epiderme apenas? As suas manifestações concretas? Uma interpretação “científica” do mundo, tal como o entendeis, meus senhores, poderá ser, portanto, uma das mais estúpidas entre todas as que são possíveis: seja dito isto ao vosso ouvido, à vossa consciência, mecânicos da nossa época que vos misturais de tão bom grado com os filósofos e que imaginais que a vossa mecânica é a ciência das leis primeiras e últimas e que toda a existência deve assentar nelas, como numa base necessária. Um mundo essencialmente mecânico! Mas havia de ser um mundo essencialmente estúpido. Se medíssemos o “valor” de uma música pelo que dela se pode calcular e contar, pelo que se pode traduzir em números... quão absurda não havia de ser essa avaliação “científica”! Que se teria verdadeiramente apanhado, compreendido, conhecido de uma melodia assim avaliada? Nada, literalmente nada, daquilo que faz precisamente a sua “música”!...

374 — O nosso novo “infinito”. — Até onde vai o caráter perspectivo da existência? Possui ela mesmo outro caráter?

Uma existência sem explicação, sem “razão”, não se torna precisamente uma “irrisão”? E, por outro lado, não é qualquer existência essencialmente “explicativa”? É isso que não podem decidir, como seria necessário, as análises mais zelosas do intelecto, as mais pacientes e minuciosas introspecções: porque o espírito do homem, no decurso destas análises, não se pode impedir de se ver conforme a sua própria perspectiva e só pode ver de acordo com ela. Só podemos ver com os nossos olhos; é uma curiosidade sem esperança de êxito procurar que outras espécies de intelectos e de perspectivas podem existir; se,

por exemplo, há seres que sentem passar o tempo ao invés, ou ora em marcha para diante ora em marcha para trás (o que modificará a direção da vida e inverterá igualmente a concepção da causa e do efeito). Espero, contudo, que estejamos hoje longe da ridícula pretensão de decretar que o nosso cantinho é o único de onde se tem o direito de possuir uma perspectiva. Muito pelo contrário, o mundo, para nós, voltou a tornar-se infinito, no sentido em que não lhe podemos recusar a possibilidade de se prestar a uma infinidade de interpretações. Voltamos a ser dominados por grande calafrio; mas quem terá vontade de divinizar logo a seguir, de novo, à antiga moda, esse monstro do mundo desconhecido? De ir adorar, por exemplo, o desconhecido com D maiúsculo? Ai de nós, temos demasiadas possibilidades de interpretar esse desconhecido sem deus, de o interpretar com o diabo, ou com estupidez ou com a loucura... sem contar com a nossa própria maneira, a nossa maneira humana de o fazer, demasiado humana, como sabemos!...

375 — Por que parecemos epicuristas. — Nós, a gente moderna, somos prudentes, com supremas convicções; a nossa desconfiança mantém-se sempre em guarda; desconfia das seduções, receia sucumbir às armadilhas que qualquer fé poderosa, qualquer sim, qualquer não, categóricos, correm o risco de armar à consciência: de onde vem este medo? Talvez seja, em grande parte, circunspecção de “gato escaldado”, receio de idealista desiludido, mas também, e sobretudo, curiosidade perplexa da criança que foi posta de castigo em penitência, “ao canto”, a quem esse canto desesperou, e que se alivia agora com uma embriaguez louca no oposto desse “canto”, no infinito, na “liberdade absoluta”. Daí resulta uma necessidade de conhecer que pode parecer epicúrea e que não se cansa facilmente dos problemas; uma repugnância, também, perante as grandes palavras e os grandes gestos da moral, um gosto que se não acomoda com grosseiras oposições e que se sente orgulhoso por se ter aperfeiçoado na arte de se saber constranger. É realmente esse o objeto do nosso orgulho, a leve tensão das rédeas quando a nossa necessidade de certeza começa a galopar, o sangue-frio do bom cavaleiro nas mais loucas cavalgadas: antes e depois, com efeito, são sempre animais de fogo que montamos, e se hesitamos não é o perigo que mais nos faz hesitar...

376 — As nossas lentidões. — E um sentimento que conhecem todos os artistas, os homens de “obras”, numa palavra, todas as pessoas da raça materna: sempre que acabam um período da sua vida — esta vida que as suas obras recortam — acreditam ter alcançado o objetivo, acolheriam a morte sem dificuldade dizendo-se: “Estou maduro para ela.” Não é a expressão de um cansaço, mas antes de uma certa doçura, clemência de Outono ensolarado que a obra e a sua maturidade deixam sempre após elas no artista. O ritmo da vida diminui sempre — torna-se espesso e pesado como mel —, diminui até aos longos pontos de suspensão, até à fé no longo ponto de suspensão.

377 — Nós, os sem-pátria. — Não faltam hoje europeus que possam dizer-se sem pátria, no sentido lisonjeiro, com alguma razão para o fazer; é a eles que recomendo a minha secreta sabedoria, a minha “gaia ciência”. A sua carga é penosa, incerta a sua esperança; é necessária uma verdadeira habilidade para lhe inventar consolações... e para quê? Filhos do futuro, como é que nos havíamos de sentir em nossa casa! Nenhum ideal nos pode agradar no seio deste hoje! Não seria capaz de permitir já que alguém encontre a impressão do “home” neste período frágil e quebradiço, neste transitório presente; fala-se das suas “realidades”, não acreditamos na sua duração. O gelo que ainda sustém, adelgaçou-se de tal maneira! O vento do degelo sopra sobre ele; somos nós, nós próprios, os sem-pátria, que somos esse vento que quebra o gelo e outras demasiado frágeis, tão exageradamente frágeis realidades... Nada “conservamos”; não há regresso ao passado; não somos “liberais”, não trabalhamos para o “progresso”, não temos necessidade de nos tapar os ouvidos para não ouvir as sereias do futuro no fórum; o que elas cantam, a ária dos “direitos iguais”, a canção da “sociedade livre”, e “acabem os senhores e os escravos”, nada disso nos atrai! Em resumo, não achamos desejável que venha a fundar-se nesta terra o reino da justiça e da concórdia (porque seria forçosamente o da mediocridade e da chinesice); aplaudimos todos os que amam o perigo como nós; o perigo, a aventura, a guerra; que não se deixam de

modo nenhum acomodar, reacomodar, conciliar e reconciliar; contamos-nos a nós próprios entre os vencedores; meditamos na necessidade de uma nova ordem, de uma nova escravatura, se for necessário — porque não há reforço, elevação do tipo humano que não exija nova espécie de escravatura; com tudo isto, não é verdade que é muito difícil encontrarmo-nos como em nossa casa, numa época que gosta de se vangloriar de ser a mais humana, a mais suave, a mais justa que alguma vez existiu debaixo do Sol? Que desgraça que estas bonitas palavras não nos surgiram senão tão vis pensamentos dissimulados! Que não vejamos nelas o mais do que a expressão — e a máscara — de um profundo enfraquecimento, do cansaço, da idade, da força caduca! Que me importam os europeus com que um doente decora a sua fraqueza! Que os exiba como sendo a sua virtude'.... Sabe-se muito bem, mas sim, que a fraqueza torna as pessoas macias, ah, tão macias, e tão justas, e tão inofensivas, e tão *humans*, coisa de que não há dúvida alguma! A religião da “piedade” a que nos queriam agora converter?... Ai de nós! Conhecemos muito bem os pequenos homens, as pequenas mulheres, as pequenas histerias que têm hoje necessidade dessa religião como de véu e de enfeites. Não somos “humanitários”; nunca nos permitiríamos ousar falar do nosso “amor pela humanidade”; não somos suficientemente comediantes! Ou suficientemente são-simonistas, suficientemente franceses para isso. É preciso atingir excessos gauleses no erotismo e na impaciência sensual para poder dar ainda semelhante cio à humanidade... A humanidade! Já alguma vez houve velha mais horrível no meio de todas as horríveis velhas? (A menos que seja a “verdade”? A palavra pertence aos filósofos). Não, não gostamos da humanidade; mas, por outro lado, somos muitíssimo pouco “alemães”, no sentido que a palavra tomou nos nossos dias, para poder falar em favor do nacionalismo e do ódio das raças, para nos regozijarmos com esta lepra do coração, com este envenenamento do sangue, que faz com que os povos da Europa se isolem, criem barricadas, se ponham de quarentena. Somos muito imparciais para isso, maus espíritos e delicados, estamos muitíssimo bem informados, e viajamos muito: temos muita preferência pela vida nas montanhas, à margem, “inaturalmente”, nos séculos passados ou futuros, ainda que fosse apenas para nos poupar a raiva muda a que nos condenaria o espetáculo de uma política que esteriliza o espírito alemão injetando-lhe a vaidade e que é, de resto, uma pequena política: não tem ela necessidade, para impedir a sua criação, de desabar, ainda mal acabada de edificar de a apoiar com dois ódios mortais? Não é obrigada a querer perpetuar o fracionamento europeu?... Nós, sem pátria, somos de origens diversas de mais, somos de raças misturadas de mais para sermos “homens modernos; somos, portanto, pouco tentados a ir participar nessas autoadmirações étnicas e nessas impudicidades, que se exibem na Alemanha como se fossem um emblema lealista; parecem duplamente falsas e inconvenientes na pátria do “sentido histórico”. Somos, numa palavra — e que essa palavra seja a nossa palavra de honra! —, bons europeus, herdeiros da Europa, seus herdeiros ricos e mimados, mas ricos também de uma superabundância de obrigações acumuladas por milhares de anos de espírito europeu: como tais, “saídos” do cristianismo, a ele hostis, porque precisamente “saímos” da sua escola, porque os nossos pais foram cristãos de uma lealdade sem reservas, que teriam sacrificado de bom coração à sua fé, os bens, o sangue, o estatuto e a pátria. Nós... nós fazemos o mesmo. Mas por quem? Pela nossa falta de crença pessoal? Por qualquer espécie de descrença? Não, bem o sabeis, meus amigos! O sim que se esconde em vós é mais forte do que todos os não e os talvez de que sofreis com a época; e se vos é necessário partir para o mar, ó emigrantes, é uma fé que vos empurra para lá, a vós também!...

378 — “E voltaremos a ser claros...” — Nós, os pródigos e os ricos do espírito, que estamos ao lado das estradas como fontes e não podemos impedir ninguém de se abastecer nas nossas águas, não sabemos, ai de nós, defendermo-nos quando gostássemos de o fazer; não temos medo de impedir que nos perturbem e nos obscureçam, que o tempo em que vivemos lance em nós o que há de mais “temporal”, o guano dos seus pássaros sujos, os fundos dos bolsos dos seus malandros, as pequenas e as grandes misérias de vadios esgotados que descansam junto de nós. Mas faremos como sempre: deixaremos ir tudo para o fundo, seja o que for que deitem — porque somos profundos e não o esquecemos —, consenti-lo-emos e

voltaremos a ser claros.

379 — Digressão do louco — Não foi um misantropo que escreveu este livro: o ódio dos homens paga-se muito caro nos nossos dias. Para odiar o homem como se fez antigamente, à Timon, em bloco, sem quebras, com todo o coração, com todo o amor do ódio... será necessário renunciar ao desprezo... e quantas subtis alegrias, quanta paciência, quanta benevolência até não devemos precisamente aos nossos desprezos! E para mais eles fazem de nós “os eleitos de Deus”: o nosso gosto vai para o sutil desprezo; é o nosso privilégio, a nossa arte; é talvez a nossa virtude, modernos dos modernos que somos!... O ódio, pelo contrário, põe ao mesmo nível, coloca as pessoas frente a frente; faz honra ao adversário; enfim, contém o medo, uma grande, uma enorme parcela de medo. Ora nós, os sem-medo, que somos os espíritos superiores da época, conhecemos suficientemente esta superioridade para saber que ela não tem nada a recear desta época. Não nos cortarão a cabeça, não nos prenderão e não seremos banidos; nem sequer se proibirão ou queimarão os nossos livros. A época ama o espírito, ama-nos, ainda teria necessidade de nós, mesmo forçados a fazer-lhe compreender que somos artistas desprezados; que qualquer comércio com os homens nos causa leve asco; que com toda a nossa suavidade e a nossa paciência, e a nossa delicadeza, a nossa mesma afabilidade, não podemos decidir o nosso nervo olfativo a renunciar aos seus preconceitos contra a vizinhança dos homens; que gostamos da Natureza, tanto mais ardentemente quanto funciona menos humanamente e que adoramos a arte se o artista foge do homem, o ridiculariza ou troca de si...

380 — Fala o “viajante”. — Para poder examinar de longe a nossa moralidade europeia, para a medir pelo escalão de outras moralidades passadas ou futuras, é preciso fazer como um viajante que quer conhecer a altura das torres de uma cidade: para isso, deixa essa cidade. Para refletir nos “preconceitos morais”, é preciso, sob pena de emitir novos preconceitos a respeito desses preconceitos, colocarmo-nos fora da moral, subir, trepar, voar até qualquer ponto de vista para além do bem e do mal, na ocorrência passar para além do nosso bem e do nosso mal e libertarmo-nos da totalidade da “Europa”, devendo esta Europa entender-se como uma soma de juízos despóticos que nos entraram no sangue. Querer assim colocar-se fora e acima, é talvez uma leve loucura, uma concepção irrazoável e singular do dever — porque também nós, nós que procuramos o conhecimento, temos os nossos “não livres-arbítrios” pessoais; a questão está em saber se se pode realmente subir lá acima. Isso depende de uma multidão de condições; a principal, é conhecer o nosso peso: pesado ou leve? E esse o problema da nossa “gravidade específica”. É preciso ser extremamente leve para poder levar tão longe a vontade que se tem de conhecer, para a levar de qualquer forma acima do seu tempo, criar olhos cujo olhar possa abraçar milênios, e que neles reine um céu claro! É preciso ter-se separado de muitas coisas que nos pesam, que nos entravam, nos mantêm curvados, nos tornam pesados, a nós, europeus de hoje. O homem desses aléns, o homem que quer descobrir as escalas de valores supremos da sua época, deve vencer em primeiro lugar, em si — é essa a prova do seu vigor —, o obstáculo ali posto por esta época, por consequência não somente a época em si mesma mas também as repugnâncias que ela lhe inspirasse até então, as objecções que ele lhe opunha, os sofrimentos que ela lhe causava; tem numa palavra, de vencer a sua inatualidade, o seu romantismo...

381 — A propósito da clareza. — Quando se escreve é não somente para ser compreendido, mas também para não o ser. Um livro não fica diminuído pelo fato de um indivíduo qualquer o achar obscuro: esta obscuridade entrava talvez nas intenções do autor, não queria ser compreendido por qualquer bicho careta. Qualquer espírito um pouco distinto, qualquer gosto um pouco elevado escolhe os seus auditores; ao escolhê-los fecha a porta aos outros. As regras delicadas de um estilo nascem todas daí; são feitas para afastar, para manter a distância, para condenar o “acesso” de uma obra; para impedir alguns de compreender, e para abrir o ouvido aos outros, os tímpanos que nos são parentes.

Quanto a mim, digo-o aqui para nós, não permitirei nem à minha ignorância nem à minha vivacidade que me impeçam de vos ver claramente, ó meus amigos; digo “nem à minha vivacidade”, mau grado

qualquer exigência que ela me imponha, e que ela me imponha sob pena de malogro, quando quero atacar um problema. Porque me sirvo dos problemas profundos como se fossem banhos frios: mal entro saio logo. Este método, há-de dizer-se, impede de descer o suficiente, de ir ao fundo ? Trata-se de superstição de hidrófobo, preconceito dos inimigos da água fria; falam sem experiência. Ah! Se soubessem como o frio torna as pessoas ágeis!... E de resto, diga-se de passagem, acrediteis realmente que uma coisa se mantenha obscura porque não fizemos mais do que aflorá-la, deitar-lhe um olhar de passagem, lançar-lhe uma vista de olhos de passagem? Pensais que seja necessário começar a todo o custo por nos assentarmos em cima dela com todo o nosso peso? Chocá-la como um ovo, à maneira de Newton, de Newton que dizia dele próprio: diu noctuque incubando? Há pelo menos certas verdades tão particularmente duras e susceptíveis que só é possível apanhá-las de surpresa: é surpreender ou largar... Enfim, a minha exigência tem outra vantagem: dado o gênero de problemas que me ocupa sou forçado a ser muitas vezes rápido para que me compreendam ainda mais rapidamente. Um imoralista deve evitar perverter a inocência, quero dizer, os burros e as solteironas dos dois sexos que da vida só têm essa inocência; melhor, os meus escritos devem entusiasma-los, elevá-los, arrastá-los pelo caminho da virtude. Não conheço nada mais alegre na terra do que o espetáculo de velhos burros e de velhas solteironas entusiasmados que agitam os doces sentimentos da virtude; e “eu vi isso”, assim falava Zaratustra.

Eis o que diz respeito à minha brevidade; já o mesmo não sucede tão brilhantemente com a minha ignorância, que não dissimulo. Há horas em que coro por sua causa; horas também, evidentemente, em que coro por causa desse rubor. Talvez, nós outros, filósofos, estejamos todos hoje em má posição perante o saber humano, a ciência aumenta, e os mais sábios de nós estão perto de descobrir que sabem muito pouco. Mas será pior se suceder de outro modo, será pior que saibamos de mais; o nosso dever é, em primeiro lugar, não nos tomarmos por outros. Nós somos mais alguma coisa do que sábios, ainda que, fatalmente, sejamos também isso. Temos necessidades diferentes, um crescimento diverso, uma digestão diferente: precisamos de mais, precisamos também de menos. O que vem a ser necessário para que um espírito se alimente? Nenhuma fórmula pode responder à pergunta, mas se o gosto deste espírito o leva à independência, a rápidas idas e vindas, às viagens ou às aventuras, para as quais só os mais ágeis são talhados, gosta mais de viver frugalmente em liberdade do que numa escravidão que o engorde. Não é a gordura que um bom dançarino pretende obter da sua alimentação, é o máximo de elasticidade e de força... e não conheço nada de que um filósofo goste mais do que ser um bom dançarino. Porque a dança é o seu ideal, a sua arte também, a sua única piedade, enfim, o seu “culto”...

382— A grande santidade. — Nós, os novos os inominados, as gentes difíceis de compreender, nós, filhos aparecidos antes do termo de um futuro ainda não aprovado, temos, para fins novos, necessidade de um meio que seja novo, precisamos de uma nova saúde, de uma saúde mais forte, mais aguda, mais obstinada, mais intrépida, mais alegre do que qualquer outra que tenha existido. A alma que aspira a tomar conhecimento de todos os valores que tiveram curso até aqui e de tudo o que se pôde encontrar de desejável, de visitar todas as costas deste “Mediterrâneo” ideal, a alma que deseja aprender a conhecer, pela aventura da experiência mais intimamente pessoal, os sentimentos de um conquistador ou de um pioneiro do ideal, os sentimentos que tiveram antigamente artistas, santos, legisladores, sábios, devotos, adivinhos, eremitas, essa alma tem necessidade de uma coisa acima de tudo: a grande saúde... aquela que não basta ter, a que se adquire, que é necessário adquirir, constantemente, por ser sacrificada sem cessar, por ser necessário sacrificá-la sem cessar!... Então, no termo das nossas longas viagens, nós, argonautas do ideal, mais corajosos talvez do que aquilo que é prudente, frequentemente contusos, ainda mais frequentemente naufragados, mas de melhor saúde do que se gostaria talvez de no-lo permitir, perigosamente, sempre de melhor saúde, parece-nos que, em recompensa, nos encontramos em face de uma terra inexplorada, de que nenhum olhar jamais apercebeu os limites, num além de todas as terras e de todos os recantos do ideal, em mundo tão pródigo de beleza, do desconhecido, de problemas, de terror e

de divino que a nossa curiosidade e a nossa avidez se deliciam fora de si próprias, e que, ah, nada, mais nos poderá saciar!

Como é que, diante de tais visões, como é que, com esta terrível fome de saber, com estes repentinos apetites da consciência, seríamos capazes de nos satisfazer, daqui em diante, como homem atual. Deploramo-lo, mas trata-se de um fato inevitável; já nos podemos conservar facilmente a nossa gravidade em face dos seus objetivos, das suas esperanças mais dignas, não podemos sequer consagrar-lhe um olhar. Vamos atrás de um ideal muito diferente, um ideal prodigioso, tentador, pleno de perigos, e que não gostaríamos de recomendar a ninguém porque não reconhecemos facilmente a qualquer pessoa o direito de o ter: é espírito que brinca ingenuamente — quero dizer sem intenção, porque a sua plenitude e a sua força transbordam — com tudo o que antes dele se chamou santo, bom, intangível e divino, espírito para o qual os mais elevados valores, de que o povo se serve logicamente como escalão, já só significam perigo, declínio, envilecimento, ou, pelo menos, repouso, cegueira, esquecimento momentâneo de si; é um bem-estar, uma benevolência que, sobre-humanamente humana, só muitíssimas vezes pode aparecer desumana, quanto mais não seja no momento em que se põe ao lado de tudo o que fez a gravidade terrestre até aqui — ao lado das solenidades do verbo e do tom, do olhar, da moral, do dever —, como paródia incarnada e involuntária dessas pompas; ideal com o qual, portanto, começa talvez a grande seriedade, com o qual pela primeira vez se põe o ponto de interrogação no lugar onde é necessário pô-lo, ideal que coloca a alma numa curva do seu destino, ideal que põe o ponteiro a andar e a iniciar a tragédia...

383— Epílogo. — Enquanto no termo da minha obra, pinto, lentamente, vagarosamente, este negro ponto de interrogação, enquanto me disponho a recordar aos meus leitores as virtudes — ah, tão esquecidas, tão desconhecidas! — da arte de ler, eis que ouço à minha volta o riso mais impertinente, o mais trocista dos frívolos: os próprios espíritos do meu livro vêm assaltar-me, puxar-me as orelhas e chamar-me à ordem, gritando-me: “Já não podemos mais! Para o diabo, para o diabo, esta negra música de corvo! Não é já amanhã? Não está o Sol a brilhar? Não estamos no meio de um relvado verde e macio? Não estamos no verdadeiro reino da dança? Já alguma vez existiu melhor momento de ser feliz? Quem nos cantará uma canção, uma canção da amanhã, uma canção leve, tão aérea e ensolarada que consiga não expulsar as ideias negras, que muito pelo contrário as convide a partilhar as nossas danças e os nossos cantos? Mais vale a simples gaita de foles campesina do que estas misteriosas músicas, estas profecias da desgraça, estes cantos de sapo ressonante, vozes do túmulo e assobios de morto, com que até agora contempleste a nossa bravia solidão, Senhor Eremita e Músico do Futuro! Acabemos com tudo isso! Vamos entoar a partir de agora melodias mais agradáveis e mais alegres!” E esse o vosso desejo, meus impacientes amigos? Pois muito bem, assim seja! Quem não estará pronto a dedicar -vos a sua devoção? A minha gaita de foles já está à espera, assim como a minha garganta; se saem sons um pouco roucos, meu Deus, pior, não me queirais mal por isso; não estamos nós na montanha? O que ouvirdes será, pelo menos, novo; e se o compreenderdes, se não o compreenderdes o cantor, pior ainda! Não será essa a sua sorte? Não será isso a que chamaram a “Maldição do Provador”? Assim ouvireis melhor a sua música e a sua melodia, assim podereis dançar melhor ao ritmo da sua gaita de foles... É isso que quereis?

* “... permite-te sentir que és um homem entre os homens”, *Fausto*, Goethe. (N. do T.).

Apêndice

*Canções do príncipe fora da lei**



A GOETHE

O imperecível
É apenas um símbolo da tua produção!
Deus, é insidioso,
É obrepção de poeta...
A roda do universo

Roda de fim em fim:
O vingativo chama-lhe Lei,
E o louco Jogo.
O Jogo do mundo, imperioso,
Mistura o ser e a aparência...
A eterna loucura
Lança-nos nessa confusão.

VOCAÇÃO DE POETA

Recentemente, ao repousar
Sob essa folhagem
Ouvi bater, tiquetaque,
Suavemente, como em compasso.
Aborrecido, fiz uma careta,
Depois, abandonando-me,
Acabei, como um poeta,
Por imitar o mesmo tiquetaque.

Ouvindo assim, upa,
Saltar as sílabas,
Desatei de repente a rir,
Durante um bom quarto de hora.
Tu poeta? Tu poeta?
Estarás assim mal da cabeça?
“Sim, senhor, você é poeta”,
Diz Pic, o Pássaro, encolhendo os ombros.

Quem espero eu sob este arbusto?
Quem estarei a espreitar como um ladrão?
Uma palavra? Uma imagem?
Logo a minha ruína aparece.
Nada do que rasteja, ou que saltite
Escapa ao impulso dos meus versos,
“Sim, senhor, você é poeta”,
Diz Pic, o Pássaro, encolhendo os ombros.

A rima é como uma flecha,
Que temor, que tremor,
Ao penetrar no coração,
Lagarto a contorcer-se!
Morrereis assim, pobres diabos,
Ou ficareis embriagados,
“Sim, senhor, você é poeta”,
Diz Pic, o Pássaro, encolhendo os ombros.

Versículos informes que se atropelam,
Pequenas palavras loucas, que efervescência
Até que, linha a linha.
Pendeis todas do meu tiquetaque.
Haverá espantalhos
A quem isso diverte?
Os poetas serão impiedosos?
“Sim, senhor, você é poeta”,

Diz, Pic, o Pássaro, encolhendo os ombros.
Troças, Pássaro? Apetece-te rir?
O meu cérebro já tão doente,
Estará o coração ainda pior?
Ah! receia, teme o meu rancor.
Mesmo no íntimo da cólera,
O poeta rima a direito.
Sim, senhor, você é poeta”,
Diz Pic, o Pássaro, encolhendo os ombros.

NO SUL

Eis-me assim neste ramo torso,
A balançar o meu cansaço.
Um pássaro me convidou,
Um ninho de pássaro me abriga.
Onde estou então? Tão longe, tão longe...

O branco mar adormeceu,
Vela purpúrea nela se pinta.
Uma rocha, figueiras, torre e porto,
Idílios, grasnar de patos...
Acolhe-me, ó inocência do Sul.

Caminhar sempre a passo... que existência!
Este “marchar” contínuo soa a alemão e a pesado.
Disse ao vento que me levasse,
O pássaro ensinou-me a plantar...
Passei o mar, para o Sul.

Razão! Ó razão importuna!
Levas-nos muito depressa ao nosso fim.
Mas ao voar aprendi o meu limite...
Já sinto a coragem, e sangue, e novas seivas
Para uma vida nova e para novo jogo...

Pensar sozinho, sim, é a sabedoria,
Mas cantar sozinho... seria estúpido!
Ouvi pois urna canção em vossa honra,
E fizeti silêncio em redor,
Pássaros maldosos.

Tão novos, tão falsos, tão vagabundos,
Pareceis-me feitos para o amor
E para todos os belos passatempos?
No Norte — hesito em confessá-lo —
Amei uma horrível velha:
Davam-lhe o nome de “Verdade”.

A PIEDOSA BEPPA

Enquanto o meu corpo for belo
É pecado ser piedosa,
É sabido que Deus gosta das mulheres,
E das bonitas sobretudo.
Ele perdoará, tenho a certeza,
Facilmente ao pobre fradezinho
Quer tanto procura a minha companhia
Como muitos outros fradezinhos.

Não é um velhorro padre da Igreja,
Não, é jovem, muitas vezes vermelho,
Muitas vezes, apesar da mais cinzenta tristeza,
Pleno de desejo e de ciúme.
Não gosto dos velhos.
Ele não gosta das velhas:
Que admiráveis e sábios
São os caminhos do Senhor!

A Igreja sabe viver,
Sonda os corações e os rostos,
Insiste em perdoar-me...
Quem não me perdoará, então?
Três palavras na ponta da língua,
Uma reverência e ide embora:
O pecado deste minuto
Apagará o antigo.

Bendito seja Deus na Terra,
Gosta das raparigas bonitas
E perdoa de bom grado
Os tormentos do amor.
Enquanto o meu corpo for belo
É pena ser piedosa;
Case o diabo comigo
Quando eu já não tiver dentes.

O BARCO MISTERIOSO

Na noite passada, quando tudo dormia,
E já só se ouviam passar
Os suspiros incertos do vento,
O travesseiro não me deu repouso
Nem a dormideira, nem o que dá também
O sono solto: a boa consciência.

Enfim, renunciei ao repouso,
Corri para a praia,
A Lua brilhava, era a noite suave, e vi,
Na areia quente, o homem e o barco.
Dormitavam os dois, pastor e ovelha...
Sonolento, o barco afastou-se.

Uma hora passou, talvez bem umas duas,
Ou talvez um ano? De repente
Os meus sentidos naufragaram
Numa eterna inconsciência,
E abriu-se um abismo, sem fundo...
Tinha acabado...

... Chega a manhã; em negras profundezas
Uma barca flutua, em repouso, calma, calma...
Que se passou?, grita uma voz, logo cem.
Que houve? Sangue, um drama?...
Não... Dormíamos, estávamos todos a dormir...
Ah! Como era bom, dormíamos tão bem!

DECLARAÇÃO DE AMOR (e o poeta cai na armadilha)

Ó maravilha! Voará ainda?
Sobe e as suas asas não se mexem?
Quem é então que o leva e faz subir?
Que fim tem ele, caminho ou rédea, agora?

Como a estrela e a eternidade
Vive nas alturas de que se afasta a vida,

Compassivo, mesmo para com a inveja...
E quem o vê subir sobe também alto.

Ó albatroz! Ó minha ave!
Um desejo eterno me empurra para os cimos
Pensei em ti e chorei.
Chorei mais e mais... Sim, eu te amo!

CANÇÃO DE UM CARNEIRO DE TEÓCRITO

Jazo, roído pela doença,
E devorado pelos percevejos,
E lá em cima, estas luzes, este rumor!
Ouço-os e estão a dançar...
Ela devia, a esta hora,

Deslizar até mim,
Espero-a como um cão...
Nada se anuncia.

Esse sinal-da-cruz a prometer...
Como pôde ela mentir?
— Correrá atrás de cada um
Como as nossas cabras?

De onde lhe vem o vestido de seda?
Ah! Alt! Minha altiva criança!
Há ainda então muitos bodes
Nesta floresta?

Ai de mim, como a espera amorosa
Me torna mau e venenoso!
Assim cresce, uma noite úmida,
Um cogumelo venenoso no jardim.

O amor rói-me, rói-me como lepra...
Nada mais posso comer,
Adeus, minhas cebolas!
A Lua já se deitou no mar,

Todas as estrelas estão cansadas,
O dia chega, dia cinzento...
Ah! Como eu queria morrer...

ESTAS ALMAS INCERTAS

Quero um mal de morte
A estas almas incertas.
Tortura-as a honra que vos fazem,

Pesam-lhes, dão-lhe vergonha os seus louvores.
Porque não vivo
Preso à sua trela,
Saúdam-me com um olhar agridoce.

Onde passa uma inveja sem esperança.
Ah! Por que não me amaldiçoam!
Por que não me viram francamente as costas!
Aqueles olhos suplicantes e extraviados
Hão-de enganar-se sempre a meu respeito.

UM LOUCO DESESPERADO

Ai de mim! O que escrevi na mesa e na parede,
Com o meu coração de louco, com a minha mão
de louco,
Devia decorar para mim mesa e parede?...

Mas vós dizeis: “As mãos de louco sarrabiscam;
É necessário purificar mesa e parede
De todos os riscos, até o menor.”

Dai-me licença! Vou dar-vos uma ajuda,
Aprendi a trabalhar com a esponja e a vassoura
Como crítico, como varredor.

Mas quando o trabalho estiver acabado,
Gostarei muito de vos ver, a vós supersábios,
Gag... de sabedoria, mesa e parede.

RIMUS REMEDIUM

(ou: como se consolam os poetas)
Ó feiticeira do Tempo de líquidas salivas
As horas escoam-se da tua boca,
E sucedem-se lentamente E em vão o meu nojo uiva:
“Maldito, maldito, seja o abismo Da eternidade!”
O mundo... é de bronze:
Um touro furioso é surdo a todos os gritos.

A dor escreve nos meus ossos
Com punhais que saltam:
“O mundo não tem coração,
Seria uma loucura não gostar dele por isso.”
Derrama, ó febre, as tuas dormideiras, o teu veneno,
no meu cérebro!
Há muitíssimo tempo que interrogas a minha mão;

Há muitíssimo tempo que indagas a minha fronte.
Que queres tu? “Por... quanto?”
—Maldita sejas, rapariga abjeta!
Maldita seja a tua zombaria!

Não, volta.
Faz frio lá fora, ouço a chuva...
Devia ser talvez mais terno contigo?
—Olha, toma! Aqui tens ouro: como a moeda brilha!
Chamar-te a ti, felicidade

Chamar-te, febre, e abençoar-te?
A porta abre-se numa rajada
A chuva salta até ao meu leito.
Apaga-se-me o candeeiro...
Tudo é desgraça...
Quem não dispuser agora de cem rimas
Aposto, ó sim, aposto!
Que vai deixar aí a pele!

Ó MINHA FELICIDADE

Revejo os pombos de São Marcos:
A praça está silenciosa; ali se repousa a manhã.
Indolentemente envio os meus cantos para o seio da suave
frescura,
Como enxames de pombos para o azul
Depois torno a chamá-los
Para prender mais uma rima às suas penas.
— Ó minha felicidade! Ó minha felicidade!

Calmo céu, céu azul-claro, céu de seda,
Planas, protetor, sobre o edifício multicolor
De que gosto, que digo eu?...
Que receio, que invejo...
Como seria feliz bebendo-lhe a alma!
Alguma vez lha devolveria?
Não, não falemos disso, ó maravilha dos olhos!
— Ó minha felicidade! Ó minha felicidade!

Severa torre, que impulso leonino
Te levantou ali, triunfante e sem custo!
Dominas a praça com o som profundo dos teus sinos...
Serias, em francês, o seu “accent aigu”!
Se, como tu, eu ficasse aqui,
Saberia a seda que me prende...
—Ó minha felicidade! Ó minha felicidade!

Afasta-te, música. Deixa primeiro as sombras engrossar
E crescer até à noite escura e tépida.
É ainda muito cedo para ti, os teus arabescos de ouro
Ainda não cindiam no seu esplendor de rosa;
Resta ainda muito dia,

Muito dia para os poetas, fantasmas e solitários.
— Ó minha felicidade! Ó minha felicidade!

SINGRANDO PARA OS MARES NOVOS

É lá abaixo que quero ir: e de ora em diante creio em mim
E nos meus talentos de piloto.
O mar abre-se para mim, no azul
Me leva o barco genovês.

Tudo cintila para mim com um esplendor novo.
Meio-dia repousa no espaço e no tempo...
Só o teu olhar, formidavelmente,
Me fita, ó infinidade!

“SILS MARIA”

Era aqui que eu esperava, que eu esperava, não
esperando nada
Para além do bem e do mal, gozando ora com a luz.
Ora com a sombra, abstraindo de mim, todo o jogo.
puro jogo.
Todo lago, todo meio-dia, tempo sem fim.
Quando, de repente, amiga, um foi dois...
E Zaratustra passou perto de mim...

AO MISTRAL

(Canção para dançar)

Ó mistral, caçador de nuvens,
Matador de melancolia, varredor do céu,
Ó mugidor, como gosto de ti!
Não somos um e outro
Primo-nados de um mesmo seio
A mesma sorte eternos predestinados?

É aqui, pelos atalhos lisos do rochedo,
Que acorro para ti dançando
Sob os teus assobios, sob os teus cantos;
Tu que, sem navio e sem remos,
Te lanças para os mares selvagens,
Ó tu, irmão mais livre Da liberdade!

Mal desperto, ouvi o teu apelo,
Saltei até à falésia,
Até ao muro amarelo do mar.
Saúde! Já, semelhante às vagas
Adamantinas das torrentes luminosas,
Descias vitoriosamente da montanha.

Na arena unida dos céus
Vi galopar os teus cavalos,
Vi o carro que te arrasta,
Vi a tua mão fremente
Quando no dorso dos cavalos
Deixa cair o relâmpago do chicote...

Vi-te saltar do carro Para acelerar a corrida,
Vi-te como flecha Tombar inteiro no espaço,
Como raio de ouro que trespassa
As rosas da primeira aurora.
Dança agora sobre mil cristas,
Dorsos das vagas, vagas astutas...

Saúde a quem cria danças nova\$.
Dancemos portanto de mil maneiras,
E digam que a nossa arte é livre,
Gaia a nossa Ciência!
Arranquemos a todas as plantas
Uma flor para a nossa glória.

Duas folhas para os nossos louros,
Dancemos, tais trovadores,
No meio de santos e das putas,
A dança entre o mundo e Deus!
Quem não sabe com os ventos
Dançar, e tropeça,

Troca os pés como um velho,
Obrigai-o a sair da vossa roda!
Para trás todos os Tartufos
E carneiros da virtude.
Varramos em turbilhões
A poeira do caminho

No nariz de todos os doentes,
Espantemos os débeis!
Purifiquemos a costa inteira
Do hálito dos peitos acanhados,
Expulsemos os olhos sem coragem.
Expulsemos os que perturbam o céu

E neles espalham o escuro e as nuvens,
Clarifiquemos o reino dos céus!
Mujamos... livre espírito entre os espíritos livres,
A minha felicidade, com a tempestade,
Muge em duo a teu lado.

— Para que se conserve para sempre

A memória de tal felicidade,
Recebe como herança,
A coroa que tens aqui.
Atira-a cada vez mais alto,
Mais alto, mais longe, mais ao largo,
Lança-te ao assalto dos céus,
Pendura-a nas estrelas!

*A palavra alemã “*vogelfrei*” pode também significar “livre como um pássaro” (N. do T.)



MILTONFI

